# Dom Quixote de la Mancha

Adaptação literária em português de Eder B. Jr.

133 capítulos da adaptação publicada no Literunico.

Literunico · 2026

https://literunico.com.br/aurora/93049

# Capítulo 1 - O fidalgo tomado pelos livros

## Capítulo 1 - O fidalgo tomado pelos livros

Na Mancha, onde o horizonte parece repetir a mesma promessa até cansar os olhos, vivia um fidalgo de nome Alonso Quijano. Tinha casa antiga, renda curta, armas herdadas e uma paciência estranha para suportar tanto a pobreza discreta quanto a grandeza imaginada. Era homem de mesa simples, de conversas cerimoniosas e de uma sólida melancolia que se escondia sob modos corretos.

O mundo ao redor seguia seu curso comum: lavouras, dívidas, visitas, domingos, notícias velhas e pequenas disputas de vizinhança. Alonso, porém, habitava outro ritmo. Quando a noite caía e a casa aquietava, ele se entregava aos livros de cavalaria com uma devoção que já passava da leitura para a febre. Os cavaleiros que encontrava nas páginas eram mais vivos que muitos homens da aldeia. Suas batalhas pareciam mais verdadeiras que os negócios do dia. Suas damas, mais luminosas que qualquer rosto visto à luz ordinária.

Leu tanto que as fronteiras internas começaram a ceder. Primeiro confundiu nomes. Depois confundiu épocas. Por fim, passou a acreditar que o mundo estava apenas mal vestido: por baixo da poeira das estradas havia castelos, por trás de lavradores havia encantadores, e dentro de cada injustiça pequena dormia uma aventura esperando espada, juramento e coragem.

Os parentes e conhecidos percebiam nele uma ausência cada vez mais funda. Falavam com Alonso, mas ele respondia como quem escuta chamados vindos de uma torre distante. Onde os outros viam um homem envelhecendo, ele sentia nascer uma missão. O século podia

rir; os costumes podiam ter mudado; os heróis podiam ter sido arquivados como exageros de papel. Ainda assim, alguém precisava erguer-se contra a banalidade.

Foi então que voltou os olhos para as armas antigas guardadas na casa. Estavam gastas, incompletas, mais lembrança que defesa. Alonso limpou o metal como quem restaura uma aliança. Ajustou peças, improvisou encaixes, emendou falhas com zelo quase sagrado. A armadura não precisava ser perfeita; precisava ser aceita por sua vontade. E sua vontade, naquele momento, era mais firme que ferro novo.

Faltava-lhe também um cavalo digno. Encontrou no velho Rocinante mais que um animal cansado: encontrou um companheiro de destino. O nome veio como título, não como apelido. Rocinante seria, dali em diante, montaria de cavaleiro andante, testemunha dos caminhos e das quedas, corpo magro sustentando uma fantasia imensa.

Restava escolher o próprio nome. Alonso Quijano pertencia aos registros, às terras, aos almoços pobres e aos vizinhos que lembravam sua idade. Para a estrada, era preciso outro ser. Depois de muitas combinações, pesando sonoridade, linhagem e glória futura, chamou-se Dom Quixote de la Mancha. O nome parecia conter território e destino, como se a planície inteira pudesse acompanhá-lo em cada passo.

Nenhum cavaleiro, contudo, se completa sem uma dama. Alonso pensou em Aldonza Lorenzo, mulher real, distante e simples, e a elevou até que coubesse no altar de sua imaginação. De Aldonza fez Dulcineia del Toboso: senhora perfeita, razão de proezas, luz que justificaria perigos ainda inexistentes. Não importava se ela sabia ou consentia. Para Dom Quixote, a grandeza muitas vezes começava antes que a realidade fosse consultada.

Na madrugada escolhida, saiu sem alarde. A casa ficou para trás como uma pele antiga. O ar frio parecia inaugurar uma era. Dom Quixote montou Rocinante e avançou pela estrada com a solenidade de quem acredita que o mundo, enfim, será obrigado a revelar sua forma secreta. A primeira aventura talvez estivesse a poucas léguas; talvez já tivesse começado no instante em que um homem decidiu que a vida comum não bastava. E assim, entre a loucura e a fidelidade a um sonho, nasceu o cavaleiro. Ele nasceu porque já não suportava viver num mundo que não pedisse nada.

# Capítulo 2 - A venda que parecia castelo

## Capítulo 2 - A venda que parecia castelo

Dom Quixote avançou pela estrada como quem já caminhava dentro da matéria dos livros. O sol subiu com dureza sobre a planície, e a poeira cobriu Rocinante, as armas velhas e o rosto magro do novo cavaleiro. Nada havia ali de corte, trombeta ou presságio solene. Havia calor, silêncio, pedras, campos distantes e o ranger de um animal cansado. Ainda assim, para ele, cada sinal parecia carregado de promessa.

A primeira inquietação apareceu quando a fome e o cansaço comecaram a falar mais alto que a glória. Um cavaleiro andante podia desprezar o conforto, mas não podia negar que o corpo também exigia obediência. Dom Quixote olhava ao redor em busca de castelo onde pudesse ser recebido, reconhecido e, se a fortuna permitisse, armado segundo o rito que sua imaginação julgava indispensável.

Ao cair da tarde, viu uma venda pobre junto ao caminho. Para qualquer viajante comum, era abrigo modesto: paredes gastas, patio rude, cheiro de comida simples e vozes sem cerimônia. Para Dom Quixote, porém, a venda se ergueu como fortaleza. As paredes tornaram-se muralhas; o vendeiro, senhor de castelo; duas mulheres que ali estavam, damas de alta presença. O mundo não mudara. Mudara o olhar que o recebia.

Ao aproximar-se, tentou manter a gravidade que julgava própria de sua condição. As armas pesavam, o corpo doia, mas a voz procurava grandeza. Pediu acolhida com palavras tão antigas e elevadas que os presentes quase não souberam se riam ou respondiam. O vendeiro

percebeu de imediato que tinha diante de si homem mais governado por livros que por juízo, mas também viu que não parecia perigoso se fosse tratado com alguma prudência.

As mulheres riram primeiro. Dom Quixote, longe de se ofender, tomou o riso por delicadeza cortes. Chamou-as de formosas senhoras, agradeceu-lhes favores que elas não haviam concedido e transformou cada gesto ordinário em sinal de nobreza. Quanto mais a cena se inclinava ao ridículo, mais ele a sustentava com uma seriedade quase dolorosa. Era esse o espanto: sua loucura não vinha da falta de grandeza, mas do excesso dela depositado no lugar errado.

Como não conseguia retirar o elmo improvisado sem ajuda, comeu com dificuldade. Serviram-lhe alimento simples, e ele aceitou como banquete de castelo. Bebeu com cuidado, ouviu vozes grosseiras como se fossem murmurinhas de salão e manteve Rocinante sob a dignidade de montaria heroica. A noite da venda, que para os outros era apenas parada de estrada, tornou-se para ele a antecamera de sua verdadeira consagração.

Faltava-lhe, contudo, um problema grave: ainda não fora armado cavaleiro por autoridade reconhecida. Sem esse rito, suas futuras aventuras pareciam incompletas. Procurou então o vendeiro e, com toda solenidade, pediu que o senhor daquele castelo lhe concedesse a honra de vela e investidura. O homem, percebendo que contrariar a fantasia talvez desse mais trabalho que acompanha-la, aceitou o papel que lhe era oferecido.

Dom Quixote passou parte da noite velando as armas no patio. Deposito de animais, passagem de viajantes e canto de gente cansada viraram, em sua cabeça, capela de honra. Quando alguém tentou mexer nas armas para usar o espaco, ele reagiu como defensor de altar sagrado. A confusão quase cresceu demais, mas o vendeiro apressou a cerimônia, menos por respeito ao rito que pelo desejo pratico de

encerrar o tumulto.

Com palavras improvisadas e gestos suficientes para alimentar a crença do fidalgo, o vendeiro declarou Dom Quixote armado cavaleiro. Não houve música, corte nem testemunha digna de crônica. Houve uma venda escura, gente tentando conter o riso e um homem convencido de que pisava o limiar de seu destino. Para ele, bastou. A realidade oferecera pouco; sua imaginação completou o resto com abundância.

Ao amanhecer, Dom Quixote deixou a venda com o peito aceso. Agora se julgava inteiro: nome, dama, cavalo, armas e título. A estrada podia enfim revelar injustiças, encantadores, gigantes e cativos. Ninguém ali sabia se ele voltaria vivo, ferido ou apenas mais ridículo. Ele, porém, partiu como quem já carregava uma vitória, pois tinha recebido do mundo o minimo necessário para continuar acreditando nele.

# Capítulo 3 - A primeira justiça e a primeira queda

## Capítulo 3 - A primeira justiça e a primeira queda

Dom Quixote deixou a venda convencido de que o mundo enfim podia ser corrigido por sua mão. A cerimônia fora pobre, improvisada e quase ridícula, mas isso não diminuía sua força dentro dele. O que importava era o nome recebido, a ordem assumida, a certeza de que cada estrada escondia uma injustiça esperando pelo cavaleiro capaz de reconhecê-la.

A manhã abriu-se seca, clara e indiferente. Rocinante avançava sem pressa, mais por costume que por entusiasmo, enquanto seu senhor imaginava feitos dignos de memória. Dom Quixote não buscava apenas aventura; buscava uma confirmação. Precisava que o mundo lhe entregasse um sinal de que os livros não haviam mentido, de que ainda havia ofendidos, tiranos, damas, gigantes e causas altas o bastante para justificar sua partida.

O sinal apareceu na forma de um grito. De dentro de um bosque ralo, veio a voz de um menino pedindo piedade. Dom Quixote desviou o cavalo e encontrou um lavrador castigando o criado preso a uma arvore. A cena era simples e brutal: um homem forte, um rapaz indefeso, uma vara erguida, a autoridade do dinheiro e do costume transformada em violência.

Ali, pela primeira vez, a fantasia do cavaleiro tocou uma dor real. Dom Quixote viu opressão e, nesse ponto, não estava errado. Errou no resto: na medida, no entendimento, na consequência. Apontou a lança, falou com grandeza e ordenou ao lavrador que soltasse o menino e pagasse o salário devido. O homem, assustado pela figura armada que lhe surgia

do caminho, mudou imediatamente de tom.

Prometeu obediência. Disse que o rapaz receberia tudo. Jurou com palavras mansas aquilo que a presença da lança exigia. O menino, porém, conhecia melhor o mundo em que vivia. Tentou explicar que, assim que Dom Quixote partisse, a promessa se dissolveria e a surra voltaria mais pesada. Mas o cavaleiro precisava acreditar na eficacia de sua própria autoridade. Para ele, a palavra dada diante de um cavaleiro bastava.

Partiu satisfeito, certo de ter restaurado a justiça. Através das árvores, a realidade esperou apenas que o som dos passos se apagasse. O lavrador voltou-se para o menino com rancor aumentado, e a promessa virou castigo. Dom Quixote seguia adiante levando na memória uma vitória; atrás dele ficava alguém pagando o preço de uma salvação incompleta.

A estrada logo lhe ofereceu novo encontro. Vinham mercadores de Toledo, acompanhados por criados e animais carregados. Eram homens de negocio, atentos ao lucro, a poeira, ao horário e aos riscos da viagem. Dom Quixote, contudo, viu neles público adequado para proclamar uma verdade essencial: Dulcineia del Toboso era a dama mais formosa do mundo, e todos deveriam confessar isso sem demora.

Os mercadores, percebendo a estranheza da figura, responderam com ironia. Pediram que ao menos lhes mostrasse a dama, pois seria difícil declarar uma beleza jamais vista. A exigência era prática, quase razoável. Para Dom Quixote, era insulto intolerável. A grandeza de Dulcineia não dependia de prova; dependia de fé. Questioná-la atingia a mulher imaginada e toda a arquitetura moral que sustentava sua nova vida.

Tomado de colera, investiu contra eles. Rocinante, menos convencido da glória, tropeceu antes que a lança cumprisse qualquer destino.

Cavalo e cavaleiro caíram juntos no chão duro. Dom Quixote ficou preso sob as armas, sem conseguir levantar-se, ainda ameaçando os mercadores com voz de herói vencido pelo peso do próprio corpo.

Um dos criados, menos paciente que os homens de negocio, quebrou-lhe a lança, tomou parte dela e descarregou golpes sobre o cavaleiro caido. A cena que Dom Quixote imaginara como duelo virou espancamento. Não houve honra, regra nem adversário digno; houve apenas poeira, dor, riso e a evidência de que o mundo real não aceitava facilmente os termos da cavalaria.

Quando os mercadores partiram, Dom Quixote ficou estendido na estrada, ferido e incapaz de montar. Ainda assim, sua mente procurou abrigo nos livros. Se estava caido, era como os grandes cavaleiros caidos antes da recuperação. Se fora humilhado, era porque encantadores e inimigos escuros conspiravam contra sua fama nascente. A derrota, para ele, não destruia a ficção; apenas exigia uma explicação mais grandiosa.

A tarde avançou sobre a Mancha. O cavaleiro recem-armado, que pela manhã acreditava ter inaugurado uma era de justiça, terminava o dia sem lança, sem força e sem compreender o dano que deixara atrás. Mas a chama continuava acesa. Dom Quixote podia perder sangue, dentes e equilíbrio; o que ainda não sabia perder era a necessidade de transformar cada queda em prova de destino.

# Capítulo 4 - O regresso quebrado

## Capítulo 4 - O regresso quebrado

A noite encontrou Dom Quixote ainda caido entre a poeira e a vergonha. O corpo doia em partes que ele preferia não contar, mas a imaginação trabalhava com uma disciplina mais forte que a dor. Onde qualquer outro homem veria derrota, ele procurava uma cena adequada aos livros: um cavaleiro traido por encantadores, ferido por inimigos sem honra, abandonado pela fortuna apenas para que sua glória futura parecesse maior.

Rocinante permanecia perto, tão abatido quanto o dono, e parecia partilhar daquela miséria sem entender sua causa. O campo escurecia devagar. As sombras alongavam as pedras, apagavam as marcas da estrada e davam ao silêncio uma espessura quase solene. Dom Quixote tentou erguer-se, mas as armas pesavam, os golpes respondiam no peito e nos ombros, e cada movimento lhe devolvia a lembranca dos mercadores.

Foi nesse estado que um lavrador de sua aldeia passou pelo caminho. Reconheceu primeiro o animal, depois a figura estendida, depois a voz conhecida que insistia em falar como se estivesse dentro de outra história. Aproximou-se com espanto e cuidado. O homem caido era Alonso Quijano, vizinho discreto, leitor excessivo, fidalgo pobre de habitos antigos. Mas o que ele dizia já não pertencia inteiramente a Alonso.

Dom Quixote respondeu ao chamado com nomes de cavaleiros, reinos e traições. Misturava sua queda com antigas aventuras, como se a memória dos livros tivesse ocupado o lugar da memória recente. O lavrador compreendeu apenas o suficiente: o vizinho estava ferido, desorientado e precisava voltar para casa antes que a noite fizesse da

estrada um perigo maior.

Com paciência, retirou parte das armas, acomodou Dom Quixote sobre o jumento e recolheu o que ainda podia ser levado. O cavaleiro aceitava a ajuda sem abandonar a grandeza. Via no vizinho talvez um servidor, talvez uma personagem enviada por algum destino escondido. A realidade, por sua vez, era mais simples e mais triste: um homem machucado sendo conduzido de volta ao lugar de onde fugira.

A chegada aconteceu tarde, quando a casa já estava tomada pela preocupação. A ama, a sobrinha, o padre e o barbeiro discutiam a causa do desaparecimento. Todos conheciam os livros de cavalaria que enchiam os aposentos de Alonso Quijano, mas até então aquela mania parecera exagero domestico, não ameaça concreta. Agora o próprio corpo do fidalgo trazia a prova de que a leitura havia invadido a casa.

Ao verem Dom Quixote naquele estado, a aflição virou pressa. Levaram-no para dentro, deitaram-no, examinaram os ferimentos e ouviram suas explicações com uma mistura de pena e susto. Ele falava de inimigos poderosos, encantadores invejosos e combates que não correspondiam a nada do que o lavrador narrava. Quanto mais tentavam chamá-lo de volta, mais ele se defendia dentro da ficção.

Para a ama e a sobrinha, a conclusão parecia evidente: os livros eram culpados. Não apenas tinham entretido o fidalgo; tinham devorado seu juízo, substituido os limites da vida comum por uma ordem perigosa de sinais, promessas e obrigações imaginárias. O padre e o barbeiro, homens mais dados a opiniões e remédios sociais, concordaram que seria preciso agir sobre a biblioteca.

Enquanto Dom Quixote dormia, a casa começou a conspirar contra os volumes. Aqueles livros, antes empilhados como companhia, passaram a ser vistos como armas carregadas. Cada capa prometia uma nova fuga, cada história parecia capaz de abrir outra fenda entre Alonso

Quijano e o mundo que precisava dele vivo, inteiro e reconhecível.

A decisão de interditar a biblioteca nasceu de cuidado, mas também de medo. Ninguém ali sabia curar a ferida mais profunda, porque ela não estava apenas no corpo. Estava na forma como Dom Quixote havia aprendido a desejar o mundo. Queimar, esconder ou condenar livros podia impedir uma saída imediata; não garantia, porém, que a estrada deixasse de chamá-lo.

Na cama, entre febre e cansaço, o cavaleiro repousava como quem apenas espera uma nova ordem de partida. A casa acreditava ter recuperado Alonso Quijano. Dom Quixote, no entanto, continuava vivo por baixo do sono, reorganizando a derrota em promessa. O regresso marcou somente a pausa necessária para que a loucura encontrasse companheiros, justificativas e uma forma ainda mais resistente.

# Capítulo 5 - O julgamento dos livros

## Capítulo 5 - O julgamento dos livros

Quando Dom Quixote enfim adormeceu, a casa não descansou com ele. A ama caminhava pelos corredores como se cada estante tivesse passado a respirar uma ameaça própria. A sobrinha, ainda assustada pela volta do tio ferido, repetia que nenhum homem prudente sairia pelo mundo coberto de armas velhas se não tivesse sido envenenado por paginas demais. O padre e o barbeiro, chamados para dar forma adulta ao medo domestico, aceitaram a missão com gravidade quase judicial.

A biblioteca, até então aposento de recolhimento e orgulho pobre, foi aberta como se fosse cena de crime. Ali estavam os volumes que haviam alimentado Alonso Quijano durante anos: cavaleiros invencíveis, damas sem corpo, gigantes que sempre surgiam no momento certo, reinos recuperados pela espada e pela fidelidade absoluta a uma honra imaginada. O que antes parecera entretenimento de fidalgo solitário agora era lido como prova material de uma transformação perigosa.

O padre tomou os livros nas mãos e começou a examina-los um por um. Não fazia isso sem contradição. Sabia reconhecer beleza onde havia beleza, engenho onde havia engenho, e até alguma verdade escondida nas exagerações. Mas também sabia que, para aquele leitor especifico, as histórias tinham deixado de ser história. Tinham se tornado mapa, ordem, dever. Em Alonso Quijano, a ficção não terminava ao fechar do volume.

O barbeiro ajudava no julgamento com opiniões mais praticas. Para ele, bastava perguntar se tal livro podia reacender a mania do cavaleiro. Se podia, era risco. Se era risco, devia sair da casa. A ama,

menos interessada em distinguir estilos, queria que tudo fosse entregue ao fogo. Cada lombada lhe parecia uma faca escondida. Cada nome de cavaleiro soava como promessa de nova fuga, novo ferimento, nova vergonha publica.

Houve, ainda assim, debates. Alguns volumes foram poupados por qualidade, outros por afeição, outros porque o padre não se via capaz de condenar sem remorso aquilo que também sabia admirar. Essa hesitação dava ao julgamento uma ironia mais funda: ninguém ali odiava inteiramente os livros. O que temiam era a força que certos livros ganhavam quando encontravam uma alma disposta a obedecer a eles mais do que ao próprio mundo.

No quarto, Dom Quixote dormia entre restos de febre e grandeza. Talvez sonhasse com castelos, talvez com inimigos invisíveis, talvez com Dulcineia, senhora absoluta de um reino que nenhuma vizinha do Toboso havia pedido para governar. Enquanto ele repousava, outros decidiam o destino de sua memória impressa. A casa queria devolver-lhe a sanidade retirando-lhe as pontes por onde chegara à loucura.

Depois do julgamento veio a obra mais brutal. Livros foram separados, condenados, carregados, retirados do quarto como se fossem cúmplices. O aposento que guardava a biblioteca foi fechado. A entrada, antes familiar, passou a ser tratada como uma passagem perigosa. Planejou-se até fazer desaparecer a porta, para que, ao acordar, Alonso não encontrasse apenas uma sala vazia, mas a impossibilidade fisica de retornar ao lugar onde Dom Quixote nascera.

A solução era engenhosa e terrível. Em vez de discutir com o delirio, a casa inventaria outro delirio menor para contorna-lo. Se o cavaleiro perguntasse pela biblioteca, diriam que um encantador a levara. Assim, tentariam vencer a ficção usando a própria lingua da ficção. Não percebiam que, ao fazer isso, reforcavam o mundo em que Dom

Quixote respirava melhor: um mundo onde perdas, portas fechadas e ausências sempre podiam ser obra de poderes invisíveis.

Quando Alonso Quijano despertou, encontrou rostos atentos demais e silences mal disfaracados. Perguntou por seus livros com a naturalidade de quem pergunta por agua. A resposta veio preparada: um inimigo encantador, ofendido pela grandeza futura do cavaleiro, havia roubado o aposento inteiro. A casa esperava que a explicação o aquietasse. Dom Quixote, ao contrário, recebeu a notícia como confirmação.

Se havia encantadores contra ele, então sua missão era real. Se sua biblioteca fora sequestrada por inveja magica, então sua fama já incomodava forças poderosas. O golpe domestico, pensado como cura, transformou-se em prova dentro da lógica do cavaleiro. Ele lamentou a perda, sim, mas lamentou como guerreiro perseguido, não como homem corrigido.

Durante alguns dias, a casa acreditou ter vencido. Dom Quixote comeu, repousou, falou menos de aventuras. A ama vigiava sinais de recaída, a sobrinha evitava qualquer assunto que cheirasse a cavalaria, e os amigos se consolavam com a ideia de que a ausência dos livros bastaria para secar a fonte da loucura. Mas o silêncio do fidalgo guardava preparo, não esquecimento.

A estrada continuava dentro dele. Sem biblioteca, Dom Quixote passou a carregar os livros na memória. Sem porta, abriu outra passagem: a necessidade de voltar ao mundo para concluir o que havia apenas comecado. A casa fechara um quarto; não fechara a promessa. E, enquanto todos olhavam para as cinzas e paredes novas, o cavaleiro já procurava a forma de sair outra vez, agora menos sozinho.

# Capítulo 6 - Sancho entra na estrada

## Capítulo 6 - Sancho entra na estrada

Nos dias em que a casa vigiava Alonso Quijano como quem vigia uma febre antiga, Dom Quixote aprendeu a esconder a própria chama. Falava pouco, comia o necessário, respondia com mansidão às perguntas da sobrinha e deixava que a ama celebrasse cada tarde sem aventura como se fosse vitória definitiva. Por dentro, continuava armando a guerra.

A perda da biblioteca não lhe parecia derrota doméstica, e sim agressão de encantadores. Se os livros haviam desaparecido, era porque sua missão já incomodava poderes ocultos. Se a porta fora apagada, era porque seus inimigos temiam a grandeza que ainda viria. Essa leitura alimentava nele uma paciência nova: não bastava sair outra vez; era preciso sair melhor preparado.

Foi então que pensou no que faltara em sua primeira jornada. Um cavaleiro andante precisava de escudeiro. A própria ordem das histórias exigia alguém que carregasse recados, cuidasse de provisões, testemunhasse feitos e recebesse, no futuro, parte das recompensas. A cabeça de Dom Quixote, privada dos livros, continuava cheia de regras tiradas deles.

Na aldeia havia um lavrador pobre, casado, pai de família, homem de corpo pesado e juízo rente ao chão, chamado Sancho Pança. Não era tolo, embora muitos o julgassem simples. Sabia o preço do pão, o peso da dívida, a distância entre promessa e panela cheia. Também sabia que a pobreza torna certas fantasias mais audíveis, sobretudo quando chegam vestidas de oportunidade.

Dom Quixote o procurou sem alarde. Falou-lhe de aventuras, de fama, de serviços prestados ao mundo e de recompensas próprias aos fiéis companheiros de cavaleiros. Sancho ouviu com cautela, coçando a barba, desconfiado da armadura velha e da solenidade excessiva. Quando o fidalgo mencionou a possibilidade de conquistar uma ilha e entregá-la ao escudeiro para governo, alguma coisa se abriu em sua imaginação prática.

Uma ilha, para Sancho, tinha gosto de comida garantida, respeito público, roupa melhor para a mulher, futuro menos estreito para os filhos. Não imaginava mapas nem batalhas navais. Imaginava uma cadeira alta, vizinhos obedecendo, o nome de sua família pronunciado com consideração. A promessa absurda encontrou nele um desejo bastante real.

Teresa, sua mulher, recebeu a ideia com a severidade de quem conhece a casa por dentro. Perguntou que ilha era essa, onde ficava, quem a entregaria, como se governava terra que ninguém sabia apontar. Sancho respondeu como podia: se homens importantes prometiam, talvez soubessem alguma coisa. E se nada viesse, ao menos haveria salário, comida de estrada, talvez alguma moeda perdida entre os feitos do amo.

A verdade é que Sancho não acreditava como Dom Quixote acreditava. Ele entrava na aventura por uma mistura de esperança, necessidade e curiosidade. Via a loucura do fidalgo, mas também via nele uma espécie de generosidade perigosa. Dom Quixote podia confundir venda com castelo, mas falava de honra como quem oferece lugar no mundo a homens que o mundo quase nunca chama pelo nome.

Combinaram a partida em segredo. Dom Quixote preparou as armas remendadas, escolheu palavras graves para a despedida que não faria e tornou a visitar Rocinante com olhos de comandante. Sancho arrumou um jumento, alforjes, algum pão, queijo, cebola e vinho. Onde o

cavaleiro levava destino, o escudeiro levava mantimento. Entre os dois, sem que ainda percebessem, nascia a forma mais duradoura da aventura.

Antes do amanhecer, quando a aldeia ainda dormia e os galos pareciam hesitar diante do frio, os dois saíram. Dom Quixote ia ereto sobre Rocinante, certo de que o mundo enfim receberia sua segunda e mais verdadeira aparição. Sancho seguia atrás, balançando no jumento, medindo mentalmente a distância entre casa, promessa e perigo.

A estrada abriu-se seca diante deles. Para Dom Quixote, cada sombra podia esconder agravo, cada poeira podia anunciar exército, cada moinho distante podia ocultar uma prova destinada aos valentes. Para Sancho, a mesma estrada era pedra, fome futura, sede possível e conversa necessária para encurtar o medo. Ainda assim, seguia. A ilha, mesmo improvável, puxava-o para a frente.

Dom Quixote falou longamente sobre o dever dos cavaleiros, a glória dos antigos, a obediência devida a Dulcineia e a fortuna reservada aos escudeiros leais. Sancho respondeu com provérbios, perguntas sobre pagamento e observações sobre o estado do tempo. O cavaleiro erguia cada frase até o céu; o escudeiro trazia cada ideia de volta ao chão. Daí nasceria a conversa que sustentaria a estrada.

Quando o sol cresceu, a Mancha revelou suas linhas duras: campos abertos, vento insistente, homens pequenos contra uma paisagem sem consolo. Dom Quixote sentiu que a história voltava a obedecer-lhe. Sancho, olhando adiante, viu construções altas movendo braços ao longe e pensou apenas que talvez houvesse trabalho, farinha ou gente por perto.

O cavaleiro, porém, apertou a lança. Seus olhos mudaram antes de suas palavras. Onde Sancho via moinhos, Dom Quixote começava a ver

gigantes. A segunda saída encontrava sua primeira grande prova, e o escudeiro, que ainda calculava o valor de uma ilha prometida, estava prestes a descobrir quanto custava caminhar ao lado de um homem que transformava o mundo antes de tocá-lo.

# Capítulo 7 - A batalha contra os moinhos

## Capítulo 7 - A batalha contra os moinhos

O vento corria pela planície, trazendo poeira, calor e aquele ruído baixo que faz as coisas paradas parecerem vivas. Dom Quixote ergueu o corpo sobre Rocinante. A estrada, que até então parecia apenas estrada, subitamente se abriu diante dele como campo de prova.

Sancho Pança, atrás, viu primeiro as torres brancas. Eram moinhos de vento, conhecidos naquelas terras, altos, úteis, presos ao trabalho simples de transformar grão em farinha. As pás giravam com lentidão irregular, ora mansas, ora bruscas, conforme a força do ar. Para Sancho, aquilo significava aldeia por perto, talvez sombra, talvez água, talvez pão.

Para Dom Quixote, porém, nada havia de doméstico naquela visão. As pás se tornaram braços enormes. As torres cresceram como corpos de gigantes. O movimento do vento pareceu provocação, ameaça, desafio público aos fracos e aos indefesos. Seus olhos, educados por anos de leitura, recusaram a forma comum das coisas. Reescreveram a paisagem antes que Sancho pudesse dizer qualquer palavra útil.

Lá estão, amigo Sancho, disse o cavaleiro, mais de trinta gigantes desmedidos. Com eles penso travar batalha e tirar-lhes a vida, para que a terra fique livre de tamanha má raça. Sancho puxou as rédeas do jumento e olhou de novo, como quem espera que a loucura do outro contamine também a paisagem. Continuou vendo madeira, pedra, pano e vento.

Senhor, respondeu com cuidado, aquilo não são gigantes. São moinhos. E os braços que vos parecem braços são pás, que o vento

move para moer o trigo. Falou sem zombaria, porque já aprendera que corrigir Dom Quixote era como tentar segurar água com os dedos: quanto mais firme a mão, mais depressa a coisa escapava.

Dom Quixote não ouviu a prudência. Ou ouviu e a traduziu como medo. Disse que Sancho era inexperiente em aventuras e que as aparências, no mundo dos cavaleiros, quase sempre eram enganos fabricados por encantadores. Onde o escudeiro via máquina, ele via inimigo. Onde Sancho via trabalho humano, ele via afronta mítica. A Mancha inteira se dividia entre duas leituras inconciliáveis.

Sem esperar resposta, encomendou-se a Dulcineia del Toboso, baixou a lança e apertou os calcanhares contra Rocinante. O cavalo, velho e magro, avançou com a dignidade possível aos corpos cansados. Para Dom Quixote bastava: em sua cabeça, a grandeza completava por dentro aquilo que o mundo deixava pobre por fora.

Sancho gritou. Pediu que parasse. Repetiu que eram moinhos. Gritou com a voz de quem já via o desastre antes que ele acontecesse. O cavaleiro seguia, preso a uma certeza tão limpa que nenhuma evidência conseguia manchá-la. A lança apontava para uma das pás que o vento fazia girar.

No instante do choque, a realidade respondeu com sua brutalidade simples. A ponta da lança bateu na madeira, a pá girou com força e levantou cavaleiro e cavalo como se fossem coisas leves demais para desafiar o vento. A lança se quebrou. Rocinante tombou. Dom Quixote rolou pelo chão, envolto em poeira, ferro velho e assombro.

Sancho correu até ele o mais depressa que seu jumento permitiu. Encontrou o amo caído, dolorido, já à procura de uma explicação maior que a queda. Não fora erro, disse Dom Quixote, nem imprudência. Fora obra do sábio Frestão, inimigo antigo, que transformara os gigantes em moinhos no momento final para

roubar-lhe a glória da vitória.

Sancho olhou para os moinhos, depois para a lança quebrada, depois para o corpo machucado do amo. Quis responder que ali só havia vento, madeira e teimosia. Percebeu, porém, que Dom Quixote perderia coisa maior se admitisse o moinho: perderia a construção inteira que sustentava sua vida.

Ajudou-o a levantar-se. Sacudiu-lhe a poeira da armadura. Recolheu o que restava da lança. O escudeiro descobria, naquela manhã, que acompanhar Dom Quixote significava caminhar ao lado de uma visão capaz de ferir o corpo e, ainda assim, proteger a alma de reconhecer a própria derrota.

Dom Quixote, embora quebrado, manteve a voz solene. Disse que as coisas da guerra eram sujeitas a mudanças, que a fortuna ora ajudava, ora traía, e que um cavaleiro verdadeiro não media sua honra pelo resultado imediato. Sancho, que media quase tudo pelo resultado imediato, guardou a resposta. Às vezes calar era a única forma de continuar empregado pela esperança.

Seguiram viagem devagar. A cada passo, Rocinante parecia lembrar o impacto. A cada olhar para trás, Sancho via os moinhos continuarem girando, indiferentes à glória, à vergonha e aos nomes que os homens davam ao mundo. Dom Quixote, por sua vez, já transformava a queda em episódio de perseguição encantada.

A primeira grande aventura da segunda saída terminava sem gigante morto, sem prêmio e sem ilha. Ainda assim, algo havia começado. Sancho compreendera que seu amo disputava com a realidade o direito de nomeá-la. E Dom Quixote, ferido, seguia convencido de que todo moinho podia esconder um gigante, desde que houvesse alguém disposto a atacar primeiro.

# Capítulo 8 - A carruagem e o homem da Biscaia

## Capítulo 8 - A carruagem e o homem da Biscaia

Depois dos moinhos, Dom Quixote seguia ferido no corpo e inteiro na convicção. A queda não diminuíra sua certeza; pelo contrário, parecia ter-lhe dado uma prova a mais de que encantadores poderosos vigiavam seus passos. Sancho Pança, mais atento às dores visíveis do que aos inimigos invisíveis, caminhava em silêncio, calculando quanto tempo ainda faltava para que a promessa de uma ilha produzisse ao menos uma refeição decente.

A estrada trouxe então nova cena. Ao longe vinham dois frades montados em mulas, com panos de viagem e guarda-sois contra o sol. A pouca distância seguia uma carruagem, acompanhada por criados e por um homem da Biscaia, robusto, armado o bastante para defender a senhora que viajava ali dentro. Para qualquer pessoa descansada, era apenas um pequeno cortejo em deslocamento.

Para Dom Quixote, nada na estrada podia ser apenas o que parecia. Os frades tornaram-se feiticeiros. A carruagem virou prisão nobre. A senhora, que talvez desejasse somente chegar ao destino sem poeira nem sobressaltos, foi elevada por ele a princesa raptada. O mundo, mais uma vez, ofereceu fatos simples; o cavaleiro respondeu com uma leitura grandiosa e perigosa.

Sancho percebeu a mudanca no olhar do amo antes mesmo de ouvir a explicação. Já conhecia aquele brilho: era o sinal de que a realidade acabara de perder uma disputa dentro da cabeça de Dom Quixote. Tentou prevenir o desastre. Disse que eram religiosos, viajantes, gente de paz. Disse que a carruagem não parecia cativeiro. Disse tudo que a

prudência mandava dizer.

Dom Quixote ouviu como quem escuta o vento bater numa porta fechada. Declarou que os frades carregavam uma dama contra a vontade e que cabia a ele, cavaleiro andante, desfazer tamanha violência. Sancho, que já vira madeira transformar-se em gigante por força de imaginação, entendeu que a nova aventura estava decidida antes de começar.

Com a lança quebrada substituida pela espada e pela solenidade, Dom Quixote avançou contra os frades, ordenando que libertassem a alta senhora que levavam sequestrada. Os homens, assustados, negaram tudo. Não sabiam de princesa, nem de sequestro, nem de encantamento. Mas a negativa, aos ouvidos do cavaleiro, só confirmava a culpa. Quem prática maldade, pensava ele, sempre se esconde atrás de palavras comuns.

Um dos frades esporeou a mula e fugiu antes que a loucura ganhasse corpo. O outro, menos rápido ou menos afortunado, acabou no chão. Dom Quixote voltou-se para a carruagem com a gravidade de quem julgava ter vencido a primeira guarda do inimigo. Pediu a senhora que retornasse ao Toboso e se apresentasse diante de Dulcineia, contando-lhe como fora salva pelo mais fiel de seus servidores.

A senhora, tomada de medo, não compreendia aquela mistura de cortesia e ameaça. Seus criados se agitaram. Sancho, vendo o frade caido, aproximou-se com uma ideia muito prática: se havia batalha, talvez houvesse despojos. Tentou tirar-lhe parte da roupa, convencido de que escudeiros também tinham direito a algum lucro nas aventuras de seus senhores.

A resposta veio sem poesia. Os homens do cortejo caíram sobre Sancho e lhe ensinaram, com pancadas, que nem toda fantasia de cavaleiro criava direitos reconhecidos pelos outros. O escudeiro ficou estendido

no chão, mais pobre do que antes, e com menos vontade de discutir as regras da cavalaria. Dom Quixote, ocupado com sua própria cena, demorou a perceber a desgraça doméstica que se armava atrás dele.

Foi então que o homem da Biscaia se colocou entre o cavaleiro e a carruagem. Falava com sotaque duro, palavras quebradas, mas a intenção era clara: ninguém tocaria na senhora enquanto ele pudesse levantar a espada. Dom Quixote recebeu o desafio como confirmação final. Se havia defensor armado, havia aventura digna. Se havia resistência, havia honra a conquistar.

Os dois se insultaram com a seriedade feroz de homens que acreditam representar algo maior do que si mesmos. Dom Quixote defendia uma princesa que não existia. O biscainho defendia uma viajante real, assustada e impaciente. Entre os dois, a verdade ficou sem advogado, comprimida pela poeira, pelos criados, pela carruagem parada e pelo corpo dolorido de Sancho.

As espadas se ergueram. O homem da Biscaia usou uma almofada da carruagem como escudo improvisado, protegendo-se com a inteligencia rápida de quem não tinha interesse em morrer por uma confusão absurda. Dom Quixote, inflamado, atacou com a força de todos os livros que havia lido. Cada golpe lhe parecia escrito antes, prometido antes, necessário antes.

O combate prendeu a estrada inteira. A senhora gritava, os criados hesitavam, Sancho se levantava com dificuldade, e os animais recuavam diante do brilho das laminas. Por um instante, a fantasia de Dom Quixote conseguiu sua maior vitória: obrigou todos ao redor a viverem dentro dela. Mesmo quem não acreditava em cavaleiros precisou agir como se estivesse em uma aventura.

Quando as espadas desceram uma contra a outra, o mundo pareceu suspender a respiração. Dom Quixote vinha por cima, certo de que a

glória o esperava. O biscainho firmou os pes, disposto a abrir a armadura e encerrar a loucura pela via mais curta. A história parou nesse choque, como se até o narrador tivesse perdido por um momento o fio dos papéis e das testemunhas.

Ficaram, portanto, dois homens no meio da estrada: um defendendo uma mentira nobre, outro defendendo uma verdade prática. Sancho, coberto de poeira, talvez fosse o unico a entender que ambas podiam machucar do mesmo jeito. E a carruagem, causa involuntaria de tudo, esperava que alguém devolvesse ao caminho sua forma mais simples: a de caminho.

# Capítulo 9 - O manuscrito e o fim da batalha

## Capítulo 9 - O manuscrito e o fim da batalha

A história havia deixado Dom Quixote e o homem da Biscaia suspensos no instante mais perigoso, ambos com as espadas erguidas, ambos certos de que o próximo golpe decidiria mais do que uma briga de estrada. Era como se o próprio relato tivesse perdido o folego diante da cena: de um lado, o cavaleiro da Mancha; do outro, um escudeiro robusto, irritado e protegido por uma almofada arrancada da carruagem.

Essa interrupção, que em qualquer história comum pareceria descuido, aqui fazia parte do encanto e da suspeita. Quem narrava confessava não ter encontrado, naquele ponto, mais notícias escritas sobre o caso. A aventura ficara quebrada no ar, com metal, poeira e medo parados como figuras de pintura. E a falta do desfecho doia justamente porque Dom Quixote, com toda a sua loucura, já parecia exigir cronista próprio.

O narrador procurou por rastros. Pensou nos arquivos da Mancha, nas memorias das aldeias, nos papéis esquecidos que o tempo costuma devorar sem pedir licença. Não queria acreditar que um homem tão entregue a uma fantasia pudesse ter ficado sem alguém que registrasse seus feitos. Afinal, nos livros de cavalaria, nenhum cavaleiro importante caminhava pelo mundo sem sábio, mago ou historiador atento às suas glorias e disparates.

A resposta apareceu onde as grandes respostas às vezes se escondem: entre papéis velhos vendidos na rua. Em Toledo, no mercado de Alcana, o narrador encontrou uns cadernos escritos em caracteres

arabes. Não podia le-los, mas reconheceu neles a promessa de uma história. Chamou um mourisco que soubesse traduzir e, pela risada do homem ao abrir as folhas, percebeu que havia ali coisa viva.

O riso vinha de uma nota sobre Dulcineia del Toboso, lembrada não como dama celestial, mas como mulher de mão excelente para salgar porcos. A observação, grosseira e doméstica, abria uma fenda deliciosa na imagem ideal que Dom Quixote carregava. Justamente por isso, parecia verdadeira. A grande dama dos pensamentos do cavaleiro voltava ao chão da Mancha, com cheiro de trabalho, sal e carne.

Quando o tradutor leu o título, a suspeita virou certeza: aqueles papéis continham a história de Dom Quixote de la Mancha, escrita por Cide Hamete Benengeli, historiador arabe. O narrador comprou tudo com pressa, levou o tradutor consigo e mandou verter os cadernos para a lingua comum, pedindo que nada fosse tirado nem acrescentado. Assim a história recuperou o fio perdido.

No primeiro papel, vinha desenhada a própria batalha interrompida. Dom Quixote aparecia sobre Rocinante, seco e comprido como se o cavalo fosse também uma frase exagerada. Sancho segurava o jumento, de barriga e pernas bem marcadas. O biscainho estava com a espada erguida e a almofada diante do corpo, pronto para receber ou devolver a desgraça.

Retomada a cena, foi o homem da Biscaia quem golpeou primeiro. O corte veio com tanta força que, se a lamina tivesse descido inteira, talvez ali terminassem a carreira do cavaleiro e todas as promessas feitas a Sancho. Mas a sorte, que parecia gostar de conservar Dom Quixote para novas quedas, desviou parte do dano. Ainda assim, o golpe arrancou pedacos da armadura e feriu-lhe a orelha.

A dor acendeu nele uma fúria limpa. Dom Quixote se ergueu nos estribos, segurou a espada com as duas mãos e descarregou sobre o

adversário um golpe capaz de romper almofada, orgulho e prudência. O biscainho sangrou pelo rosto, perdeu o equilíbrio e acabou caindo da mula, mais vencido pelo impacto e pelo susto do que por qualquer elegância de combate.

Dom Quixote desceu de Rocinante e correu até ele com a ponta da espada diante dos olhos do inimigo. Exigiu rendição. Se o homem recusasse, prometeu cortar-lhe a cabeça. A cena era terrível e ridícula ao mesmo tempo: um cavaleiro que inventara a causa da batalha agora cobrava do vencido a seriedade de uma lei imaginária.

As mulheres da carruagem, apavoradas, suplicaram pela vida do biscainho. Dom Quixote aceitou poupa-lo, mas impos uma condição: o homem deveria ir ao Toboso, apresentar-se diante de Dulcineia e contar-lhe como fora derrotado por seu cavaleiro. As damas prometeram tudo sem discutir. Ninguém ali tinha força nem vontade de perguntar quem era Dulcineia ou por que aquela viagem absurda seria necessária.

Assim terminou a batalha. Não com justiça, nem com entendimento, mas com uma promessa arrancada pelo medo. Dom Quixote saiu convencido de que acrescentara nova honra ao próprio nome. Sancho, ainda dolorido das pancadas dos criados, viu na vitória uma possibilidade prática e logo pensou na ilha que lhe fora prometida. A fantasia do amo continuava perigosa, mas também parecia, por instantes, capaz de produzir recompensas.

O verdadeiro ganho, porém, era outro: a história encontrara sua segunda voz. Daquele ponto em diante, Dom Quixote já não seria apenas homem confundindo mundo e livros. Seria também personagem de papéis achados, traduzidos, comentados e duvidosos. A aventura passava a carregar uma pergunta dentro de si: quem conta a verdade quando todos, até o narrador, dependem de manuscritos, tradutores e fé?

# Capítulo 10 - A ilha prometida e a orelha ferida

## Capítulo 10 - A ilha prometida e a orelha ferida

Sancho Pança levantou-se do chão com a lentidão de quem descobre, osso por osso, o preço de servir a um cavaleiro andante. As pancadas dos criados dos frades ainda lhe ardiam nas costas, mas a vitória de Dom Quixote contra o homem da Biscaia abriu dentro dele uma esperança teimosa. Se havia batalha vencida, talvez houvesse também recompensa. E se havia recompensa, a ilha prometida não devia estar tão longe.

Quando viu o amo voltar para Rocinante, Sancho correu, segurou-lhe o estribo e, antes que ele montasse, ajoelhou-se com uma gravidade que quase parecia aprendida nos próprios livros do cavaleiro. Beijou-lhe a mão e pediu, com toda a humildade que conseguiu reunir, o governo da ilha conquistada naquele combate. Disse sentir-se homem bastante para governa-la, fosse ela grande ou pequena, e talvez naquele instante acreditasse mesmo nisso.

Dom Quixote olhou para ele com uma mistura de paciência e superioridade. Explicou que aquela aventura pertencia às encruzilhadas, onde o ganho costuma ser uma cabeça quebrada ou uma orelha a menos, longe das ilhas e governos sonhados. A ilha viria, prometeu, em ocasião mais própria. Sancho aceitou a resposta porque a esperança, quando precisa, aprende a viver de adiamentos.

Sem despedir-se das damas da carruagem, Dom Quixote entrou por um bosque vizinho, desejoso de afastar-se antes que a realidade organizasse represálias. Sancho seguiu no trote possível de seu jumento. Rocinante, talvez animado pelo sangue ainda quente do

dono, adiantou-se demais, e o escudeiro precisou gritar para que o amo o esperasse.

Quando enfim o alcancou, Sancho falou com a prudência de quem conhece menos os livros do que os perigos. Disse que seria sensato procurar abrigo numa igreja, pois o homem ferido poderia denunciar o caso a Santa Hermandad, e então os dois conheceriam prisão antes de conhecer ilha. Dom Quixote rejeitou a ideia com firmeza. Cavaleiros andantes, disse, não eram levados a tribunal por ferimentos feitos em batalha.

Sancho não discutiu a lei dos cavaleiros, porque não sabia le-la nem acreditava muito nela. Sabia apenas que homens armados em estradas costumavam atrair justicas bem concretas. Ainda assim, mudou de assunto ao ver o sangue escorrendo da orelha do amo. Tirou dos alforjes fiapos de pano e um pouco de unguento, oferecendo-se para tratar a ferida antes que o heroísmo pingasse inteiro no chão.

Dom Quixote aceitou o cuidado, mas lamentou não ter preparado antes o bálsamo de Fierabras. Segundo ele, poucas gotas desse licor bastariam para fechar feridas, recompor membros cortados e devolver ao corpo sua inteireza. Sancho, que até ali conhecia remédios mais humildes, arregalou os olhos. Se tal bebida existia, pensou, talvez valesse mais do que qualquer governo distante.

O cavaleiro explicou a maravilha com naturalidade assustadora. Se um dia o cortassem ao meio, Sancho deveria apenas recolher a metade caida, ajusta-la com cuidado sobre a metade que permanecesse na sela e dar-lhe duas gotas do bálsamo. O corpo ficaria são como fruta fresca. O escudeiro ouviu aquilo com o espanto pratico de quem tenta imaginar o trabalho de carregar metade de um amo pela estrada.

Por um momento, Sancho quase renunciou a ilha. Pediu antes a receita do bálsamo, convencido de que poderia vende-la por bom preço e viver

com menos sustos. Dom Quixote respondeu que o segredo custava pouco e renderia muito, mas que havia tempo para ensinar maiores mistérios. Por ora, a orelha doia, e mesmo os cavaleiros mais elevados tinham de reconhecer a autoridade de uma dor insistente.

Sancho limpou o sangue como pode. Mas quando Dom Quixote percebeu o estado do elmo, quebrado pelo golpe do biscainho, quase perdeu o dominio de si. Ergueu os olhos e jurou levar vida dura até arrancar de algum cavaleiro outro elmo tão bom quanto aquele que perdera. Falou de modelos antigos, promessas solenes e vingancas famosas, costurando a própria desventura a uma linhagem de gestos grandiosos.

Sancho, que via no juramento mais desconforto do que honra, tentou desfaze-lo com uma razão simples. Se o biscainho cumprisse a ordem de apresentar-se a Dulcineia, já teria pago sua falta; alem disso, talvez passassem dias sem encontrar homem armado com elmo algum. Nas estradas, havia mais carreteiros do que cavaleiros, mais fome do que glória, mais poeira do que metal reluzente.

Dom Quixote aceitou parte do argumento e retirou a vinganca direta contra o biscainho, mas manteve a promessa de conseguir outro elmo. Tinha em mente o famoso elmo de Mambrino, como se a lembranca de uma aventura lida bastasse para garantir uma aventura futura. Sancho suspirou. O mundo comum insistia em parecer vazio de encantos, mas o amo sempre encontrava nele um buraco por onde enfiar a epopeia.

A conversa voltou a comida. Sancho abriu os alforjes e apresentou o que havia: cebola, queijo e pedacos de pão. Desculpou-se, dizendo que aquilo não era alimento digno de cavaleiro tão valente. Dom Quixote, porém, transformou a pobreza em regra de ofício. Cavaleiros andantes, explicou, comiam o que encontravam; muitas vezes passavam longos tempos sem banquetes, sustentados por frutos secos, ervas e paciência.

Sancho aceitou a doutrina do modo mais seu: prometeu levar dali em diante frutas secas para o amo e, para si, coisas mais substanciosas, porque não era cavaleiro e não via motivo para sofrer por etiqueta alheia. Comeram juntos, pobres e cansados, cada um interpretando aquele jantar conforme sua própria fé: Dom Quixote como disciplina heroica, Sancho como pouca comida.

A noite vinha depressa, e os dois procuraram algum lugar onde passar em segurança. A esperança de encontrar casa ou venda morreu com a luz do dia, perto das cabanas de alguns cabreiros. Para Sancho, dormir ao relento era derrota doméstica; para Dom Quixote, era quase prova de nobreza. Assim chegaram ao próximo abrigo, levando uma ilha prometida, uma orelha ferida e a estranha certeza de que a estrada ainda não terminara de inventa-los.

# Capítulo 11 - Os cabreiros e a Idade de Ouro

## Capítulo 11 - Os cabreiros e a Idade de Ouro

A noite fechou-se sobre a serra com uma rapidez que parecia vir do próprio chão. Dom Quixote e Sancho chegaram as cabanas dos cabreiros cansados, feridos e famintos, trazendo atrás de si o peso das ultimas aventuras: a carruagem, o biscainho, a orelha cortada, a ilha sempre prometida e sempre adiada. Para Sancho, qualquer teto era agora sinal de misericordia. Para Dom Quixote, até uma cabana podia converter-se em sala nobre, desde que a imaginação se sentasse primeiro.

Os cabreiros receberam os viajantes com a simplicidade de quem não tinha muito, mas sabia repartir o pouco. Estenderam peles no chão, aproximaram-nos do fogo e ofereceram aquilo que havia: leite, queijo, bolotas e carne rustica. Sancho olhou para a comida com gratidão imediata. Dom Quixote, embora ferido e com fome, tratou a ceia como se fosse banquete digno de reis antigos.

Sentaram-se todos em volta das chamas. Os homens da serra falavam pouco, medindo os estranhos com curiosidade discreta. Sancho comeu com a concentracao de quem não confia em promessas futuras quando existe comida presente. Dom Quixote observava a cena como se cada rosto iluminado pelo fogo confirmasse uma verdade antiga: havia mais honra naquela pobreza compartilhada do que em muitas cortes cheias de metal, perfume e mentira.

O cavaleiro pediu que Sancho se sentasse ao seu lado, não atrás nem abaixo, mas junto dele. Disse que todos os que pertenciam a ordem da cavalaria andante eram iguais em dignidade, e que seu escudeiro devia

participar daquela mesa como companheiro de fadigas. Sancho obedeceu, embora preferisse comer sem discursos. A igualdade lhe parecia bela, mas menos urgente do que o queijo.

Quando viu as bolotas diante de si, Dom Quixote pareceu entrar por outro tipo de porta. Pegou algumas na mão e ficou olhando para elas como se fossem relíquias. Então começou a falar da Idade de Ouro, tempo distante em que, segundo os poetas, os homens não conheciam o teu e o meu, a terra dava seus frutos sem ser ferida pelo arado, e ninguém precisava de leis porque a inocência ainda bastava para governar a vida.

Falava com solenidade, e o fogo ajudava. As sombras alongavam seu rosto magro, a ferida na orelha parecia selo de martirio, e até os cabreiros, que talvez não entendessem metade do discurso, perceberam que aquele homem habitava uma região diferente da conversa comum. Dom Quixote dizia que naquele tempo as fontes eram claras, as árvores generosas, as pastoras andavam livres e seguras, e o amor não precisava esconder-se atrás de interesse ou violência.

Depois comparou esse mundo perdido ao presente. Agora, disse ele, a malicia obrigava as donzelas a se guardarem; a cobica fazia cercas; a justiça precisava de armas; e os cavaleiros andantes existiam justamente porque a inocência se quebrara. Se antes bastava viver, agora era preciso defender. Se antes a verdade andava nua pelos campos, agora precisava de escudo, lança e nome.

Sancho mastigava devagar, tentando descobrir se a Idade de Ouro tinha também bom vinho e camas macias. Não ousou interromper. Conhecia aquele tom do amo: era o som de uma estrada interior por onde Dom Quixote caminhava sozinho, mesmo cercado de gente. Os cabreiros ouviam em silêncio, mais por cortesia do que por compreensao, mas a cortesia já era muito naquela noite.

Havia algo belo e desconcertante na fala. Dom Quixote, que causava desordem quando tentava consertar o mundo com a espada, parecia por um instante acertar o centro da dor humana. O mundo realmente perdera alguma coisa. Talvez não tivesse havido uma idade perfeita, talvez a memória dos poetas exagerasse, mas era verdade que os homens viviam agora cercados de medo, posse, suspeita e necessidade de defesa.

Quando terminou, os cabreiros agradeceram como puderam, sem saber se tinham recebido uma lição, uma bênção ou apenas a fala de um homem muito estranho. Para retribuir, um deles chamou um rapaz que sabia cantar. O jovem trouxe seu instrumento e ofereceu versos simples, desses que não pretendem vencer o tempo, apenas acompanhar uma noite.

A música caiu sobre o grupo com suavidade. Sancho relaxou, satisfeito por a conversa ter descido de volta a coisas que não exigiam governo de ilha nem entendimento filosofico. Dom Quixote ouviu com gravidade, como se cada canção confirmasse que a poesia ainda resistia entre os homens comuns. Os cabreiros, orgulhosos do próprio cantor, sorriam dentro da luz instável do fogo.

Depois da ceia, trataram melhor a ferida do cavaleiro. Um dos cabreiros, mais pratico que todos os discursos, aplicou folhas mastigadas e um curativo rude sobre a orelha ferida. Dom Quixote aceitou o cuidado sem abandonar a pose, mas a dor lhe arrancou algumas contrações discretas. Sancho reparou nelas e guardou para si o comentário, porque até um escudeiro aprende quando o silêncio cura mais do que a verdade.

A noite se acomodou em volta das cabanas. Pela primeira vez em muitos dias, a aventura não terminava em pancada nem fuga. Havia comida, fogo, música e uma hospitalidade sem perguntas demais. Dom Quixote transformara bolotas em prova de uma idade perdida; Sancho

transformara a mesma mesa em descanso; os cabreiros, sem saber, tinham recebido em sua pobreza uma das grandes fantasias da literatura.

Mas a serra ainda guardava outras histórias. Antes que a noite acabasse de fechar os olhos, sinais de tristeza começaram a rondar a conversa dos pastores. Falava-se de um estudante morto de amores, de uma mulher bela chamada Marcela e de um enterro que aconteceria no dia seguinte. Dom Quixote escutou o nome da pastora como quem sente ao longe o chamado de nova causa. A Idade de Ouro mal terminara de ser louvada, e o mundo real já batia a porta outra vez.

# Capítulo 12 - Grisóstomo e a pastora Marcela

## Capítulo 12 - Grisóstomo e a pastora Marcela

A noite entre os cabreiros ainda guardava calor de fogo quando a conversa mudou de tom. Depois da comida simples, do canto e do discurso de Dom Quixote sobre a Idade de Ouro, um nome começou a circular entre os homens da serra com peso diferente: Grisóstomo. Trazia o peso de um morto recente, de alguém conhecido, de uma tristeza que ainda não tivera tempo de virar história.

Um dos cabreiros contou que Grisóstomo fora estudante rico, homem de família boa, acostumado mais aos livros do que aos caminhos duros da montanha. Tinha deixado os estudos e as comodidades para vestir-se de pastor, não por pobreza nem vocação simples, mas por amor. Seu amor chamava-se Marcela, e bastava esse nome para que os homens ao redor do fogo se inclinassem um pouco, como se a beleza dela ainda passasse invisível pela cabana.

Marcela, disseram, era filha de Guilherme, lavrador respeitado e já morto. Herdara beleza, fortuna e uma liberdade rara. O tio, que a criara, quis casa-la muitas vezes, pois pretendentes não faltavam; mas ela recusava todos. Não por frieza vazia, nem por promessa secreta, mas porque queria guardar a própria vida. Preferia andar pelos campos como pastora, entre outras mulheres, livre da posse que tantos chamavam de amor.

Essa liberdade, em vez de ser entendida, virou acusação. Os homens que a desejavam chamavam-na cruel porque ela não devolvia o desejo. Faziam versos, suspiravam, abandonavam casas, vestiam-se de pastores e depois culpavam Marcela pelo próprio desgoverno. A serra

encheu-se de pretendentes feridos mais pelo orgulho do que pelo destino, cada um convencido de que sua dor lhe dava direito sobre a vontade dela.

Grisóstomo fora o mais famoso entre eles. Trocara roupa, habito e futuro para seguir os passos de Marcela pelos montes. Tinha cantado, esperado, pedido, sofrido e, por fim, morrido. Uns diziam que morrera de amor; outros, de desesperanca; outros ainda, de uma teimosia tão parecida com a de Dom Quixote que Sancho, se pensasse nisso com cuidado, talvez ficasse inquieto.

Dom Quixote escutava com atenção crescente. A história tinha todos os sinais capazes de acordar seu ofício: uma mulher perseguida por juízos alheios, um morto, um enterro marcado, uma multidão pronta para transformar dor em acusação. Mas havia ali também algo que desafiava sua fantasia. Marcela não parecia donzela raptada nem dama pedindo socorro. Parecia alguém que queria apenas não pertencer a ninguém.

O cabreiro contou que Grisóstomo deixara pedido estranho: queria ser enterrado no campo, no lugar onde vira Marcela pela primeira vez. Seus amigos, Ambrosio entre eles, cumpririam a vontade no dia seguinte. O enterro reuniria pastores, curiosos, apaixonados frustrados e todos aqueles que gostam de assistir a dor dos outros quando ela vem acompanhada de beleza e escandalo.

Sancho ouviu com interesse limitado. Morte por amor lhe parecia uma forma pouco economica de morrer. Se Grisóstomo tinha bens, estudos e comida, por que entregar tudo a uma mulher que nunca prometera nada? Mas guardou a pergunta, porque já aprendera que certas loucuras recebiam nomes nobres quando ditas por homens letrados, enquanto as loucuras de seu amo ao menos vinham com promessa de ilha.

Dom Quixote, ao contrário, sentiu a estrada abrir-se outra vez. Declarou que desejava ir ao enterro para ver com os próprios olhos o desfecho daquela história. Não sabia ainda se defenderia a honra do morto, a fama da pastora ou alguma verdade mais difícil entre os dois. Mas já percebia que a causa tocava algo maior do que uma paixão infeliz. Tocava o direito de uma pessoa existir sem ser transformada em prêmio.

Os cabreiros aceitaram a companhia dos viajantes. Alguns pareciam curiosos para ver o que aquele cavaleiro magro diria diante do corpo de Grisóstomo e, talvez, diante da própria Marcela. A fama da pastora era feita de contradições: para uns, santa de beleza intocável; para outros, fera ingrata; para quase todos, espelho onde cada homem via a própria carência devolvida como ofensa.

A noite terminou com esse nome suspenso. Marcela. Sancho deitou-se pensando que, se toda mulher bela trouxesse tantos problemas, talvez fosse melhor governar uma ilha de gente feia e tranquila. Dom Quixote permaneceu acordado por mais tempo, recompondo em sua cabeça os sinais da nova aventura. O mundo tinha oferecido comida, fogo e abrigo; agora oferecia julgamento.

Ao amanhecer, a serra parecia mais fria. Os cabreiros prepararam-se para o caminho, e Dom Quixote montou Rocinante com a solenidade de quem se aproxima de tribunal. Sancho ajeitou os alforjes e seguiu atrás, ainda dividido entre curiosidade e sono. Iriam ao enterro de Grisóstomo. E, sem saber, caminhavam também para ouvir uma das defesas mais claras que aquela terra já dera a uma mulher livre.

# Capítulo 13 - O caminho ao enterro

## Capítulo 13 - O caminho ao enterro

Ao amanhecer, a serra parecia ter guardado no frio da manhã a história de Grisóstomo. Os cabreiros se moveram cedo, com a gravidade de quem vai a um enterro e também a um acontecimento. Dom Quixote montou Rocinante com solenidade; Sancho ajeitou o jumento e os alforjes; e ambos seguiram com os homens da montanha pelo caminho que levava ao lugar escolhido pelo morto.

Grisóstomo pedira para ser enterrado no campo onde vira Marcela pela primeira vez. Havia nisso uma fidelidade poética e uma violência silenciosa: mesmo morto, ele tentava fixar a mulher livre ao ponto exato de sua própria paixão. Dom Quixote escutou essa notícia com atenção, sentindo que a aventura pedia juízo antes de espada. Naquele caminho, todos pareciam levar uma sentença pronta no peito.

Sancho seguia menos filosofico. A manhã era fria, o chão irregular, e enterros não costumavam oferecer boa comida. Ainda assim, percebia que havia ali matéria perigosa. Quando muitos homens se juntam para falar de uma mulher ausente, pensava ele, alguma injustiça pode nascer antes mesmo que alguém puxe uma faca.

No caminho, encontraram dois viajantes de boa aparência, acompanhados de criados. Um deles chamava-se Vivaldo. Ao ver Dom Quixote armado dos pes a cabeça, com escudo, espada e figura de outro século, não conseguiu esconder a curiosidade. Perguntou aos cabreiros quem era aquele homem tão singular. A resposta veio misturada de riso e respeito: era cavaleiro andante, ou ao menos assim se tinha por certo.

Vivaldo aproximou-se com cortesia e perguntou a Dom Quixote por que viajava daquela maneira, armado em tempos tão pouco dados a gigantes, encantadores e castelos. O cavaleiro recebeu a pergunta como convite nobre. Endireitou-se na sela e explicou que pertencia a ordem da cavalaria andante, instituição superior a todas as comodidades modernas, porque existia para socorrer fracos, castigar soberbos, proteger donzelas e endireitar os tortos caminhos do mundo.

Vivaldo, homem instruido e inclinado ao prazer da conversa, percebeu que ali havia loucura, mas também uma especie de arquitetura moral. Em vez de zombar abertamente, puxou o fio. Perguntou se aquela vida era mais dura que a dos monges e religiosos, que abandonavam o conforto por disciplina espiritual. Dom Quixote respondeu que a cavalaria exigia ainda mais, pois o cavaleiro jejuava, sangrava, caminhava por desertos, dormia ao relento e ainda precisava estar pronto para morrer em nome de causas alheias.

Sancho ouviu a comparação com cuidado. Se ser escudeiro era participar daquela ordem, ele preferia que a parte da santidade ficasse para o amo e a parte das refeições para si. Mas Vivaldo continuou. Disse que muitos santos encomendavam-se a Deus antes de seus trabalhos, enquanto cavaleiros dos livros costumavam encomendar-se a suas damas. Não seria estranho, perguntou, trocar a proteção divina pelo nome de uma mulher?

Dom Quixote quase se ofendeu. Explicou que o cavaleiro cristão podia honrar Deus e, ao mesmo tempo, servir sua dama, pois sem dama não havia cavalaria verdadeira. A dama era norte, testemunha, prêmio e medida da honra. Um cavaleiro sem amor seria corpo sem alma, espada sem braco, caminho sem destino. E a sua dama, acrescentou, era Dulcineia del Toboso, senhora de beleza incomparável.

Vivaldo pediu que descrevesse essa Dulcineia. Dom Quixote falou com a abundância de quem não descreve uma pessoa, mas ergue um altar.

Disse que sua beleza reunia tudo o que os poetas tinham distribuido por muitas mulheres: cabelos de ouro, fronte de campo claro, olhos de sol, faces de rosa, dentes de perola, colo de alabastro. Quanto mais falava, mais Dulcineia se afastava da aldeia real e entrava no territorio onde as palavras fabricam sua própria verdade.

Sancho, que sabia de onde vinha Aldonza Lorenzo e conhecia melhor que ninguém a distância entre uma camponesa forte e uma dama celestial, mexeu-se no jumento, mas ficou calado. Já aprendera que algumas mentiras do amo tinham a fragilidade de vidro e a resistência de pedra. Corrigi-las era inutil; pior, podia fazer falta. O mundo de Dom Quixote precisava daquela luz, mesmo que ela nascesse de palha comum.

A conversa seguiu até que chegaram ao vale marcado para o enterro. Ali já se juntavam pastores, curiosos e amigos de Grisóstomo. O lugar tinha beleza suficiente para justificar a memória do morto: árvores, sombra, pedras claras e uma tristeza espalhada pelo ar. No centro, preparavam a cova. Ao lado, traziam o corpo de Grisóstomo, envolto em sinais de luto e acompanhado por papéis, versos e homens dispostos a transformar sua dor em prova contra Marcela.

Ambrosio estava entre eles. Seu rosto trazia o cansaço de quem chorara e o orgulho de quem se acredita guardião de uma verdade. Quando viu os recem-chegados, não se importou com a estranheza de Dom Quixote. Toda a sua atenção pertencia ao amigo morto. Falou de Grisóstomo como de alguém vencido pela crueldade de Marcela, e cada palavra parecia apertar mais o cerco contra uma mulher que ainda não estava ali para responder.

Vivaldo viu alguns papéis destinados ao fogo, versos que Grisóstomo deixara. Pediu que não os queimassem antes de serem lidos. Ambrosio hesitou. A vontade do morto devia ser respeitada, mas a curiosidade dos vivos sempre encontra um modo de se vestir de homenagem. Por

fim, permitiu que alguns textos fossem guardados e lidos, como se a voz do morto ainda tivesse direito de acusar o mundo uma última vez.

Dom Quixote observava tudo em silêncio raro. O enterro tinha a forma de tribunal, mas faltava a acusada. Havia corpo, amigos, poemas, testemunhas e uma narrativa pronta: Marcela seria a causa da ruína. O cavaleiro, que tantas vezes inventara injustiças onde havia apenas estrada, agora encontrava uma injustiça possível diante dos olhos. Pela primeira vez naquele arco, sua loucura talvez pudesse servir a lucidez.

Sancho percebeu que o dia ainda renderia discurso, confusão e talvez perigo. Olhou para Marcela ausente, como se fosse possível ver alguém pelo tamanho da fala que os outros fazem dela. O enterro de Grisóstomo estava prestes a começar, mas outra coisa também se preparava: não apenas a despedida de um homem morto de amor, e sim a disputa pelo direito de uma mulher não amar de volta.

# Capítulo 14 - A defesa de Marcela

## Capítulo 14 - A defesa de Marcela

A sepultura de Grisóstomo estava aberta entre as pedras e os ramos do monte, e todos os que tinham subido até ali falavam baixo, como se a própria serra tivesse tomado parte no luto. Ambrosio permanecia junto ao corpo do amigo, guardando-lhe os papéis, as palavras e a última vontade. Vivaldo, curioso e compassivo, olhava ora para o morto, ora para Dom Quixote, que assistia a tudo com gravidade de cavaleiro em campo solene.

Foram lidos versos de Grisóstomo, cheios de queixa, fogo e desespero. Neles o pastor chamava Marcela de dura, ingrata e causa de sua morte, como se uma mulher pudesse ser culpada por não corresponder ao desejo de quem a amava. Muitos dos presentes, comovidos pela dor e pela juventude do morto, repetiam a acusação sem examiná-la. A tristeza, quando se junta a multidão, muitas vezes procura um culpado antes de procurar a verdade.

Ambrosio, com os olhos vermelhos, pediu que os papéis fossem enterrados com Grisóstomo, pois assim queria o amigo. Vivaldo tentou salvar alguns deles, dizendo que tamanha arte não devia desaparecer sob a terra. A disputa ainda corria entre a piedade e a curiosidade quando uma voz se levantou acima do murmúrio. Todos voltaram o rosto para o alto de uma rocha. Ali estava Marcela.

Não vinha como culpada, nem como suplicante. Vinha vestida de pastora, clara contra a aspereza do monte, com tal compostura que o silêncio caiu de uma vez. A beleza dela, que tantos tinham transformado em tribunal, parecia naquele instante apenas o que sempre fora: uma qualidade sua, não uma promessa feita aos outros. Marcela olhou para o corpo de Grisóstomo, para Ambrosio, para os

pastores reunidos, e falou sem tremor.

Disse que viera por saber que a acusavam de cruel. Não aceitava que a chamassem homicida por não amar quem a amava. Se a natureza lhe dera beleza, não lhe dera por isso obrigação de entregar a vontade. Quem nasce formosa, disse ela, não nasce devedora. Amar alguém por ser visto não cria contrato; desejar não e direito; insistir não transforma recusa em culpa.

Os pastores se entreolharam, porque a verdade, quando entra em lugar acostumado ao costume, primeiro parece insolência. Marcela prosseguiu. Lembrou que nunca prometera casamento a Grisóstomo, nem a outro homem algum. Sempre dissera que queria viver livre, entre os campos, guardando sua honra e escolhendo sua própria companhia. Se Grisóstomo tomara sua recusa por ferida mortal, essa dor era dele; ela podia lamenta-la, mas não podia ser condenada por não fingir amor.

Disse ainda que a honestidade não dependia de agradar aos que a perseguiam. Vivia nos montes para fugir de casas, pedidos, olhares e discursos que queriam fazer de sua vida uma posse alheia. Preferia a solidão limpa das serras a uma paz comprada com submissão. Não desprezava os homens por maldade; apenas não entregava a nenhum deles o governo de si mesma.

Ambrosio quis responder, ferido pela fidelidade ao amigo. Mas as palavras de Marcela tinham posto ordem onde antes havia só paixão. Ela não zombava de Grisóstomo, não diminuía sua dor, não tratava o morto com frieza. Apenas separava compaixão de culpa. Podia chorar uma morte sem admitir que sua liberdade fosse o crime que a causara.

Dom Quixote escutava com a mão sobre a espada e os olhos acesos. Naquela defesa, via uma dama cercada por vozes injustas, e também uma verdade maior que seus livros: nem todo socorro de cavaleiro

consiste em vencer alguém pela força; às vezes consiste em garantir que uma pessoa possa ir embora sem ser tomada por prêmio, presa ou troféu.

Quando terminou, Marcela não esperou sentença. Disse que voltaria para a espessura do monte, onde sua vida lhe pertencia. Depois desceu da pedra com passo firme e tomou uma vereda entre as árvores. Alguns pastores, ainda presos ao costume de transformar desejo em perseguição, fizeram menção de segui-la. Então Dom Quixote avançou.

Ergueu a voz e declarou que ninguém ousasse ir atrás daquela donzela. Ela havia provado sua inocência com razões tão claras que só a injustiça poderia continuar acusando-a. Quem tentasse perturbá-la teria de responder diante dele, cavaleiro andante obrigado a proteger a liberdade ameaçada. Sancho, que nem sempre entendia as delicadezas da honra, entendeu ao menos que o amo falava sério, e ficou junto de Rocinante olhando os pastores com ar de quem preferia não participar de nova pancadaria.

A ordem bastou. Marcela desapareceu entre os verdes do monte, livre como entrara, e os homens ficaram junto ao morto, cada um entregue ao próprio desconcerto. Grisóstomo foi sepultado conforme sua vontade. Sobre a cova ficaram lagrimas, versos e uma pergunta difícil: quantas dores humanas nascem não do amor, mas da vontade de possuir o que não prometeu pertencer?

Dom Quixote permaneceu ainda um tempo em silêncio. Depois, como quem fecha um caso de honra, voltou-se para Sancho. O mundo, pensava ele, continuava cheio de agravos a corrigir. E se os montes tinham dado a ver uma pastora livre, também haveriam de dar, mais adiante, novas aventuras a um cavaleiro que confundia a estrada com o livro e o livro com a justiça.

# Capítulo 15 - A aventura dos Yangueses

## Capítulo 15 - A aventura dos Yangueses

Depois do enterro de Grisóstomo e da defesa de Marcela, Dom Quixote quis seguir a pastora pelo monte, não para prendê-la, mas para oferecer-lhe a guarda de sua espada contra qualquer ofensa. Sancho, que já tinha visto promessas de glória terminarem em costelas doloridas, aconselhou caminho mais proveitoso. Disse que Marcela sabia defender-se com palavras melhores do que muitos cavaleiros com lanças, e que talvez fosse sábio deixar a moça livre até da proteção excessiva.

Dom Quixote pensou nisso como quem examina um problema de honra. Por fim, aceitou que a liberdade também podia ser servida pela distância. Tomaram então outro rumo, sem guia certo, pois a estrada de um cavaleiro andante deve parecer escolhida pelo acaso, ainda que o acaso quase sempre tenha mãos pesadas.

Andaram por entre árvores até encontrar um prado fresco, cortado de sombra e erva, onde decidiram descansar. Sancho desmontou com alivio verdadeiro. Rocinante, solto para pastar, sentiu o ar e viu por ali algumas eguas pertencentes a almocreves yangueses que também repousavam naquele lugar. O velho cavalo, até então mais conhecido por ossos que por impetos, esqueceu a magreza, a idade e a disciplina, e aproximou-se delas com vontade pouco cavaleiresca.

As eguas não receberam bem a visita. Pior ainda a receberam os almocreves, homens fortes, praticos e nada inclinados a interpretar o caso como aventura de romance. Vendo Rocinante importunar seus animais, correram sobre ele com varas e paus. Bateram no pobre

cavalo até derruba-lo no chão, estendido como se todas as derrotas do mundo tivessem escolhido aquele lombo para morar.

Dom Quixote, ao ver seu cavalo tratado daquele modo, levantou-se ardendo em colera. Para ele, a agressão contra Rocinante era agravo direto contra a ordem da cavalaria. Sancho tentou medir a quantidade de inimigos e a grossura dos paus, chegando a uma conclusão simples: eram muitos, e os paus eram excelentes. Mas o amo já caminhava para a luta, dizendo que ali se veria o valor de dois contra uma turba vil.

Sancho lembrou, com muita razão, que eles não eram exatamente dois: um era cavaleiro ferido de aventuras anteriores, o outro era escudeiro sem desejo de martirio. Dom Quixote respondeu que a honra não conta numeros. Sancho, olhando os yangueses, pensou que os numeros talvez contassem a honra com bastante violência.

A luta durou pouco, porque a realidade nem sempre concede espaco para discursos. Dom Quixote investiu com sua espada, Sancho acudiu como pôde, e os almocreves responderam com uma chuva de golpes tão cerrada que logo amo e escudeiro estavam no mesmo estado de Rocinante: espalhados pelo chão, respirando poeira e dor. Os yangueses, satisfeitos por terem defendido suas eguas e ensinado respeito ao cavalo intruso, juntaram seus animais e seguiram viagem.

Ficaram no prado Dom Quixote, Sancho e Rocinante, os tres igualmente vencidos, embora cada um por razões diferentes. Sancho gemeu primeiro, pois sua filosofia sempre começava pelo corpo. Disse que, se aquela era a vida de quem buscava ilhas, talvez preferisse uma ilha menor, porém com menos pancadas no caminho.

Dom Quixote, apesar de moído, buscou uma explicação que salvasse a dignidade da derrota. Disse que a culpa fora sua por ter desembainhado espada contra gente de baixa condição, quando as leis da cavalaria mandavam que cavaleiro combatesse cavaleiro. Sancho

achou a regra curiosa: se os paus eram de baixa condição, doiam com nobreza bastante. Ainda assim, ajudou o amo como pôde, e os dois rastejaram até a sombra para examinar os prejuizos.

Rocinante também tentava erguer-se, envergonhado e dolorido. Dom Quixote olhou para ele com piedade severa, como quem perdoa um companheiro que causou desastre sem maldade. O cavalo, se entendia alguma coisa de honra, devia naquele momento preferir a ignorância.

Sancho propôs que fossem procurar uma venda, casa, choça ou qualquer lugar onde houvesse cama, azeite, pano e alguém capaz de não bater neles. Dom Quixote concordou, mas corrigiu o nome antes mesmo de montar: não seria venda, e sim castelo, pois a necessidade de repouso não diminuía a grandeza das coisas. Sancho não discutiu. Quando a dor sobe pelas costas, até um castelo imaginario serve, contanto que tenha onde deitar.

Com esforço, puseram Rocinante de pe e seguiram devagar. O dia, que começara entre discursos de liberdade e luto honrado, terminava com tres corpos machucados avançando pela estrada. Dom Quixote ainda via aventura no sofrimento; Sancho via sofrimento bastante sem precisar de aventura. Entre esses dois modos de olhar o mundo, continuava a viagem.

# Capítulo 16 - A venda e Maritornes

## Capítulo 16 - A venda e Maritornes

Dom Quixote, Sancho e Rocinante chegaram a uma venda como quem chega ao fim de uma batalha sem vencedor. O cavalo mal sustentava as pernas; o escudeiro caminhava torto, contando as dores como quem conta moedas perdidas; e o cavaleiro, embora moído dos paus dos Yangueses, insistia em ver diante de si não uma casa de estrada, mas um castelo digno de acolher armas e desgraças.

O vendeiro, acostumado a viajantes de todo tipo, olhou aquela procissão de ossos, poeira e discursos e entendeu depressa que ali havia mais ferimentos que dinheiro. Ainda assim, recebeu-os. A mulher dele, a filha e uma criada asturiana chamada Maritornes tiveram pena dos recem-chegados. Prepararam uma cama pobre para Dom Quixote no mesmo aposento em que dormiam outros viajantes, e buscaram panos, azeite e unguentos simples para aliviar os corpos castigados.

Dom Quixote aceitou o cuidado com a solenidade de quem recebe serviço de donzelas em fortaleza encantada. A mulher do vendeiro era, para ele, senhora do castelo; a filha, formosa donzela; e Maritornes, apesar de pequena, curva e marcada por uma vida dura, foi elevada pela imaginação do cavaleiro a figura de romance. Sancho, que via tudo com olhos mais rentes ao chão, reconhecia apenas uma venda apertada, uma cama ruim e a esperança de dormir antes que outra aventura os encontrasse.

No mesmo quarto estava um arrieiro, homem robusto que havia combinado com Maritornes uma visita noturna. A pobre criada, que prometia mais por necessidade que por escolha, esperou que a casa se aquietasse. Dom Quixote, deitado e sem poder mover-se direito,

tomou os ruídos da noite por sinais de amor secreto. Julgou que a donzela do castelo viera render-se a sua fama, e começou a preparar, dentro da cabeça ardente, uma recusa honrada.

Quando Maritornes entrou no escuro, procurando o arrieiro, Dom Quixote estendeu os braços e a segurou. Falou-lhe em voz baixa, cheia de grandeza, dizendo que seu coração pertencia a Dulcineia del Toboso e que nenhuma beleza, por maior que fosse, poderia vencer uma fidelidade tão alta. Maritornes, apanhada onde não queria estar, tentou soltar-se. O arrieiro, ouvindo a confusão e entendendo mal a cena, levantou-se furioso.

A noite, que precisava de pouco para virar desastre, virou de uma vez. O arrieiro caiu sobre Dom Quixote com golpes secos, acusando-o de meter-se onde não devia. O leito do cavaleiro rangeu, Maritornes escapou para um canto, Sancho acordou sem saber se sonhava ou apanhava, e logo o quarto inteiro se encheu de gritos, tropeços e pancadas. Como não havia luz bastante, cada um batia no vulto errado com convicção admirável.

O vendeiro entrou com uma candeia e viu a desordem espalhada: Dom Quixote estendido, o arrieiro bufando, Sancho procurando uma explicação e Maritornes tentando desaparecer na sombra. A criada, por medo do amo, escondeu-se junto de Sancho. O escudeiro, sentindo alguém cair sobre si, pensou estar sendo atacado por inimigo novo e começou a defender-se como podia. A cama, a palha e os corpos formaram um campo de batalha tão confuso que nem Dom Quixote conseguiu nomear com precisão o encantamento que o afligia.

Quando enfim separaram os vivos dos móveis e os gritos diminuíram, os danos estavam feitos. Dom Quixote, mais quebrado do que chegara, afirmou que toda aquela violência só podia ser obra de mouros encantados ou de algum feiticeiro inimigo de sua glória. Sancho, que tinha recebido parte considerável da prova, respondeu que os

encantadores daquela casa batiam com mãos muito humanas.

Maritornes, apesar da confusão em que se vira envolvida, ajudou depois como pôde. Havia nela mais humanidade do que beleza de romance, e isso bastava. Trouxe agua, ajeitou panos e deixou que Sancho reclamasse sem muita resposta. A filha do vendeiro também se compadeceu dos feridos. Dom Quixote, interpretando cada gesto pela lente de seus livros, agradeceu como cavaleiro servido por nobres damas.

Ao amanhecer, a venda guardava o cansaço das noites mal dormidas. O arrieiro preparava a partida; o vendeiro calculava despesas; Sancho calculava dores; e Dom Quixote calculava maravilhas. Para o cavaleiro, o castelo havia sido palco de aventura misteriosa, de donzelas, traições e encantamentos. Para todos os demais, fora apenas uma noite ruim numa venda cheia demais.

Mesmo assim, a estrada chamava. Dom Quixote estava convencido de que sua fama cresceria com cada golpe sofrido. Sancho, menos ambicioso, desejava apenas comida, descanso e a prometida ilha, de preferência localizada bem longe de vendas encantadas. Mas entre a fantasia de um e a fome do outro, os dois seguiam presos ao mesmo destino: transformar o mundo em narrativa, ainda que o mundo respondesse quase sempre com pancadas.

# Capítulo 17 - O bálsamo e a conta da venda

## Capítulo 17 - O bálsamo e a conta da venda

A manhã encontrou Dom Quixote mais quebrado do que adormecera, mas nem por isso menos disposto a explicar o mundo por encantamentos. Cada dor era, para ele, sinal de que forças invisíveis o perseguiam; cada hematoma, uma prova de que sua fama já incomodava feiticeiros. Sancho, deitado perto dele, não via feiticeiro algum. Via costelas, ombros, pernas e uma lista inteira de partes do corpo protestando ao mesmo tempo.

O vendeiro entrou para saber se os hospedes continuavam vivos e, vendo que sim, tratou logo de lembrar que a casa não sustentava cavaleiros de graça. Dom Quixote respondeu com a dignidade de quem ainda se julgava em castelo: os cavaleiros andantes, dizia, não pagavam pousada, pois era honra dos castelos recebê-los. O vendeiro escutou aquilo com paciência curta. Castelos talvez vivessem de honra; vendas viviam de moedas.

Antes que a conta crescesse em discussão, Dom Quixote pediu a Sancho que buscasse azeite, vinho, sal e alecrim. Disse conhecer a receita do famoso bálsamo de Fierabras, capaz de recompor corpos partidos e devolver vigor a quem houvesse sido despedaçado em batalha. Sancho arregalou os olhos. Se aquilo fosse verdade, pensou, talvez a vida de escudeiro ainda tivesse conserto.

Com os ingredientes reunidos, Dom Quixote misturou tudo numa panela pobre, pronunciou sobre o liquido algumas palavras solenes e bebeu boa porção. O efeito veio depressa. Primeiro, o estomago revoltou-se como tropa mal paga. Depois, o cavaleiro suou, tremeu,

vomitou e dormiu profundamente. Quando acordou, sentiu-se aliviado o bastante para declarar provada a virtude do bálsamo.

Sancho, que tinha visto mais violência que milagre, pediu sua parte assim mesmo. Se o remedio curava cavaleiro, talvez pudesse curar escudeiro por aproximação. Bebeu. Mas, como Dom Quixote explicou tarde demais, o bálsamo talvez fosse feito para homens armados pela ordem da cavalaria, não para servidores comuns. O corpo de Sancho recebeu a mistura como ofensa pessoal. O pobre escudeiro foi tomado por enjoos, suores e tormentos tão grandes que quase preferiu os paus dos Yangueses.

Enquanto Sancho padecia, Dom Quixote tentava consolá-lo com doutrina. Dizia que a diferença de efeitos confirmava a regra: nele, cavaleiro, o bálsamo operara cura; em Sancho, ainda não armado, provocara turbulência natural. Sancho, entre uma queixa e outra, respondeu que dispensava curas tão seletivas. Preferia remedio que reconhecesse pessoas sem perguntar por título.

A casa inteira assistia à cena com mistura de espanto e riso. Maritornes olhava Sancho com pena, lembrando talvez que a vida costumava castigar primeiro quem menos escolhia. A filha do vendeiro escondia sorrisos. O vendeiro, menos poético, só queria receber. Para ele, importava uma pergunta mais simples: quem pagaria cama, palha, vinho, azeite e prejuízo.

Quando Dom Quixote se julgou recuperado, pediu que Rocinante fosse selado. Declarou que a aventura chamava e que não convinha a cavaleiro demorar-se em repouso. Sancho, pálido e vazio, perguntou se a aventura podia chamar mais baixo, pois sua cabeça ainda girava. O amo respondeu que a glória não espera pelo conforto dos homens. Sancho pensou que a glória demonstrava, nisso, pessimo caráter.

Na hora da partida, o vendeiro apresentou a conta com clareza. Dom Quixote tornou a afirmar que não devia nada, pois jamais lera que cavaleiro andante pagasse hospedagem em castelo. O vendeiro respondeu que não sabia de livros, mas sabia de camas e comida. Se o cavaleiro não pagava, que pagasse o escudeiro. Sancho, que mal conseguia ficar em pe, percebeu que o peso do mundo, quando não encontrava moeda no amo, caia sempre sobre ele.

Dom Quixote saiu montado em Rocinante, convicto de que deixava para trás um castelo cheio de enigmas. Sancho ficou um instante cercado pelos homens da venda, tentando explicar que também ele pertencia à cavalaria e que, por consequência, talvez herdasse a mesma isenção. Ninguém pareceu convencido. O vendeiro e os demais tinham uma compreensão muito direta da justiça: quem dorme, paga; quem bebe, paga; quem acompanha quem não paga, paga dobrado se for preciso.

O escudeiro olhou para a porta, onde o amo já se afastava, e entendeu que a liberdade de um cavaleiro podia ser a prisão financeira de seu servidor. Ainda tentou sorrir, ainda tentou argumentar, ainda tentou invocar a ilha prometida como garantia futura. Mas as mãos ao redor dele tinham pouca fé em ilhas imaginadas.

A venda, que para Dom Quixote era castelo, começava a mostrar a Sancho uma verdade mais dura: nem toda aventura termina quando o herói monta e parte. Muitas continuam para quem fica acertando a conta.

# Capítulo 18 - Sancho manteado

## Capítulo 18 - Sancho manteado

Dom Quixote já havia deixado a venda, certo de que partia de um castelo encantado onde sua honra o dispensava de qualquer pagamento. Sancho, porém, ficou para trás, cercado pelo vendeiro e por alguns hospedes que tinham entendimento menos literário das despesas. A conta estava ali, clara e pesada: palha, cama, vinho, azeite, estragos, cuidados e paciência. E se o cavaleiro não pagava, alguém haveria de responder por ele.

Sancho tentou primeiro a diplomacia. Explicou que era escudeiro de cavaleiro andante e que, por isso, talvez compartilhasse dos privilégios do amo. Disse que a ilha prometida ainda não chegara, mas que, quando chegasse, poderia recompensar todos com generosidade. O vendeiro ouviu a promessa de governo futuro como quem ouve vento bater em porta quebrada. Queria moedas presentes, não castelos imaginados nem ilhas por nascer.

Do lado de fora, Dom Quixote percebeu a demora e chamou Sancho. O escudeiro respondeu com voz aflita, pedindo ajuda. O cavaleiro voltou-se para a porta, mas encontrou-a fechada e protegida. A venda, que para ele era castelo, parecia agora castelo de verdade no unico ponto que importava: tinha barreira entre ele e seu companheiro.

Os homens da venda, cansados da conversa e animados por uma crueldade brincalhona, agarraram Sancho. Trouxeram uma manta e, antes que o pobre escudeiro entendesse a sentença, colocaram-no no meio dela. Cada um tomou uma ponta. Sancho abriu os olhos com pressentimento terrível. Num instante, foi lançado para cima como saco de farinha em feira, subindo e descendo entre risos, gritos e protestos.

Do lado de fora, Dom Quixote via o companheiro subir no ar e descer sem poder socorre-lo. Gritava ameaças contra os malfeitores, prometia castigos de cavaleiro e chamava aquilo de encantamento infame. Mas a porta, o muro e a fraqueza de seu corpo impediam qualquer façanha. Sua espada nada podia contra a distância curta e absoluta que separava a imaginação da fechadura.

Sancho, a cada arremesso, perdia um pouco mais a fé na cavalaria. Não havia ilha que justificasse tanto voo indesejado. Quando subia, via o ceu; quando descia, via rostos rindo; no meio, via a vida inteira como uma sucessão de promessas feitas pelo amo e pagas pelo escudeiro. Pediu misericordia, chamou pela Virgem, invocou santos e, por fim, chamou por qualquer pessoa que soubesse pôr fim a mantas.

Maritornes assistia de longe com pena inquieta. A filha do vendeiro também se compadeceu. Talvez por riso satisfeito, talvez por cansaço, talvez porque toda crueldade de grupo se desfaz quando perde novidade, os homens enfim pararam. Sancho caiu no chão sem grande dignidade, mas inteiro o bastante para gemer. Deram-lhe de beber, e Maritornes, num gesto simples, trouxe agua para aliviar-lhe a garganta seca.

Quando finalmente conseguiu sair, Sancho encontrou Dom Quixote inflamado de fúria impotente. O cavaleiro dizia que aqueles encantadores haviam de pagar caro, e que só forças sobrenaturais podiam tê-lo impedido de entrar. Sancho, ainda tonto, respondeu que os encantadores tinham mãos grossas, riso alto e um conhecimento admirável de mantas. Se eram sobrenaturais, escondiam muito bem a grandeza.

Dom Quixote tentou consolar o escudeiro com promessas de vingança futura e recompensas maiores. Sancho, agarrado ao asno como quem se segura à última parte confiável do mundo, pediu apenas que se afastassem da venda. Se aquilo era castelo, preferia dormir ao relento;

se era encantamento, preferia encanto sem hospedagem; se era aventura, preferia a estrada vazia.

Partiram devagar. Rocinante levava Dom Quixote com a solenidade possível a um cavalo ainda dolorido. O asno carregava Sancho, que se mexia com cuidado, como se cada osso tivesse adquirido opinião própria. Atrás deles ficava a venda, com suas risadas, sua conta não paga e sua lembrança amarga. Adiante, a estrada abria novo campo para os erros do cavaleiro e a paciência do escudeiro.

Dom Quixote, recuperando aos poucos a voz de comando, afirmou que o mundo estava cheio de injustiças e que aquela sofrida experiência apenas confirmava a necessidade da cavalaria andante. Sancho não discutiu. Sabia que certas ideias do amo eram como rodas de moinho: giravam mesmo depois de bater em alguém. Preferiu guardar silêncio e calcular, com tristeza prática, quantas pancadas ainda cabiam entre ele e a prometida ilha.

Assim deixaram a venda para trás. O episódio acabava, mas não seu efeito. Dom Quixote seguia mais convencido de encantamentos; Sancho, mais conhecedor do peso das consequências. E entre os dois, como sempre, caminhava a estranha força daquela amizade: uma mistura de lealdade, engano, fome, esperança e poeira.

# Capítulo 19 - Os rebanhos e os exércitos

## Capítulo 19 - Os rebanhos e os exércitos

Depois de deixarem a venda para trás, Dom Quixote e Sancho seguiram por uma estrada larga, ainda doloridos das aventuras recentes. O cavaleiro ia recompondo a grandeza dos acontecimentos dentro da cabeça; o escudeiro ia recompondo, com menos sucesso, as partes do corpo. A cada passo do asno, Sancho lembrava a manta, a conta, o bálsamo e todas as formas pelas quais uma promessa de ilha podia cobrar juros.

O dia estava seco, e ao longe começou a erguer-se uma nuvem de poeira. De um lado da estrada vinha um rebanho grande; de outro, mais distante, vinha outro. Os animais ainda não se viam bem, mas o rumor dos sinos, dos passos e dos pastores misturava-se no ar. Para Sancho, era barulho de ovelhas. Para Dom Quixote, era o chamado de uma história inteira.

O cavaleiro parou Rocinante e levantou-se nos estribos. Seus olhos, treinados pelos livros e pelas pancadas, viram na poeira dois exércitos que se aproximavam para combate. Começou então a nomear reis, principes, gigantes, cavaleiros de fama antiga e senhores de terras impossíveis. Dava a cada nuvem seu estandarte, a cada balido uma trombeta, a cada pastor uma linhagem guerreira. A estrada, simples havia pouco, tornou-se campo de batalha.

Sancho apertou os olhos. Viu lã, chifres, patas e pastores. Não viu reis. Disse ao amo, com a cautela de quem fala com tempestade, que aquilo eram rebanhos, não exércitos. Dom Quixote respondeu que o medo diminuía as coisas aos olhos dos homens baixos. O que Sancho tomava

por ovelhas eram tropas encantadas, talvez disfarçadas por algum mago inimigo para roubar ao cavaleiro a glória do combate.

Sancho insistiu. Falou dos balidos, da poeira rasteira, dos cães correndo nas laterais. Dom Quixote, porém, já separava aliados e adversarios. Escolheu defender um dos exércitos imaginados contra o outro, como convinha a quem nunca deixava a justiça sem partido. Baixou a lança, ajeitou-se em Rocinante e anunciou que entraria na batalha para dar vitória aos que tinham direito.

Antes que Sancho pudesse agarrar-lhe a rédea, Dom Quixote lançou-se contra o rebanho. Entrou entre as ovelhas com brados heroicos, golpeando o ar, empurrando animais, espalhando pânico. As ovelhas correram para todos os lados; os cães ladraram; os pastores, vendo o homem armado atacar seu sustento, gritaram primeiro e depois tomaram pedras.

A primeira pedra passou perto. A segunda acertou com precisão menos literária que mineral. Outras vieram em seguida, duras, rápidas, justas na mira. Dom Quixote ainda tentou chamar os inimigos pelo nome de capitães inventados, mas uma pedrada no corpo e outra no rosto interromperam a enumeração. Rocinante cambaleou. O cavaleiro caiu entre poeira, lã e derrota.

Sancho correu até ele, dividido entre o susto e a antiga vontade de dizer que avisara. Achou o amo no chão, ensanguentado, com dentes a menos e explicações a mais. Os pastores, satisfeitos por expulsar o agressor de suas ovelhas, recolheram o rebanho e seguiram adiante, ainda resmungando contra loucos armados que confundiam criação com guerra.

Dom Quixote, quando recuperou a fala, afirmou que o sábio inimigo voltara a transformar exércitos em rebanhos no exato momento em que Sancho olhava. A derrota, portanto, confirmava o encantamento

em vez de desmentir a aventura. Sancho respirou fundo. Disse que, se os encantadores transformavam exércitos em ovelhas, tinham também o mau costume de deixar as pedras bem verdadeiras.

O cavaleiro pediu a Sancho que examinasse seus dentes. O escudeiro obedeceu com cuidado e encontrou a boca do amo tão maltratada quanto o resto da jornada. Dom Quixote suportou a notícia com uma mistura de nobreza e gemido. Disse que todo cavaleiro devia perder sangue, dentes e conforto em nome da fama. Sancho respondeu que, se a fama aceitasse dentes alheios, talvez fosse melhor enviar-lhe os dos encantadores.

Sentaram-se à beira do caminho. Dom Quixote bebeu o que restava para aliviar a boca; Sancho, mais prudente depois do bálsamo, evitou qualquer liquido de origem duvidosa. A poeira baixava devagar, revelando a estrada comum que sempre estivera ali. Mas para Dom Quixote a estrada comum era apenas uma cortina. Atrás dela, insistia ele, o mundo verdadeiro ainda era feito de batalhas, gigantes e inimigos secretos.

Sancho olhou para o horizonte, onde os rebanhos já se afastavam como manchas claras. Pensou que talvez a maior magia do amo fosse essa: apanhar do mundo e ainda sair convencido de que o mundo é que tinha sido disfarçado. E, apesar de tudo, ajudou-o a levantar. Porque entre ver o absurdo e abandonar o companheiro havia uma distância que Sancho, mesmo cansado, ainda não se permitia vencer.

# Capítulo 20 - O corpo morto na estrada

## Capítulo 20 - O corpo morto na estrada

A noite caiu sobre Dom Quixote e Sancho quando ambos ainda traziam no corpo as marcas dos rebanhos, das pedras e de tudo que a estrada lhes cobrara. O escudeiro seguia calado, coisa rara e portanto grave. O cavaleiro, com a boca ferida e a dignidade recompondo-se aos pedaços, sustentava que os exércitos haviam sido transformados em ovelhas por arte de encantadores. Sancho preferiu não discutir. A escuridão, ao menos, parecia menos inclinada a atirar pedras.

Seguiam por caminho pouco povoado quando viram, ao longe, pontos de luz movendo-se devagar. Eram tochas. Vinham acompanhadas de vozes baixas e de um rumor pesado, como se a noite carregasse consigo uma tristeza organizada. Sancho sentiu o medo subir-lhe pelas costas. Depois de tantos enganos, desconfiava de qualquer claridade que aparecesse fora de hora.

Dom Quixote, porém, endireitou-se em Rocinante. Aquilo, para ele, só podia ser nova aventura. Luzes na noite, homens cobertos, marcha silenciosa: tudo tinha o sabor dos livros. Talvez fossem malfeitores levando prisioneiro algum cavaleiro vencido; talvez encantadores transportassem corpo de herói injustamente morto; talvez a justiça pedisse, mais uma vez, a intervenção de sua lança.

Sancho pediu prudência. Disse que luzes de noite podiam ser procissão, enterro ou gente de igreja, e que seria bom deixar passar quem levava seus mortos. Dom Quixote ouviu a palavra morto e nela encontrou mais razão para agir. Se levavam um corpo sem explicar a quem, por que e para onde, cabia a um cavaleiro andante exigir contas.

A morte, quando acompanhada de mistério, parecia-lhe assunto de armas.

Quando a comitiva se aproximou, distinguiram homens vestidos de luto, alguns clérigos e criados que conduziam uma liteira coberta. Vinham levando um corpo para sepultura em outra cidade. A pressa e o cansaço davam à procissão um ar sombrio. As tochas tremiam no vento, alongando sombras sobre a estrada. A cena era triste; Dom Quixote a fez perigosa.

Postou-se no meio do caminho e ordenou que parassem. Quis saber quem eram, que corpo levavam, quem o matara e se havia ali injustiça a vingar. Os homens, surpreendidos por aquele cavaleiro magro, armado e ferido, tentaram responder com cautela. Explicaram que eram religiosos e acompanhantes de um defunto, nada mais. Mas Dom Quixote, inflamado pela suspeita, entendeu hesitação como culpa.

Um dos que guiavam a procissão, irritado com a demora, mandou que saisse da frente. A ordem bastou para acender o cavaleiro. Dom Quixote arremeteu. A confusão espalhou-se pela estrada: tochas caíram, sombras correram, clérigos gritaram, criados largaram a liteira e cada um fugiu para onde a noite parecia menos ocupada por lanças. O cavaleiro derrubou um dos homens ao chão e tomou a fuga dos outros por confissão de maldade.

Sancho, que assistia àquilo com o coração apertado, aproximou-se do caido e tentou entender se ainda respirava. O homem gemia, assustado e machucado, mas vivo. Explicou entre queixas que levavam o corpo de um fidalgo morto naturalmente, e que ninguém ali era ladrão, encantador ou assassino. Sancho ouviu tudo com alivio e desespero ao mesmo tempo: alivio porque não havia crime; desespero porque, sem crime, sobrava apenas o erro.

Dom Quixote, chamado à realidade pelas palavras do ferido, não admitiu inteiramente a falha. Disse que, se aquela gente parecia suspeita, a culpa era deles por andar à noite de modo tão sinistro. Ainda assim, vendo que o homem não era inimigo, falou com certa cortesia e permitiu que a procissão recolhesse o corpo e seguisse. Os clérigos, de longe, preferiram não discutir teologia nem justiça com quem confundia enterro com sequestro.

Sancho ajudou como pôde, oferecendo palavras melhores que as circunstâncias. Depois voltou ao amo e comentou que, se continuassem assim, logo não haveria estrada na Espanha onde alguém carregasse coisa alguma sem ser interrogado por eles. Dom Quixote respondeu que esse era precisamente o serviço da cavalaria: fazer perguntas onde os covardes apenas passam.

A procissão desapareceu aos poucos, levando suas tochas trêmulas e seu morto verdadeiro. Ficaram na estrada o cavaleiro, o escudeiro e a sensação de que a noite tinha sido ferida sem necessidade. Sancho olhou para o amo, coberto de poeira e convicção, e percebeu que as aventuras não nasciam apenas do mundo; nasciam, sobretudo, do modo como Dom Quixote insistia em vê-lo.

Seguiram adiante, procurando lugar onde passar o resto da noite. Dom Quixote julgava ter desfeito um mistério; Sancho julgava ter sobrevivido a outro engano. Entre uma interpretação e outra, a estrada continuava escura, larga e paciente, como se soubesse que ainda teria muito trabalho com aqueles dois.

# Capítulo 21 - O Cavaleiro da Triste Figura

## Capítulo 21 - O Cavaleiro da Triste Figura

Depois da procissão fúnebre, Dom Quixote e Sancho seguiram pela noite com menos luz do que cansaço. O cavaleiro estava ferido, sem alguns dentes, coberto de poeira e ainda convencido de que havia enfrentado uma grave injustiça. Sancho, que vira clérigos assustados, um homem derrubado e nenhum crime verdadeiro, guardava uma prudência amarga. Tinha aprendido que a escuridão não precisava esconder monstros; bastava esconder pessoas comuns para que o amo as transformasse em aventura.

Procuraram lugar onde passar o resto da noite. Não havia venda, choça nem abrigo. A estrada parecia estender-se sem promessa, e a fome começava a falar mais alto que a glória. Sancho olhou para Dom Quixote à luz fraca que ainda restava e reparou no estado do amo: rosto comprido, mandíbula dolorida, olhos fundos, corpo vencido por pancadas e, ainda assim, uma solenidade que sobrevivia ao ridículo.

Foi então que, meio por compaixão, meio por graça, Sancho disse que seu senhor bem poderia chamar-se dali em diante o Cavaleiro da Triste Figura. O nome saiu simples, mas acertou como coisa destinada. Dom Quixote recebeu-o com atenção. Nos livros que amava, cavaleiros costumavam ganhar nomes por façanhas, sinais ou mistérios. Se a figura que agora apresentava era triste, isso não diminuía sua grandeza; ao contrário, podia torná-la mais memorável.

Sancho explicou que não falava de mistério nenhum. Falava do rosto do amo, que depois de pedradas, fome, cansaço e dentes perdidos parecia o retrato da própria tristeza montada em cavalo magro. Dom

Quixote ouviu a descrição e a transformou em brasão. Disse que aceitaria o título, pois talvez algum sábio já o houvesse preparado para ele. A tristeza, vista pela cavalaria, podia ser nobre quando nascia do sofrimento por justiça.

Sancho não insistiu. Sabia que uma piada, dentro da cabeça do amo, podia virar cerimônia. Ainda assim, sentiu algum orgulho secreto por ter batizado o cavaleiro. Se um dia a ilha chegasse, talvez pudesse dizer que também dera nome a uma fama. Por enquanto, porém, só tinha sono, medo e o corpo inteiro pedindo chão macio.

A noite avançou. Andavam procurando água quando ouviram, ao longe, um ruído pesado e repetido. Era um bater fundo, compassado, que parecia vir de dentro da terra. Entre uma batida e outra, havia o som de água correndo. A escuridão aumentava tudo: o rumor, a distância, a imaginação. Sancho parou primeiro. Dom Quixote parou em seguida, mas não por medo; por expectativa.

O cavaleiro disse que aquela era uma das maiores aventuras que o destino lhe oferecera. Um som tão medonho, em hora tão fechada, não podia vir de coisa pequena. Talvez gigantes trabalhassem máquinas infernais. Talvez algum castelo encantado escondesse prisioneiros. Talvez uma força desconhecida pedisse socorro em linguagem de golpes. Sua voz ganhou firmeza, como sempre acontecia quando o perigo ainda era vago.

Sancho, que preferia perigos com nome e tamanho conhecidos, pediu que esperassem o dia. Argumentou que até os valentes enxergam melhor de manhã, e que não havia vergonha em deixar monstros noturnos descansarem até o sol nascer. Dom Quixote recusou. Disse que cavaleiro andante não escolhe hora para socorrer o mundo. Se a aventura chamava de noite, de noite seria respondida.

O ruído voltou, mais forte, ou assim pareceu a Sancho. O escudeiro sentiu o coração bater no mesmo compasso daquilo. Tentou lembrar ao amo todos os acontecimentos recentes: a venda, a manta, os rebanhos, as pedras, a procissão. Talvez, sugeriu, fosse prudente admitir que o mundo ultimamente não vinha confirmando as interpretações cavaleirescas. Dom Quixote respondeu que justamente por isso era preciso perseverar. As grandes histórias provam o herói quando tudo parece negar-lhe razão.

Sancho desceu do asno com um plano humilde e desesperado. Se não podia convencer o amo, talvez pudesse atrasá-lo. Aproximou-se de Rocinante e, fingindo arrumar-lhe os arreios, prendeu discretamente as patas do cavalo para que não pudesse avançar com facilidade. Era uma estratégia pouco gloriosa, mas Sancho já não tinha compromisso com a glória. Tinha compromisso com chegar vivo ao amanhecer.

Dom Quixote, sem perceber a manobra, preparou-se para enfrentar o desconhecido. Falou a Sancho com gravidade, recomendando-lhe que, se morresse naquela empresa, levasse notícias de sua coragem a Dulcineia del Toboso. Sancho respondeu com voz apertada que preferia levar o próprio amo vivo a qualquer parte, inclusive a Toboso, se isso evitasse aquele barulho.

Assim ficaram: o Cavaleiro da Triste Figura diante da noite, pronto para transformar ruído em destino; e Sancho, fiel e assustado, segurando a aventura com um nó nas patas de Rocinante. Ao longe, os golpes continuavam. A água corria. A escuridão guardava seu segredo até o amanhecer.

# Capítulo 22 - Os pisoeiros

## Capítulo 22 - Os pisoeiros

A noite demorou a passar. Dom Quixote, preso sem saber pelo cuidado medroso de Sancho, esperava que Rocinante obedecesse ao primeiro sinal para avançar contra a fonte do estrondo. Sancho, por sua vez, rezava para que o sol nascesse antes da coragem do amo. O ruído continuava: golpes fundos, água correndo, madeira rangendo, tudo repetido com uma regularidade que, na escuridão, parecia obra de gigantes pacientes.

O cavaleiro falou longamente sobre fama, morte e dever. Disse que, se aquela fosse sua última aventura, Sancho deveria lembrar-se de sua valentia e levar a Dulcineia notícia de que ele caíra sem recuar. Sancho respondeu com palavras respeitosas, mas por dentro só pensava que preferia levar a Dulcineia um homem inteiro e vivo, mesmo sem grande notícia para contar. Heroísmo, naquela hora, parecia-lhe uma espécie de febre.

Quando enfim o dia começou a clarear, a paisagem perdeu parte do encanto e quase todo o terror. As sombras recuaram. A água apareceu entre árvores e pedras. O som, antes monstruoso, ganhou forma. Não havia gigantes, nem castelo subterrâneo, nem máquina infernal. Havia pisoeiros, engenhos movidos por água, batendo panos com martelos de madeira. Aquilo que a noite transformara em ameaça era trabalho comum, repetido e barulhento.

Sancho primeiro abriu a boca, depois os olhos, depois uma risada que tentou conter e não conseguiu. Todo o medo da noite escapou dele em gargalhadas. Lembrou-se dos discursos do amo, das despedidas solenes, das recomendações a Dulcineia, do perigo imaginado, e riu com tanta força que quase perdeu o fôlego. Ria dos pisoeiros, mas

também ria de si mesmo por ter tremido diante deles.

Dom Quixote ficou imóvel. Seu rosto, já triste por título, tornou-se severo por necessidade. Viu os engenhos, ouviu o riso de Sancho e entendeu que a aventura, mais uma vez, mudara de grandeza ao tocar a manhã. O que de noite era abismo agora era oficina. O que parecia chamado da glória era apenas madeira batendo pano.

Sancho, tomado pela graça, começou a imitar as palavras graves que o amo dissera na escuridão. Falava de morte, fama e Dulcineia com voz tremida de teatro, repetindo os gestos do cavaleiro. A imitação era boa demais para ser prudente. Dom Quixote enrubesceu, primeiro de vergonha, depois de ira. Um escudeiro podia temer, podia errar, podia reclamar; mas zombar do senhor era passar por linha perigosa.

O cavaleiro levantou a lança e deu em Sancho alguns golpes, mais de correção que de destruição, embora Sancho os sentisse com bastante realidade. Disse que havia diferença entre rir de uma circunstância e perder o respeito por quem o sustentava na esperança de governar uma ilha. Sancho parou de rir depressa. Pediu desculpa, alegando que a alegria saíra dele sem pedir licença, como acontece com água represada quando encontra passagem.

Dom Quixote explicou que o valor de uma aventura não dependia de sua aparência final. Se os encantadores podiam transformar exércitos em rebanhos, também podiam transformar perigos verdadeiros em pisoeiros para envergonhar cavaleiros. Sancho aceitou a explicação com a boca, porque as costas ainda lembravam os golpes. Por dentro, guardou a certeza de que nem todo barulho precisa de encantador; às vezes basta um moinho de pisão e bastante noite.

Soltaram Rocinante, que enfim pôde mover as patas. Dom Quixote percebeu tarde a manobra de Sancho, mas preferiu não abrir nova discussão. Havia estrada adiante, e a dignidade precisava ser

recomposta em movimento. Sancho subiu no asno com cuidado, ainda sorrindo por dentro, mas com o rosto treinado numa seriedade humilde.

Antes de partirem, olharam uma última vez para os pisoeiros. À luz do dia, eram quase ridículos: madeira, água e trabalho. Ainda assim, tinham vencido a noite inteira de dois viajantes. Dom Quixote viu neles uma cilada de feiticeiros. Sancho viu uma lição simples: o medo, quando não enxerga, trabalha melhor que qualquer máquina.

Seguiram pela estrada. O Cavaleiro da Triste Figura procurava nova ocasião para provar que sua coragem não fora diminuída por engenhos de pano. Sancho, mais silencioso, prometeu a si mesmo rir menos diante do amo e observar mais diante do mundo. Mas sabia que a promessa seria difícil. Com Dom Quixote, até o comum vinha fantasiado, e às vezes a fantasia era tão grande que só uma gargalhada conseguia romper-lhe a força.

A manhã avançava limpa. Atrás ficavam os golpes dos pisoeiros. Adiante, outra coisa brilharia ao sol e seria logo chamada por nome maior do que possuía. A estrada, fiel ao seu ofício, já preparava o próximo engano.

# Capítulo 23 - O elmo de Mambrino

## Capítulo 23 - O elmo de Mambrino

Depois dos pisoeiros, Dom Quixote seguia com a dignidade de quem precisava reencontrar depressa uma aventura verdadeira. Sancho, ainda lembrando o riso que lhe custara pancadas, mantinha uma prudência trabalhada: olhava o mundo com atenção e segurava a língua sempre que podia. A manhã vinha úmida, com nuvens baixas, e a estrada brilhava em alguns pontos como se tivesse sido lavada pela noite.

Ao longe apareceu um homem montado em asno, vindo pela mesma estrada. Trazia algo reluzente sobre a cabeça, objeto que piscava ao sol entre as gotas da chuva. Era um barbeiro de aldeia, que, para proteger-se da água, pusera sobre a cabeça a bacia de latão usada em seu ofício. A bacia, polida e molhada, refletia a luz como se carregasse dentro dela um pequeno incêndio amarelo.

Dom Quixote parou Rocinante. Seus olhos se acenderam. Disse a Sancho que enfim a fortuna se mostrava generosa: ali vinha o famoso elmo de Mambrino, peça encantada, de valor incomparável, desejada por cavaleiros antigos. Aquele brilho não podia pertencer a coisa vulgar. Era sinal de destino.

Sancho apertou a vista. Viu um homem simples, um asno simples e uma bacia muito simples, embora reluzente. Teve vontade de dizer isso com todas as letras, mas lembrou-se dos pisoeiros e escolheu palavras menos perigosas. Comentou que talvez o tal elmo estivesse meio parecido com bacia de barbeiro. Dom Quixote respondeu que a ignorância costuma diminuir as maravilhas, e que encantadores podiam disfarçar objetos grandes sob formas humildes.

O barbeiro vinha tranquilo, mais preocupado com a chuva do que com a glória. Quando viu aquele cavaleiro magro avançar de lança em riste, perdeu toda curiosidade sobre o motivo. Dom Quixote gritou que largasse o elmo conquistado por meios indignos, ou se preparasse para combate. O barbeiro entendeu apenas a lança, a pressa e a ameaça. Saltou do asno e correu pelo campo, deixando para trás a bacia e o animal.

Dom Quixote não precisou lutar. Tomou a fuga como confissão e recolheu a peça com solenidade. Virou a bacia nas mãos, examinou o brilho, lamentou que faltasse parte do encaixe próprio de um elmo, e logo explicou a falha: algum possuidor anterior a teria cortado ou deformado por ignorância. Ainda assim, a essência encantada permanecia. Pôs a bacia na cabeça da melhor maneira possível.

Sancho olhou a cena e sentiu a realidade balançar, como sempre acontecia perto do amo. A bacia ficava torta, ridícula e resplandecente. Parecia proteger mais a imaginação de Dom Quixote do que seu crânio. O escudeiro, porém, aprendeu a negociar com o delírio. Disse que, se era elmo, era elmo estranho; se era bacia, era bacia de grande proveito. Em todo caso, o objeto era deles.

Havia ainda o asno do barbeiro, melhor equipado que o pobre animal de Sancho em alguns pontos. O escudeiro, lembrando perdas, pancadas e injustiças da estrada, pediu licença para trocar alguns arreios e aproveitar o que fora abandonado. Dom Quixote permitiu, julgando que os despojos de uma vitória justa podiam servir a seu companheiro. Sancho aceitou a autorização com alegria prática: há momentos em que a cavalaria, mesmo confusa, produz bons resultados.

Enquanto Sancho examinava os arreios, Dom Quixote discursava sobre Mambrino, encantamentos e a honra de recuperar peças famosas. Dizia que aquele elmo, restaurado, completaria sua figura de

cavaleiro e aumentaria o terror de seus inimigos. Sancho pensou que, se os inimigos fossem barbeiros, talvez funcionasse muito bem. Guardou o comentário para si.

O barbeiro, de longe, observava escondido e indignado. Não tinha coragem de voltar para enfrentar o cavaleiro, mas também não tinha como aceitar em paz que sua bacia e parte de seus apetrechos fossem transformados em tesouro de romance. Para ele, não havia elmo, encantamento nem honra: havia roubo com vocabulário elegante.

Dom Quixote e Sancho retomaram a estrada. O cavaleiro seguia satisfeito, a bacia brilhando torta sobre a cabeça, como se o próprio sol confirmasse sua fantasia. Sancho vinha atrás, dividido entre o riso e a vantagem dos arreios novos. A cada passo, olhava o elmo-bacia e pensava que talvez o mundo do amo fosse perigoso, mas de vez em quando deixava sobras aproveitáveis.

Assim a aventura terminou sem sangue, mas não sem consequência. Dom Quixote ganhara o elmo de Mambrino; Sancho ganhara algum conforto; o barbeiro perdera a bacia; e a estrada ganhara mais uma prova de que, nas mãos daquele cavaleiro, qualquer objeto comum podia ser promovido a destino.

# Capítulo 24 - Os galeotes

## Capítulo 24 - Os galeotes

Dom Quixote seguia satisfeito com o elmo de Mambrino, que para Sancho continuava tendo forma insistente de bacia. A estrada, porém, não deixou que discutissem por muito tempo. Ao longe apareceu um grupo de homens a pe, acorrentados uns aos outros, escoltados por guardas armados. O som dos ferros vinha antes deles, seco e triste, marcando o passo de quem caminha sem escolher o destino.

Sancho reconheceu logo o perigo. Disse ao amo que eram galeotes, condenados enviados às galés do rei por crimes julgados. A palavra rei deveria bastar para afastar qualquer interferência. Mas em Dom Quixote produziu efeito contrário. Se homens eram levados contra a vontade, acorrentados, cabia perguntar se a força era justa. E se a justiça não lhe parecesse clara, cabia a um cavaleiro andante corrigi-la.

Sancho tentou explicar que havia juizes, sentenças e autoridades. Dom Quixote respondeu que a cavalaria existia justamente para socorrer os oprimidos quando as autoridades falhavam. Não aceitava que uma pessoa fosse conduzida contra seu querer sem ao menos ser ouvida. Aproximou-se, portanto, com gravidade, e pediu aos guardas licença para falar com os presos.

Os guardas, vendo aquele cavaleiro magro com uma bacia na cabeça e um escudeiro aflito ao lado, trocaram olhares. Talvez por espanto, talvez por diversão, permitiram que perguntasse. Dom Quixote foi então de homem em homem, perguntando a causa de suas correntes. Cada galeote contou sua história, ora com ironia, ora com mentira, ora com aquela habilidade dos culpados que sabem transformar delito em desventura.

Um dizia que fora condenado por amor excessivo ao dinheiro alheio; outro, por cantar sob tormento verdades que preferia ter esquecido; outro ainda, por servir de intermediário em negócios escuros. Cada resposta, em vez de esclarecer, tornava aos olhos de Dom Quixote a pena mais duvidosa. Para ele, eram homens fracos, mal guiados, castigados por uma sociedade dura demais. Para Sancho, eram criminosos falando bonito.

Entre eles destacou-se Gines de Pasamonte, sujeito vivo de olhos agudos e língua pronta. Tinha fama ruim, orgulho grande e uma confiança insolente na própria esperteza. Disse que escrevia a história da própria vida e que nenhum livro de pícaro seria mais verdadeiro que o seu. Mesmo acorrentado, falava como quem já planejava a próxima fuga. Dom Quixote ouviu nele não perigo, mas espírito.

Quando terminou o interrogatório, o cavaleiro voltou-se aos guardas e pediu que soltassem os homens. Alegou que Deus fizera todos livres e que não cabia a outros homens arrastar seus semelhantes contra a vontade. Os guardas responderam que cumpriam ordem do rei e que soltar condenados seria crime. Dom Quixote, inflamado, disse que onde a ordem contradizia a misericórdia, a cavalaria deveria escolher a misericórdia.

Sancho sentiu o chão fugir antes mesmo da luta começar. Suplicou ao amo que não se metesse contra oficiais armados. Mas Dom Quixote já avançava. A discussão virou choque. O cavaleiro atacou um guarda, os presos se agitaram, as correntes bateram, e logo a estrada se encheu de gritos. Alguns galeotes, percebendo a chance, ajudaram como puderam: puxaram ferros, empurraram guardas, agarraram armas caídas.

A confusão favoreceu os acorrentados. Os guardas, surpreendidos por inimigo tão absurdo e por presos tão interessados na própria liberdade, recuaram. Um caiu, outro fugiu, outro largou parte do

equipamento. Os galeotes romperam a ordem da escolta e, com esforço, foram se livrando das correntes. Gines de Pasamonte mostrou especial rapidez em transformar gratidão futura em liberdade presente.

Dom Quixote, vendo-os soltos, ergueu a voz como vencedor justo. Ordenou que todos se apresentassem diante de Dulcineia del Toboso para contar-lhe a façanha de seu libertador. Era, segundo ele, tributo pequeno para benefício tão grande. Os galeotes se entreolharam. Tinham acabado de escapar da justiça; a última coisa que desejavam era marchar em comitiva para prestar homenagem a uma dama desconhecida.

Gines respondeu com cautela insolente. Disse que caminhos de fugitivo não combinavam com visitas formais, e que levar correntes quebradas até Toboso seria quase pedir nova prisão. Dom Quixote entendeu a recusa como ingratidão. Sua voz endureceu. A liberdade que acabara de conceder exigia reconhecimento, e ele não admitiria que homens salvos por sua lança desprezassem Dulcineia.

Sancho, ao lado, percebeu que a aventura mudava de forma. A aventura saíra da libertação dos galeotes e chegara à sobrevivência diante deles. Os homens livres, sem a menor vontade de trocar galés por devoção cavaleiresca, começaram a juntar pedras e paus. A gratidão, naquela estrada, durou menos que o brilho da bacia de Mambrino.

Dom Quixote ainda acreditava estar diante de homens redimidos, prontos a reconhecer a grandeza do ato. Sancho via melhor: eram presos soltos, guardas longe, poeira no ar e uma ingratidão ganhando peso nas mãos. A libertação estava feita. A consequência vinha logo atrás.

# Capítulo 25 - A ingratidão dos libertos

## Capítulo 25 - A ingratidão dos libertos

Os galeotes estavam livres, mas a liberdade que receberam de Dom Quixote não tinha a forma que ele imaginava. Para o cavaleiro, cada corrente quebrada era dívida de honra com Dulcineia del Toboso. Para os libertos, cada elo solto era apenas chance de desaparecer antes que a justiça voltasse com reforços. Entre essas duas ideias, a gratidão durou pouco.

Dom Quixote ordenou que todos seguissem imediatamente para Toboso, onde deveriam apresentar-se diante de Dulcineia e contar, um a um, como haviam sido libertados pelo Cavaleiro da Triste Figura. Os homens escutaram com impaciência. Alguns ainda esfregavam os pulsos marcados. Outros olhavam para os montes próximos. Gines de Pasamonte, mais atento que todos, media a distância entre a ordem absurda e a primeira vereda de fuga.

Gines respondeu que era impossível cumprir tal mandato. Disse que homens recém-libertos das galés não podiam caminhar em grupo por estradas públicas, muito menos procurar uma dama desconhecida para fazer relato de suas culpas. Seria o mesmo que entregar-se de novo. A fala tinha lógica, mas vinha temperada de insolência. Dom Quixote ouviu nela menos prudência que desrespeito.

O cavaleiro endureceu. Lembrou aos galeotes que a liberdade não os dispensava da cortesia. Tinham obrigação de reconhecer o favor recebido. Se não podiam ir todos juntos, que fossem separados; se temiam guardas, que fossem escondidos; mas que fossem. Dulcineia deveria saber que seu cavaleiro aumentara a justiça do mundo.

Sancho puxou discretamente a manga do amo. Pediu que deixasse os homens partir. Aqueles rostos, dizia, não prometiam devoção; prometiam problema. Dom Quixote não cedeu. Acreditava que uma boa ação cria nobreza em quem a recebe. Sancho, mais vivido em pancadas recentes, suspeitava que uma boa ação às vezes apenas solta gente perigosa.

Os galeotes começaram a rir. Primeiro baixo, depois com mais atrevimento. Um deles pegou uma pedra. Outro imitou. Gines deu o tom: se o cavaleiro queria resposta para Dulcineia, que levasse ele mesmo a mensagem das pedras. Antes que Dom Quixote pudesse investir, a primeira voou. Acertou perto. A segunda veio melhor. Logo uma chuva de pedras caiu sobre cavaleiro, escudeiro, Rocinante e asno.

Dom Quixote tentou erguer a lança, mas estava cercado por homens que já não tinham correntes, nem gratidão, nem vontade de ouvir discursos. Sancho se abaixou como pôde, protegendo a cabeça e amaldiçoando, em silêncio, a misericórdia mal aplicada. Rocinante recuou. O asno deu passos confusos. O elmo de Mambrino, ou bacia, ressoou com uma pancada que a fez parecer menos encantada e mais metálica.

Os libertos não se contentaram com as pedras. Tomaram o que puderam: peças de roupa, pequenos pertences, restos de provisão. Gines de Pasamonte, especialmente ligeiro, sumiu entre o pó e os arbustos com a habilidade de quem nascera para escapar. Em pouco tempo, o grupo desapareceu em direções diversas, deixando para trás a estrada revolvida, os guardas derrotados ao longe e os libertadores mais pobres do que antes.

Dom Quixote ficou no chão, atônito. Custava-lhe aceitar que homens libertados por ele pudessem responder daquele modo. Procurou explicação entre encantadores, ingratidão universal e rudeza de gente

baixa. Sancho não precisava de explicação. Para ele, o caso era claro: tinham soltado criminosos e recebido pagamento próprio de criminosos.

Ainda assim, o escudeiro ajudou o amo a levantar. Recolheu o que restava, ajeitou os animais e olhou a estrada com medo de que os guardas voltassem. Esse pensamento, por fim, entrou também na cabeça de Dom Quixote. Libertar condenados do rei não era aventura que se explicasse facilmente a oficiais armados. Se permanecessem ali, poderiam trocar pedras por prisão.

Sancho sugeriu que se escondessem. Dom Quixote, depois de breve resistência, aceitou que a prudência podia servir à cavalaria quando a injustiça do mundo ainda não estava pronta para entender seus feitos. Serra Morena, com seus caminhos ásperos e esconderijos naturais, apareceu como destino conveniente. Ali poderiam escapar da perseguição e talvez encontrar novas ocasiões de glória.

Partiram feridos e apressados. A estrada aberta ficou para trás; os montes começaram a aproximar-se. Dom Quixote levava a convicção machucada, mas viva. Sancho levava a certeza de que toda aventura tinha conta, e que quase sempre ela vinha parar em suas costas. No alto, Serra Morena esperava, cheia de solidão, desvarios e histórias partidas.

Assim terminou a liberdade dos galeotes para quem a concedera. Para os libertos, fora fuga. Para Dom Quixote, serviço mal compreendido. Para Sancho, lição dura: nem todo acorrentado é inocente, e nem toda corrente quebrada abre caminho para gratidão.

# Capítulo 26 - Na Serra Morena

## Capítulo 26 - Na Serra Morena

Serra Morena recebeu Dom Quixote e Sancho com aspereza. Depois das pedradas dos galeotes, a serra parecia menos paisagem que refúgio necessário. Havia caminhos torcidos, pedras soltas, arbustos duros e uma solidão capaz de engolir vozes. Sancho olhava para trás a cada ruído, temendo que guardas, galeotes ou qualquer outra consequência viesse cobrar a aventura anterior.

Dom Quixote, embora ferido, via na serra um lugar próprio para cavaleiros perseguidos por injustiças e encantadores. Dizia que muitos heróis antigos haviam escolhido montanhas para provar constância, sofrer por suas damas e preparar feitos maiores. Sancho, mais modesto, achava que montanhas serviam para esconder gente que fizera coisa perigosa demais perto da estrada real.

Subiram por veredas cada vez mais estreitas. Rocinante tropeçava com nobreza cansada; o asno, mais sensato, escolhia os passos com cuidado. A fome voltava a rondar. O silêncio era cortado apenas por pássaros, vento e pelo murmúrio distante de água entre pedras. Aos poucos, a serra apagou a estrada atrás deles.

Foi Sancho quem primeiro viu algo estranho junto a umas rochas: uma mala velha, rasgada, meio escondida entre mato e pedra. Perto dela havia roupas abandonadas, algum dinheiro espalhado, folhas soltas e sinais de que alguém estivera ali em grande desordem. O achado acendeu em Sancho uma alegria prática. Se o mundo lhes tirava provisões e couro, talvez agora devolvesse alguma coisa esquecida por outro infeliz.

Dom Quixote mandou que examinassem tudo com respeito, pois objetos perdidos em solidão costumam trazer histórias. Entre os papéis havia versos, cartas e lamentos escritos por mão agitada. Falavam de amor traído, amizade quebrada, honra ferida e uma mulher chamada Lucinda. As palavras não vinham inteiras como confissão tranquila; pareciam pedaços de alma arrancados às pressas.

Sancho entendeu pouco dos versos, mas reconheceu sofrimento quando ele se repetia demais. Dom Quixote, por sua vez, ficou profundamente atento. Amor infeliz, serra deserta, papéis abandonados: tudo anunciava aventura de alto valor sentimental. Talvez ali houvesse algum cavaleiro, pastor ou nobre enlouquecido por amor, como nos livros que tanto o guiavam.

Seguindo sinais pelo terreno, encontraram pegadas confusas, marcas de pés descalços e restos de comida mal tocada. Mais adiante, um pastor da região apareceu com cautela. Vendo que não eram ladrões comuns, contou que havia por ali um homem estranho, ora manso, ora furioso, vestido em farrapos, capaz de falar com grande cortesia e logo depois desaparecer entre as pedras como animal assustado.

O pastor disse que esse homem às vezes surgia pedindo comida, outras vezes atacava quem tentava ajudá-lo. Tinha modos de pessoa bem-nascida, mas a mente partida por alguma dor. Chamavam-no, quando conseguiam nomeá-lo, de Cardenio. Ninguém sabia toda a história. Sabiam apenas que falava de Lucinda, de um amigo traidor e de uma desgraça que o empurrara para a serra.

Dom Quixote se iluminou com interesse. A loucura de outro homem parecia-lhe espelho e convite. Se Cardenio enlouquecera por amor, talvez merecesse socorro de cavaleiro. Se fora traído, talvez houvesse injustiça a reparar. Sancho, ouvindo falar de homem que atacava benfeitores, lembrou-se dos galeotes e preferiu manter distância prudente de todos os ingratos, apaixonados ou não.

Continuaram subindo até encontrar, de longe, uma figura entre rochas. Era um homem magro, de barba crescida, roupas rasgadas e postura inquieta. Parava, andava, voltava, como se conversasse com lembranças invisíveis. Por um instante pareceu nobre; no instante seguinte, selvagem. A serra inteira parecia caber naquele corpo dividido.

Dom Quixote quis aproximar-se de imediato. Sancho segurou-o com cuidado, lembrando que até tristezas elegantes podem ter mãos fortes. O pastor aconselhou prudência. Cardenio podia falar com doçura, mas bastava uma palavra errada para que se transformasse. O nome de Lucinda, especialmente, parecia abrir nele ferida viva.

Ficaram observando. Cardenio levou as mãos à cabeça, murmurou algo que o vento quebrou, depois desapareceu por trás de um rochedo. Restaram os papéis, os versos e a sensação de que Serra Morena escondia uma história mais funda que todas as pancadas da estrada.

Dom Quixote decidiu que não sairiam dali sem entender aquela desventura. Sancho suspirou. Tinham fugido de guardas e galeotes para encontrar um louco amoroso entre montanhas. A estrada mudava de cenário, mas não de costume: sempre havia alguém perdido, e seu amo sempre acreditava ter sido chamado para resolver a perda.

# Capítulo 27 - O relato de Cardenio

## Capítulo 27 - O relato de Cardenio

Dom Quixote não quis deixar Serra Morena sem falar com o homem dos papéis. A figura que desaparecera entre as pedras parecia-lhe chamada clara da fortuna: um amante ferido, um nobre enlouquecido, uma história quebrada à espera de cavaleiro que a recolhesse. Sancho preferia recolher comida, sono e distância, mas já sabia que esses bens raramente venciam a curiosidade do amo.

Com ajuda do pastor, encontraram Cardenio numa clareira cercada de rochas. Estava sentado no chão, magro, coberto de trapos, os cabelos em desordem. Tinha os olhos fundos de quem olha sempre para uma cena que os outros não veem. Ao perceber gente próxima, levantou-se com rapidez selvagem; depois, ao ouvir palavras mansas, conteve-se. Havia nele duas pessoas disputando o mesmo corpo.

Dom Quixote aproximou-se com cortesia. Disse que desejava ajudá-lo, se havia ofensa a vingar ou dor a compreender. Cardenio respondeu com fala educada, quase nobre, pedindo que não o julgassem por suas roupas nem pelo lugar onde vivia. Fora homem de casa honrada, disse, e se agora parecia fera era porque a fortuna o tratara como presa.

Sentaram-se. Sancho ficou a meia distância, pronto para ouvir e igualmente pronto para correr. O pastor advertira que certas palavras podiam acender a fúria do pobre homem. Dom Quixote, porém, dava tanta atenção à história que esquecia o perigo. Cardenio começou devagar, como quem pisa em ponte quebrada.

Contou que nascera em Andaluzia, de família nobre, e que desde jovem amara Lucinda. Ela era bela, discreta e tão ligada a ele por afeição antiga que ambos se julgavam prometidos antes mesmo que as

famílias decidissem. As cartas entre eles eram prova desse amor, e Cardenio falava delas como quem toca relíquias. Ao pronunciar o nome de Lucinda, sua voz adoçava e doía.

Disse então que tinha um amigo poderoso, Fernando, filho de grande senhor. Fernando era generoso quando queria, perigoso quando desejava, e acostumado a fazer do mundo extensão de sua vontade. Cardenio servira-lhe com lealdade, confiara-lhe segredos e, como acontece aos corações limpos demais, não percebeu a tempo que uma confidência pode virar arma.

Fernando soube de Lucinda. Primeiro ouviu como amigo; depois começou a perguntar como rival. Cardenio, ainda cego de confiança, falou de sua beleza, virtude e amor. Quanto mais dizia, mais acendia no outro aquilo que deveria ter mantido adormecido. Sancho, ouvindo, balançou a cabeça. Até ele entendia que elogiar demais a própria amada diante de homem ambicioso era abrir porta para ladrão.

Cardenio contou que precisou afastar-se por ordem de Fernando. O amigo o mandara tratar negócios, enquanto por trás preparava aproximação da casa de Lucinda. A narrativa então se quebrou. Cardenio levou as mãos à cabeça, respirou com força e começou a repetir que confiara, confiara, confiara. A palavra saía como pancada.

Dom Quixote tentou consolá-lo, dizendo que traidores de amizade merecem castigo exemplar. Isso agradou Cardenio por um instante. Ele retomou o fio: Lucinda continuava fiel, dizia, mas estava cercada pela vontade dos pais e pela posição de Fernando. As cartas dela ainda prometiam constância. Ainda assim, o mundo dos poderosos apertava o laço.

Quando Cardenio mencionou livros de cavalaria, Dom Quixote, animado, comparou sua dor a episódios de Amadis e outros cavaleiros amantes. O nome e a comparação, que para Dom Quixote eram

naturais, fizeram Cardenio estremecer. Sua mente, já instável, tomou a interrupção como zombaria ou desvio. Os olhos mudaram. A voz perdeu a ordem.

Começou a falar de Fernando como traidor, de Lucinda como santa e perdida, de casamento forçado, de cartas escondidas, de punhais e igrejas. As frases vinham rápidas demais. Dom Quixote tentou perguntar, Sancho tentou pedir calma, o pastor fez sinal para que se afastassem. Tarde. Cardenio explodiu em fúria, acusando todos de não entenderem nada do que fora arrancado dele.

Num salto, agarrou pedras e avançou. Dom Quixote ergueu-se, mais surpreendido que pronto. Sancho não esperou explicação: recuou com a sabedoria de quem já conhecia pedras em várias circunstâncias. O pastor tentou acalmar o homem, mas Cardenio já se afastava, gritando nomes quebrados pela serra: Lucinda, Fernando, traição.

Logo desapareceu entre as rochas, deixando atrás de si uma história incompleta e mais perguntas que respostas. Dom Quixote ficou pensativo. Via naquele homem uma dor digna de cavaleiro, mas também uma advertência: a loucura por amor podia ter formas menos organizadas que as dos livros. Sancho, limpando poeira da roupa, comentou que histórias incompletas talvez fossem melhores que histórias completas quando o narrador tinha pedras à mão.

Decidiram permanecer na serra o bastante para descobrir o resto. Cardenio havia aberto uma porta e fugido por ela. Atrás dessa porta estavam Lucinda, Fernando e uma injustiça que parecia real demais para ser apenas fantasia de Dom Quixote. Pela primeira vez em muitas aventuras, talvez o mundo estivesse tão desordenado quanto o cavaleiro imaginava.

# Capítulo 28 - A penitência na serra

## Capítulo 28 - A penitência na serra

Depois do encontro com Cardenio, Dom Quixote ficou tomado por uma ideia nova e antiga ao mesmo tempo. A dor do homem da serra, partida entre Lucinda e Fernando, acendeu nele lembranças de todos os cavaleiros que haviam enlouquecido por amor. Se outros amantes se retiraram ao deserto para provar fidelidade, ele também poderia fazer de Serra Morena um teatro de sofrimento voluntário.

Sancho percebeu o perigo antes que ele tomasse forma. Sempre que o amo ficava quieto demais, alguma desgraça conceitual estava nascendo. E nasceu. Dom Quixote anunciou que faria penitência por Dulcineia del Toboso. Nenhuma ofensa de Dulcineia provocava aquilo; grandes cavaleiros, segundo ele, não precisavam de razão comum para sofrer. Bastava a grandeza do sentimento e a conveniência da fama.

Sancho arregalou os olhos. Achava compreensível enlouquecer por pancadas, fome, pedras ou dívidas. Enlouquecer por escolha parecia desperdício de sanidade. Perguntou se Dulcineia fizera algo contra ele. Dom Quixote respondeu que justamente aí estava o primor: sofrer sem causa era prova mais alta de amor, pois demonstrava que a vontade do cavaleiro bastava para erguer a própria aventura.

O cavaleiro citou Amadis, Orlando e outros nomes que Sancho recebia como quem ouve moedas de país distante. Explicou que alguns amantes ficavam mansos e chorosos; outros rasgavam roupas, batiam em árvores, falavam com ausentes e confundiam o mundo com o teatro da própria paixão. Ele escolheria um modo adequado: nem tão furioso que perdesse a compostura, nem tão brando que parecesse pouco devoto.

Sancho tentou negociar. Sugeriu que a penitência fosse curta, talvez simbólica, e que depois seguissem para lugar com comida. Dom Quixote recusou. A serra, os papéis de Cardenio, a solidão e a própria tristeza de sua figura pediam gesto memorável. Precisava que Dulcineia soubesse de tudo. Para isso, Sancho seria enviado a Toboso com uma carta.

A missão assustou o escudeiro por vários motivos. Primeiro, porque Toboso parecia longe. Segundo, porque ele não conhecia Dulcineia como dama de castelo, e sim como Aldonza Lorenzo, mulher muito mais real que as fantasias do amo. Terceiro, porque deixar Dom Quixote sozinho numa serra, decidido a enlouquecer metodicamente, parecia receita para encontrar na volta apenas ossos, discursos ou ambos.

Dom Quixote, indiferente às dúvidas práticas, pediu papel. Como não havia bom material, serviram-se do que tinham entre os achados e restos da aventura. O cavaleiro ditou uma carta cheia de reverência, dor e nomes altos. Chamava Dulcineia de senhora de sua alma, luz de sua tristeza, causa de sua glória e destinatária de todos os seus sofrimentos. Sancho escutava tentando guardar o essencial: dizer a ela que o amo estava no mato, fazendo loucuras por amor.

Além da carta, Dom Quixote entregou a Sancho instruções minuciosas. Deveria observar o rosto de Dulcineia ao receber a notícia, notar se empalidecia, se suspirava, se sorria, se perguntava por ele com ternura. Deveria voltar depressa e relatar tudo. Sancho prometeu, embora soubesse que a realidade raramente executava gestos tão bem coreografados.

Então veio a demonstração. Dom Quixote decidiu mostrar ao escudeiro algumas provas da penitência, para que Sancho pudesse descrevê-las com autoridade. Largou parte das armas, moveu-se entre pedras, falou alto com árvores, invocou Dulcineia e começou gestos tão

estranhos que Sancho sentiu vergonha por ambos, embora não houvesse mais ninguém olhando. A serra, paciente, recebeu o espetáculo sem aplauso.

Sancho pediu que bastasse. Já tinha visto o suficiente para jurar que o amo estava sofrendo muito, ou pelo menos trabalhando seriamente para parecer que sofria. Dom Quixote concordou em deixá-lo partir, mas reforçou que a mensagem devia ser entregue com fidelidade. A sorte de sua penitência dependeria da resposta de Dulcineia.

Antes de sair, Sancho certificou-se de levar o asno, algum rumo e a carta. Olhou para Dom Quixote uma última vez: magro, armado pela metade, solene entre rochas, pronto para fabricar dor onde já havia dor bastante. Sentiu ternura e irritação ao mesmo tempo. O amo era impossível, mas era seu amo.

Sancho desceu pela serra em busca de Toboso, ou de alguém que o ajudasse a entender o caminho. Dom Quixote ficou só, entregue ao vento, às pedras e à própria imaginação. Pela primeira vez em muitas jornadas, não corria atrás de aventura externa. Sentava-se dentro de uma aventura inventada por completo, com Dulcineia ao centro e a serra por testemunha.

Enquanto o escudeiro se afastava, a solidão cresceu ao redor do cavaleiro. Cardenio rondava em algum ponto da montanha, Lucinda e Fernando assombravam os papéis, e Dulcineia, ausente como sempre, reinava sobre tudo sem saber. Serra Morena tornava-se assim um lugar onde cada amor enlouquecia à sua maneira.

# Capítulo 29 - Sancho encontra o cura

## Capítulo 29 - Sancho encontra o cura

Sancho desceu de Serra Morena com a carta de Dom Quixote e uma missão que pesava mais que o asno. Devia encontrar Dulcineia, entregar palavras altas e voltar com sinais precisos de ternura. O problema, que crescia a cada passo, era simples: Sancho não sabia muito bem como transformar Aldonza Lorenzo na dama que o amo esperava. A estrada lhe parecia mais fácil que a mentira necessária.

Enquanto pensava nisso, afastava-se da serra com cuidado. Atrás ficava Dom Quixote, entregue à penitência entre pedras, suspiros e gestos que Sancho preferia não descrever em excesso. À frente ficava Toboso, ou qualquer lugar onde pudesse improvisar uma resposta. O escudeiro já começava a imaginar modos de voltar dizendo que Dulcineia chorara, suspirara e mandara ordens, mesmo sem tê-la visto.

Foi então que encontrou dois conhecidos: o cura e o barbeiro de sua aldeia. Vinham procurando notícias de Dom Quixote, preocupados com a nova saída do fidalgo e com os rastros cada vez mais absurdos de suas aventuras. Quando viram Sancho sozinho, coberto de pó e sem o amo, cercaram-no de perguntas.

Sancho tentou primeiro defender-se com respostas vagas. Disse que o senhor estava em serviço de alta cavalaria, ocupado em negócios de amor e honra. O cura percebeu depressa que havia loucura recente por trás daquelas palavras. O barbeiro, que já conhecia bem o gênero de desvario, quis saber se Dom Quixote estava vivo, ferido ou perdido de vez.

Aos poucos, Sancho contou. Falou dos galeotes, das pedradas, da fuga para Serra Morena, dos papéis encontrados, de Cardenio, da penitência e da carta para Dulcineia. A cada episódio, o rosto do cura alternava espanto e cálculo. O barbeiro balançava a cabeça, talvez imaginando quantas aldeias, vendas, estradas e barbeiros ainda pagariam pelo encantamento dos livros.

Quando Sancho mencionou a carta, o cura pediu para vê-la. O escudeiro procurou entre os pertences e empalideceu. A carta não estava onde devia. Revirou bolsas, panos, arreios, lembranças e desculpas. Nada. Talvez tivesse ficado com Dom Quixote; talvez se perdera na descida; talvez nunca tivesse sido guardada como convinha. Sancho sentiu que a missão inteira escorregava de suas mãos.

O cura não se desesperou. Ao contrário, viu ali uma abertura. Se a carta se perdera, a resposta também poderia ser guiada por eles. O essencial estava em trazer Dom Quixote de volta; levar Sancho a Dulcineia ficava para a história que inventariam. Para isso, seria preciso entrar na lógica da loucura sem enfrentá-la de frente. Arrancar o cavaleiro da serra pela força talvez o quebrasse mais; conduzi-lo por fantasia poderia salvá-lo.

O barbeiro concordou. Já tinham aprendido, na queima dos livros, que a imaginação de Dom Quixote não cedia a argumentos simples. Era preciso oferecer-lhe aventura melhor que a própria penitência. Sancho ouviu com alívio e desconfiança. Gostava da ideia de não ir a Toboso, mas temia qualquer plano que envolvesse inventar mais histórias para curar as histórias antigas.

O cura perguntou por detalhes: onde Dom Quixote ficara, em que estado, o que dizia de Dulcineia, como falava de Cardenio. Sancho respondeu o melhor que pôde, acrescentando que o amo estava tão decidido a sofrer que talvez morresse de teimosia se ninguém o buscasse. Essa informação encerrou a dúvida. Partiriam para Serra

Morena, mas preparados.

No caminho, o cura começou a formar um plano. Seria preciso apresentar a Dom Quixote uma necessidade cavaleiresca urgente, algo que o tirasse da penitência sem ferir sua vaidade. Talvez uma dama aflita, talvez um reino ameaçado, talvez um pedido de socorro digno de cavaleiro. O barbeiro, mais prático, pensava em roupas, disfarces e palavras que soassem bastante romanescas.

Sancho, ouvindo, sentiu que entrava em terreno conhecido: mentiras úteis. A diferença era que agora não mentiria sozinho. O cura e o barbeiro, homens de juízo, pareciam dispostos a fabricar uma ficção para salvar o fidalgo da ficção maior. Havia nisso uma ironia que Sancho não saberia explicar, mas que lhe pareceu muito própria de seu amo.

Antes de voltarem à serra, combinaram cautela. Sancho guiaria os dois até perto do lugar onde deixara Dom Quixote. O cura avaliaria o modo de falar com ele. O barbeiro ajudaria na encenação. A carta perdida deixava de ser desastre e virava peça de outro plano. Dulcineia, ausente como sempre, continuava mandando nos acontecimentos sem precisar aparecer.

Assim, Sancho deixou de ser mensageiro de amor e tornou-se guia de resgate. A serra que há pouco o aliviara por ficar para trás agora o chamava de volta. Em algum ponto entre pedras e árvores, Dom Quixote ainda fazia penitência por uma dama que não sabia de nada. E, descendo pela estrada com o cura e o barbeiro, Sancho começou a entender que salvar um homem de sua loucura talvez exigisse entrar nela com cuidado, como quem entra em casa em chamas levando água escondida dentro de uma história.

# Capítulo 30 - Doroteia na Serra Morena

## Capítulo 30 - Doroteia na Serra Morena

O cura, o barbeiro e Sancho voltaram para Serra Morena com cuidado. Procuravam Dom Quixote, e a serra parecia pronta a entregar outras histórias antes de devolvê-lo. Sancho seguia à frente, reconhecendo trilhas, apontando desvios e confessando, de quando em quando, que preferia estar em qualquer venda com pão e vinho a conduzir dois homens sensatos para dentro da loucura de seu amo.

Antes de chegarem ao lugar da penitência, ouviram uma voz entre os rochedos. Não vinha de Dom Quixote nem do lamento irregular de Cardenio. Era voz jovem, contida e ferida, como se alguém tentasse falar consigo mesmo para não desaparecer por completo. Os três pararam. O cura ergueu a mão pedindo quietude. O barbeiro segurou a respiração. Sancho, que já conhecia bastante desgraça naquela serra, murmurou que ali cada pedra parecia guardar um segredo.

Avançaram devagar e viram uma figura junto a um regato. À primeira vista, parecia um moço vestido de pastor ou viajante pobre, com roupas gastas e os cabelos escondidos. Bastou que a pessoa se movesse, surpresa pela presença deles, para que o disfarce se desfizesse em parte. Era uma mulher. O susto lhe subiu ao rosto antes que pudesse fugir.

O cura falou primeiro, com a mansidão que se usa diante de quem já sofreu demais. Disse que não vinham para ofendê-la, nem para descobrir à força o que ela desejasse esconder. A moça hesitou. Seu traje masculino, a solidão e a pressa com que tentava recompor-se denunciavam alguma história grave. O barbeiro, menos eloquente,

confirmou com movimentos de cabeça e mãos abertas que nenhum deles a ameaçava. Sancho olhava de um para outro, entendendo que a aventura ganhava nova peça antes mesmo de encontrarem Dom Quixote.

A jovem disse chamar-se Doroteia. Ao dizer o nome, pareceu recuperar um pedaço de si. Explicou que se escondera na serra para fugir da vergonha, da perseguição e da memória de uma promessa quebrada. A cada frase, o cura percebeu que aquela história se ligava a outra já ouvida: a de Cardenio, Lucinda e Fernando.

Doroteia contou apenas o começo, porque a dor inteira não cabia de uma vez. Era filha de lavradores honrados e ricos, criada com recato, trabalho e confiança. Fernando, senhor de nascimento mais alto, aproximara-se dela com palavras ardentes, juramentos e lágrimas. Prometera casamento. Vencera sua resistência. Tomara dela aquilo que, na linguagem daquele mundo, era honra, futuro e nome. Depois partira.

Não houve frase longa que tornasse menor a violência do abandono. Doroteia falava sem gritos, e por isso mesmo o relato parecia mais duro. Fernando desaparecera deixando atrás de si promessa, culpa e uma mulher que já não podia voltar à vida anterior sem carregar sozinha o peso de dois. O cura ouviu com atenção crescente. O barbeiro baixou os olhos. Sancho, que costumava reduzir as coisas ao seu tamanho prático, desta vez não achou provérbio que servisse.

Quando Doroteia mencionou que Fernando se envolvera depois com Lucinda, o nome passou pelo grupo como faísca. O cura reconheceu de imediato o fio que unia as desgraças. Cardenio perdera Lucinda por causa de Fernando; Doroteia fora enganada pelo mesmo homem; Lucinda, pelo que se sabia, fora empurrada para um casamento contra o coração. A serra, que parecia esconder loucos dispersos, revelava agora uma única trama de injustiça.

O cura decidiu que era preciso reunir as pontas. Contou a Doroteia, com prudência, que havia naquelas montanhas um homem chamado Cardenio, consumido pela dor de Lucinda e pela traição de Fernando. A jovem ouviu pálida, mas não surpresa. O nome de Cardenio confirmava que sua própria queda fazia parte de dano maior. Por um instante, sua vergonha se transformou em indignação lúcida.

Foi então que o plano para Dom Quixote encontrou seu instrumento inesperado. O cura explicou, sem zombaria, que procuravam resgatar um fidalgo enlouquecido pelos livros de cavalaria. Esse homem, Dom Quixote, só sairia da penitência se uma aventura digna o chamasse. Doroteia, já em disfarce e já dona de uma causa verdadeira, poderia apresentar-se como princesa aflita ou dama perseguida, pedindo auxílio ao cavaleiro. A mentira da forma serviria a uma verdade: tirá-lo da serra e talvez conduzir todos à reparação.

Doroteia escutou quieta. Havia risco no fingimento, e havia também uma utilidade amarga. Fernando a reduzira a peça de engano; agora ela podia escolher a máscara e usá-la para mover os acontecimentos. Aceitou ajudar. Viu naquele pequeno teatro uma chance de aproximar justiça, cura e retorno.

Sancho animou-se. Uma princesa, mesmo inventada, combinava muito melhor com o apetite cavaleiresco de seu amo do que sermões do cura ou navalhas do barbeiro. Se Doroteia pedisse socorro com nome bastante sonoro e infortúnio bastante grande, Dom Quixote montaria Rocinante sem perguntar demais. O escudeiro começou até a pensar que, por esse caminho, talvez a ilha prometida voltasse a ficar mais perto.

Combinaram os primeiros traços da encenação. Doroteia seria uma senhora de reino distante, despojada por inimigo cruel, necessitada do braço de Dom Quixote. O cura ajudaria a compor as palavras. O barbeiro cuidaria dos detalhes práticos. Sancho guiaria todos até o

penitente. E Cardenio, se pudesse ser reencontrado e acalmado, talvez confirmasse por sua dor a gravidade do mundo que os cercava.

Assim, antes mesmo de reverem Dom Quixote, a serra se reorganizou. A fuga virou encontro; a vergonha isolada revelou uma rede de promessas quebradas; a loucura do cavaleiro ganhou uso provisório. Doroteia, ainda com roupas de disfarce e olhos de quem passara noite longa, aceitou representar uma princesa para recuperar, por dentro da ficção, a verdade que lhe fora roubada.

# Capítulo 31 - A Princesa Micomicona

## Capítulo 31 - A Princesa Micomicona

Depois de ouvir Doroteia e reconhecer a utilidade de seu disfarce, o cura ajustou o plano com a delicadeza de quem mexe em mecanismo frágil. Dom Quixote não sairia da penitência por conselho, vergonha ou ordem. Sairia por dever. Era preciso dar-lhe uma causa que parecesse maior que sua dor e, sobretudo, que não diminuísse Dulcineia diante dele. Assim nasceu, entre pedras de Serra Morena, a Princesa Micomicona.

Doroteia aceitou o papel com inteligência rápida. O nome soava distante, quase ridículo para ouvidos práticos, mas bastante próprio para os livros que alimentavam Dom Quixote. Seria uma princesa despojada de seu reino por gigante ou inimigo monstruoso, obrigada a buscar o mais famoso cavaleiro do mundo. O cura compôs a base da súplica; o barbeiro acrescentou detalhes de traje e postura; Sancho, animado, garantiu que seu amo engoliria a aventura inteira se ela viesse com promessa de reino e honra.

Antes de se aproximarem de Dom Quixote, combinaram as cautelas. Doroteia não deveria rir, por mais extravagantes que fossem as respostas do cavaleiro. O cura ficaria um pouco afastado, pronto para emendar qualquer erro. O barbeiro ajudaria com a gravidade do rosto. Sancho seria o elo entre a princesa e o penitente, embora ninguém confiasse plenamente em sua memória quando o assunto pedia palavras altas.

Encontraram Dom Quixote no estado em que Sancho o havia deixado: magro de intenção, sujo de serra, armado de fantasias e convencido de que a distância de Dulcineia tornava sua dor mais nobre. O cavaleiro recebeu primeiro Sancho com uma mistura de ansiedade e majestade.

Quis saber da mensagem, da dama, dos sinais de amor, das palavras exatas. Sancho desviou como pôde, dizendo que tudo corria por caminhos de grande segredo.

Então Doroteia apareceu. Ajoelhou-se diante de Dom Quixote com tanta precisão que, por um instante, até o cura acreditou na cena. Chamou-o de cavaleiro invencível, amparo de aflitos, terror de soberbos e espelho da cavalaria. Disse vir de terras longínquas, do reino de Micomicão, onde sua casa fora tomada por força injusta. Só a fama de Dom Quixote chegara até ela como esperança. Por isso passara por perigos, montes e desventuras até encontrar o braço capaz de restituir-lhe o que perdera.

Dom Quixote ergueu-se como se a serra inteira tivesse mudado de nome. A penitência, que há pouco parecia destino final, virou intervalo. Se uma princesa vinha pedir socorro, o cavaleiro não podia continuar contando suspiros entre árvores. A honra o chamava por voz feminina, e a honra, em sua cabeça, sempre falava mais alto que a fome, a dor e o bom senso.

Respondeu com solenidade. Prometeu defender a princesa, recuperar seu reino, castigar o ofensor e não aceitar recompensa alguma além da glória e do direito de oferecer todos os feitos a Dulcineia del Toboso. Doroteia baixou os olhos para esconder o alívio. O cura disfarçou um sorriso. O barbeiro manteve a expressão grave de quem assiste a julgamento real. Sancho, mais interessado nas consequências práticas, perguntou com cuidado se nesse reino haveria ilha disponível para escudeiro fiel.

Dom Quixote repreendeu-o pela impaciência, mas não lhe tirou a esperança. Se a aventura fosse tão grande quanto parecia, prêmios haveria. Sancho endireitou-se na sela invisível de seus sonhos. A Princesa Micomicona, sem perder o tom, confirmou que serviços leais não seriam esquecidos. Aquilo bastou para que o escudeiro se tornasse

partidário entusiasmado da princesa.

O cavaleiro quis partir imediatamente. A penitência estava concluída por necessidade superior. Dulcineia, se era senhora de seu coração, compreenderia que o dever mandava primeiro socorrer uma dama aflita. Essa lógica, perfeitamente torta, serviu ao plano. O cura tratou de apressar o movimento antes que Dom Quixote pedisse genealogias, brasões ou mapas do reino de Micomicão.

Enquanto preparavam a saída, Cardenio, mantido à distância para evitar confusão, ouviu parte da conversa e reconheceu em Doroteia uma dor irmã da sua. Ainda faltava tempo para juntar todas as feridas; a presença dele lembrava que a ficção armada para Dom Quixote caminhava sobre desgraças reais. Fernando, Lucinda, Doroteia e Cardenio formavam uma rede que esperava reparação; Dom Quixote, sem saber, começava a ser conduzido para dentro dela.

Sancho aproximou-se do amo e tentou resolver de vez o problema da carta perdida. Inventou que Dulcineia recebera a mensagem como se a tivesse recebido, ou que a receberia de modo misterioso, ou que já sabia de tudo por fama. As frases saíam confusas, mas Dom Quixote estava ocupado demais com a princesa para desmontá-las. A nova aventura cobria as falhas da antiga, como se uma fantasia servisse de remendo para outra.

O grupo deixou o lugar da penitência. Rocinante foi chamado de volta ao serviço, Sancho recuperou sua função de escudeiro, Doroteia sustentou o porte de princesa, o cura e o barbeiro caminharam como autores discretos de uma peça improvisada. Atrás ficavam os gestos extremos de Dom Quixote na serra; à frente, ainda invisível, esperava a estrada que os levaria de novo ao mundo das vendas, encontros e reconhecimentos.

Dom Quixote seguia satisfeito. Para ele, nenhuma fraude havia. Uma dama pedira socorro, e ele partia para corrigir o mundo. Para os outros, havia uma mistura estranha de mentira e caridade. Fingiam uma princesa para resgatar um homem; usavam a loucura para desviá-la de si mesma; transformavam Doroteia, vítima de engano, em senhora consciente de uma invenção. E, naquele passo incerto para fora de Serra Morena, a ficção começou a trabalhar a favor da verdade.

# Capítulo 32 - A estrada da princesa

## Capítulo 32 - A estrada da princesa

Saíram de Serra Morena como quem deixa para trás uma prisão e leva consigo a chave ainda quente. Dom Quixote ia à frente, recomposto pelo dever, com Rocinante novamente elevado à condição de cavalo de empresa altíssima. A seu lado seguia Doroteia, agora Princesa Micomicona, sustentando com serenidade o papel que lhe coubera. Atrás vinham o cura, o barbeiro, Cardenio e Sancho, cada qual guardando uma parte da verdade e uma parte da invenção.

A estrada exigiu logo trabalho fino. Dom Quixote queria saber mais do reino de Micomicão: seus limites, linhagens, costumes, o nome do gigante usurpador, a distância das fortalezas e a cor dos estandartes. Doroteia respondia com prudência, inventando apenas o necessário. O cura, quando percebia uma lacuna perigosa, acrescentava um detalhe grave. O barbeiro confirmava com a cabeça, como testemunha de mapas que nunca vira.

Sancho, por sua vez, sofria de excesso de esperança. A cada menção ao reino, imaginava sua ilha mais próxima. Queria saber se em Micomicão havia terras cercadas de água, governadores gordos, rendas boas e súditos obedientes. Dom Quixote mandava que calasse a boca e esperasse a ordem natural dos feitos. Mas Sancho, que achava a ordem natural muito lenta, continuava rodeando o assunto como quem cheira panela no fogo.

A Princesa Micomicona confirmou, com graça, que os serviços de escudeiro leal seriam lembrados quando a justiça voltasse ao trono. Sancho ouviu aquilo como contrato assinado. O cura percebeu o perigo de promessas muito específicas e desviou a conversa para as virtudes de Dom Quixote, tema no qual o cavaleiro podia navegar por horas

sem exigir documentos.

Dom Quixote, tocado pela confiança da princesa, declarou que nenhum gigante resistiria ao braço armado em nome de Dulcineia. Fez questão de explicar que a vitória pertenceria à sua senhora, ainda que servisse à princesa. Doroteia aceitou a hierarquia amorosa com humildade teatral. Disse que reis e rainhas de Micomicão saberiam honrar a dama invisível que inspirava tão grande cavaleiro.

Sancho achou conveniente perguntar se Dulcineia, sendo tão honrada, poderia também aprovar a entrega de uma ilha ao escudeiro. O amo fuzilou-o com os olhos. Cardenio, que caminhava silencioso, quase sorriu pela primeira vez. Naquela pequena avareza de Sancho havia mais vida que em muitos discursos nobres.

A cada légua, porém, a ficção ameaçava tropeçar. Dom Quixote perguntava por que uma princesa tão alta viajava com tão pouca comitiva. Doroteia respondeu que a desgraça a obrigara a fugir sem aparato. Perguntou por que seus criados não a chamavam pelo título. O cura explicou que o segredo era necessário para escapar dos inimigos. Perguntou por que Sancho parecia conhecê-la tão pouco. Sancho respondeu que príncipes e princesas costumavam conhecer melhor os cavaleiros do que os escudeiros, explicação tão torta que Dom Quixote, por milagre, aceitou.

O barbeiro teve de conter o riso mais de uma vez. Não por crueldade, mas porque a seriedade com que todos alimentavam a invenção produzia efeitos estranhos. Homens sensatos andavam agora como atores; uma mulher ferida usava uma coroa imaginária; um louco cavaleiro era o único que acreditava sem esforço; e justamente por isso todos dependiam dele para avançar.

Quando pararam para breve descanso, o cura se aproximou de Doroteia e perguntou se ela aguentava o papel. Ela respondeu que sim.

A máscara não a assustava tanto quanto a possibilidade de encontrar Fernando e vê-lo negar outra vez o que prometera. Cardenio, ouvindo o nome, fechou as mãos. O cura pediu paciência aos dois. A venda para onde se dirigiam talvez juntasse pessoas e destinos que a serra separara em dor.

Dom Quixote não percebeu essa conversa. Estava ocupado em explicar a Sancho que a recompensa de um escudeiro dependia da grandeza da aventura e da discrição com que soubesse servir. Sancho ouviu a palavra discrição como quem ouve idioma estrangeiro. Ainda assim, prometeu ser discreto, principalmente se a discrição viesse acompanhada de governo, renda e mesa farta.

A tarde caiu sobre a estrada. Serra Morena ficou para trás com seus esconderijos, penitências e vozes partidas. O caminho para a venda parecia comum, mas nenhum deles caminhava de modo comum. Dom Quixote via uma missão régia; Sancho via uma ilha possível; Doroteia via a chance de recuperar o nome; Cardenio via a sombra de Lucinda; o cura e o barbeiro viam uma cura improvisada andando sobre pernas frágeis.

Ao longe, a venda começou a se insinuar como promessa de abrigo. Para Dom Quixote, talvez voltasse a ser castelo. Para Sancho, era pelo menos lugar onde se podia comer. Para os demais, era palco provável de encontros difíceis. A história de Micomicona precisava durar mais um pouco, firme o bastante para conduzir o cavaleiro, flexível o bastante para não quebrar diante da realidade.

E assim seguiram. Não havia ainda vitória, nem justiça, nem retorno seguro. Havia apenas uma comitiva desigual sustentando uma mentira caridosa na esperança de alcançar uma verdade melhor. A estrada, que tantas vezes desmentira Dom Quixote, agora aceitava por algumas milhas a sua linguagem: uma princesa aflita, um cavaleiro pronto, um escudeiro faminto e um mundo real esperando, logo adiante, para

cobrar de todos a conta das ficções.

# Capítulo 33 - De volta à venda

## Capítulo 33 - De volta à venda

A venda apareceu inteira ao fim da estrada, com suas paredes modestas, seus ruídos de pouso e seu poder antigo de enganar Dom Quixote. Para Sancho, era venda e basta: lugar de comida, cama possível e contas perigosas. Para Dom Quixote, porém, continuava sendo castelo, ou coisa bastante parecida, pois agora chegava escoltando uma princesa aflita e uma missão de alto nome. A realidade, sempre teimosa, precisou outra vez vestir roupa de fantasia.

O cura percebeu isso antes de todos. Pediu discrição ao barbeiro, prudência a Doroteia e silêncio a Sancho, três pedidos quase impossíveis de cumprir ao mesmo tempo. Cardenio vinha recolhido, com o capuz baixo e o coração em sobressalto. Sabia que a estrada os levava a abrigo, notícias, encontros e talvez à figura de Fernando, cuja sombra ainda governava sua dor.

A estalajadeira e os que estavam na casa reconheceram Sancho e Dom Quixote com uma mistura de surpresa e receio. A última passagem deles por ali deixara lembranças de pancadas, contas mal pagas, bálsamo, gritos noturnos e mantas em movimento. O vendeiro olhou primeiro para Sancho, como quem mede se desta vez haveria dinheiro. Sancho desviou os olhos com a dignidade de um homem que não pretende discutir dívidas antes do jantar.

Dom Quixote entrou com solenidade. Apresentou Doroteia como senhora de alto nascimento, vítima de grande injustiça e confiada a seu braço. A venda, que para os demais cheirava a palha, suor e cozinha, foi elevada por suas palavras a fortaleza temporária da Princesa Micomicona. Doroteia sustentou o papel com rosto grave. O cura completou a encenação, pedindo aposentos e recato para a dama.

Sancho aproveitou o movimento para sondar se haveria comida. A missão de Micomicão podia ser sublime, mas a fome era imediata. Dom Quixote repreendeu-o, lembrando que escudeiros de cavaleiros famosos deviam saber suportar privações. Sancho respondeu que também deviam saber suportar caldos, pão e queijo quando aparecessem, pois Deus não punha uma venda na estrada sem intenção prática.

Enquanto se acomodavam, o cura e o barbeiro procuraram manter Dom Quixote ocupado. Falaram da jornada que ainda faltava, dos perigos do reino usurpado, da necessidade de descanso antes do combate. O cavaleiro concordou, embora declarasse que partiria a qualquer hora se a princesa ordenasse. Doroteia, entendendo o jogo, pediu-lhe que conservasse forças para a empresa maior. Era uma ordem doce e bastante eficaz.

Cardenio ficou à parte, observando entradas e corredores. A venda parecia pequena demais para conter tudo o que traziam. Sua história com Lucinda, a de Doroteia com Fernando, a loucura de Dom Quixote, o medo do cura, a fome de Sancho e os velhos ressentimentos do vendeiro se cruzavam como fios jogados sobre a mesma mesa. Bastava uma pessoa entrar para que o nó se apertasse.

Doroteia também sentiu isso. Ao deixar por um instante a postura de princesa, perguntou ao cura se era possível que Fernando passasse por ali. O cura não podia prometer nem negar. As estradas tinham seus caprichos, e aquela venda parecia especialmente inclinada a reunir o que deveria estar separado. Pediu-lhe firmeza. Se o encontro viesse, seria preciso transformar a vergonha em palavra clara.

Dom Quixote não ouviu essa conversa. Estava ocupado examinando mentalmente os deveres da aventura. Perguntou a Sancho se o elmo de Mambrino estava em segurança. Sancho lembrou a bacia com menos entusiasmo do que convinha. O barbeiro, ouvindo de longe, tossiu para

esconder uma lembrança incômoda da própria profissão. A venda reunia também objetos mal nomeados, e nenhum deles estava livre de voltar à cena.

O vendeiro, por sua vez, queria apenas ordem. Não entendia princesas de Micomicão, cavaleiros andantes ou penitências de serra. Entendia quartos, animais, refeições e pagamentos. Ainda assim, vendo o cura mais sensato que os demais, aceitou moderar a desconfiança. O cura garantiu que desta vez tudo seria pago e que o fidalgo seria conduzido sem causar desastre, promessa que fez com mais esperança que certeza.

Ao cair da tarde, a venda tornou-se palco silencioso. Doroteia repousava em seu papel; Cardenio vigiava a própria agitação; Sancho farejava jantar; o barbeiro cuidava para que nenhuma parte do disfarce se desfizesse; o cura calculava o próximo passo; Dom Quixote, satisfeito, julgava-se hospedado em castelo digno de guardar uma princesa antes da grande restituição de seu reino.

Mas o ar indicava que a história não permaneceria estável. A venda, como antes, não era lugar onde as fantasias ficassem quietas. Ali elas batiam em portas, trombavam com contas, encontravam testemunhas, recebiam nomes verdadeiros. Se Serra Morena fora o espaço do esconderijo, a venda seria o espaço da revelação. Cada rosto que chegasse poderia desmanchar uma mentira ou curar uma verdade ferida.

Por isso o cura decidiu que todos deveriam descansar e observar. Não convinha apressar as confissões. A ficção de Micomicona ainda mantinha Dom Quixote conduzível; Doroteia ainda precisava de coragem; Cardenio ainda precisava de prova; Sancho ainda precisava de comida. A noite, se viesse calma, já seria vitória. Mas ninguém que conhecesse aquela venda apostaria muito alto na calma.

Assim terminou a entrada da estranha comitiva. Uma princesa inventada ocupava o centro, um cavaleiro verdadeiro apenas em sua própria cabeça prometia defendê-la, e homens feridos por promessas reais esperavam sem saber quem entraria pela porta. O castelo de Dom Quixote era uma venda; a venda dos outros era agora teatro de justiça. E, sob o mesmo teto, ficção e verdade preparavam-se para cobrar uma da outra o que faltava.

# Capítulo 34 - Os reconhecimentos na venda

## Capítulo 34 - Os reconhecimentos na venda

A noite ainda não fechara por completo quando novos viajantes se aproximaram da venda. O ruído de passos, arreios e vozes fez Cardenio levantar a cabeça antes de qualquer outro. Havia na ansiedade dele uma espécie de ouvido próprio, capaz de reconhecer perigo antes que o rosto aparecesse. Doroteia, sentada sob o disfarce de Princesa Micomicona, sentiu o mesmo frio sem saber ainda de onde vinha.

Entrou primeiro um homem de porte nobre, acompanhado por criados e por uma mulher coberta, cuja tristeza parecia caminhar antes dela. O cura observou com atenção. O barbeiro parou de mexer no que tinha às mãos. Sancho, que mastigava com a seriedade de quem cumpre dever antigo, percebeu que a sala mudara de peso. Dom Quixote viu apenas gente digna de castelo chegando ao abrigo de uma princesa.

Cardenio viu Fernando. O nome não precisou ser dito para feri-lo. O corpo inteiro do homem da serra se contraiu. Aquele era o amigo que o traíra, o senhor que tomara Lucinda, a figura em torno da qual sua razão se despedaçara. Ao lado de Fernando, a mulher coberta mal levantava os olhos. Mas bastou um gesto, um tremor de mão, para Cardenio reconhecer também Lucinda.

O mundo estreitou-se dentro da venda. Cardenio quis avançar, mas o cura segurou-o com firmeza. Doroteia, pálida, olhou para Fernando e viu nele o homem que a abandonara e a prova viva de que sua história não era delírio nem vergonha isolada. A Princesa Micomicona desapareceu por dentro. Ficou Doroteia, filha enganada, esposa prometida, mulher trazida ao limite da própria voz.

Fernando reconheceu-a depois de um instante que pareceu longo demais. O susto tomou-lhe o rosto antes que pudesse vestir orgulho. Viu Doroteia onde esperava apenas uma desconhecida; viu Cardenio onde julgava haver enterrado culpa; viu Lucinda, silenciosa, presa ao mesmo nó. Pela primeira vez naquela cadeia de enganos, todos os nomes estavam no mesmo aposento.

Lucinda ergueu então o rosto. Ao ver Cardenio, a dor deu lugar a uma claridade brusca. Não correu para ele porque o medo, o decoro e a presença de Fernando ainda a prendiam, mas os olhos disseram o que nenhuma cerimônia conseguiria apagar. Cardenio respondeu com o mesmo espanto ferido. Tinham sido separados por mentira, força e desespero; agora a venda, essa casa de acidentes, devolvia um ao outro sem preparar ninguém.

Doroteia falou primeiro. Não levantou a voz. Essa foi sua força. Chamou Fernando pelo nome e lembrou, diante de todos, a promessa feita, os juramentos, o casamento de palavra e consciência, a honra tomada sob garantia de amor. Cada frase tirava dele um pouco de fuga. Ela não pedia piedade como mendiga; exigia reconhecimento como quem apresenta uma verdade diante de testemunhas.

Fernando tentou responder com autoridade, mas a autoridade falhou. Lucinda, ouvindo Doroteia, compreendeu por inteiro a extensão da violência que a envolvera. Não era apenas seu próprio amor por Cardenio que fora impedido; havia outra mulher ferida antes dela, outra promessa quebrada. A dor de uma confirmava a dor da outra.

Cardenio então se mostrou. A aparição dele atingiu Fernando como acusação antiga. O homem da serra já não parecia apenas louco de mato e solidão; parecia a consequência viva de uma traição. Falou de Lucinda, da amizade fingida, da confiança destruída. As palavras saíam irregulares, mas verdadeiras. O cura deixou que falasse, atento para que a dor não virasse violência.

Dom Quixote acompanhava a cena com interpretação própria. Para ele, aquilo parecia questão de honra cavaleiresca envolvendo damas perseguidas e homens desleais. Mão na espada, ofereceu-se para defender a princesa e quaisquer outras senhoras ofendidas. Sancho, percebendo o risco de pancadaria antes da digestão, murmurou que talvez o cura resolvesse melhor aquela batalha com palavras.

O cura assumiu o centro quando viu que todos já haviam sido reconhecidos. Falou a Fernando com severidade serena. Lembrou-lhe que nobreza sem cumprimento da palavra era apenas adorno vazio; que Lucinda nunca lhe pertencera pelo coração; que Doroteia tinha sobre ele direito anterior e justo; que Cardenio e Lucinda haviam sido separados por abuso, não por mudança de amor.

Fernando ficou cercado não por armas, mas por evidências. Doroteia diante dele. Lucinda ao lado, fiel a Cardenio mesmo sob imposição. Cardenio vivo, devastado, mas não vencido. O cura como juiz improvisado. O barbeiro e os demais como testemunhas. Até Dom Quixote, sem entender direito, acrescentava com sua presença uma ameaça absurda, porém bastante convincente, de justiça armada.

Lucinda falou por fim. Disse que seu coração sempre fora de Cardenio e que nenhuma força, cerimônia ou medo mudara isso. A voz tremia, mas não recuava. Doroteia ouviu e não viu rival; viu companheira de dano. O reconhecimento verdadeiro era esse: cada uma deixava de ser obstáculo para a outra e passava a ser prova contra o mesmo erro.

A venda ficou suspensa. Fernando tinha diante de si a escolha que adiara por covardia e desejo: continuar sustentando a violência ou devolver a cada pessoa o nome que lhe cabia. O capítulo permanecia no instante anterior à paz, quando a mentira perde proteção e a verdade, recém-chegada, ainda precisa de coragem para permanecer de pé.

Doroteia manteve os olhos nele. Cardenio manteve os olhos em Lucinda. Lucinda, finalmente vista, respirou como se voltasse de lugar distante. E Dom Quixote, julgando-se no centro de uma aventura de honra, declarou que nenhum castelo do mundo deveria abrigar injustiça enquanto ele pudesse empunhar espada. Por uma vez, mesmo enganado sobre quase tudo, não estava de todo errado.

# Capítulo 35 - A paz dos enamorados

## Capítulo 35 - A paz dos enamorados

A venda permaneceu imóvel depois das últimas palavras, como se até as paredes esperassem a decisão de Fernando. Doroteia mantinha-se diante dele sem baixar os olhos. Cardenio tremia perto de Lucinda; temia perder outra vez o que mal voltara a respirar. O cura, percebendo que a verdade enfim cercara o homem por todos os lados, não acrescentou pressa. Há momentos em que insistir demais enfraquece a própria justiça.

Fernando olhou primeiro para Lucinda. Viu nela uma fidelidade que nunca lhe pertencera. Depois olhou para Cardenio e encontrou o amigo que sua ambição havia destruído. Por fim voltou-se a Doroteia. Ali não havia fantasia de princesa, nem disfarce de serra, nem oportunidade de fuga. Havia a mulher a quem prometera casamento, a quem devia nome, reparação e respeito.

Quando falou, a voz já não trazia o mesmo orgulho. Reconheceu a culpa. Disse que seu desejo o fizera injusto, que a honra de Doroteia era sua obrigação, que Lucinda não podia ser presa a um amor que nunca aceitara. As palavras não desfaziam o dano; abriam, ao menos, a porta que a vaidade mantivera fechada. Doroteia ouviu sem triunfar. Quem recupera a própria verdade nem sempre tem forças para alegria imediata.

Lucinda aproximou-se de Cardenio. Nenhuma cerimônia foi necessária para que ambos entendessem a restituição. Ele, que na serra fora reduzido a voz quebrada, reencontrava agora a pessoa em torno da qual sua razão se perdera. Ela, que suportara imposições e calara o que queria dizer, podia enfim responder com os olhos. Cardenio tomou-lhe as mãos como quem segura algo salvo de

naufrágio.

Doroteia, por sua vez, recebeu de Fernando promessa renovada e reconhecimento público. O cura fez questão de que isso ficasse claro. Diante dos presentes, Fernando assumiu que Doroteia era sua legítima esposa por palavra dada, honra recebida e obrigação moral. O costume e a lei dos homens poderiam exigir formas; a verdade essencial já não podia ser negada.

Sancho acompanhava tudo com atenção irregular. Entendia que havia casamentos, lágrimas e perdões, mas preocupava-se principalmente em saber se a Princesa Micomicona continuava princesa depois de deixar de ser Doroteia ou se Doroteia continuava princesa depois de voltar a ser ela mesma. Essa dúvida não era pequena para quem calculava ilhas. Aproximou-se do cura e perguntou em voz baixa se o reino de Micomicão ainda existia para fins de recompensa. O cura mandou que se calasse. Sancho obedeceu por fora e continuou calculando por dentro.

Dom Quixote, alheio ao centro real da resolução, interpretou o acordo como vitória natural da cavalaria. Declarou que a presença de uma dama aflita e de um cavaleiro armado sempre inclinava o mundo para a justiça. Afirmou que Fernando procedera melhor por reconhecer o devido antes que a espada precisasse falar. Ninguém teve ânimo de corrigi-lo. De algum modo torto, sua conclusão servia à cena.

O vendeiro respirou com alívio. Uma briga de nobres dentro da casa poderia quebrar bancos, portas e reputações. Uma reconciliação, embora barulhenta de lágrimas, custava menos. A estalajadeira e as mulheres da venda olharam Doroteia e Lucinda com compaixão sincera. Não entendiam todos os títulos nem todas as relações; sabiam o bastante sobre promessas masculinas e sobre o preço pago por mulheres quando essas promessas falhavam.

Cardenio contou brevemente ao grupo como a dor o levara à serra e como a notícia de Lucinda com Fernando o fizera perder o governo de si. Lucinda respondeu com sua parte: a resistência, o casamento imposto, a fidelidade escondida, a esperança quase sem forma. Doroteia acrescentou o que Fernando já não podia contradizer. Assim, as histórias deixaram de ser fragmentos espalhados e se tornaram uma só linha, dura e compreensível.

Fernando ouviu sem interromper. Cada relato o diminuía no orgulho e talvez o aumentasse um pouco na responsabilidade. Pediu perdão a Cardenio. Pediu perdão a Doroteia. A Lucinda, prometeu não voltar a cortar o caminho que seu coração já escolhera. Aquilo não fazia dele um herói. Era apenas o mínimo que a verdade exigia. Naquela venda cheia de tropeços, até o mínimo tinha peso de milagre.

A paz que se formou veio baixa, como cansaço que finalmente pode sentar. Cardenio e Lucinda ficaram juntos, ainda espantados com a própria recuperação. Doroteia aceitou a reparação de Fernando sem esquecer o custo dela. O cura viu no arranjo uma justiça possível, imperfeita, melhor que o desastre anterior. O barbeiro sorriu com discrição, satisfeito por uma trama ter se desembaraçado sem lâminas.

Restava, porém, Dom Quixote. Para ele, a Princesa Micomicona ainda dependia de seu braço contra inimigo distante. Doroteia, agora recolocada em sua verdade, precisaria continuar por algum tempo na ficção que ajudara a salvá-lo. O cura explicou aos demais, em voz baixa, que não convinha desfazer o encanto cedo demais. Primeiro levariam o cavaleiro de volta a caminho seguro; depois se pensaria em como encerrar a aventura sem quebrar-lhe o espírito.

Sancho ouviu essa parte com preocupação renovada. Se Micomicona era ficção, sua ilha podia ser fumaça. Mas se a ficção ainda precisava continuar, talvez a ilha também pudesse continuar existindo pelo menos mais algumas léguas. Concluiu que, em matéria de esperança, o

melhor era não perguntar demais.

A noite assentou-se enfim sobre a venda. O que começara como mentira caridosa produzira encontro verdadeiro. Doroteia tirara a máscara e conservara a firmeza; Lucinda recuperara a voz; Cardenio recuperara o mundo; Fernando recebia, por ora, a chance de agir com honra. E Dom Quixote, enganado ainda pela aparência das coisas, permanecia convencido de ter defendido damas e endireitado injustiças. Talvez fosse pouco. Talvez fosse muito. Naquela casa, depois de tanta dor, bastava que cada um pudesse respirar com o próprio nome.

# Capítulo 36 - O cavaleiro na venda

## Capítulo 36 - O cavaleiro na venda

Depois que Fernando, Doroteia, Cardenio e Lucinda encontraram algum repouso, a venda ficou tomada por uma calma desconfiada. A paz plena ainda não chegara; havia apenas intervalo. As palavras mais difíceis já tinham sido ditas, os nomes haviam voltado a seus donos, e cada coração parecia experimentar, com cuidado, a possibilidade de não se quebrar de novo. Só Dom Quixote permanecia no centro de outra história.

Para ele, a Princesa Micomicona ainda precisava de amparo. Doroteia, agora reconhecida em sua verdade, não podia abandonar de repente a máscara sem arriscar todo o plano. O cura explicou-lhe isso em voz baixa. Ela compreendeu. A ficção que começara como instrumento de resgate ainda era necessária para conduzir Dom Quixote de volta ao mundo comum. Doroteia aceitou continuar princesa por mais algum tempo, embora já soubesse melhor que ninguém o peso de nomes falsos.

Dom Quixote, satisfeito com a ordem restabelecida entre aqueles desconhecidos, interpretou tudo como efeito indireto de sua presença. Acreditava que o castelo onde repousavam fora beneficiado pela chegada de um cavaleiro andante. Damas foram protegidas, homens nobres reconduzidos à honra, lágrimas transformadas em promessas. Se ninguém lhe pedia ainda para partir contra o inimigo de Micomicão, era apenas porque convinha preparar a empresa com prudência.

Sancho discordava em silêncio. Para ele, a principal empresa pendente era o jantar e, em seguida, a ilha. A reconciliação dos enamorados lhe parecera bonita, sem dúvida, mas não esclarecera se o governo

prometido continuava de pé. Aproximou-se de Doroteia com reverência prática e perguntou se Sua Alteza conservava lembrança dos serviços futuros de seu escudeiro. Doroteia, sem perder o rosto de princesa, prometeu que nenhum serviço leal seria esquecido. Sancho afastou-se consolado. O cura viu a cena e suspirou. A mentira estava ficando com raízes.

O vendeiro observava tudo com avaliação própria. Se aqueles fidalgos pagassem, pouco importava que uma fosse princesa de reino inexistente e outro cavaleiro de castelo imaginário. O problema era Dom Quixote. A memória da primeira hospedagem ainda lhe doía nas contas e nos móveis. Por isso decidiu não discutir títulos, encantamentos ou bálsamos. Serviria comida, recolheria animais e manteria distância de qualquer espada desembainhada por excesso de imaginação.

À mesa, cada um carregou sua história. Fernando falou pouco, sob o olhar ainda firme de Doroteia. Cardenio e Lucinda sentaram-se próximos, como se a distância entre duas cadeiras pudesse repetir antigas tragédias. O barbeiro comeu com alívio. O cura administrou conversas, desviando Dom Quixote sempre que este queria detalhes sobre o gigante inimigo de Micomicão.

Mas o cavaleiro insistia. Perguntou à princesa o nome completo do usurpador, a altura de suas muralhas, o número de soldados e a natureza dos agravos. Doroteia respondeu com prudência teatral. Disse que o gigante era feroz, que o reino sofria, que a fama de Dom Quixote bastava para reacender esperança. O cavaleiro aceitou a resposta com gravidade, porque nela cabia exatamente a aventura que desejava viver.

Sancho, ouvindo falar em gigante, perdeu um pouco da confiança. Gigantes costumavam render glória ao amo e ossos quebrados ao escudeiro. Perguntou se não seria possível recuperar o reino por carta,

negociação ou milagre administrativo. Dom Quixote censurou a covardia. Sancho respondeu que chamava aquilo de economia de pancadas. A mesa quase sorriu inteira.

O riso, pequeno e contido, fez bem à venda. Depois de tanta dor, a loucura de Dom Quixote parecia menos ameaça que distração perigosa. Lucinda olhou para Doroteia e as duas entenderam, sem dizer, a estranha bondade daquela encenação. O cavaleiro estava enganado, mas seu engano havia servido para mover pessoas paradas pelo medo. A ficção de um homem ajudara a verdade dos outros a chegar ao lugar certo.

O cura, entretanto, não se deixou amolecer demais. Precisava pensar adiante. Não bastava manter Dom Quixote alimentado e satisfeito naquela noite. Era necessário levá-lo de volta à aldeia, afastá-lo das estradas, talvez inventar nova manobra. A aventura de Micomicona podia conduzi-lo por algum tempo, mas em algum ponto teria de terminar sem revolta. O problema, como sempre, era encerrar uma fantasia diante de quem morava dentro dela.

O barbeiro sugeriu, em particular, que se aproveitassem do cansaço do cavaleiro. Se dormisse bem, talvez no dia seguinte aceitasse viajar com menos perguntas. O cura duvidou. Dom Quixote acordava dentro da cavalaria como outros acordam dentro do próprio corpo. Ainda assim, toda hora de descanso era ganho.

Quando a noite avançou, Dom Quixote pediu que se guardasse a honra da princesa e a segurança do castelo. Quis organizar vigília, examinar portas, distribuir postos. O vendeiro protestou que sua casa não precisava de guerra. Sancho apoiou o vendeiro pela primeira vez, alegando que guardas famintos não guardavam nada direito. Doroteia, com autoridade de Micomicona, pediu ao cavaleiro que conservasse forças para o combate futuro. Foi o bastante. Dom Quixote cedeu.

Assim, a venda voltou a respirar. Os enamorados recolheram-se com esperança cautelosa. O cura e o barbeiro ficaram ainda um tempo combinando passos. Sancho procurou lugar onde deitar e sonhar com governos. Doroteia guardou a máscara de princesa ao lado da verdade recuperada. Dom Quixote, convencido de que velava por todos mesmo descansando, entregou-se ao sono com a certeza de que o mundo melhorara um pouco por causa de sua espada.

Talvez estivesse enganado quanto à espada. Mas naquela noite, na venda, até os sensatos tiveram de admitir que uma mentira bem conduzida havia servido de ponte entre dores verdadeiras. O perigo era que pontes também precisam terminar em algum chão. E o chão de Dom Quixote, quando aparecia, costumava chegar duro.

# Capítulo 37 - A história encontrada

## Capítulo 37 - A história encontrada

A manhã na venda começou sem armas, o que já parecia milagre. Depois das reconciliações, ninguém tinha pressa de voltar imediatamente à estrada. Fernando e Doroteia precisavam ajustar o que a verdade recuperara; Cardenio e Lucinda ainda caminhavam com o cuidado de quem teme acordar de um sonho bom; o cura e o barbeiro calculavam como manter Dom Quixote quieto até encontrarem modo de levá-lo de volta à aldeia.

Dom Quixote, por sua parte, acordou convencido de que o castelo repousava sob sua proteção. A Princesa Micomicona, isto é, Doroteia, ainda dependia de seu braço, e qualquer demora era apenas preparação para empresa maior. Sancho também acordou dentro de sua própria fantasia: se a aventura continuava, talvez a ilha continuasse. A esperança dele, como certas panelas de venda, resistia mesmo quando ninguém sabia ao certo o que havia dentro.

Foi nesse intervalo que o vendeiro, querendo mostrar serviço e talvez distrair hóspedes perigosamente emotivos, mencionou uns papéis guardados na casa. Tinham sido esquecidos por algum viajante, ou deixados em mala antiga, ou simplesmente achados entre objetos que a venda acumulava como se recolhesse pedaços de todas as estradas. O cura, sempre atento a livros e escritos, pediu para vê-los.

O vendeiro trouxe um maço de folhas gastas. Os papéis não tratavam de cavalaria, para alívio do cura, nem de contas de hospedagem, para alívio de Sancho. Havia ali uma história ordenada, escrita com cuidado, falando de amizade, casamento, desejo, confiança e prova. O título, quando lido em voz alta, despertou curiosidade: parecia tratar de um homem curioso demais para o próprio bem.

O cura examinou as primeiras páginas. A escrita tinha arte suficiente para prender ouvintes e perigo suficiente para interessá-los. Depois de tantas histórias vividas e mal vividas naquela venda, a ideia de ouvir uma história alheia pareceu quase descanso. A dor real de Doroteia, Lucinda, Cardenio e Fernando ainda estava fresca; talvez uma narrativa externa desse a todos algum espaço para respirar sem abandonar o tema das paixões humanas.

Fernando aprovou a leitura. Lucinda e Doroteia sentaram-se próximas, não como rivais, mas como mulheres que acabavam de sair da mesma tempestade por lados diferentes. Cardenio ficou junto de Lucinda, silencioso. O barbeiro acomodou-se satisfeito. O vendeiro, orgulhoso de possuir coisa que interessava ao cura, esqueceu por um instante as contas. Até Sancho aceitou ouvir, desde que a leitura não atrasasse comida.

Dom Quixote perguntou se a história continha cavaleiros, castelos, gigantes ou princesas perseguidas. O cura respondeu que continha perigos de outro tipo: os que nascem dentro das casas, entre amigos, maridos e esposas. O cavaleiro franziu o cenho, como quem não sabe se isso merece espada. Doroteia, com prudência de Micomicona, disse que todo cavaleiro sábio devia conhecer também as batalhas do coração. Dom Quixote aceitou, porque vindo de princesa a frase soava quase lei.

O grupo se organizou. A venda, que antes fora campo de pancadas, tribunal improvisado e castelo imaginário, transformou-se em sala de escuta. Do lado de fora, a estrada seguia chamando viajantes; dentro, as pessoas se reuniam em torno de folhas encontradas. Era como se a própria casa, cansada de tantas aventuras sofridas, pedisse por algumas horas de voz contínua, sem correria.

O cura começou a ler. As primeiras linhas apresentavam dois amigos ligados por confiança profunda, desses vínculos que parecem tão

firmes que ninguém imagina testá-los. Mas justamente aí, na vontade de provar o que deveria permanecer livre de prova, nascia a ameaça. O texto falava de amor e suspeita com uma sobriedade que fez Doroteia baixar os olhos. Lucinda ouviu com atenção. Fernando, talvez por consciência recente, ficou mais sério.

Sancho tentou acompanhar a lição moral e concluiu, rapidamente, que quem tem mulher honrada, amigo leal e casa quieta não deveria inventar testes. Era uma sabedoria que lhe parecia evidente. O barbeiro concordou. Dom Quixote, porém, via a questão por outro lado: se havia prova, talvez houvesse aventura; se havia honra em risco, talvez houvesse campo para defesa. O cura notou a inclinação e leu com mais firmeza, esperando que a própria narrativa ensinasse onde a espada não alcança.

A cada trecho, a venda se aquietava mais. O som da voz do cura cobria rangidos, passos e pequenas inquietações. A história encontrada começava a funcionar como espelho deslocado: não falava diretamente de Fernando e Doroteia, nem de Cardenio e Lucinda, mas todos reconheciam nela alguma dobra do desejo, da confiança e do dano causado quando se transforma amor em experimento.

Dom Quixote permaneceu sentado por algum tempo, o que os sensatos contaram como vitória. Sancho, vendo o amo contido, relaxou. Doroteia sustentava ainda a dignidade de princesa, mas já podia ouvir como Doroteia. Lucinda escutava como quem mede o preço de ser provada por vontades alheias. Cardenio, que conhecia bem o estrago da suspeita e da intervenção, apertou discretamente as mãos.

Assim a venda abriu espaço para uma aventura sem movimento. Nenhum cavalo partia, nenhuma lança se erguia, nenhuma janela escondia pancada. Ainda assim, havia perigo nas palavras. A história encontrada prometia mostrar que certas loucuras não precisam de armadura para causar ruína; bastam inteligência mal dirigida,

curiosidade soberba e desejo de controlar aquilo que só vive quando é confiado.

O cura continuou a leitura, e todos, por motivos diferentes, escutaram. Por algumas horas, Dom Quixote foi mantido dentro de uma ficção alheia. Esse desvio parecia bom sinal. Naquela venda, onde cada um trouxera uma história quebrada, outra história começava a ser contada. E, como tantas vezes acontece, ninguém sabia ainda se ouvir a queda dos outros ajudaria a evitar a própria.

# Capítulo 38 - O curioso impertinente

## Capítulo 38 - O curioso impertinente

O cura ajeitou as folhas encontradas e avisou aos ouvintes que a história a seguir não se passava naquela venda, nem nas serras por onde tinham vindo, mas em Florença, cidade rica em casas nobres, amizades antigas e perigos delicados. Essa distância agradou a todos. Depois de tantas verdades próximas demais, parecia descanso olhar para a ruína dos outros por uma janela de papel.

Chamava-se Anselmo um dos homens da narrativa. Era rico, bem-nascido, estimado e, segundo diziam, dotado de juízo suficiente para viver feliz. Seu amigo mais íntimo era Lotário, homem de honra firme, discreto e leal. A amizade dos dois era tão conhecida que muitos os chamavam de uma só alma dividida em dois corpos. Iam juntos, conversavam juntos, aconselhavam-se em tudo, e nenhum parecia guardar do outro segredo que importasse.

Anselmo casou-se com Camila, mulher de beleza serena e virtude reconhecida. Não era apenas formosa; tinha aquela dignidade quieta que torna a confiança mais natural que a vigilância. Lotário, vendo o casamento do amigo, afastou-se um pouco por respeito. Sabia que a amizade entre homens solteiros muda de medida quando um deles toma esposa. Não queria ser presença excessiva em casa alheia, nem dar ao mundo pretexto para murmuração.

Até aí, disse o cura, tudo caminhava como deveria. O vendeiro, que ouvia de pé, comentou que histórias assim só começam a dar trabalho quando alguém inventa trabalho onde não há. Sancho concordou com entusiasmo, antes mesmo de saber o resto. Dom Quixote pediu silêncio, porque uma história nobre merecia atenção.

Anselmo, porém, não soube habitar a própria felicidade. Tinha esposa honrada, amigo leal, casa segura e nome limpo. Justamente por isso, começou a desejar uma certeza que nenhuma pessoa prudente deve exigir. Queria ver a fidelidade de Camila posta diante de tentação ativa, como se a paz da casa fosse prova insuficiente. Achava que virtude não provada era virtude incompleta, como espada nunca tirada da bainha.

Lotário ouviu essa ideia com espanto quando o amigo a confessou. Anselmo queria que ele, Lotário, fingisse cortejar Camila. Queria que a amizade se transformasse em instrumento de prova. Queria que o homem em quem mais confiava fosse usado para produzir perigo dentro da própria casa. Se Camila resistisse, Anselmo se julgaria o mais feliz dos maridos; se caísse, ao menos conheceria a verdade. Assim dizia, com a lógica torta dos que chamam curiosidade de prudência.

Lotário recusou imediatamente. Disse que há honras que não se testam sem feri-las, como vidro que perde valor mesmo se não quebra. Disse que mulher honrada não deve ser posta diante de armadilha para satisfazer desconfiança sem causa. Disse que amigo verdadeiro não ajuda outro a destruir a paz doméstica. Falou com razão, firmeza e afeto. Era o tipo de conselho que deveria encerrar a questão.

Mas Anselmo não queria conselho; queria cumplicidade. Insistiu. Afirmou que só confiaria plenamente na virtude de Camila depois de vê-la resistir a Lotário. Quanto mais Lotário argumentava, mais Anselmo se agarrava à ideia. A impertinência de sua curiosidade crescia porque encontrava resistência: como menino diante de porta fechada, desejava ainda mais abri-la.

Na venda, Doroteia escutava com rosto sério. Lucinda também. Ambas conheciam bem o que acontece quando homens transformam mulheres em terreno de prova, conquista ou honra própria. Fernando baixou os olhos. Cardenio permaneceu imóvel. A história de Florença,

embora distante, tocava nervos recentes demais.

O cura continuou. Lotário procurou outro caminho: se Anselmo desejava saber se Camila era boa, bastava olhar sua conduta. Ela vivia recolhida, tratava-o com respeito, não dava ocasião a suspeitas. Querer mais era desprezar o bem que possuía. A honra, disse Lotário, não aumenta por ser exposta ao risco; apenas fica mais perto da perda.

Anselmo ouviu, elogiou a prudência do amigo e voltou a pedir a mesma loucura. Prometeu não se ofender. Jurou que tudo seria segredo. Disse que a prova seria breve, controlada, quase filosófica. Lotário percebeu que a razão não entrava onde a fantasia de certeza já tinha fechado a porta. O amigo estava doente de uma dúvida sem objeto.

Dom Quixote mexeu-se, intrigado. Para ele, provar virtude em perigo parecia matéria de romance; mas havia algo no tom do cura que indicava desastre, não glória. Sancho, menos dividido, murmurou que quem planta espinheiro não deve reclamar de arranhão. O barbeiro sorriu para dentro, porque às vezes Sancho cortava mais fino que muito letrado.

Por fim, cansado da insistência e temendo que Anselmo buscasse outro instrumento pior, Lotário fingiu aceitar. Disse que faria o que o amigo queria, mas em seu íntimo decidiu proteger Camila e curar Anselmo pelo caminho menos danoso. Planejou visitar a casa, falar pouco, simular obediência e depois dizer que Camila se mostrara inabalável. Seria uma mentira para salvar três verdades: a honra da esposa, a amizade e a paz da casa.

O perigo, porém, já estava criado. Ao pedir a prova, Anselmo abrira uma porta. Lotário, mesmo bem-intencionado, aceitou cruzar esse limite. Camila, que nada sabia, permanecia no centro de um experimento feito sobre sua vida sem seu consentimento. E a confiança, uma vez tratada como coisa duvidosa, começava a sofrer

antes mesmo de ser traída.

O cura levantou os olhos das folhas por um instante. Na venda, ninguém falava. A história encontrada tinha prendido a todos. Não havia gigante, nem batalha, nem encantamento visível. Havia apenas um homem incapaz de suportar a própria felicidade sem desmontá-la para ver de que era feita. E isso, talvez, fosse uma aventura mais perigosa que muitas lanças.

# Capítulo 39 - A prova de Anselmo

## Capítulo 39 - A prova de Anselmo

O cura prosseguiu a leitura, e a venda mergulhou outra vez em silêncio. Anselmo, preso à própria ideia, não descansou enquanto Lotário não lhe prometeu participar da prova. A promessa, porém, nasceu dividida. Por fora, Lotário parecia ceder ao amigo; por dentro, decidia impedir que a curiosidade de Anselmo tocasse de fato a honra de Camila.

Começou então a frequentar a casa com mais regularidade, como Anselmo desejava. Camila recebeu-o sem estranhamento, pois sempre o conhecera como amigo do marido e homem de confiança. Não havia em seu trato sombra que justificasse suspeita. Falava-lhe com cortesia, perguntava por Anselmo quando ele se ausentava, cuidava da ordem doméstica e se movia pela casa com a tranquilidade de quem nada tem a esconder.

Lotário observou tudo isso e sentiu crescer a indignação contra o amigo. Quanto mais via a virtude serena de Camila, mais absurda lhe parecia a prova. Anselmo tinha diante de si o que dizia desejar e, justamente por possuí-lo, queria forçá-lo contra uma lâmina. A confiança dele se transformara em fome de certeza impossível.

Nos primeiros dias, Lotário nada fez além de estar presente. Quando Anselmo lhe perguntava sobre os avanços da tentativa, respondia que Camila se mostrava honrada, fria a qualquer insinuação e inteiramente fiel. Anselmo ouvia, mas não se satisfazia. Dizia que Lotário não tentara bastante. Uma virtude não se provava com silêncio, mas com assédio verdadeiro. Era preciso falar-lhe de amor, elogiar sua beleza, tocar-lhe a imaginação.

Na venda, Sancho interrompeu baixinho que havia gente que só acreditava na parede depois de bater a cabeça nela. O barbeiro achou o comentário adequado. O cura, sem levantar muito os olhos, continuou, talvez porque a própria história já respondia melhor que qualquer sermão.

Lotário recusou-se a ir além. Disse a Anselmo que insistir seria pecado contra a amizade, contra o casamento e contra o juízo. Repetiu que Camila já estava provada pelo modo como vivia. Mas Anselmo, cada vez mais tomado pela própria fantasia, acusou o amigo de preguiça, medo ou falsa delicadeza. Chegou a insinuar que Lotário protegia Camila para proteger a si mesmo da dificuldade da tarefa.

Essa suspeita feriu Lotário, que via a amizade sendo arrastada para o mesmo pântano da desconfiança. O curioso impertinente já não duvidava apenas da esposa; começava a duvidar também do amigo por este não querer ajudá-lo a duvidar. Assim, a doença de Anselmo se espalhava.

Para cortar a insistência, Lotário escolheu caminho perigoso: mentir. Disse a Anselmo que havia falado com Camila, que lhe dera sinais de admiração, que experimentara abrir uma porta de galanteio e encontrara apenas recusa limpa. Inventou detalhes suficientes para parecer obediente e concluiu que a honra dela saíra mais clara que antes. Esperava, com isso, satisfazer o amigo sem tocar a esposa.

Anselmo, porém, ficou mais excitado que pacificado. Em vez de agradecer a prova favorável, quis vê-la repetida. Pediu circunstâncias, palavras exatas, novas tentativas. A virtude de Camila, longe de encerrá-lo em contentamento, tornou-se desafio maior. Se resistira uma vez, resistiria sempre? Se recusara uma insinuação, recusaria promessas mais ardentes? A curiosidade, alimentada, exigia alimento novo.

Lotário percebeu tarde que sua mentira prudente dera forma ao monstro. Antes, Anselmo imaginava a prova; agora acreditava que ela começara e queria acompanhá-la. Pediu ao amigo que não desistisse. Insistiu para que se mostrasse mais ousado. Chegou a propor ausentar-se de casa por dias, deixando Lotário e Camila em situação mais livre, como se a própria casa fosse laboratório e a esposa, objeto sem vontade.

Camila, enquanto isso, nada sabia. Percebia talvez maior frequência de Lotário, alguma tensão no marido, pequenos desvios na conversa. Mas sua consciência permanecia tranquila. É uma das crueldades da história, leu o cura, que a pessoa testada por desconfiança muitas vezes seja a última a saber que sua vida se tornou prova.

Doroteia ouviu essa frase com dureza. Lucinda também. Fernando mexeu-se, desconfortável. A venda inteira parecia entender, por experiência recente, que os homens costumavam chamar de honra aquilo que muitas vezes era apenas controle. Dom Quixote, menos atento à crítica doméstica, perguntou se Lotário acabaria duelando com alguém. O cura respondeu que ainda não havia duelo, mas já havia ferida.

Lotário tentou uma última resistência. Disse a Anselmo que se ausentar de propósito seria maldade sem desculpa. Disse que nenhuma mulher, por mais honrada, devia ser empurrada para circunstância armada contra ela. Disse que tentar a queda de alguém e depois culpá-la por cair era injustiça dupla. Mas Anselmo já havia transformado a experiência em necessidade. Não queria apenas saber; queria ver o saber nascer diante dele.

Pressionado pela amizade, pela fadiga e talvez pelo orgulho ferido, Lotário prometeu continuar, ainda com intenção de não ir até o fim. Decidiu que, se Anselmo se ausentasse, ele passaria pela casa apenas para conservar a aparência do plano e depois repetiria novo relato

falso. Sua esperança era cansar o amigo pela repetição de boas notícias. Mas esperança fundada em mentira costuma pedir juros altos.

O capítulo da leitura terminou nesse ponto provisório. Anselmo preparava sua ausência. Lotário preparava sua mentira. Camila, sem saber, permanecia no centro do círculo. E na venda, entre ouvintes que já tinham visto promessas quase destruírem vidas, a história começava a mostrar que nem toda traição começa por desejo. Algumas começam por desconfiança vestida de razão.

# Capítulo 40 - A tentação de Lotário

## Capítulo 40 - A tentação de Lotário

O cura voltou aos papéis e a venda acompanhou, como quem já sabe que uma queda pode começar em passos muito pequenos. Anselmo, não satisfeito com relatos, decidiu ausentar-se de casa por alguns dias. Disse a Camila que negócios o chamavam fora da cidade. Disse a Lotário que agora, enfim, a prova teria ocasião verdadeira. E a si mesmo disse que tudo era prudência.

Lotário ouviu a decisão com angústia. Tinha imaginado que bastariam respostas falsas para cansar o amigo, mas Anselmo transformava cada recusa em convite a ir mais longe. Se Lotário não aparecesse na casa, o amigo suspeitaria dele. Se aparecesse, a injustiça contra Camila aumentaria. A amizade o prendia de um lado; a honra o puxava de outro; e, no meio, a curiosidade de Anselmo abria caminho como água ruim em parede antiga.

Camila recebeu a notícia da ausência do marido com tristeza comum, sem imaginar o artifício. Pediu-lhe que voltasse cedo, cuidou de preparar o necessário e confiou na palavra que sustentava o casamento. Essa confiança simples, lida em voz alta, pesou sobre os ouvintes. Doroteia baixou os olhos. Lucinda apertou as mãos. Sancho murmurou que enganar quem confia é pecado de duas portas: uma por onde entra a mentira e outra por onde sai a vergonha.

Anselmo partiu. Ou fingiu partir, pois parte de seu plano era vigiar de longe, recolher notícias, medir sinais. Lotário, obrigado pela promessa, foi à casa. Camila o recebeu como sempre: com cortesia limpa, sem excesso, sem frieza ofensiva. Perguntou por sua saúde, agradeceu a visita ao amigo ausente e ofereceu conversa em sala aberta. Nada havia ali que pudesse alimentar culpa.

Mas a situação já não era inocente, porque fora armada para não ser. Lotário sabia demais. Sabia que cada palavra sua, mesmo honesta, fazia parte de uma rede. Sabia que Anselmo esperava dele movimento mais ousado. Sabia que Camila ignorava tudo e, por isso mesmo, estava desprotegida. O perigo não vinha dela. Vinha do papel que outros haviam escrito sem que ela pudesse ler.

Nos primeiros encontros, Lotário permaneceu fiel à própria intenção. Falou pouco, não insinuou nada, manteve distância respeitosa. Depois procurou Anselmo e contou nova mentira: disse que Camila continuava firme, que nenhuma palavra a movia, que o marido podia descansar. Esperava que a repetição da virtude produzisse paz.

Anselmo, porém, não descansou. Quis saber por que Lotário falava tão pouco. Quis saber que palavras usara, com que tom, em que momento. Acusou-o de tratar a prova como visita de cortesia. A ausência, disse, só teria utilidade se Lotário aproveitasse todas as vantagens dela. Era preciso insistir, elogiar, aproximar-se, mostrar desejo. De outro modo, a experiência não passava de teatro mal feito.

Lotário sentiu vergonha e raiva. Era empurrado a fingir desejo até que o fingimento tivesse corpo suficiente para satisfazer o amigo. E aí estava o primeiro veneno: certas máscaras, usadas tempo demais, aquecem no rosto. Ao voltar à casa de Camila, ele já não era apenas amigo tentando proteger inocentes. Entrava como homem obrigado a representar perigo diante de uma mulher que não o esperava.

Camila percebeu a mudança. Lotário ainda era respeitoso; sua presença, porém, trazia um incômodo que antes não havia. Ela perguntou se algo o afligia. Ele respondeu evasivo. A compaixão dela, honesta, atingiu-o de modo inesperado. Até então, Camila fora para ele sobretudo a esposa do amigo e vítima de uma prova injusta. Agora, pela atenção com que o olhava, aparecia como pessoa inteira: inteligente, doce, capaz de cuidado.

Na venda, o cura fez uma pausa breve. Ninguém precisou perguntar por quê. A história chegava ao ponto em que a mentira deixa de proteger e começa a criar aquilo que fingia apenas simular. Fernando ouviu com o rosto fechado. Cardenio, que conhecia bem a traição de amigos, acompanhava cada nome como quem observa uma ponte ranger.

Lotário saiu daquele encontro perturbado. Não amava Camila, dizia a si mesmo. Apenas a admirava. Apenas lamentava a injustiça. Apenas desejava que Anselmo fosse menos louco. Mas os apelos de Anselmo, as visitas repetidas, a solidão fabricada, a beleza serena de Camila e a intimidade permitida pela confiança começaram a trabalhar juntos. Nenhuma paixão nasce sem alimento; Anselmo servia o banquete sem perceber.

Ainda assim, Lotário tentou resistir. Evitou visitas por alguns dias. Anselmo, ao saber, enfureceu-se. Disse que o amigo traía a promessa, que fugia por covardia, que o deixava sem a certeza desejada. Chegou a declarar que, se Lotário não prosseguisse, procuraria outro homem para a prova. Essa ameaça venceu a última defesa prudente. Lotário voltou à casa para impedir mal maior e, ao fazê-lo, aproximou-se do mal que tentava evitar.

Camila recebeu-o com surpresa e alguma alegria inocente, pois julgava suas visitas sinal de amizade pela casa de Anselmo. Essa alegria foi a ferida. Lotário percebeu que desejava ser recebido daquela maneira, como presença querida. Assustou-se consigo mesmo. O papel ganhava vida.

O cura leu então que Lotário começou a falar com mais calor. Ainda não era confissão aberta nem queda completa. Eram palavras um pouco mais demoradas, olhares que permaneciam, elogios que poderiam ser entendidos de dois modos. Camila, honrada e sem malícia, estranhou. Recolheu-se um pouco. Essa resistência deveria

salvá-los. Em vez disso, feriu o orgulho nascente de Lotário e aumentou sua atenção.

Anselmo, longe, recebia sinais falsos e verdadeiros misturados. Lotário dizia que a prova avançava, Camila resistia, a honra permanecia firme. O marido deveria alegrar-se. Mas ele queria mais. A certeza que buscava se afastava a cada notícia, como miragem. O curioso impertinente já não conduzia experiência; era conduzido por ela.

Quando o cura encerrou aquele trecho, a venda estava quieta. A tentação ainda não vencera. Mesmo assim, já existia. Anselmo a criara para medir Camila; Lotário começava a senti-la contra si; Camila, sem saber, defendia-se de uma guerra declarada por outros. E todos os ouvintes compreenderam que algumas tragédias começam antes da queda: começam quando alguém prepara o chão.

# Capítulo 41 - O colapso da prova

## Capítulo 41 - O colapso da prova

O cura retomou a leitura, e a venda parecia já conhecer o caminho da desgraça antes que as palavras chegassem. Lotário, que começara fingindo obedecer a Anselmo para salvar Camila, já não estava seguro de si. A frequência das visitas, a solidão fabricada, a confiança da casa e a beleza viva de Camila tinham feito crescer nele aquilo que primeiro julgara apenas papel representado.

Camila percebeu a mudança com maior clareza. Lotário falava agora com uma demora que não combinava com simples amizade. Seus elogios, antes raros e gerais, tornaram-se mais atentos. As pausas dele pesavam. Ela, honrada sem ingenuidade, sentiu que alguma coisa fora deslocada. Ainda não sabia o nome do perigo; a casa, porém, já não lhe parecia tão segura.

Quando Lotário enfim avançou para palavras mais abertas, Camila recuou com dignidade ferida. Lembrou-lhe que era amigo de Anselmo, que a casa o recebia por confiança, que qualquer galanteio ali era ofensa dupla. Lotário ouviu e envergonhou-se. A vergonha, em vez de detê-lo de vez, entrou nele misturada ao desejo.

Na venda, Doroteia soltou um suspiro quase imperceptível. Lucinda olhou para ela. Ambas conheciam aquela posição: a mulher obrigada a defender a própria vontade e a ordem que os homens ao redor já tinham rasgado. Sancho, mais direto, murmurou que quem manda outro abrir buraco não pode reclamar se a casa cai.

Camila tentou cortar o mal pela raiz. Escreveu a Anselmo, pedindo que voltasse ou que ao menos não permitisse visitas tão frequentes em sua ausência. Não acusou Lotário por inteiro; talvez ainda esperasse que a

vergonha o corrigisse. Suas palavras deixavam clara a aflição: uma casa sem marido, recebendo diariamente o amigo do marido, começava a ser assunto perigoso, mesmo antes da culpa consumada.

Anselmo recebeu o aviso como quem recebe confirmação de seu experimento. Em vez de voltar, alegrou-se secretamente. A resistência de Camila lhe parecia sinal de que a prova funcionava. A inquietação dela, que deveria despertar proteção, despertou nele curiosidade maior. Respondeu com evasivas, prolongou a ausência e ordenou a Lotário que prosseguisse. A loucura da certeza já o tornara surdo ao sofrimento que produzia.

Lotário, ao saber da carta, compreendeu que Camila começava a sentir o cerco. Esse conhecimento deveria detê-lo. Por algumas horas, deteve. Anselmo, com sua insistência, empurrava-o de novo para a casa. O amigo exigia ousadia, e Lotário, meio por orgulho, meio por desejo, meio por já não saber recuar, voltou a procurar Camila.

Dessa vez, suas palavras não ficaram no terreno ambíguo. Confessou amor. Disse que lutara contra si mesmo, que entrara naquela situação por obediência absurda ao amigo, que agora estava vencido. Camila ouviu com espanto e ira. O que para Lotário parecia confissão sofrida, para ela era traição amadurecida dentro de sua própria sala.

Respondeu com firmeza. Disse que, se havia culpa, começara nele e em Anselmo, não nela. Disse que não consentiria em ser transformada em recompensa de prova nem em remédio para desejo alheio. Mandou que Lotário se afastasse e prometeu revelar tudo se ele persistisse. A cada palavra, sua honra se defendia sozinha, porque os que deviam defendê-la tinham preparado a ameaça.

Lotário saiu destruído, sem estar curado. O desejo, impedido, passou a disputar espaço com o medo. Se Camila contasse tudo, ele perderia Anselmo, honra, nome e talvez a própria segurança. Se calasse, a

possibilidade continuava viva. A mentira inventada para evitar mal maior começava a defender a si mesma.

O cura leu então que Anselmo, escondido em parte de sua própria armadilha, decidiu observar mais de perto. Queria ver com os próprios olhos alguma cena que confirmasse a força da esposa ou a habilidade do amigo. Preparou nova ausência fingida e combinou sinais. Cada passo que dava para conhecer a verdade empurrava todos para uma verdade pior.

Camila, percebendo o cerco e sem confiança plena em nenhum dos dois, voltou-se para Leonela, sua criada. Até então Leonela fora presença secundária, mas as casas caem também por portas menores. Camila precisava de conselho, companhia e proteção. Contou parte de sua angústia. Leonela ouviu, embora sua prudência fosse menos firme que a da senhora. Havia nela curiosidade, vaidade e outros segredos que a narrativa ainda guardava.

A venda se mexeu ao ouvir esse novo nome. O barbeiro comentou que, quando uma história já tem marido curioso, amigo tentado e esposa aflita, a entrada de criada imprudente costuma anunciar mais confusão. Dom Quixote perguntou se Leonela era donzela encantada ou mensageira. O cura respondeu que, em histórias domésticas, as mensageiras bastam para causar tanto dano quanto encantadores.

Camila ainda resistia. Isso precisava ficar claro. Não caíra por desejo, nem por vaidade simples, nem por fraqueza imediata. Estava sendo pressionada por uma rede de decisões alheias. A resistência também cansa quando a casa inteira vira teatro de outra pessoa. Anselmo queria prova; Lotário queria Camila; Camila queria apenas recuperar o chão.

Lotário voltou mais uma vez. Camila recusou-o de novo, agora com lágrimas. Ele viu nelas a dor e a medida do mal que já fizera. Por um

instante, quase confessou tudo a Anselmo e fugiu da casa para sempre. Faltou-lhe coragem para a verdade inteira. Preferiu acreditar que ainda haveria saída sem perda, como se a mentira, depois de crescer, aceitasse ser guardada em bolso pequeno.

O trecho terminou com todos suspensos: Anselmo mais curioso, Lotário mais culpado, Camila mais cercada, Leonela introduzida como risco novo. O colapso ainda não chegara ao fim; sua forma já estava desenhada. Na venda, os ouvintes entenderam que a prova inventada por Anselmo não media a fidelidade de Camila. Media a capacidade de todos destruírem aquilo que diziam amar.

# Capítulo 42 - O fim do curioso impertinente

## Capítulo 42 - O fim do curioso impertinente

O cura respirou antes de continuar, como quem sabe que a história já não pode ser salva. Na venda, ninguém pediu pausa. Todos queriam chegar ao fim, talvez porque, quando uma ruína começa, o coração humano insiste em acompanhá-la até a última pedra. Camila ainda resistia, Lotário ainda hesitava, Anselmo ainda queria saber; mas a casa já estava cheia demais de segredo para permanecer de pé.

Leonela, a criada, tornou-se peça decisiva. Ela guardava seus próprios encontros, suas próprias imprudências, seus próprios medos. Camila, cercada pela insistência de Lotário e pela ausência fabricada de Anselmo, confiou nela além do que convinha. Lotário, temendo ser descoberto, aproximou-se por atalhos de palavra. A prudência, que antes ainda aparecia em lampejos, começou a ceder ao cálculo de sobrevivência.

Camila viu-se presa entre males. Se revelasse tudo, exporia a loucura de Anselmo e a culpa de Lotário, mas também arrastaria seu nome para o centro da suspeita. Se calasse, continuaria vivendo dentro da armadilha. Lotário, cada vez mais tomado pelo desejo, já não vinha só como ameaça de fora; apresentava também seu próprio sofrimento, como se isso pudesse diminuir a injustiça cometida contra ela.

Foi assim que a resistência começou a cansar. A honra de Camila não faltara; faltava-lhe trégua. No princípio ela se defendia em terreno claro; agora pisava terreno turvo. Lotário insistia; Anselmo vigiava; Leonela complicava; a casa, antes abrigo, virava palco. A queda não veio como raio. Veio como telhado que, depois de muitas infiltrações,

cede.

O cura leu com sobriedade, sem prazer no desastre. Lotário e Camila acabaram envolvidos naquilo que Anselmo havia querido apenas fingir. A prova criou a culpa que buscava descobrir. O amigo tornou-se traidor; a esposa, cercada e vencida por circunstâncias que outros prepararam, entrou no erro; o marido, autor do experimento, tornou-se vítima de sua própria máquina.

Na venda, Sancho fez o sinal da cruz sem muito método. Dom Quixote, inquieto, perguntou se não havia cavaleiro que interviesse a tempo. O cura respondeu que, nessa história, o inimigo estava dentro da prudência mal usada. Dom Quixote não gostou da resposta. Preferia gigantes. Gigantes, ao menos, ficavam do lado de fora.

Anselmo, desconfiado e faminto de certeza até o fim, escondeu-se para observar. Queria ver a verdade com os próprios olhos. Viu o bastante para destruir-se. A cena que encontrou não lhe deu a satisfação amarga de quem prova uma suspeita antiga; deu-lhe o horror de reconhecer que a suspeita nascera dele. Não descobrira uma traição anterior. Fabricara a ocasião, alimentara o perigo, empurrara amigo e esposa para a beira e agora se espantava com a queda.

Camila fugiu. Lotário também fugiu. Leonela desapareceu em seu próprio medo. A casa de Anselmo, que no começo tinha amizade, casamento e reputação, ficou vazia de tudo que importava. O homem que quis testar a felicidade para possuí-la com mais segurança descobriu que a felicidade não suporta ser tratada como prisioneira.

Lotário buscou guerra distante e nela encontrou a morte. Camila, retirada para vida religiosa, morreu consumida por dor e vergonha. Anselmo, ao saber de tudo, adoeceu do entendimento tardio. Antes de morrer, escreveu a verdade: Camila não fora a primeira causa de sua ruína, nem Lotário sozinho. Sua curiosidade impertinente abrira a

porta; seu desejo de provar o que deveria confiar pusera fogo na casa.

O cura leu essas últimas palavras mais baixo. A venda inteira escutava. O papel dizia, em resumo, que Anselmo morria por ter armado o engano que depois o feriu. Morria autor e vítima da mesma imprudência. A história encerrava-se sem consolo fácil. Ninguém saía limpo, e a raiz do mal ficava nomeada.

Quando terminou, o cura deixou as folhas sobre a mesa. A venda permaneceu quieta por alguns instantes. Doroteia foi a primeira a respirar fundo. Lucinda segurava as mãos juntas. Cardenio olhava para baixo, talvez pensando em Fernando, em amizade, em confiança traída. Fernando, por sua vez, parecia entender que certas histórias lidas por acaso podem acusar melhor que sermões preparados.

Sancho concluiu que homem que tem pão, casa, amigo e mulher honrada deve comer o pão, cuidar da casa, tratar bem o amigo e agradecer a mulher, sem inventar prova. O barbeiro concordou que essa era interpretação bastante útil. O vendeiro lamentou apenas que histórias tristes não ajudassem a cobrar hospedagem, embora admitisse que aquela tinha prendido os ouvintes.

Dom Quixote ficou dividido. Histórias sem armas raramente o satisfaziam, e ainda assim alguma coisa ali o incomodara. Disse que Anselmo errara por não confiar sua causa a cavaleiro andante antes que as coisas se perdessem. O cura não discutiu. Às vezes era melhor deixar que a loucura tirasse uma moral torta de uma verdade reta, desde que permanecesse quieta.

A leitura terminara, e com ela a venda voltava a si. O mundo principal, que ficara suspenso entre as folhas, começava a chamar de novo: a Princesa Micomicona ainda existia para Dom Quixote; Sancho ainda sonhava com ilha; o cura ainda precisava conduzir o fidalgo à aldeia; a estrada ainda podia trazer novos viajantes e novas confusões. Por um

momento, todos ficaram sob o peso daquela narrativa inserida, como se tivessem visto uma pequena tragédia desenhar, em outra casa, os perigos de suas próprias vidas.

O cura guardou os papéis com cuidado. A venda, tão acostumada a pancadas e risos, havia abrigado uma lição amarga. E Dom Quixote, que tantas vezes confundia ficção com realidade, fora mantido quieto por uma ficção que falava da realidade mais crua. Era hora de voltar à ação principal. A história de Anselmo, Lotário e Camila ficou na mesa por algum tempo, invisível e pesada, como copo que ninguém ousa tocar depois de ouvir quebrar-se uma casa inteira.

# Capítulo 43 - A venda desperta

## Capítulo 43 - A venda desperta

Depois do fim do Curioso Impertinente, a venda demorou a recuperar seus ruídos. A história de Anselmo, Lotário e Camila ficara suspensa no ar como fumaça amarga. O cura juntou os papéis e ninguém lhe pediu que lesse mais. Até Sancho, que costumava ter fome maior que melancolia, ficou por algum tempo calado, ocupado em mastigar uma moral simples: certas curiosidades saem mais caras que hospedagem ruim.

Doroteia e Lucinda conversaram baixo. Ambas haviam ouvido na narrativa algo que tocava suas próprias feridas, ainda que de modo indireto. Fernando parecia mais recolhido, como se a queda de Anselmo lhe lembrasse que a honra não se recompõe apenas com palavras recentes. Cardenio, ao lado de Lucinda, parecia grato por ter escapado de desfecho tão escuro. A venda ensinava por contraste: algumas histórias terminavam em reparação; outras, em cinza.

Dom Quixote, porém, não suportava por muito tempo uma tristeza sem inimigo visível. Declarou que Anselmo errara por não chamar um cavaleiro andante antes de testar a própria casa. Se houvesse pedido auxílio, disse ele, o mal teria sido cortado pela raiz, Lotário castigado ou corrigido, Camila protegida e a curiosidade submetida a leis de honra. O cura preferiu não explicar que a raiz estava dentro do próprio Anselmo. Há ideias que não entram em capacete fechado.

Sancho, já recuperando sua natureza, disse que, se cada marido curioso chamasse cavaleiro para vigiar mulher, não haveria trigo bastante para alimentar tanta gente armada. O barbeiro riu. O vendeiro, ouvindo aquilo, afirmou que na sua casa não queria cavaleiro vigiando casamento alheio, pois já lhe bastavam os prejuízos de

hospedar um só. Dom Quixote ergueu a cabeça, ofendido pela lembrança de contas materiais em momento de tanta elevação moral.

A conversa trouxe a venda de volta ao chão. Panelas bateram, animais reclamaram no pátio, criados circularam. A leitura encerrada devolveu lugar ao movimento comum. Mas todos sabiam que a calma duraria pouco. Aquela estalagem parecia feita para atrair histórias em estado de colisão. Mal uma narrativa terminava, outra já farejava a porta.

Doroteia, ainda sustentando o papel de Micomicona diante de Dom Quixote, perguntou ao cura em voz baixa quanto tempo mais precisariam manter a ficção. O cura respondeu que o essencial era conduzir o fidalgo para longe das estradas abertas. Enquanto a aventura de Micomicão servisse para movê-lo, seria preciso preservá-la. Depois encontrariam forma de recolhê-lo à aldeia. Doroteia aceitou, mas já não escondia o cansaço de ser duas pessoas ao mesmo tempo.

Sancho escutou parte da conversa e entendeu apenas o que interessava: a aventura ainda não acabara. Isso preservava sua ilha imaginária. Aproximou-se de Dom Quixote e perguntou, com cautela, se depois da leitura triste e da refeição talvez fosse hora de tratar dos negócios de Micomicão. O amo aprovou a disposição do escudeiro, mas disse que cavaleiros prudentes não partem sem antes considerar sinais, presságios e condições da princesa.

O barbeiro comentou que, se presságios valessem, a venda inteira avisava para ninguém sair dali sem pagar. O vendeiro gostou da frase e repetiu-a com autoridade. Sancho fingiu não ouvir. Ele tinha memória seletiva para dívidas, uma qualidade indispensável a escudeiros pobres.

Foi então que chegaram novos sinais de movimento na estrada. Vozes ao longe, passos no pátio, rumor de gente que se aproxima sem saber

que entra em casa já cheia de enredos. O vendeiro foi olhar. O cura trocou olhar com o barbeiro: qualquer chegada podia desmontar o frágil arranjo em torno de Dom Quixote ou acrescentar nova peça à confusão. Doroteia recompôs o rosto de princesa. Sancho endireitou-se, sempre pronto a parecer importante quando havia testemunhas.

Dom Quixote interpretou o rumor como possível embaixada, desafio ou mensagem do inimigo de Micomicona. Pediu sua espada. O cura apressou-se em dizer que talvez fossem apenas viajantes comuns. O cavaleiro respondeu que os acontecimentos comuns raramente batiam à porta de um castelo onde repousava princesa destronada. Nesse ponto, pelo menos, sua lógica combinava estranhamente com a experiência de todos: naquela venda, nada entrava simples por muito tempo.

Os que estavam ali se prepararam cada um a seu modo. Fernando e Cardenio mantiveram-se atentos, agora unidos por paz recente, mas ainda sensíveis a qualquer ameaça. Lucinda e Doroteia recolheram-se um pouco. O barbeiro procurou posição discreta. Sancho calculou se a chegada traria comida, perigo ou cobrança. O vendeiro calculou camas e despesas. O cura calculou mentiras necessárias.

A leitura do Curioso Impertinente havia terminado, mas deixara uma espécie de vigilância moral. Todos pareciam mais capazes de reconhecer o instante em que uma curiosidade, um disfarce ou uma pequena mentira começa a crescer demais. Pena que reconhecer o perigo nunca impediu completamente aquela companhia de entrar nele. A diferença é que agora estavam mais cansados e talvez um pouco mais sábios.

No pátio, as vozes se aproximaram. As vozes ainda não formavam ameaça clara; traziam promessa de continuidade. A venda, desperta, abriu espaço para outra perturbação. Dom Quixote sorriu como quem

sente a aventura retornar ao seu idioma. Sancho suspirou como quem sente as pancadas procurando endereço. O cura guardou os papéis da história lida e voltou os olhos para a porta.

Assim a ação principal retomou seu curso. A ficção lida deixava lugar à ficção vivida; a tragédia de Anselmo cedia espaço à comédia perigosa de Dom Quixote. E a venda, pobre casa de estrada, continuava a fazer o que fazia melhor: juntar sob o mesmo teto a fome, a honra, a mentira, a esperança e a próxima confusão.

# Capítulo 44 - O cativo chega à venda

## Capítulo 44 - O cativo chega à venda

As vozes que se aproximavam chegaram enfim ao pátio. A venda, que mal acabara de guardar a história de Anselmo, recebeu nova comitiva. Entrou primeiro um homem de aparência cansada, marcado por viagem longa e vida áspera. Suas roupas tinham alguma dignidade perdida pelo uso, e seu rosto trazia a gravidade dos que viram mais mundo do que desejaram. Ao lado dele vinha uma mulher de beleza estrangeira, coberta em parte por véu, observando tudo com receio e esperança.

O vendeiro reconheceu de imediato que não eram viajantes comuns de feira ou lavradores de passagem. Havia neles uma mistura de pobreza e nobreza, como se tivessem perdido bens sem perder origem. O cura aproximou-se com cortesia. Doroteia e Lucinda olharam a mulher com atenção; reconheciam nela a rigidez de quem chega depois de caminho perigoso, guiada por confiança frágil.

Dom Quixote ergueu-se quase satisfeito. Para ele, a chegada confirmava que o castelo entrara em ciclo de aventuras sucessivas. Depois de princesas, reconciliações e histórias trágicas, surgiam agora estrangeiros misteriosos. Perguntou se vinham perseguidos por encantadores, corsários ou gigantes. O homem cansado olhou sem entender; Sancho apressou-se a explicar que o senhor falava daquela maneira por ofício.

O recém-chegado apresentou-se com modéstia. Disse ser cristão resgatado de cativeiro, vindo de terras de mouros, e que a mulher que o acompanhava era pessoa de grande valor, ainda aprendendo a mover-se entre língua, fé e costumes novos. O nome dela soou diferente aos ouvidos da venda. Alguns entenderam Zoraida; outros

repetiram com cuidado, como se o som pedisse respeito.

A palavra cativo mudou o ambiente. Cardenio, Fernando e o cura se aproximaram mais. Naquele tempo, cativeiro não era metáfora leve: significava correntes, resgate, distância, risco de fé, anos roubados. O homem trazia nos olhos a prova disso. A mulher, mesmo calada, carregava no rosto viagem semelhante.

O cura ofereceu assento e pediu que comessem antes de falar. O cativo agradeceu, mas sua atenção estava na mulher. Queria que ela fosse recebida sem medo. Doroteia compreendeu. Aproximou-se de Zoraida e a conduziu com delicadeza para junto das outras mulheres. Lucinda a acolheu também. A estrangeira pareceu aliviar-se ao encontrar rostos femininos em meio à confusão de homens, armas e perguntas.

Sancho observou tudo com curiosidade prática. Se aquele homem vinha de cativeiro, talvez soubesse de terras distantes, ilhas verdadeiras e governos possíveis. Mas, vendo o cansaço do recém-chegado, decidiu adiar perguntas administrativas. Era raro, mas até Sancho reconhecia quando a fome alheia tinha prioridade sobre sua ambição.

O vendeiro preparou o que pôde. A estalajadeira e as moças da casa ajudaram Zoraida com água e descanso. A venda, tantas vezes bruta, mostrava uma bondade sem cerimônia quando o sofrimento entrava pela porta de modo evidente. Dom Quixote declarou que protegeria a dama estrangeira se qualquer inimigo aparecesse. O cativo agradeceu com educação, sem saber se aceitava aquilo como promessa séria ou delírio cortês.

Depois de alguma comida, a curiosidade da sala cresceu. O cura perguntou, com tato, de onde vinham e por que caminhos tinham alcançado aquela estalagem. O cativo respondeu que sua história era longa: envolvia guerras, prisões, Argel, senhores mouros, esperança

inesperada e a coragem de uma mulher que escolhera abandonar a casa do pai para buscar outra vida. Ao ouvir isso, Zoraida baixou os olhos. A escolha ainda lhe pesava no corpo.

Fernando pediu que o relato fosse contado quando houvesse descanso suficiente. Cardenio concordou. Todos ali, depois do Curioso Impertinente, sabiam que histórias longas exigem ouvidos preparados. Mas Dom Quixote, impaciente por matéria de aventura, quis ouvir logo nomes de batalhas, torres e resgates. O cura conteve-o: primeiro hospitalidade, depois narrativa.

A presença de Zoraida trouxe também delicadeza religiosa. Ela falava pouco, mas trazia no corpo sinais de passagem entre mundos: vestes estrangeiras, palavras incertas, olhar dividido entre medo e decisão. O cativo explicou que ela desejava tornar-se cristã e que sua coragem fora decisiva para a fuga. O cura recebeu essa informação com seriedade. A venda, que pouco antes escutara tragédia doméstica florentina, preparava-se agora para relato de fé, fronteira e liberdade.

Doroteia viu em Zoraida algo que reconhecia: uma mulher obrigada a agir dentro de estruturas decididas por homens, mas capaz de escolher caminho próprio. Lucinda ofereceu-lhe água e sorriso. Zoraida respondeu em língua imperfeita; a pequena resposta bastou. Em volta delas, a estalagem pareceu baixar de volume.

O cativo, chamado a descansar, ainda prometeu que contaria tudo: sua linhagem, sua ida à guerra, a perda da liberdade, a vida no cativeiro, a aparição de Zoraida e a fuga. O cura percebeu que ali havia narrativa extensa, talvez tão poderosa quanto a anterior, ligada diretamente ao mundo que entrava pela porta. Era memória viva.

Assim, a venda ganhou novo centro. O manuscrito trágico dera lugar ao homem que carregava sua própria história no rosto. Dom Quixote via promessa de feitos armados; Sancho via possibilidade de geografia

útil; o cura via alma a acolher e relato a ordenar; Doroteia e Lucinda viam mulher estrangeira em passagem difícil. O cativo e Zoraida, por sua vez, encontravam abrigo provisório no lugar mais improvável das estradas.

Ao fim daquele movimento, todos compreenderam que a noite ainda renderia palavras. O cativo falaria. Zoraida seria ouvida, mesmo quando lhe faltassem palavras. E a venda, que parecia não ter paredes bastante para tantas vidas, abriu mais um espaço sob o mesmo teto. A próxima história viria da memória de quem sobrevivera para contá-la.

# Capítulo 45 - O relato do cativo

## Capítulo 45 - O relato do cativo

Quando todos se acomodaram, o cativo começou a falar. Falou baixo no início, como quem puxa da memória uma carga antiga e precisa pôr as perdas em ordem para não se perder nelas. Zoraida sentou-se perto das mulheres, ouvindo palavras que conhecia em parte e em parte apenas pelo tom. O cura pediu quietude. Até Dom Quixote, por respeito à promessa de aventuras de guerra, aquietou-se.

O cativo disse que nascera em família honrada, com poucos bens e bastante ambição de serviço. Tinha irmãos, e a casa paterna, como tantas casas, precisou dividir esperanças. Um seguiria letras, outro comércio ou governo doméstico; ele, inclinado às armas, escolheu a estrada militar. Havia vaidade nessa escolha. A guerra prometia nome, sustento e ocasião para mostrar valor.

Serviu primeiro em companhias cristãs, aprendendo que a glória dos soldados costuma chegar misturada a frio, fome, espera e ordens mal compreendidas. Viu portos, navios, fortalezas e homens de muitas línguas. O Mediterrâneo, que aos olhos de quem fica em terra parece apenas caminho azul, revelou-se para ele uma fronteira viva: cristãos e mouros, corsários, resgates, bandeiras, fé e medo cruzavam suas águas sem descanso.

Dom Quixote ouviu a palavra guerra com atenção aumentada. Sancho, menos tocado por glória marítima, perguntou baixo se soldados comiam melhor que escudeiros. O barbeiro mandou-o ouvir. O cativo continuou, talvez sem perceber a pequena interrupção.

Contou batalhas e deslocamentos sem demorar em cada nome. Falou de campanhas em que a coragem dependia tanto de disciplina quanto

de ímpeto. Falou de companheiros mortos longe de casa, de oficiais ambiciosos, de promessas de recompensa que o mar engolia. A venda escutava. Aquela aventura tinha poeira, sal e sangue; vinha da vida militar, não dos livros de cavalaria.

Por fim veio a captura. Em uma jornada de mar, entre combate, desordem e má fortuna, seu navio caiu em poder de corsários. Alguns morreram. Outros foram acorrentados. Ele foi levado a Argel, cidade de mercado humano, onde cada homem capturado era avaliado por força, origem, possibilidade de resgate e utilidade.

A palavra Argel cruzou a sala com peso próprio. O cura inclinou a cabeça. Fernando e Cardenio, homens de espada, ouviram com respeito. Doroteia observou Zoraida, tentando imaginar o que aquela cidade significava para ela: casa deixada, perigo vencido, memória ambígua. Zoraida manteve os olhos baixos, mas não parecia ausente.

No cativeiro, disse o homem, aprende-se outra medida do tempo. Cada dia é comprido porque a liberdade não chega; cada mês é curto porque a esperança de resgate se desgasta. Havia cativos de muitos lugares, alguns pacientes, outros desesperados, alguns ricos em promessa de pagamento, outros quase esquecidos pelo mundo. O valor de cada vida era calculado por senhores que sabiam transformar saudade em preço.

Ele pertenceu a um amo severo, ainda que houvesse senhores piores. Teve trabalhos, privações e humilhações. Viu homens castigados por tentar fuga, outros enlouquecidos por cartas que nunca vinham, outros ainda agarrados à fé como a última propriedade que ninguém conseguia vender. O cativo falava sem exagero, e justamente por isso cada imagem parecia mais firme.

Sancho, tocado apesar de si, disse que ser pobre em liberdade era melhor que valioso em corrente. Dom Quixote aprovou a sentença, achando-a digna de escudeiro em momento raro. O cativo sorriu de

leve e continuou.

Havia em Argel uma casa vizinha à prisão ou ao lugar onde alguns cativos eram recolhidos. Dela vinha às vezes olhar feminino por janela alta, sinal rápido, sombra de alguém que não podia aparecer plenamente. No início, o cativo não deu importância. Em terras de cativeiro, qualquer sinal podia ser acaso, armadilha ou ilusão nascida da necessidade de esperança. Depois, porém, os sinais se repetiram.

A mulher era Zoraida, embora então ele ainda não soubesse como seu nome chegaria à sua vida. Filha de mouro rico, criada em casa de outro mundo, ela tinha ouvido falar dos cristãos, de sua fé e de Nossa Senhora por caminhos que o cativo prometeu explicar depois. Por ora, disse apenas que ali começava a parte mais espantosa de sua história: a ajuda inesperada vinda de onde ele menos poderia exigi-la.

Zoraida ouviu seu nome e levantou o olhar. A venda inteira pareceu voltar-se para ela com cuidado. Estava ali, presente, tentando passar pela língua dos outros para ser reconhecida. Doroteia tocou-lhe de leve a mão. Lucinda sorriu. Zoraida respondeu com uma pequena inclinação de cabeça.

O cativo explicou que, antes de qualquer plano, houve sinais. Uma cana descida por janela. Um pano. Pequenos bilhetes. Moedas ou joias enviadas em segredo. Promessas difíceis de entender. Ela queria tornar-se cristã e fugir. Ele queria liberdade, mas temia armadilha. Entre ambos havia muros, religião, idioma, vigilância e o abismo enorme de confiar quando a vida inteira dependia disso.

O cura percebeu que o relato entrava em parte delicada e sugeriu que o cativo descansasse antes de seguir. O homem concordou. Dissera o bastante para que todos entendessem a origem de sua gravidade: soldado por escolha, cativo por fortuna, sobrevivente por paciência, e agora companheiro de uma mulher que arriscara tudo para mudar de

destino.

Dom Quixote, emocionado à sua maneira, declarou que o cativo era homem digno de armas e que Zoraida merecia proteção de rainha. Sancho perguntou se Argel ficava perto de alguma ilha governável, mas desta vez quase ninguém lhe respondeu. A venda estava presa ao começo daquela nova história. O cativo prometeu continuar: contaria como Zoraida lhe revelou seu desejo, como prepararam a fuga e como o mar, que o levara ao cativeiro, quase se tornou caminho de libertação.

# Capítulo 46 - As mensagens de Zoraida

## Capítulo 46 - As mensagens de Zoraida

O cativo retomou seu relato quando a venda voltou a escutar. Disse que, em Argel, a esperança costuma vir disfarçada para não ser morta cedo demais. No começo, os sinais de Zoraida pareciam acaso: um pano que se movia em janela alta, uma sombra que esperava quando ele passava, um movimento interrompido antes que alguém pudesse notar. A repetição ensinou-lhe que havia ali intenção.

Um dia, desceu da janela uma cana fina, presa a um lenço. Dentro do lenço havia moedas e um pequeno bilhete. O cativo, espantado, escondeu tudo antes que os guardas percebessem. Não sabia ler a língua em que o bilhete vinha escrito; conhecia, porém, outro cativo capaz de traduzi-lo. Foi assim que ouviu pela primeira vez a vontade secreta de Zoraida.

Ela dizia que desejava ser cristã. Falava de uma mulher chamada Lela Mariem, nome pelo qual conhecera a Virgem Maria, e de uma fé que lhe entrara por relatos antigos, talvez por criada cristã, talvez por imagens e palavras guardadas no coração. Dizia também que queria fugir para terra de cristãos, levando consigo o que pudesse salvar de sua casa. Pedia ajuda, prometia riqueza para comprar liberdade e barco, e rogava discrição absoluta.

Na venda, o cura inclinou-se com mais atenção. Zoraida ouviu o próprio passado ser contado e manteve as mãos unidas. Doroteia e Lucinda a olhavam com respeito novo. Ela estava ali como autora do risco. Sua fuga começara nela, em sua escolha reservada contra o destino que lhe fora preparado.

O cativo confessou que, no primeiro momento, temeu armadilha. Em cativeiro, a esperança pode ser instrumento de tortura. Uma carta, moedas, promessa de fuga: tudo podia ser teste para descobrir planos entre prisioneiros. Os sinais continuaram, e com eles vieram joias de valor maior, palavras mais claras e uma insistência que parecia nascer de fé e desespero.

Ele respondeu como pôde. Com ajuda de intérprete confiável, enviou mensagem dizendo que aceitava ajudar, mas que a empresa exigia tempo. Era preciso comprar ou alugar embarcação, combinar homens, subornar guardas e criados, escolher noite segura, evitar olhos do pai de Zoraida e dos servidores da casa. Cada passo podia custar a vida de todos.

Zoraida não recuou. Mandou mais dinheiro. Mandou dizer que seu pai possuía riquezas; para alcançar terra cristã, levaria apenas o necessário. O cativo percebeu que a decisão dela era mais firme que a dele. Ele queria liberdade porque a perdera. Ela queria outra vida porque a imaginara sem nunca tê-la possuído. Havia nisso coragem diferente.

Dom Quixote aprovou em voz baixa a determinação da dama, julgando-a quase princesa encantada em torre mourisca. Sancho perguntou se as joias bastariam para comprar também uma ilha pequena. O barbeiro deu-lhe uma cotovelada discreta. O cativo, habituado a perguntas estranhas desde que entrara na venda, continuou.

O plano começou a ganhar forma. Primeiro seria preciso resgatar o próprio cativo, ou ao menos dar-lhe liberdade de movimento bastante para preparar a fuga. Depois, aliciar alguns companheiros de confiança. Em seguida, garantir uma barca e homens que soubessem manejá-la. Por fim, retirar Zoraida de sua casa sem que o pai percebesse até ser tarde demais. Nenhum desses passos era simples.

O pai de Zoraida apareceu no relato como figura de peso. Rico, amoroso à sua maneira, poderoso dentro de sua casa, jamais imaginária que a filha desejava abandonar fé, língua e sangue para seguir cativos cristãos ao mar. O cativo falou dele sem ódio. Isso tornou a história mais dolorosa. A fuga de Zoraida libertava uns e rasgava o mundo de outro. A vida humana raramente distribui luz de um lado só.

Zoraida ouviu essa parte com olhos baixos. Talvez visse outra vez o rosto do pai. Doroteia apertou-lhe a mão. A venda entendeu, ainda que sem dizer: escolher um destino pode exigir ferir alguém que se ama, porque certas paredes protegem e prendem na mesma medida.

As mensagens continuaram. Zoraida pedia pressa. O cativo pedia prudência. Ela enviava joias escondidas em panos; ele as convertia em possibilidades. Falavam por sinais, por tradutores, por objetos descidos da janela. Cada coisa pequena carregava risco enorme. Um papel caído em mãos erradas bastaria para transformar esperança em castigo.

O cativo contou também que outros prisioneiros começaram a saber parte do plano. Não todos, pois segredo dividido demais deixa de ser segredo. Escolheu homens capazes de remar, calar e enfrentar a noite. Alguns aceitaram por desejo de liberdade; outros, pelo dinheiro de Zoraida; outros, por aquela mistura de fé e desespero que faz pessoas comuns assumirem empresas impossíveis.

O cura perguntou se Zoraida compreendia plenamente o que deixava. O cativo respondeu que compreendia o perigo, a ruptura, a distância. O exílio, porém, só se conhece por inteiro depois que começa. Ela conhecia a promessa de uma fé e de uma liberdade; o preço completo viria pelo caminho. Mesmo assim, escolheu.

A noite da venda parecia mais funda enquanto ele falava. Dom Quixote via torre, dama e resgate. Sancho via mar, dinheiro e perigos pouco comestíveis. Doroteia via uma mulher agindo sob nome próprio. Lucinda via a coragem triste de cruzar mundo por amor e crença. O cativo via, talvez, a janela de Argel de onde sua liberdade começara a descer em forma de bilhete.

Ele encerrou aquele trecho dizendo que o plano estava quase pronto, mas que nenhuma fuga existe de verdade até o momento de fugir. Tinham dinheiro, sinais, cúmplices e desejo. Faltava a noite certa, a barca certa, o instante em que Zoraida deixaria de ser filha protegida em casa moura para tornar-se viajante sem retorno. Essa parte, prometeu, contaria em seguida.

# Capítulo 47 - A fuga de Zoraida

## Capítulo 47 - A fuga de Zoraida

O cativo continuou, e todos na venda se inclinaram para a parte mais arriscada da história. Disse que, depois de muitas mensagens, o plano enfim encontrou noite possível. A barca estava combinada, os companheiros escolhidos, o dinheiro de Zoraida convertido em promessas e subornos. Restava o passo mais difícil: tirar a própria Zoraida da casa do pai sem que amor, medo ou vigilância destruíssem tudo.

A noite chegou sobre Argel como cúmplice imperfeita. Nenhuma escuridão é completa quando há guardas, cães, vizinhos, criados e o coração batendo alto demais. O cativo e seus companheiros moveram-se com cautela até perto da casa. Zoraida esperava. Desceu sem leveza de fugitiva feliz; parecia arrancar a própria vida de um lugar onde criara raízes. Levava joias, algum dinheiro e uma decisão mais firme que qualquer bagagem.

O pai de Zoraida interrompeu a fuga. A história, disse o cativo, recusou essa facilidade. Em algumas versões da dor, o pai acorda tarde demais; naquela noite, ele apareceu quando a filha já se afastava da casa. Houve surpresa, súplica, mãos que se ergueram, vozes abafadas. Os fugitivos precisaram contê-lo sem feri-lo gravemente. Zoraida chorou. Escolher o próprio destino não apagava o rosto de quem ficava.

Na venda, Zoraida ouviu essa parte com os olhos úmidos. Doroteia segurou-lhe a mão. O cativo falou com respeito pelo velho pai, como já fizera antes. Em sua lembrança, ele era um homem preso ao outro lado da mesma ruptura. A fuga perdia qualquer brilho de triunfo e ganhava peso humano. A liberdade de Zoraida trazia junto a perda de outro.

Conduziram-na à barca. O mar, que parecia caminho de salvação quando visto da prisão, tornou-se ameaça tão logo os recebeu. A noite escondia e confundia. Era preciso remar sem chamar atenção, orientar-se sem luz, guardar a voz entre homens exaustos e uma mulher que deixava para trás casa, língua e pai. O cativo sabia que qualquer embarcação inimiga, qualquer patrulha, qualquer erro de direção podia devolvê-los a castigo pior.

Nos primeiros momentos, a esperança vinha misturada ao medo. A costa afastava-se devagar. Argel ficava para trás como massa escura, cheia de perigos que ainda pareciam estender mãos. Zoraida olhava a água. O cativo não sabia se deveria consolá-la. Que palavra consola alguém que escapa e perde na mesma noite? Disse apenas que estavam no caminho. Ela respondeu, com língua ainda incerta, que confiava em Lela Mariem.

Dom Quixote, ouvindo, murmurou que toda dama de coragem devia ter estrela que a guiasse. Sancho achou que, em barco pequeno, além de estrela convinha ter remador bom. O cura fez sinal para que ambos deixassem o cativo seguir.

O perigo veio antes que a esperança se firmasse. O mar levantou vento, e a barca, pesada de gente e medo, começou a obedecer mal. Alguns companheiros discutiram em voz baixa sobre direção. Um queria afastar-se mais da costa; outro temia perder rumo; outro via sinais de embarcação distante. Cada escolha carregava vida e morte. O cativo, habituado à disciplina militar, tentou impor ordem; fugitivos, porém, não se alinham como soldados em campo claro.

Em determinado momento, ouviram vozes ao longe. Não sabiam se vinham de pescadores, corsários ou da imaginação assustada. Apagaram qualquer sinal, recolheram movimentos, deixaram a barca quase respirar sozinha. Zoraida ficou imóvel. O pai, retido ou deixado para trás conforme o tumulto permitira, pesava na consciência de

todos. A noite inteira virou espera.

As vozes passaram ou se perderam. Remaram de novo. A liberdade tinha frio, cansaço, sede e incerteza. Os joelhos doíam, as mãos abriam feridas, a água entrava na barca. Zoraida, criada em casa de riqueza, não reclamou. Essa firmeza impressionou até os homens mais duros. O cativo disse que ali compreendeu de vez: ela fugia por decisão de alma.

A madrugada trouxe claridade pálida e com ela novo medo: serem vistos. A costa ainda não desaparecera o bastante. Precisavam escolher se avançavam mar adentro ou buscavam enseada onde repousar. O dinheiro de Zoraida comprara o começo da fuga; o fim continuava entregue ao vento, aos remos e à sorte. O mar não se suborna. O cativo repetiu essa frase e a venda entendeu.

Houve ainda outro risco. Alguns dos homens, vendo as joias e percebendo a fragilidade da situação, começaram a olhar com cobiça. O cativo percebeu e armou-se de autoridade. Lembrou-lhes que todos dependiam uns dos outros. Se traíssem Zoraida, traíam a fuga inteira. A ganância recuou, sem desaparecer. Em viagens perigosas, o inimigo nem sempre vem de fora.

Zoraida, percebendo os olhares, entregou parte do que levava ao cativo, como se dissesse: use para salvar-nos, não para enriquecer-nos. A atitude recompôs a ordem dentro da barca. Os homens viram que ela compreendia o preço do caminho. Ela participava da empresa; não seguia como carga preciosa transportada por outros. Essa diferença, disse o cativo, talvez tenha salvado a todos naquele momento.

O relato parou quando o barco ainda estava entre perigos. Já tinham saído de Argel sem alcançar segurança. Tinham deixado a prisão e ainda não tocavam a liberdade. O mar abria diante deles uma página sem garantia. O cativo disse que a parte seguinte contaria como a fuga

prosseguiu, que encontros tiveram e de que modo, depois de tanto medo, vieram parar em terra cristã.

Na venda, ninguém reclamou da pausa. O aperto da fuga bastava para encher o intervalo. Dom Quixote parecia pronto a montar guarda contra todos os corsários do mundo. Sancho, mais modesto, agradecia por estar em chão firme, ainda que esse chão fosse venda endividada. Zoraida permanecia quieta, como quem ainda escuta o mar. E o cativo, olhando para ela, deixava claro que aquela liberdade nascera sobretudo da coragem de uma mulher que abrira caminho para ambos.

# Capítulo 48 - O fim do relato do cativo

## Capítulo 48 - O fim do relato do cativo

O cativo retomou a história no ponto em que a barca ainda tremia entre Argel e a liberdade. Disse que a madrugada se abriu sem prometer misericórdia. O mar continuava instável, e os fugitivos, cansados, já não sabiam se a costa que viam era ameaça ou caminho. Zoraida ia coberta contra o vento. Seus olhos não voltavam para trás. A decisão que a trouxera até ali parecia agora maior que o medo.

Durante horas remaram com dificuldade. O perigo de corsários e patrulhas ainda os perseguia, mesmo quando nenhuma vela aparecia ao longe. Em fuga, a imaginação vê inimigo em cada sombra. Alguns companheiros quiseram tomar rumo diferente; outros temiam que a água e o cansaço os vencessem antes de alcançarem abrigo. O cativo, apoiado pela firmeza de Zoraida, insistiu que seguissem para terras cristãs.

Houve momentos de desespero. A comida era pouca, a sede crescia, e o mar parecia multiplicar distâncias. Zoraida ofereceu parte do que levava para manter os homens unidos. Aquilo segurou a cobiça e lembrou a todos que a salvação, naquele barco, dependia de uma comunidade frágil. Quem fraquejasse, afundaria os demais. Quem traísse, perderia também a própria esperança.

Na venda, Sancho escutava com respeito raro. Talvez porque fome, sede e medo no mar fossem coisas compreensíveis mesmo para quem nunca governara ilha. Dom Quixote, ao contrário, via na viagem matéria de epopeia. Disse em voz baixa que Zoraida merecia ser cantada por poetas. O cura não discordou. Algumas coragens merecem

poesia, mesmo quando nascem longe dos livros de cavalaria.

O cativo contou que a fortuna, depois de tanto testar, deu enfim sinal favorável. Avistaram costa onde podiam aproximar-se sem cair de imediato em mãos inimigas. Ainda assim, o desembarque foi cercado de cautela. Havia receio de serem confundidos com saqueadores, mouriscos fugitivos ou gente suspeita. A presença de Zoraida, com vestes e língua estrangeiras, confirmava a aventura e aumentava a desconfiança.

Quando pisaram terra mais segura, o cativo sentiu que o corpo ainda balançava como se o mar continuasse por dentro. Zoraida ajoelhou-se ao tocar o chão. Não sabia ainda como seria recebida, batizada, nomeada, compreendida. Tinha deixado uma vida e alcançado outra margem. Entre uma e outra, havia perdas que ninguém naquela praia podia medir.

Foram acolhidos primeiro com cautela, depois com compaixão. O cativo explicou quem era, de onde vinha, como fora preso, como Zoraida o ajudara e por que ela desejava a fé cristã. Alguns ouviram com maravilha; outros, com suspeita. O olhar do mundo demora a acompanhar a mudança de destino de uma pessoa. A história, as joias restantes, os testemunhos dos companheiros e a firmeza de Zoraida acabaram abrindo caminho.

A partir daí, disse ele, começou outra viagem: deixavam para trás a fuga de Argel e tentavam regressar ao mundo cristão. Buscaram lugares seguros, encontraram ajuda, perderam dinheiro, ganharam proteção, enfrentaram perguntas. Zoraida precisou aprender palavras, costumes e receios novos. O cativo precisou aprender que salvar-se do cativeiro não devolve imediatamente todos os anos perdidos. A liberdade também exige aprendizagem.

Doroteia ouviu com atenção profunda. Lucinda também. A história de Zoraida tocava algo que ambas conheciam: a passagem entre o lugar imposto e o lugar escolhido. Fernando e Cardenio, homens acostumados a pensar em honra como nome público, pareciam perceber ali outra espécie de honra, feita de ruptura, fé e coragem solitária.

O cativo explicou então como chegaram, por muitos desvios, àquela venda. Ainda havia providências por cumprir. Zoraida precisava de acolhimento religioso e social mais firme. Ele procurava modo de recompor vida, nome e sustento. A estrada os trouxera até ali como trazia todos: com fome, cansaço e história inacabada. Em Argel, o futuro tinha paredes; agora vinha aberto, incerto, exigente.

Zoraida foi convidada a falar e respondeu pouco. Suas palavras em castelhano eram frágeis; sua vontade, firme. Disse apenas, com ajuda do cativo, que queria ser cristã e que confiava em Maria. O cura recebeu a declaração com delicadeza, sem transformar sua coragem em espetáculo. Prometeu ajudá-la no que fosse necessário quando chegassem a lugar adequado.

Dom Quixote declarou que, se algum inimigo tentasse reclamar Zoraida, teria de passar por sua lança. Sancho, já menos disposto a ironias diante daquela história, disse que também ajudaria, desde que o inimigo não viesse por mar. A venda riu de leve, e esse riso pareceu bom. Depois de tanto perigo, rir sem crueldade era forma pequena de descanso.

O relato terminou. A venda aquietou-se, agora de modo diferente do que acontecera após o Curioso Impertinente. A história de Anselmo deixara ruína criada pela desconfiança; a do cativo e de Zoraida deixava cansaço, risco e esperança. Uma casa se perdera por exigir certeza demais. Outra ficara para trás porque uma mulher buscara liberdade e fé.

O cura agradeceu ao cativo. Fernando ofereceu ajuda. Doroteia e Lucinda cuidaram de Zoraida como podiam. O vendeiro, que media o mundo por camas, comida e pagamento, pareceu também tocado, embora disfarçasse perguntando quem ocuparia qual aposento. Sancho voltou a lembrar que histórias longas abrem apetite. Ninguém o contradisse muito, pois era verdade prática.

A venda, então, preparou-se para nova noite. O relato do cativo se encerrara, e a chegada dele e de Zoraida acrescentara mais fios ao grande nó da estalagem. Dom Quixote ainda precisava ser conduzido para casa; Micomicona ainda existia enquanto útil; outros viajantes podiam chegar; contas podiam ressurgir; a estrada chamava. O mundo de Cervantes não deixava repousar por muito tempo.

Por alguns instantes, porém, houve uma ordem rara. O cativo terminara de falar. Zoraida estava viva, em terra cristã, cercada por pessoas que começavam a vê-la além da condição de estrangeira. E todos, mesmo Dom Quixote à sua maneira, compreenderam que nem toda aventura pede castelo encantado. Algumas começam numa janela, descem por uma cana com bilhete e enfrentam o mar até encontrar um lugar onde possam ser contadas.

# Capítulo 49 - O ouvidor na venda

## Capítulo 49 - O ouvidor na venda

A história do cativo deixou a venda em silêncio por algum tempo. Ninguém ali, nem mesmo os que tinham chegado por acaso, conseguiu voltar imediatamente aos pequenos cuidados da noite. Zoraida permanecia recolhida junto das mulheres, ainda sem possuir todas as palavras daquela terra, mas entendendo bastante para perceber que seu nome passara de boca em boca com respeito. O cativo, cansado de narrar tanto sofrimento, parecia mais leve e mais ferido ao mesmo tempo, como se tivesse tirado o peso dos ombros apenas para vê-lo inteiro diante dos outros.

O cura louvou a constância do homem e a coragem da mulher que o acompanhava. Doroteia olhou para Zoraida com uma ternura especial, pois também conhecia o peso de ter a própria vida julgada por vozes alheias. Cardenio e Lucinda escutavam como quem reconhece, em uma desventura estrangeira, a mesma matéria de que se fazem as dores proximas. Sancho, que nunca perdia completamente o senso pratico, achava tudo muito admirável, mas também calculava se histórias tão compridas atrasavam ou ajudavam a prometida conquista do reino de Micomicona.

Dom Quixote, por sua vez, recebeu o relato como prova nova de que o mundo ainda estava cheio de cativeiros, princesas ocultas, mouros, traições, resgates e conversões. Para ele, a venda deixara de ser uma simples casa de caminho e virara um castelo onde a Fortuna reunia, sob um mesmo teto, todos os fios que um cavaleiro andante devia desembaraçar. O vendeiro, mais acostumado a contas que a mistérios, via apenas que sua casa estava cheia demais e que, se continuassem chegando pessoas, faltariam camas antes que faltassem histórias.

Mal essa ideia lhe passara pela cabeça, ouviu-se do lado de fora o rumor de nova comitiva. Entraram criados, animais, malas e vozes fatigadas de viagem. No meio deles vinha um homem de aspecto grave, bem vestido sem ostentação, trazendo consigo uma jovem de rara delicadeza. Chamavam-no de ouvidor, homem de leis e cargo, acostumado a medir palavras antes de entregá-las ao mundo. A moça, sua filha, chamava-se Clara, e vinha tão recolhida que parecia querer cruzar a venda sem que a noite a notasse.

O vendeiro, vendo a qualidade dos recem-chegados, apressou-se em oferecer o que ainda podia. A casa, porém, já estava tomada por Dom Quixote, Sancho, o cura, o barbeiro, Doroteia, Fernando, Lucinda, Cardenio, o cativo, Zoraida e outros que compunham aquela assembleia improvável. Comecaram então as acomodações possíveis: uma cama cedida, um canto dividido, uma promessa de descanso mais honesta que confortável. Nessa confusão, ninguém reparou de imediato que o cativo mudara de cor ao olhar para o ouvidor.

Ele fitou o homem grave com atenção crescente. Primeiro pareceu apenas recordar um rosto antigo. Depois levou a mão ao peito, como se uma memória tivesse batido ali de dentro. O cura percebeu a alteração e aproximou-se. O cativo pediu-lhe, em voz baixa, que lhe dissesse quem era aquele cavaleiro recem-chegado. Quando ouviu o nome e a origem do ouvidor, ficou sem fala. Era seu irmão, ou ao menos assim o coração lhe afirmava antes que a razão ousasse confirmar.

Havia muitos anos que os dois se tinham separado. Um seguira pelas armas, outro pelos estudos e pelas leis. A fortuna levara o primeiro ao mar, a prisão e a Argel; ao segundo, a cargos, audiências e viagens. Entre eles se abrira o intervalo enorme em que as famílias guardam lembranças como quem guarda cartas sem resposta. O cativo, temendo enganar-se e temendo também acertar, contou ao cura alguns sinais: o nome da família, a terra natal, o pai comum, os caminhos diferentes

que os irmãos haviam tomado.

O cura, prudente e comovido, não quis entregar a descoberta de maneira brusca. Aproximou-se do ouvidor com conversa discreta, perguntou de sua origem, de seus parentes, de um irmão que em tempos antigos se destinara a carreira das armas. O magistrado respondeu com aquela tristeza serena de quem já repetiu muitas vezes a mesma ausência. Disse que tivera, sim, um irmão soldado, perdido havia anos, do qual a família recebera notícias confusas e depois silêncio. A cada palavra, o cativo empalidecia mais, até que já não conseguia ficar sentado.

Então o reconhecimento rompeu a cautela. O cativo levantou-se, aproximou-se do ouvidor e disse o nome que só um irmão poderia dizer daquele modo. O homem grave encarou-o primeiro como se olhasse uma aparição. A barba, as cicatrizes, a roupa de viajante e o sofrimento tinham quase apagado o jovem de sua lembranca; mas a voz, o nome do pai e certos sinais da infância devolveram-lhe num instante o que os anos pareciam ter enterrado. Abracaram-se diante de todos, e a venda inteira, que já vira naquela noite tantas mudancas de destino, assistiu a mais uma.

Clara chorou sem entender tudo, mas compreendendo o bastante: aquele estrangeiro cansado era sangue de seu pai. Zoraida, ao lado das mulheres, olhava a cena com atenção profunda. Para ela, que deixara uma casa, uma lingua e um pai distante, aquele reencontro trazia uma alegria misturada a sombra. Doroteia tomou-lhe a mão, e esse pequeno gesto explicou mais que muitas frases. O cativo apresentou Zoraida ao irmão, contando em resumo a divida de vida e liberdade que tinha para com ela.

O ouvidor recebeu Zoraida com cortesia e espanto. Viu nela não uma estranha trazida por aventura, mas a pessoa por cuja decisão seu irmão estava vivo. Prometeu ajuda, proteção e o cuidado necessário para que

ela fosse instruida na fé que desejava receber. Zoraida entendeu pouco das palavras, mas entendeu o tom. Inclinou a cabeça com humildade, e sua presença deu a cena uma gravidade que até Sancho respeitou por alguns momentos.

Dom Quixote, vendo abracos, lagrimas, damas nobres e homens de honra reunidos depois de longos perigos, tomou tudo como confirmação de seu próprio mundo. Declarou que encantamentos bons também existiam, pois só um poder alto poderia juntar naquela venda tantos destinos separados. Sancho murmurou que, se aquele castelo continuasse achando parentes perdidos, talvez acabassem encontrando também a ilha que lhe fora prometida. O cavaleiro não ouviu, ou fingiu não ouvir.

A noite, contudo, ainda não terminara de abrir portas. Enquanto o ouvidor e o cativo trocavam notícias de família, Clara mantinha os olhos baixos, mas o ouvido alerta. Havia nela uma inquietação que não pertencia apenas ao cansaço da viagem. De vez em quando, parecia escutar algo que ninguém mais escutava, como se esperasse uma voz do lado de fora. A venda tinha recebido um irmão perdido; agora, sem que quase ninguém percebesse, preparava-se para receber também um amor escondido.

Por ora, a casa acomodou a alegria como podia. O cativo sentou-se ao lado do ouvidor, e ambos falaram em voz baixa, recompondo anos por meio de perguntas interrompidas. Clara permaneceu junto das mulheres. Zoraida foi tratada com nova deferência. O cura observava tudo com satisfação cautelosa, sabendo que a mesma providência que reune também costuma complicar. E Dom Quixote velava sobre aquela assembleia como se fosse guarda de um castelo encantado, pronto para defender qualquer segredo que a noite ainda trouxesse.

# Capítulo 50 - A voz de Dom Luís

## Capítulo 50 - A voz de Dom Luís

A venda, depois de tantos reconhecimentos, parecia finalmente buscar algum repouso. O ouvidor e o cativo ainda conversavam baixo, recompondo anos perdidos com perguntas que se atropelavam. Zoraida, acolhida com mais segurança, permanecia junto das mulheres, observando aquela família encontrada como quem contempla uma promessa distante. Dom Quixote vigiava tudo com a satisfação de quem julgava ter assistido a um desses prodígios que confirmam a ordem secreta da cavalaria.

Mas havia uma pessoa que não participava da alegria com a mesma liberdade. Clara, filha do ouvidor, conservava os olhos baixos e o rosto inquieto. As mulheres notaram primeiro. Doroteia, que conhecia bem os sinais de um coração perseguido, aproximou-se dela com delicadeza. Lucinda fez o mesmo, sem pressionar. A jovem sorria quando lhe falavam, mas logo tornava a escutar alguma coisa que parecia vir de fora da casa, ou talvez de dentro de sua memória.

Quando a noite avançou e muitos se recolheram como puderam, uma voz surgiu no escuro, acompanhada por som brando de instrumento. Nenhum canto de estalagem, nenhum gracejo de criado, nenhum ruído casual de viajante explicava aquilo. Tratava-se de uma voz jovem, triste e medida, cantando como quem fala para uma única pessoa escondida atrás das paredes. As palavras falavam de distância, promessa e sofrimento; e, antes mesmo que se entendesse tudo, Clara empalideceu.

Doroteia percebeu que aquela música acertara a jovem como uma seta. Perguntou-lhe em segredo se conhecia o cantor. Clara tentou negar, mas a voz, la fora, continuou. Cada verso parecia tirar dela uma defesa.

Por fim, entre vergonha e lagrimas, confessou que aquele era Dom Luís, filho de um senhor poderoso de sua terra, jovem de nascimento alto e vontade ainda mais teimosa. Havia-a visto, amado e seguido, apesar das diferencas de estado e da autoridade das famílias.

Clara contou que não lhe dera palavras levianas, mas tampouco podia dizer que seu coração estivesse livre. Dom Luís a seguira disfarçado, deixando casa e conforto, não por capricho de estrada, mas por um amor que a assustava justamente por parecer sério. Ela temia o pai, temia a desigualdade entre as casas, temia a opinião do mundo e, acima de tudo, temia que a ousadia do jovem acabasse em desgraça. Ao dizer isso, chorou como quem se culpa por uma culpa que talvez não tivesse escolhido.

Doroteia ouviu com aquela prudência que nasce da dor própria. Disse a Clara que o amor escondido, quando e honrado, não se cura com susto nem se resolve com silêncio. Lucinda, mais suave, lembrou que a verdade, embora perigosa, costuma ferir menos que o segredo prolongado. Zoraida, sem entender todas as palavras, entendeu as lagrimas da moça e tomou-lhe a mão, repetindo baixinho o nome que aprendera: Clara.

Enquanto isso, a voz de Dom Luís continuava do lado de fora, e alguns da venda já começavam a despertar. Sancho, mal instalado em seu canto, resmungou que naquela casa ninguém podia dormir sem que uma aventura resolvesse cantar debaixo da janela. Dom Quixote ergueu a cabeça, atento, e declarou que aquela era sem dúvida uma serenata de cavaleiro enamorado, costume nobre que merecia respeito, desde que não escondesse traição, encantamento ou desafio.

O cura e o barbeiro, chamados pelas mulheres, escutaram a breve confissão de Clara com cuidado. Ambos perceberam que o caso exigia tato. O ouvidor era homem honrado, mas pai; Dom Luís era jovem nobre, mas fugitivo; Clara era inocente, mas já estava envolvida pelo

escandalo possível. Fernando, que também ouvira parte da história, manteve-se sério. Depois de tudo o que acontecera com Doroteia, conhecia bem o dano que um homem de melhor nascimento podia causar quando confundia desejo com direito.

Mandaram então observar discretamente quem cantava. Descobriu-se que o jovem estava perto da venda, vestido de maneira simples, com aparência de criado ou moço de caminho, embora seus modos denunciassem educação mais alta. Era Dom Luís. Não entrou de imediato, talvez por respeito, talvez por medo, talvez porque a coragem que serve para fugir de casa nem sempre basta para enfrentar o pai da pessoa amada.

Clara, ao saber que ele estava tão perto, ficou dividida entre alegria e terror. Queria vê-lo e queria que ele partisse antes que tudo se perdesse. Dizia que seu pai jamais consentiria num casamento precipitado, e que a família de Dom Luís talvez o perseguisse com fúria. Doroteia pediu-lhe calma. O cura prometeu que ninguém ali a entregaria ao ridículo. Lucinda recordou que, numa venda onde tantos destinos já tinham sido desatados, talvez também aquele encontrasse forma menos cruel.

Dom Quixote, informado apenas do necessário, ofereceu imediatamente seus servicos. Disse que defenderia a donzela Clara contra qualquer gigante, senhor soberbo ou pai desarrazoado que pretendesse violentar sua vontade. O cura, conhecendo o perigo de tal auxilio, agradeceu com pressa e explicou que o caso, por enquanto, precisava mais de silêncio que de lança. Sancho aprovou a parte do silêncio, sobretudo se ela permitisse dormir antes do nascer do sol.

A serenata cessou. A ausência da voz deixou Clara ainda mais inquieta, como se o silêncio fosse pior que a música. La fora, Dom Luís permanecia por perto, sem saber se devia fugir, esperar ou apresentar-se. Dentro da venda, os mais prudentes combinavam como

impedir que o caso explodisse diante do ouvidor antes da hora. O cativo, percebendo nova preocupação no rosto do irmão, tentou poupa-lo, mas a noite já tinha acumulado histórias demais para obedecer a qualquer plano.

Quando tudo parecia voltar ao sussurro, chegaram sinais de outra perturbação: homens de caminho perguntavam por um jovem desaparecido, filho de pessoa importante, que talvez estivesse viajando disfarçado. A notícia correu em voz baixa pela venda e confirmou o temor de Clara. Dom Luís não viera sozinho no mundo; atrás dele vinham nome, casa, obediência e criados encarregados de devolve-lo.

O cura compreendeu que a próxima hora decidiria muito. Era preciso proteger Clara da vergonha, Dom Luís da imprudência, o ouvidor do choque e a venda de mais uma desordem. Tarefa difícil para uma casa onde cada canto guardava alguém ferido por amor, honra ou fantasia. Dom Quixote, sem saber a extensão do caso, sorriu como quem pressente combate. Para ele, a noite apenas cumpria sua vocação: trazer novas provas a quem nascera para enfrenta-las.

Assim terminou aquele intervalo: Clara entre medo e esperança, Dom Luís escondido perto da venda, os criados já rondando a estrada, e os amigos reunidos tentando ganhar tempo. O reconhecimento do cativo trouxera alegria; a voz do jovem trazia risco. E a venda, que deveria ser abrigo de passagem, tornava-se outra vez o centro de uma teia em que ninguém entrava sem deixar um segredo pendurado na porta.

# Capítulo 51 - Os criados de Dom Luís

## Capítulo 51 - Os criados de Dom Luís

A manhã encontrou a venda ainda cheia de fios mal atados. O cativo e Zoraida guardavam o espanto recente de terem sido acolhidos pelo ouvidor; Clara trazia nos olhos o segredo da voz que a noite deixara suspenso; Cardenio, Doroteia, Fernando e Lucinda ainda pareciam sobreviver ao próprio reconhecimento. E Dom Quixote, que via castelo onde todos viam pouso, julgava que tantos encontros extraordinários provavam apenas uma coisa: aquele lugar estava encantado e reservado a feitos de cavalaria.

Foi nesse equilíbrio frágil que chegaram quatro homens bem postos, cansados da estrada e atentos como quem procura alguém que não convem perder. Perguntaram ao vendeiro se por ali passara um moço de certa idade, roupas trocadas, modos finos demais para criado e pressa demais para viajante comum. O vendeiro, que já aprendera a pesar respostas antes de entregá-las, olhou para dentro da casa. Sancho percebeu a intenção e farejou confusão, uma mercadoria que naquela venda parecia servida a qualquer hora.

Os homens não tardaram a reconhecer Dom Luís. Ele estava perto de Clara, tentando parecer menos inquieto do que estava. Bastou que um deles dissesse seu nome com a autoridade de casa grande para que o disfarce acabasse. Clara empalideceu. O ouvidor, pai dela, voltou-se de imediato para o jovem, e o silêncio se abriu como porta. A voz da noite, que parecera música sem corpo, surgia agora diante de todos: filho de gente poderosa, moço apaixonado, fugitivo de sua própria família.

Os criados cercaram Dom Luís com respeito e firmeza. Disseram que seu pai o procurava aflito, que a honra da casa estava em jogo, que a ausência do filho levantara rumor e medo. Deviam levá-lo de volta sem

demora. Dom Luís ouviu sem baixar os olhos. Respondeu que não fugira por capricho, nem por vício, nem por companhia indigna. Fugira porque amava Clara e porque, sem ela, qualquer obediência lhe parecia morte antecipada. Falou com ardor juvenil, mas não sem nobreza.

Clara quis desaparecer dentro do próprio rubor. O ouvidor, dividido entre surpresa, cuidado paterno e avaliação social, pediu que o jovem explicasse tudo com clareza. Dom Luís confessou que a vira antes, que seu afeto crescera em segredo e que a seguira quando soube da viagem. A voz que cantara de noite era dele. Não pretendia manchar o nome de Clara, mas pedir caminho honrado para merecer sua mão. Se houvesse culpa, dizia, ela era sua, pois Clara nada lhe prometera alem do silêncio assustado de quem também se descobre amada.

Os criados insistiram. Não tinham ordem para discutir casamento, futuro ou poesia. Tinham ordem para reconduzir o rapaz. Um deles, mais velho, falou com prudência: Dom Luís era menor em obediência, ainda que grande em vontade; seu pai não toleraria que uma decisão tão alta fosse tomada em venda de estrada, diante de estranhos, por impulso de canto noturno. O jovem respondeu que, se o levassem a força, levariam apenas o corpo, porque a vontade ficaria ali, ajoelhada aos pes de Clara.

O conflito teria crescido depressa se o cura não entrasse no meio com sua voz de homem acostumado a apaziguar casas e consciências. Pediu moderação aos criados, paciência ao moço e tempo ao ouvidor. Fernando também interveio, talvez porque reconhecesse no impeto de Dom Luís um espelho menos culpado de suas antigas violências. Disse que a qualidade do jovem e a honestidade de Clara mereciam tratamento mais alto que arrasto e escandalo. O cativo, recem-reconhecido como irmão, ficou junto do ouvidor, oferecendo presença silenciosa.

Dom Quixote, vendo homens cercarem um jovem enamorado e uma donzela assustada, concluiu que se tramava nova afronta cavaleiresca. Pos a mão na espada e declarou que em seu castelo nenhuma dama seria forçada contra sua vontade, nem nenhum amante leal arrastado por servidores sem primeiro medir-se com o braço de Dom Quixote de la Mancha. Sancho tentou puxa-lo pelo juízo, lembrando em voz baixa que criados de casa nobre costumavam trazer problemas de verdade, diferentes dos gigantes que se resolviam pela imaginação. Mas o amo já estava inflamado.

A ameaça de Dom Quixote, embora absurda, teve o efeito de interromper todos. Os criados olharam para ele sem saber se riam, temiam ou pediam ajuda. O cura aproveitou a pausa e pediu que ninguém tocasse em armas. O ouvidor, recuperando o governo de si mesmo, declarou que Dom Luís não seria levado como prisioneiro enquanto ele não entendesse melhor a causa. Também deixou claro que Clara ficaria sob sua proteção, sem pressa nem humilhação. A decisão não encerrava o caso, mas impedia que ele se partisse no primeiro choque.

Dom Luís, comovido, agradeceu ao ouvidor e jurou que aceitaria qualquer exame, desde que não o separassem de Clara sem ouvir sua verdade. Clara, ainda calada, ergueu os olhos por um instante. Foi pouco, mas suficiente para que o jovem lesse ali mais esperança do que condenação. Os criados recuaram, contrariados, prometendo mandar notícia ao pai do rapaz. A venda, que já abrigara cavaleiros, fugitivos, amantes, juizes, cativos e princesas fingidas, recebia agora mais um processo sem mesa nem papel.

Quando a tensão baixou, Sancho suspirou como quem escapa de uma pancada invisível. Disse que aquela casa tinha mais casos que uma feira e menos paz que campo de batalha. Dom Quixote respondeu que os castelos encantados eram assim mesmo: reuniam aflições para que

os cavaleiros pudessem desfaze-las. O cura não o contradisse. Tinha aprendido que, naquela venda, a fantasia de um louco às vezes ajudava os sensatos a ganhar tempo.

O caso de Dom Luís ficou suspenso, guardado entre a autoridade do pai ausente, a cautela do ouvidor, o pudor de Clara e a teimosia amorosa do jovem. Ninguém sabia ainda que outra desordem bateria à porta antes que aquela se resolvesse. Mas todos sentiam que a venda, longe de esvaziar-se, acumulava destinos como quem aproxima brasas para uma chama maior.

# Capítulo 52 - O elmo em julgamento

## Capítulo 52 - O elmo em julgamento

A venda ainda não terminara de acomodar o caso de Dom Luís quando outro fio antigo voltou a puxar a confusão. Bastou que entrasse no patio um homem com olhar de quem reconhece prejuízo antes de reconhecer pessoas. Era barbeiro de ofício, viajante de pouca sorte e dono, segundo ele mesmo, de uma bacia de barbear e de uma albarda que lhe haviam sido tomadas em estrada por um cavaleiro armado e por seu escudeiro. O homem olhou uma vez para Dom Quixote, outra para Sancho, e a memória lhe subiu ao rosto como fogo.

Ali estava, diante de todos, o ladrão de sua bacia. Ou, melhor dizendo, ali estava o cavaleiro que trazia na cabeça o objeto disputado, tratado com solenidade de elmo. Dom Quixote, ao perceber o olhar acusador, endireitou-se. Para ele, não havia motivo de vergonha: o elmo de Mambrino fora ganho em justa aventura contra inimigo vencido. Se alguém chamava aquilo de bacia, fazia-o por ignorância, malicia ou encantamento. Sancho, que sabia muito bem a forma doméstica da peça, procurou afastar-se como quem não quer ser encontrado pela verdade.

O barbeiro apontou também para a albarda. Disse que o escudeiro a usava ou a escondera, e que todo o mundo podia ver que não se tratava de despojo de guerra, mas de roubo simples. Sancho protestou. Roubo era palavra feia demais para o caso. Se alguma coisa mudara de dono, fora por ordem superior de aventura, e quem servia cavaleiro andante precisava aceitar que os nomes comuns se alterassem pelo caminho. O barbeiro retrucou que, se bacia virava elmo e albarda virava arreio nobre, então a justiça estava doente.

O cura percebeu o perigo de nova gritaria. Fernando e o ouvidor também se aproximaram, interessados em conter a disputa antes que ela se juntasse às outras. Mas a venda inteira, cansada de tragédias, encontrou naquela querela um alivio quase festivo. Depois de amores desfeitos, cativos, fugas, pais severos e donzelas aflitas, uma briga sobre bacia e albarda parecia menos cruel, embora não menos barulhenta. O vendeiro, que se lembrava do primeiro prejuízo deixado por Dom Quixote, não achou graça nenhuma.

Dom Quixote declarou que a peça era o famoso elmo de Mambrino, ainda que por artes de encantadores parecesse bacia aos olhos vulgares. Explicou que os inimigos da cavalaria costumavam desfigurar objetos nobres para humilhar quem os portava. Assim, se alguns viam latão de barbeiro, era porque a realidade estava coberta por véu mágico. Sancho, tomando coragem, acrescentou que talvez fosse meio elmo e meio bacia, conforme o angulo, a hora e a necessidade. Chamou-o de baciyelmo, palavra que saiu de sua boca antes que pudesse prendê-la.

A palavra fez alguns rirem, e o riso piorou a majestade do julgamento. Dom Quixote lançou a Sancho um olhar de censura, mas o estrago estava feito. O barbeiro agarrou-se ao termo como prova: se até o escudeiro precisava misturar bacia com elmo, então a verdade estava do seu lado. Sancho respondeu que não misturava nada; apenas reconhecia que certas coisas, quando passam por mão de cavaleiro, ficam maiores que seu uso antigo. Uma bacia comum podia não deixar de ser bacia, mas também podia subir de posto.

O ouvidor, acostumado a causas mais formais, ouviu tudo com uma paciência que parecia milagre. Perguntou ao barbeiro se podia provar propriedade. O homem descreveu a bacia, a albarda, o dia da perda, a chuva na estrada e o susto que levara ao fugir. Sancho reconheceu detalhes demais para sua paz e começou a falar de encantamentos

preventivos, costumes de escudeiro e compensações futuras. O cura tentou conduzir a discussao para acordo, mas Dom Quixote não aceitava acordo sobre honra: elmo de cavaleiro não se devolvia como utensilio de barba.

Fernando, percebendo que a disputa podia divertir e apaziguar ao mesmo tempo, propôs que se ouvissem testemunhas. Uns declararam que a peça era bacia evidente. Outros, por jogo ou por cortesia a Dom Quixote, admitiram que talvez parecesse elmo em cabeça guerreira. A estalajadeira disse que, para ela, pouco importava o nome, desde que alguém pagasse as dívidas antigas. Maritornes riu escondido. Clara observava sem entender como a mesma casa podia conter lágrimas de amor e uma assembleia sobre latão.

A discussao cresceu até alcançar a albarda. O outro barbeiro, que acompanhara o cura no plano de resgate, quase se comprometeu ao ouvir falar de profissão e bacias. Sancho defendeu a posse com uma eloquência nascida do medo de perder o pouco conforto que ainda tinha. Disse que seu jumento merecia arreios decentes, que o mundo devia algo a quem fora manteado, apedrejado e enganado por promessas de ilha. O barbeiro respondeu que sofrimento de escudeiro não fabricava direito sobre bens alheios.

Dom Quixote, cansado de argumentos miúdos, ergueu a voz. Disse que aquela venda estava sob influxo de encantadores que queriam diminuir suas vitórias. Primeiro chamaram castelo de venda; depois princesa de lavradora; agora elmo de bacia. Mas ele não permitiria que a cavalaria fosse julgada por medidas de barbeiro. Se fosse preciso, defenderia Mambrino pela espada. A ameaça fez o cura tocar-lhe o braço com cuidado e lembrar que princesa Micomicona ainda esperava socorro de maior importância.

Esse nome trouxe algum freio ao cavaleiro. Doroteia, entrando no jogo com a habilidade que já salvara a todos mais de uma vez, pediu que seu

defensor não gastasse força com questão menor enquanto um reino inteiro sofria. Dom Quixote aceitou a advertência com gravidade. Disse que, por respeito à princesa, suspenderia a execução da justiça, mas não renunciaria ao elmo. O barbeiro abriu a boca para protestar; Fernando se adiantou e prometeu que a perda seria compensada, se todos aceitassem paz provisória.

A palavra compensação teve mais efeito que todos os discursos. O barbeiro ainda resmungou, mas entendeu que dinheiro certo valia mais que brigar com um louco armado, um escudeiro teimoso, um cura diplomático e uma venda inteira desejosa de ver o caso terminar. A albarda ficou em suspenso, a bacia continuou promovida a elmo e Sancho respirou como quem escapara de sentença grave. A venda voltou a aquietar-se, embora ninguém acreditasse que a paz duraria.

No fundo, a disputa revelara algo que todos já sabiam: naquele lugar, cada objeto tinha dois nomes, cada pessoa duas histórias e cada verdade precisava disputar assento com alguma fantasia. Dom Quixote saiu convencido de ter vencido mais uma cilada dos encantadores. O barbeiro saiu quase convencido de aceitar pagamento. Sancho saiu convencido de que baciyelmo era palavra perigosa. E o cura, observando a confusão diminuir, começou a pensar que talvez fosse hora de preparar um remédio mais forte para levar o cavaleiro de volta para casa.

# Capítulo 53 - A Santa Hermandad

## Capítulo 53 - A Santa Hermandad

A paz comprada no caso do elmo durou pouco. Ainda havia risos soltos pela venda, alguns à custa do barbeiro, outros à custa de Sancho e de seu perigoso baciyelmo, quando novos homens entraram com o ar de quem não vinha pedir pouso, mas impor ordem. Eram quadrilheiros da Santa Hermandad, acostumados a seguir rastros de delitos pelas estradas e a tratar barulho como sinal de culpa. A venda, que já parecia tribunal, ganhou de súbito aparência de cadeia.

O vendeiro recebeu-os com a pressa respeitosa de quem sabe que certas autoridades trazem mais despesa que lucro. Os quadrilheiros perguntaram por homens armados, tumultos recentes e queixas de estrada. Bastava olhar em volta para encontrar matéria de sobra: um cavaleiro coberto de certezas, um escudeiro inquieto, um barbeiro reclamando bacia, outro tentando esconder o rosto, criados de Dom Luís ainda contrariados, Fernando e o ouvidor em conversas graves, além de todos os que pareciam ter alguma ferida antiga a defender.

Um dos quadrilheiros reconheceu Dom Quixote pelo relato dos galeotes. Havia ordem circulando contra quem libertara presos destinados às galés, afrontando a justiça do rei. O nome de Gines de Pasamonte apareceu como pedra jogada no meio da sala. Sancho sentiu o estômago afundar. Já aprendera que a liberdade dada por seu amo trouxera pedradas, fuga e agora papel de autoridade. Dom Quixote, porém, ouviu a acusação com altivez. Para ele, libertar oprimidos cabia à obrigação de cavaleiro, longe de qualquer crime.

Os quadrilheiros quiseram prendê-lo. A venda inteira se moveu ao mesmo tempo. Sancho protestou que prender Dom Quixote era como prender o vento, embora no íntimo achasse que talvez o vento

merecesse uma tarde de descanso. O cura interveio com urgência. Fernando aproximou-se, usando a autoridade do nascimento e a força de quem acabava de recompor a própria honra. O ouvidor, homem de lei, pediu que se lesse a acusação com calma e que não se confundisse loucura com rebelião consciente.

Dom Quixote não ajudava. Declarou que a Santa Hermandad não tinha jurisdição sobre cavaleiros andantes, cuja lei vinha de mais alto tribunal: a defesa dos fracos, das donzelas, dos cativos e dos injustiçados. Disse ainda que, se aqueles homens insistissem em chamá-lo criminoso, provaria pela lança a diferença entre justiça viva e papel morto. A mão foi à espada, e por um instante a venda prendeu a respiração. O caso da bacia parecia brincadeira perto daquele perigo.

O cura viu que a força direta seria desastrosa. Se Dom Quixote lutasse contra quadrilheiros, a fantasia deixaria de ser incômodo doméstico e viraria ferida pública. Era preciso tirá-lo dali sem fazê-lo acreditar que se rendia. O barbeiro seu amigo entendeu o pensamento antes que fosse dito. Os dois trocaram um olhar: já não bastava fingir princesa, gigante ou encantamento passageiro. Seria necessário construir um encantamento maior, capaz de levar o cavaleiro para casa preso por sua própria imaginação.

Enquanto isso, os quadrilheiros discutiam com Fernando e o ouvidor. O barbeiro da bacia insistia que, já que havia lei presente, também queria justiça para seus bens. O vendeiro lembrava contas antigas. Os criados de Dom Luís pediam que sua causa não fosse esquecida. Sancho olhava de um lado para outro, percebendo que cada problema puxava outro, como se a venda fosse novelo de desgraças. Dom Quixote chamava tudo aquilo de conspiração de encantadores, e talvez, naquele momento, a explicação não fosse a pior disponível.

O ouvidor examinou a ordem contra Dom Quixote e percebeu o embaraço. A letra da lei falava de libertação de condenados; os fatos,

porém, passavam por uma mente incapaz de medir o mundo comum. Fernando garantiu aos quadrilheiros que se responsabilizaria pela paz imediata, se eles aceitassem adiar qualquer violência. O cura acrescentou que o cavaleiro estava mais doente de livros que de maldade, e que conduzi-lo à força comum apenas produziria nova desordem. Era melhor entregá-lo aos cuidados de quem o conhecia.

Dom Quixote recusou a palavra doente assim que a ouviu. Doente era o século, disse ele, que esquecia a cavalaria; doentes eram os que confundiam covardia com prudência. Doroteia, ainda capaz de vestir Micomicona quando necessário, falou-lhe com doçura: pediu que reservasse sua ira para o gigante de seu reino e não desperdiçasse braço contra ministros menores de uma justiça mal informada. O cavaleiro aceitou a advertência como quem recebe conselho de soberana. Baixou um pouco a espada, embora não baixasse o orgulho.

Foi nesse alívio estreito que o cura começou a desenhar o plano. Se Dom Quixote acreditasse estar encantado por forças inimigas, poderia aceitar ser levado sem sentir-se vencido. Uma jaula, uma carreta, vozes disfarçadas e uma profecia talvez servissem onde a razão falhara. O pensamento era duro, quase cruel, mas menos cruel que vê-lo preso por oficiais ou morto em algum choque inútil. O barbeiro concordou, embora a própria consciência coçasse como roupa áspera.

Sancho ouviu partes da conversa e empalideceu. Encantar seu amo parecia coisa perigosa, mesmo que fingida. Perguntou se encantamento de mentira podia virar de verdade no caminho. O cura respondeu que o verdadeiro perigo era deixar Dom Quixote solto entre leis, armas e estradas. Sancho não ficou convencido, mas também não tinha alternativa melhor. A ilha prometida se afastava cada vez mais; em seu lugar surgia uma carreta, e nenhuma carreta costuma levar escudeiro a governo.

Os quadrilheiros, pressionados pelo ouvidor e por Fernando, aceitaram esperar. Não por confiança plena, mas porque havia gente de autoridade suficiente para tornar a prudência mais cômoda que a prisão imediata. O barbeiro da bacia recebeu nova promessa de composição. Dom Luís ficou sob vigilância discreta. O vendeiro suspirou sem saber se desejava clientes ou deserto. A venda inteira parecia cansada de sustentar tantas verdades incompatíveis.

Ao cair da tarde, Dom Quixote ainda se via livre, mas todos ao redor já trabalhavam para prendê-lo dentro de uma ficção. Não seria cadeia de ferro, ao menos não no nome; seria encantamento, remédio, teatro de salvação. A Santa Hermandad trouxera a lei até a porta, e a lei fizera o cura entender que a aventura precisava terminar. Faltava apenas preparar a cena, a jaula e as palavras capazes de transformar retorno em feitiço.

# Capítulo 54 - O encantamento da jaula

## Capítulo 54 - O encantamento da jaula

Depois da chegada da Santa Hermandad, todos compreenderam que a venda já não podia sustentar por muito tempo o peso de Dom Quixote. Enquanto suas loucuras pareciam apenas quedas, discursos e pancadas, ainda havia espaço para rir, desviar ou remendar. Mas agora a lei rondava a porta, os quadrilheiros lembravam os galeotes, e qualquer novo gesto do cavaleiro podia transformar a fantasia em processo, prisão ou sangue. O cura decidiu, com tristeza prática, que era hora de levá-lo de volta para casa.

Não bastava pedir. Também não bastava mandar. Dom Quixote obedeceria a uma princesa imaginada, enfrentaria quadrilheiros por honra e recusaria qualquer ordem comum como indignidade. Era preciso cercá-lo por dentro, não por fora. O barbeiro, companheiro antigo do cura e já acostumado a representar papéis estranhos, concordou em preparar um encantamento. A venda forneceria a cena; os amigos, as vozes; a jaula, o corpo da mentira.

Procuraram uma carreta que pudesse servir ao transporte e uma espécie de gaiola ou armação forte o suficiente para conter o cavaleiro sem feri-lo. O vendeiro resmungou, porque cada plano naquela casa parecia transformar seus pertences em instrumentos de confusão. Fernando prometeu compensar despesas. O ouvidor, embora desconfortável com o teatro, reconheceu que a alternativa era pior. Doroteia compreendeu antes dos outros a delicadeza cruel da solução: salvar Dom Quixote exigia enganá-lo com a mesma matéria que o perdera.

Sancho recebeu a notícia como quem vê chover dentro de casa. Encantar seu amo parecia desrespeito, mas deixá-lo cair nas mãos da Santa Hermandad parecia desastre. Perguntou se o encantamento teria prazo, se a jaula permitiria conversa, se Rocinante seguiria perto e se escudeiros de cavaleiros encantados conservavam direito a ilhas. O cura respondeu às duas primeiras coisas com paciência, à terceira com promessa e à quarta com silêncio. Sancho entendeu o silêncio como mau sinal.

Combinaram a hora para quando Dom Quixote estivesse cansado e menos disposto a vigiar o mundo. O cavaleiro, porém, ainda falava de Micomicona, de gigantes e de justiça. Doroteia, despedindo-se pouco a pouco de seu papel de princesa, pediu-lhe que descansasse para a jornada futura. Ele aceitou por respeito a ela. Ali estava a ironia: a mesma ficção que o tirara de Serra Morena agora ajudava a colocá-lo no caminho de volta, só que dentro de outra fantasia mais estreita.

Quando a noite adensou os cantos da venda, as figuras disfarçadas se moveram. O barbeiro cobriu o rosto. Outros falaram em vozes graves, como ministros de algum poder invisível. Diziam que o valoroso Dom Quixote seria levado encantado até cumprir destino maior; que sua prisão significava suspensão misteriosa, não derrota; que Dulcineia, Micomicona e todas as damas aflitas deviam esperar o tempo marcado pelos sábios. As palavras eram ocas para os sensatos, mas soavam altas o bastante para alcançar o coração do cavaleiro.

Dom Quixote despertou cercado de sombras e presságios. Tentou erguer-se, mas braços prudentes o conduziram. Não houve violência declarada: houve cerimônia. Ele perguntou que força ousava tocar seu corpo. Uma voz respondeu que eram encantadores poderosos, inimigos e ao mesmo tempo instrumentos do destino, e que nenhum braço humano poderia romper aquele feitiço. Dom Quixote, em vez de gritar como preso comum, ficou solene. Ser encantado era, afinal,

prova de grandeza. Só heróis dignos de livros recebiam prisões tão extraordinárias.

A jaula esperava na carreta. Quando a viu, Sancho quase rompeu o acordo. Aquilo lhe pareceu pobre demais para encantamento e duro demais para remédio. Aproximou-se do cura e cochichou que sábios encantadores, se fossem realmente sábios, usariam cama melhor. O cura respondeu que encantamentos costumavam ser austeros. Sancho não gostou da palavra, mas ficou. Tinha medo de trair o amo e medo ainda maior de salvá-lo da única maneira que podia.

Dom Quixote foi colocado dentro da jaula com respeito teatral. A espada, a bacia-elmo e outros sinais de sua dignidade foram arrumados de modo que ele não se sentisse reduzido a criminoso. Ainda assim, quando as grades se fecharam, algo na venda mudou. Até os que riam de suas loucuras sentiram um peso. A fantasia, vista de fora, era truque; vista naquele corpo magro e orgulhoso, parecia dor.

Sancho aproximou-se das grades. Chamou o amo em voz baixa e perguntou se estava ferido. Dom Quixote respondeu que não; estava encantado. Disse que aquilo confirmava a perseguição dos sábios contrários à sua glória e pediu ao escudeiro fidelidade. Sancho jurou que não o abandonaria. Também perguntou, com prudência, se cavaleiros encantados ainda podiam recompensar serviços depois de desencantados. Dom Quixote garantiu que sim. Essa resposta devolveu a Sancho alguma cor.

A venda assistia à partida como quem vê encerrar-se uma peça longa demais. O barbeiro da bacia já não discutia. O vendeiro queria apenas que aquela companhia deixasse alguma paz atrás. Doroteia, Fernando, Lucinda e Cardenio observavam com gratidão triste: se Dom Quixote os havia ajudado por delírio, agora eram eles que aceitavam um delírio para ajudá-lo. O ouvidor via ali uma solução imperfeita, dessas que a vida impõe quando a lei não alcança a complexidade de uma alma

quebrada.

Antes que a carreta se movesse, o cura cuidou de acalmar os quadrilheiros. Dom Quixote seria levado, não fugiria, e ficaria sob guarda de gente conhecida. A Santa Hermandad, satisfeita por ver o homem contido, aceitou a solução. Fernando reforçou sua palavra. O caso da venda, ao menos por ora, deixava de ferver. Ainda restavam contas, promessas, jovens enamorados, barbeiros compensados e despedidas, mas o centro da tempestade já estava preso em madeira.

Quando a carreta enfim começou a sair, Dom Quixote ergueu a voz e falou como cavaleiro em exílio encantado. Pediu que todos guardassem memória de sua fama, que as damas não desanimassem, que os injustiçados esperassem seu retorno. Sancho caminhou ao lado, dividido entre pena e esperança. Atrás, a venda diminuía no pó da estrada. Adiante, ainda havia caminhos, debates e a lenta volta para casa. Mas a aventura mudara de forma: a perseguição se invertera, e o mundo, com cuidado e mentira, tentava trazer Dom Quixote de volta.

# Capítulo 55 - O cônego e os livros

## Capítulo 55 - O cônego e os livros

A carreta avançou devagar, carregando Dom Quixote e as histórias que o haviam empurrado até ali. A jaula rangia a cada solavanco. Sancho caminhava perto, ora olhando o amo, ora olhando a estrada, desconfiado de todos os encantamentos e de todas as soluções dos homens letrados. O cura e o barbeiro seguiam atentos, temendo que alguma palavra mal posta quebrasse o teatro que haviam erguido com tanto custo.

Dom Quixote, dentro da armação, mantinha a dignidade de quem se sabe prisioneiro de forças altas. Às vezes fechava os olhos, como se escutasse conselhos de sábios invisíveis. Outras vezes perguntava a Sancho se Rocinante vinha bem, se Dulcineia teria notícia de seu encantamento e se a princesa Micomicona não sofreria demora injusta. Sancho respondia como podia. Dizia que Rocinante seguia com cara de cavalo ofendido, que Dulcineia talvez soubesse por vias de encantador, e que princesas, sendo princesas, tinham costume de esperar em cadeira melhor que a dele.

Ao meio do caminho, encontraram um grupo de viajantes entre os quais vinha um cônego de Toledo, homem de estudo e conversa afiada. Vendo a estranha procissão, perguntou ao cura que crime cometera aquele homem enjaulado. O cura, depois de pesar o que podia dizer, explicou que era um fidalgo tomado por livros de cavalaria, conduzido de volta para casa por amigos que esperavam curá-lo. O cônego aproximou-se, curioso, e viu no rosto de Dom Quixote a febre de uma imaginação poderosa.

A conversa logo caiu nos livros. O cônego disse que conhecia bem aquelas histórias de cavaleiros invencíveis, ilhas súbitas, gigantes,

magos e donzelas perseguidas. Achava nelas mais dano que proveito quando lidas sem medida. O cura concordou, lembrando o estrago visto na casa de Alonso Quijano e o julgamento dos livros que fizera com o barbeiro. Para ele, muita mentira mal ordenada podia adoecer a razão. O cônego foi além: disse que a arte podia inventar, sim, desde que inventasse com proporção, decoro e algum respeito pela experiência humana.

Dom Quixote, ouvindo aquilo, não pôde calar. Ergueu a voz da jaula e perguntou que experiência humana era maior que a dos cavaleiros andantes. Acaso não havia injustiça? Não havia fracos sem defesa, viúvas esquecidas, órfãos, donzelas, prisioneiros, traidores e soberbos? Se o mundo continuava cheio de agravos, por que condenar os livros que ensinavam alguém a combatê-los? O cônego respondeu que o desejo de justiça era nobre; nas novelas cavaleirescas, porém, a grandeza vinha tão misturada ao absurdo que o leitor podia confundir dever com delírio.

Essa palavra, delírio, feriu Dom Quixote mais que pancada. Disse que os que chamavam a cavalaria de delírio eram homens de alma acomodada, incapazes de aceitar que a realidade fosse menor que a honra. Citou Amadis, Palmerim, Tirante e outros nomes como se convocasse testemunhas. Para ele, cada livro era arquivo de feitos, não invenção vazia. Se alguns não viam castelos, gigantes ou encantadores, talvez lhes faltasse vista espiritual. Sancho suspirou: a vista espiritual de seu amo sempre lhe custava dores materiais.

O cônego não zombou. Isso já o distinguia de muita gente que Dom Quixote encontrara. Falou com firmeza e respeito. Admitiu que histórias bem feitas podiam deleitar, ensinar coragem, mover a alma e ampliar o mundo. A imaginação, dizia ele, precisava de ordem. Um livro podia erguer o leitor ou fazê-lo tropeçar; podia orientar o desejo de bem ou inchá-lo até virar perigo. Dom Quixote ouviu como quem

escuta inimigo cortês: recusava a tese e reconhecia a elegância do adversário.

O cura aproveitou a moderação do debate para confessar ao cônego sua esperança. Talvez, chegando à aldeia, afastado das estradas e das armas, Dom Quixote reencontrasse algum repouso. Talvez a casa, a sobrinha, a ama e dias iguais fizessem o que pancadas, vendas e encantamentos não haviam feito. O cônego olhou para a jaula e não pareceu totalmente convencido. Disse que uma imaginação daquela força não desaparecia por decreto. Era preciso dar-lhe novo alimento, mais são, ou ela voltaria a procurar antigos venenos.

Sancho, ouvindo falar de alimentos, pensou primeiro em comida. Depois entendeu que falavam de livros e espírito, coisa menos útil para o estômago. Ainda assim, aproximou-se do cônego e perguntou se, em histórias mais bem ordenadas, escudeiros também recebiam ilhas. O cônego sorriu e respondeu que, nas boas histórias, cada um recebia o que sua prudência, mérito e sorte permitiam. Sancho achou a resposta bonita demais para ser favorável. Preferia promessa clara, com nome de ilha e renda anual.

A discussão seguiu enquanto a carreta cruzava a paisagem. O cônego criticava os disparates das novelas; Dom Quixote defendia a necessidade de maravilha; o cura buscava meio-termo; o barbeiro calava, satisfeito por não estar usando saía, véu ou disfarce naquele momento. A cada frase, a jaula parecia menos prisão de madeira e mais palco de um debate maior: quanto sonho pode uma pessoa carregar antes de se perder? Quanta realidade pode suportar antes de empobrecer?

Houve uma parada para descanso. Dom Quixote pediu que o soltassem um pouco, alegando necessidades que mesmo encantamentos deviam respeitar. O pedido trouxe inquietação. O cura temia fuga, o barbeiro temia improviso, Sancho temia que negar aquilo fosse crueldade

demais. O cônego observou que nenhum argumento sobre livros valia se começasse por desumanizar o homem discutido. Com cautela, abriram a jaula por breve tempo, mantendo todos atentos. Dom Quixote saiu como cavaleiro que pisa campo inimigo sob trégua.

Livre por instantes, ele esticou o corpo e respirou a estrada. Não tentou correr. Em vez disso, continuou defendendo a cavalaria, agora com os braços mais soltos. Disse ao cônego que a alma humana precisa de exemplos altos, e que os livros de cavalaria, apesar de seus exageros, sabiam desejar grandeza. O cônego respondeu que a grandeza sem juízo acabava pedindo que amigos construíssem jaulas. Dom Quixote calou por um momento. A frase ficou entre eles, pousada na poeira da estrada.

Quando o recolocaram na jaula, não houve violência. O cavaleiro aceitou o retorno ao encantamento como quem adia uma réplica. Sancho caminhou ao lado, mais quieto que de costume. O debate deixara nele uma pergunta incômoda: se os livros eram culpados por seu amo, quem seria culpado por suas próprias esperanças? Ele não lera novelas; ainda assim, acreditara em ilhas com força suficiente para suportar fome, pancadas e medo.

A tarde inclinou-se sobre a estrada. O cônego decidiu acompanhar o grupo por algum trecho, interessado naquela mistura de loucura, lealdade e literatura que nenhum tratado explicava por inteiro. Dom Quixote, dentro da jaula, continuava vencido apenas na aparência. Sua voz ainda podia transformar prisão em encantamento, crítica em ofensa, caminho de volta em etapa de glória. A aldeia se aproximava sem aparecer. Antes dela, ainda havia conversa, poeira e a pergunta que nenhum dos homens sabia responder: como devolver um sonhador à realidade sem matar o que nele havia de mais vivo?

# Capítulo 56 - O cabreiro e Leandra

## Capítulo 56 - O cabreiro e Leandra

Ainda longe da aldeia, quando a conversa do cônego sobre livros deixara os homens pensativos e a carreta seguia com a lentidão dos bois, apareceu junto ao caminho um cabreiro de rosto queimado, roupa pobre e maneiras menos rudes do que prometia a primeira vista. Trazia consigo uma cabra desgarrada, a quem repreendia com palavras amargas, como se o animal pudesse entender culpas humanas. O cura pediu que se aproximasse e descansasse um pouco. O cabreiro aceitou a água, o pão e a atenção dos viajantes; depois, percebendo que todos haviam escutado suas queixas contra a cabra, explicou que aquela aspereza vinha de uma história antiga, ainda aberta dentro dele.

Disse chamar-se Eugênio e ser de uma aldeia próxima, rica o bastante para que nela houvesse lavradores com honra, fazendas bem cuidadas e filhas guardadas com zelo. Entre essas filhas vivia Leandra, moça de beleza tão comentada que os pretendentes vinham de lugares distantes para vê-la e pedi-la em casamento. O pai, homem prudente e orgulhoso, tinha bens e nome, e desejava entregar a filha a quem pudesse respeitar sua casa. Eugênio a amava, e Anselmo, seu vizinho e rival, também a queria. Ambos tinham idade, patrimônio e crédito suficientes para alimentar esperança. O pai de Leandra, sem querer ferir nenhum deles, deixou a escolha à vontade da moça, adiando a resposta até que ela pudesse decidir com juízo.

Foi então que voltou à aldeia Vicente de la Roca, soldado que saíra menino e regressava coberto de cores, fitas, correntes miúdas e bravatas. Trazia roupas vistosas, uma guitarra, canções de sua lavra e histórias de batalhas que ninguém podia comprovar. Sentava-se na praça, debaixo de uma árvore, e falava de cidades italianas, duelos,

capitães, perigos vencidos e feridas invisíveis com uma segurança que fazia os rapazes rirem e as mulheres escutarem das janelas. A aldeia inteira sabia que havia mais aparência do que prova naquele aparato, porém o brilho basta muitas vezes para ferir olhos que ainda não aprenderam a desconfiar. Leandra ouviu as canções, viu as roupas, acolheu as promessas e se deixou levar pela figura do soldado.

Uma noite, antes que Eugênio ou Anselmo soubessem que seu destino já mudara, Leandra saiu de casa levando dinheiro e joias do pai. Vicente prometera conduzi-la a Nápoles, cidade que ele pintava como porta de grandeza e prazer. Durante três dias a aldeia procurou pelos caminhos, pelas matas e pelos montes, até que a encontraram numa cova, despojada das riquezas que levara, vestida apenas com a roupa mais pobre que lhe restara e deixada ali pelo homem que prometera casamento. Leandra confessou o engano sem tortura nem rodeio. Disse que Vicente tomara seus bens e fugira, embora tivesse poupado sua honra. O pai, ferido pela vergonha e ainda mais pela piedade, levou a filha para um mosteiro próximo, esperando que o tempo apagasse parte do falatório.

Desde então, contou Eugênio, a aldeia se enchera de homens que culpavam Leandra, defendiam Leandra, chamavam-na leviana, chamavam-na enganada, pediam justiça contra Vicente e, ao mesmo tempo, continuavam presos à imagem da moça ausente. Anselmo recolheu-se aos montes com suas ovelhas. Eugênio fez o mesmo com suas cabras. Outros pretendentes copiaram a retirada dos dois, e aqueles campos viraram abrigo de amores feridos, cantigas repetidas, queixas contra mulheres e promessas quebradas. O nome de Leandra corria de boca em boca entre pedras, árvores e ribeiros, carregado por homens que a adoravam enquanto a acusavam. Eugênio, envergonhado de sua própria paixão e incapaz de vencê-la, passou a despejar em palavras contra as cabras a cólera que não conseguia entregar a Vicente nem a si mesmo.

Quando terminou, ofereceu aos viajantes leite, queijo e frutas de sua malhada, pois podia ser infeliz sem perder a cortesia. O cônego elogiou a ordem do relato e disse que os montes também criavam homens discretos. Sancho ouviu a história com a mão no queixo, desconfiado de soldados muito coloridos e de promessas que cabiam melhor na boca do que na bolsa. Dom Quixote, por sua vez, recebeu o caso como se Leandra ainda estivesse pedindo socorro atrás de alguma grade injusta. A jaula que o prendia pareceu-lhe por um momento menos importante que o mosteiro onde imaginava uma donzela retida. Seus olhos ganharam novo lume, e o cura percebeu, tarde demais, que a história do cabreiro ainda podia virar aventura.

# Capítulo 57 - Os disciplinantes da estrada

## Capítulo 57 - Os disciplinantes da estrada

Dom Quixote tomou a dor de Eugênio como chamado de armas. Falou-lhe com gravidade, prometendo que, se as forças e os encantamentos lhe dessem licença, iria ao mosteiro, tiraria Leandra de qualquer prisão contrária à vontade dela e a poria diante de quem tivesse direito justo a recebê-la. O cabreiro olhou aquele homem magro, preso numa jaula sobre uma carreta, com o rosto ferido pelas viagens e a fala cheia de grandezas antigas. Perguntou ao barbeiro quem era tão estranha criatura. O barbeiro, entre riso e solenidade, respondeu que ali ia o famoso Dom Quixote de la Mancha, desfazedor de agravos, sustento de donzelas e terror de gigantes. Eugênio ouviu a explicação e concluiu que aquele cavaleiro tinha a cabeça vazia de senso, embora cheia de palavras.

A ofensa bateu em Dom Quixote como pedrada. Mesmo de dentro da armação, ergueu-se quanto pôde e chamou o cabreiro de vilão ingrato, homem incapaz de reconhecer quem se oferecia para remediar sua desgraça. Havia pão sobre a mesa improvisada da comitiva; o cavaleiro tomou um pedaço e o lançou contra o rosto de Eugênio com mais fúria que pontaria. O cabreiro, pouco disposto a aceitar brincadeira de quem o insultava em público, avançou sobre ele. A mesa virou campo de pancadas, Sancho tentou acudir ao amo, o cura e o cônego apartaram braços, pratos caíram, o vinho se espalhou e todos perderam por instantes a compostura que a conversa literária lhes dera. O riso dos presentes aumentava a confusão, e Sancho, seguro por um criado do cônego, desesperava-se por não conseguir entrar na briga.

A luta só cedeu quando uma trombeta soou ao longe, triste e comprida, vindo de um recosto próximo. Dom Quixote, ainda sob o peso do cabreiro e com o corpo mais moído do que antes, pediu trégua por uma hora, pois aquele som, segundo ele, anunciava aventura mais alta que qualquer pendência de mesa. Eugênio, cansado de bater e apanhar, soltou-o. Todos voltaram os olhos para a estrada e viram descer uma procissão de homens vestidos de branco, com capuzes, velas e disciplinas nas mãos. Vinham em rogativa por causa da seca, conduzindo uma imagem da Virgem coberta de luto até uma ermida do vale. Para o cura e para Sancho, a cena pertencia à devoção comum dos povoados. Para Dom Quixote, que jamais deixava o mundo repousar em seu próprio nome, aqueles homens levavam cativa uma senhora nobre.

Sancho correu a adverti-lo. Disse que aquilo cheirava a igreja, reza e penitência, e que a figura coberta era imagem santa, não princesa roubada por malfeitores. Dom Quixote já tomava o freio de Rocinante e pedia a espada. As palavras do escudeiro chegaram tarde. O cavaleiro montou com esforço, ergueu a voz e anunciou aos presentes que logo se veria para que serviam os cavaleiros andantes no mundo. Foi contra a procissão, parou diante dos carregadores e ordenou que soltassem a senhora enlutada, pois ele nascera para defender mulheres levadas contra a vontade. Os homens da procissão primeiro se espantaram, depois riram. Um dos clérigos pediu que falasse depressa, porque a penitência seguia seu passo e ninguém podia deter a rogativa para ouvir disparates.

A risada foi suficiente para acender a cólera do cavaleiro. Dom Quixote puxou a espada e investiu contra as andas. Um dos homens que sustentavam a imagem largou a carga aos companheiros, tomou o bastão que servia de apoio e recebeu o golpe do cavaleiro. A madeira partiu-se, mas o pedaço restante desceu sobre o ombro de Dom Quixote com força de lavrador. Rocinante parou, o corpo do amo

perdeu firmeza, e o cavaleiro caiu ao chão como árvore seca depois de machado. Sancho chegou ofegante e se lançou sobre ele, gritando que tinham matado a flor da cavalaria, o senhor que lhe prometera ilha, honra e governo. O homem da procissão, vendo o caído imóvel, fugiu pelos campos com medo de haver feito morte.

O cura reconheceu outro cura entre os penitentes e explicou rapidamente a desordem. A procissão se recompôs, os capuzes baixaram, as velas seguiram, e a imagem prosseguiu para a ermida com seus cantos. Dom Quixote despertou ao pranto de Sancho e pediu que o colocassem de volta na carreta encantada, pois seu ombro já não permitia governo de sela. Sancho, aliviado por ouvi-lo vivo, aconselhou que voltassem à aldeia e guardassem nova saída para tempo de maior proveito. O cavaleiro aceitou a prudência como quem aceita conselho escrito nas estrelas. O cabreiro despediu-se, os quadrilheiros ficaram pelo caminho, o cônego tomou sua direção e os bois retomaram a marcha. Depois daquela última pancada, a aldeia deixou de parecer destino remoto e começou a pesar sobre todos como porta próxima.

# Capítulo 58 - O retorno à aldeia

## Capítulo 58 - O retorno à aldeia

A estrada, depois de tantas palavras sobre livros, armas, encantamentos e governos impossíveis, começou enfim a tomar a feição conhecida dos campos da aldeia. A carreta seguia devagar, e nela ia Dom Quixote, ainda convencido de que a jaula pertencia ao artifício de sábios inimigos que, por inveja de sua glória, o levavam encantado, e não à prisão comum dos homens. O cura e o barbeiro, que vinham junto da comitiva, moderavam o passo e a voz, porque desejavam chegar sem alarde e entregar o cavaleiro a sua própria casa antes que nova aventura nascesse da primeira sombra.

Sancho Pança, montado no seu jumento, olhava ora para a jaula, ora para o caminho, ora para o rosto fechado de seu amo. Havia nele pena sincera, mas também a teimosia das contas mal encerradas. Dizia consigo que encantamento nenhum devia apagar promessa de ilha, condado ou governo, pois se o senhor estava agora em carreta, não deixava por isso de ser cavaleiro; e se era cavaleiro, ainda podia um dia pagar ao escudeiro os trabalhos, os sustos e as muitas pancadas que a fortuna lhe dera em lugar de salário.

Quando os telhados da aldeia apareceram, os rapazes foram os primeiros a cercar a carreta. Uns apontavam para a jaula, outros corriam adiante, anunciando que voltava Dom Quixote, trazido como santo de procissão ou como fera mansa de feira, conforme a malicia de cada boca. O cura pediu que se afastassem, e o barbeiro, com ar grave, sustentou a farsa enquanto foi preciso, para que o enfermo não se julgasse vencido por homens comuns. Dom Quixote, ouvindo as vozes conhecidas, ergueu a cabeça e disse que sua fama já precedia seu corpo, como convinha aos grandes restauradores da cavalaria andante.

Chegaram enfim a porta da casa. A ama saiu primeiro, levando as mãos ao rosto; a sobrinha veio logo atrás, entre espanto e alivio. Ambas viram a jaula, a poeira da carreta, a palidez do fidalgo e a resignação altiva com que ele aceitava sua suposta prisão magica. A ama começou a lamentar os livros, as noites mal dormidas, os campos corridos e as carnes quebradas; a sobrinha pediu ao tio que entrasse, que descansasse, que esquecesse por alguns dias gigantes, castelos e princesas. Ele respondeu com mansidão estranha que nada estava esquecido: apenas os ceus ordenavam repouso antes de empresa maior.

Com cuidado, tiraram-no da jaula. Não o fizeram como quem solta um prisioneiro, mas como quem remove pessoa doente de um leito ruim para outro menos duro. Dom Quixote deixou-se conduzir, porque julgava que os encantadores assim o queriam, e porque seu corpo, que não lia romances, sabia melhor que ele o peso das jornadas. Puseram-no na cama. A casa, que tantas vezes o vira sair armado de sonhos, recebia agora o mesmo homem gasto, magro, coberto de poeira, e ainda assim iluminado por uma certeza que os demais não sabiam curar.

Sancho ficou no patio, cercado por perguntas. Queriam saber por onde andara, que ganho trouxera, que fim levara a famosa governação prometida. Ele contou parte do caminho e calou outra parte, porque nem toda surra merece memória publica. Disse que haviam conhecido duques sem título, princesas de necessidade, pastores, penitentes, quadrilheiros, vendavais de paus e uma rainha chamada Dulcineia, que valia mais no pensamento de seu amo que muita senhora de carne e osso. Sobre a ilha, falou com seriedade: ainda não a recebera, mas também não lhe haviam provado que estivesse perdida.

A ama ralhou com ele por ter acompanhado o fidalgo; a sobrinha o olhou como se ele fosse metade culpado, metade testemunha. Sancho

defendeu-se dizendo que nunca obrigara ninguém a ser cavaleiro, e que, se seguira seu amo, fora por lealdade e também por esperança honrada de melhorar a vida da família. Acrescentou que Dom Quixote tinha coração maior do que juízo, e que muitos homens de muito juízo não possuam coração que prestasse. Nisso, sem perceber, disse a verdade mais limpa daquele dia.

O cura e o barbeiro conversaram em voz baixa. Era preciso vigiar a porta, esconder qualquer livro suspeito, impedir novas armas e dar ao fidalgo tempo bastante para que o sono fizesse o que os argumentos não tinham feito. Ninguém queria humilha-lo; todos queriam salva-lo, embora cada um chamasse salvação por nome diferente. Para a ama, salvar era fechar a casa; para a sobrinha, era recuperar o tio; para o cura, era separar fantasia de perigo; para Sancho, talvez fosse esperar que o amo acordasse menos ferido e ainda lembrado de suas promessas.

Dentro do quarto, Dom Quixote fechou os olhos. Talvez visse castelos onde havia paredes caiadas, talvez ouvisse trombetas no rangido da porta, talvez confundisse a cama pobre com leito preparado por algum rei agradecido. Mas a aldeia estava ali, concreta, com seus passos no patio, suas panelas, suas vozes e seu cuidado imperfeito. A aventura voltara ao lugar de onde saíra. Não estava morta; apenas dormia, cercada por gente que temia vê-la despertar depressa demais.

# Capítulo 59 - O repouso e a promessa

## Capítulo 59 - O repouso e a promessa

Depois que Dom Quixote foi deitado, a casa pareceu reaprender seus próprios sons. A ama andava de um lado para outro como sentinela de cozinha; a sobrinha recolhia peças de roupa, armas fora de lugar e lembranças que preferia não tocar; o cura e o barbeiro, já cansados da longa invenção da jaula, falavam baixo no aposento vizinho. Tinham trazido o fidalgo de volta, mas nenhum deles podia dizer que trouxera também, inteira e obediente, a razão que se perdera nos livros.

O cavaleiro dormia por intervalos. Quando despertava, perguntava se o sábio que o encantara já tinha revelado o reino onde sua espada seria necessária. A sobrinha respondia que o reino, por ora, era o quarto; a ama acrescentava que ali havia inimigos suficientes: febre, cansaço, magreza e teimosia. Dom Quixote sorria com piedade, como quem escuta gente simples incapaz de penetrar os mistérios altos da cavalaria andante. Contudo, obedecia. Bebia o caldo, aceitava o lençol, fechava os olhos.

O cura determinou que não se falasse de aventuras por alguns dias. O barbeiro concordou, embora soubesse que o silêncio também pode alimentar fantasias. Melhor seria dar ao corpo descanso e a imaginação pouco pasto. Trancaram os livros que restavam, afastaram as armas, vigiaram a porta do curral e recomendaram a todos da aldeia que não provocassem o fidalgo com histórias de gigantes, princesas cativas, exércitos encantados ou reinos a conquistar. A aldeia prometeu obedecer, como prometem as aldeias: com seriedade no rosto e curiosidade nas janelas.

Sancho, antes de voltar a sua própria casa, ficou algum tempo sentado perto da entrada. Parecia menos escudeiro que homem descido de

sonho comprido. A mulher quis saber da ilha; os vizinhos quiseram saber das pancadas; as crianças quiseram saber se Rocinante comia como cavalo comum ou como cavalo de cavaleiro famoso. Sancho respondeu a cada um conforme a medida de sua paciência. Disse que ilha ainda não viera, mas também não morrera; que pancadas houvera muitas, e nem todas com boa razão; e que Rocinante, apesar da fama do dono, mastigava como qualquer cristão velho em corpo de cavalo magro.

Depois, quando ficou menos cercado, confessou que vira coisas impossíveis acontecerem por serem acreditadas tempo bastante. Vira uma venda transformar-se em castelo, uma bacia tornar-se elmo, uma camponesa subir ao trono do pensamento, e um homem pobre caminhar como se o mundo lhe devesse justiça antiga. Não sabia se isso era loucura, grandeza ou mistura das duas. Sabia apenas que, ao lado de Dom Quixote, a fome parecia argumento, o medo parecia prova e a esperança, mesmo ridícula, tinha pernas para seguir estrada.

No quarto, Dom Quixote chamou uma vez por Sancho. Quando o escudeiro entrou, encontrou o amo pálido, mas com os olhos acesos. O fidalgo perguntou-lhe se guardava memória das promessas feitas. Sancho, que podia ser simples, mas não era tolo, respondeu que memória tinha, e muito boa quando se tratava de ilha, salário ou recompensa. Dom Quixote apertou-lhe a mão e disse que os encantadores apenas haviam interrompido o curso natural da glória; nada estava perdido para quem nasceu destinado a reparar agravos.

Sancho não quis contrariar o enfermo. Disse que descansasse primeiro, porque até cavaleiro encantado precisa de cama, e que depois se veria o que Deus, Dulcineia e a fortuna permitiriam. Dom Quixote aprovou a prudência como se ela fosse conselho de general. Por um momento, amo e escudeiro ficaram calados, ligados não por vitória alguma, mas pela memória comum de terem passado por

poeira, medo e riso sem abandonar um ao outro.

Ao cair da tarde, o cura saiu da casa mais tranquilo. O barbeiro levou consigo a certeza de que, por alguns dias ao menos, não haveria sela posta nem lança em punho. A ama fechou a porta com firmeza; a sobrinha ficou ouvindo a respiração do tio, como quem espera que cada sopro devolva um pouco do homem anterior aos livros. Mas ninguém sabia se esse homem ainda existia separado do cavaleiro, ou se ambos, Alonso Quijano e Dom Quixote, dormiam no mesmo corpo sem poderem desfazer a companhia.

Assim se encerrou aquela primeira saída grande, não com triunfo de armas, nem com desengano completo, mas com uma cama, uma casa e uma aldeia inteira tentando conter o fogo que os livros haviam acendido. O mundo la fora continuava com seus caminhos, vendas, serras, campos e injustiças. Dentro, um fidalgo repousava. Se a razão voltaria mais forte, ninguém podia jurar. Se a aventura estava acabada para sempre, menos ainda. Por ora, bastava dizer que o cavaleiro repousava, e que a estrada, embora distante, ainda sabia o nome dele.

# Capítulo 60 - A visita do cura e do barbeiro

## Capítulo 60 - A visita do cura e do barbeiro

Passou-se quase um mês desde que Dom Quixote fora trazido para casa, vencido de corpo e ainda armado por dentro. A ama e a sobrinha guardavam o quarto com cuidado de sentinelas, tirando-lhe livros, armas, conversas perigosas e qualquer notícia que pudesse levantar de novo a poeira da estrada. Ele comia melhor, dormia por períodos mais longos e respondia com juízo quando lhe falavam de colheitas, vizinhos, rendas miúdas e males comuns da aldeia. Essa melhora deu ao cura e ao barbeiro coragem para visitá-lo. Entraram com fala branda e rosto atento, decididos a descobrir se a razão voltara de verdade ou se apenas repousava, como cobra fria, à espera de sol.

Encontraram o fidalgo sentado, magro, limpo, vestido sem pompa e capaz de conversar sobre assuntos de governo com uma prudência que chegou a animar os dois amigos. Falaram de tempos difíceis, da defesa dos reinos cristãos, das ameaças que vinham do mar e dos cuidados que cabiam aos príncipes. Dom Quixote ouviu tudo com semblante grave. Por alguns instantes, sua resposta pareceu nascer de homem antigo e discreto, desses que medem cada palavra antes de entregá-la à sala. O cura trocou olhar rápido com o barbeiro, quase satisfeito. A doença talvez tivesse cansado de mandar nele. A esperança, sempre desejosa de se enganar quando ama alguém, começou a abrir uma fresta.

Essa fresta durou pouco. Quando o assunto tocou o perigo dos turcos, Dom Quixote ergueu a cabeça e declarou que o remédio mais eficaz seria convocar, por ordem pública, todos os cavaleiros andantes que ainda vagassem pela Espanha. Bastariam meia dúzia, disse ele, e talvez

um só deles pudesse destruir o poder inteiro do inimigo, pois as histórias estavam cheias de homens capazes de enfrentar exércitos numerosos como quem corta uma só garganta. Citou Amadís, Belianís e outros nomes de seu antigo reino de papel. A sobrinha, que escutava da porta, levou a mão ao peito. Entendeu antes dos demais que o tio curara a febre do corpo e conservara intacta a chama dos livros.

O barbeiro, desejando desviar aquela corrente antes que ela se fizesse cheia, pediu licença para contar um caso sucedido numa casa de loucos de Sevilha. Falou de um licenciado posto ali pelos parentes, homem que escrevera ao arcebispo afirmando ter recuperado o juízo e acusando a família de prendê-lo por interesse. Um capelão foi examinar o caso e encontrou nele tanta ordem, tanta medida e tanta razão, que se dispôs a tirá-lo da casa. O reitor avisou que o licenciado tinha intervalos luminosos e quedas fundas, porém o capelão confiou no que ouvira. Deram-lhe roupas decentes, e o homem, já vestido como são, pediu para despedir-se dos companheiros.

Na despedida, um interno que se julgava Júpiter ameaçou castigar Sevilha com três anos sem chuva, por deixarem sair um louco chamando-o de curado. O licenciado, sem perder solenidade, respondeu ao capelão que não havia motivo para temer, pois ele próprio era Netuno e faria chover sempre que fosse preciso. A prudência do capelão caiu por terra naquele instante. O homem voltou às roupas da casa e ali ficou, enquanto o reitor e os presentes riam da liberdade quase concedida. O barbeiro terminou o conto olhando Dom Quixote com cautela. A comparação estava posta na mesa, embora ninguém tivesse ousado nomeá-la.

Dom Quixote compreendeu o golpe e recebeu-o com dignidade ferida. Disse que conhecia muito bem a intenção do conto, e que seria tolice confundir a alta ordem da cavalaria com as fantasias de um pobre licenciado. Cavaleiro andante vivera e cavaleiro andante morreria,

ainda que turcos, parentes, barbeiros e curas se juntassem para chamá-lo ao repouso. O cura abaixou os olhos. A sobrinha fez sinal de desespero à ama. Nesse momento, vozes subiram da entrada da casa. Alguém discutia com as mulheres, tentando passar pela porta. Dom Quixote escutou, reconheceu o tom de Sancho Pança e mandou que o deixassem entrar, pois nenhum juízo do mundo podia ser completo sem ouvir o escudeiro.

# Capítulo 61 - Sancho à porta da casa

## Capítulo 61 - Sancho à porta da casa

As vozes vinham da porta, onde a ama e a sobrinha seguravam Sancho Pança como se segurassem uma doença conhecida. Chamavam-no de saco de más ideias, acusavam-no de ter levado o amo por estradas de pancada, fome e vergonha, e mandavam que voltasse para sua lavoura, sua mulher e seus pobres alforjes. Sancho, vermelho de indignação e poeira, respondia que o levado fora ele, e que Dom Quixote o tirara de casa com promessa de governo, ilha, honra e mesa farta. A sobrinha perguntou se ilha era coisa de comer. Sancho replicou que era coisa de mandar, e que mandaria melhor numa ilha do que muitos mandavam em lugares maiores.

O cura e o barbeiro ouviram aquela disputa com riso contido, porém Dom Quixote temeu que Sancho soltasse verdades capazes de arranhar sua honra diante das mulheres. Chamou-o pelo nome, ordenou silêncio à ama e à sobrinha e fez entrar o escudeiro. O cura e o barbeiro se despediram logo depois, levando no rosto a certeza de que a casa recuperara o corpo do fidalgo sem recuperar o sossego. Do lado de fora, o cura disse ao compadre que, quando menos esperassem, o cavaleiro tornaria a levantar voo. O barbeiro concordou, acrescentando que a loucura do amo encontrara na esperança do escudeiro um companheiro feito da mesma madeira.

Quando ficaram a sós, Dom Quixote censurou Sancho por haver dito às mulheres que fora arrancado de casa. Lembrou-lhe que ambos haviam saído juntos, sofrido juntos e recebido fortuna comum, ainda que as pancadas coubessem mais vezes ao cavaleiro. Sancho aceitou parte da conta, embora recordasse que, quando o mantearam, a cabeça da companhia ficara atrás do muro, vendo os membros voarem sem

repartir a dor. Dom Quixote respondeu com latim, explicou que, se a cabeça padece, todo o corpo padece com ela, e chamou Sancho de parte sua, criado seu e companheiro de fadiga. Sancho ouviu a doutrina com respeito prático, desses que concordam enquanto guardam o recibo da experiência.

Depois, Dom Quixote pediu a notícia que mais lhe importava: queria saber o que se dizia dele na aldeia, entre gente comum, hidalgos e cavaleiros. Ordenou que Sancho falasse sem adorno, sem medo e sem lisonja, porque a verdade, quando chega nua aos ouvidos dos grandes, vale mais que ouro trabalhado. Sancho avisou que obedeceria, desde que o amo prometesse não se zangar. A promessa foi dada. Então o escudeiro abriu a sacola das opiniões: o povo chamava Dom Quixote de grandíssimo louco e Sancho de mentecato; os hidalgos diziam que um homem de pouca terra e pouca renda se metera a cavaleiro com mais nome do que cabedal; outros reconheciam coragem, graça e cortesia, ainda que cada louvor viesse acompanhado de alguma pancada verbal.

Dom Quixote recebeu aquelas censuras como recebem os vaidosos as injúrias que conseguem transformar em prova de grandeza. Disse que toda virtude eminente sofre perseguição, citou capitães e heróis antigos acusados por línguas menores, e pediu que Sancho continuasse. O escudeiro então trouxe a notícia maior: chegara à aldeia o bacharel Sansón Carrasco, filho de Bartolomé Carrasco, vindo dos estudos de Salamanca, e ele afirmava que já andava impresso em livro o relato das aventuras de Dom Quixote, com Sancho Pança nomeado ali pelo próprio nome, Dulcineia citada e casos secretos postos em letras para todos lerem. O cavaleiro ficou imóvel, tomado por assombro e vaidade.

Para explicar tamanho prodígio, Dom Quixote concluiu que o autor devia ser algum sábio encantador, pois só criaturas assim conhecem o

que se passa em quartos fechados, caminhos perdidos e pensamentos escondidos. Sancho respondeu que o bacharel dera nome ao tal autor: Cide Hamete Berenjena. Dom Quixote corrigiu a rusticidade do escudeiro, dizendo que Cide soava a título mourisco e que Sancho talvez tivesse torcido o sobrenome. Sancho, pouco amigo de sutilezas quando havia novidades à mesa, ofereceu-se para buscar o bacharel em pessoa. Dom Quixote aceitou com urgência. Enquanto Sancho saía, o cavaleiro ficou diante da notícia como homem que acaba de descobrir que sua vida deixou de pertencer apenas a seus ossos.

# Capítulo 62 - O bacharel e o livro impresso

## Capítulo 62 - O bacharel e o livro impresso

Dom Quixote esperou Sansón Carrasco com inquietação que nenhum encantamento anterior lhe causara. Tinha enfrentado moinhos, galeotes, vendas, rebanhos e jaulas, e em todas essas ocasiões pudera ajustar o mundo à grandeza que trazia por dentro. Agora, porém, o mundo lhe devolvia uma coisa mais estranha: um livro. Pensava se o autor seria amigo ou inimigo, se teria entendido a pureza de Dulcineia, se teria contado as derrotas com piedade ou com riso, se a história andaria digna de um cavaleiro ou manchada por mão baixa. Quando Sancho voltou com o bacharel, o fidalgo recebeu o visitante com cortesia ansiosa, quase temendo ouvir o próprio nome sair da boca de outro homem.

Sansón Carrasco era moço de corpo pequeno, rosto redondo, cor pálida, nariz chato e boca larga, com aquela malícia estudada de quem aprende nos livros e nas mesas. Chamava-se Sansón, embora a natureza lhe houvesse negado aparência de força, e trazia nos olhos uma disposição viva para a zombaria. Ao ver Dom Quixote, ajoelhou-se diante dele e pediu-lhe as mãos, chamando-o de um dos mais famosos cavaleiros andantes que houve e haveria sobre a terra. Louvou Cide Hamete Benengeli, autor da história, e também quem a passara do árabe para língua comum. Dom Quixote mandou que se levantasse, já dividido entre prazer e desconfiança.

O bacharel confirmou que a história existia, andava impressa em muitos exemplares e corria por reinos e cidades com rapidez difícil de acreditar. Falou de Portugal, Valência, Barcelona, Amberes e de outras partes onde o nome do cavaleiro já ganhava leitores. Dom Quixote

sentiu a doçura perigosa da fama em vida. Disse que nada alegra mais um homem virtuoso do que ver seu bom nome nas línguas do povo, desde que o nome saia limpo. Sansón assegurou que o livro pintava com viveza sua coragem, sua paciência, sua continência amorosa e a fidelidade a Dulcineia. Sancho interrompeu para notar que nunca ouvira chamarem Dulcineia de dona, e que nisso a história já começava a pôr enfeite onde ele conhecia chão batido.

Vieram então as perguntas sobre quais aventuras mais agradavam aos leitores. Sansón contou que uns preferiam os moinhos, outros os pisoeiros, outros os exércitos de carneiros, o morto levado pela estrada, a libertação dos galeotes, o combate com o biscainho e até o infortúnio de Sancho na manta. O escudeiro protestou, dizendo que não fizera cabriolas por gosto; quem dançara fora seu corpo no ar, lançado por mãos alheias. Dom Quixote defendeu que toda história humana possui altos e baixos, e que os livros de cavalaria, por tratarem de perigos, não podiam guardar apenas sucessos felizes. Sansón respondeu que alguns leitores desejariam menos pancadas no relato. Sancho, com a memória das costelas, disse que aí justamente entrava a verdade.

A conversa tomou rumo de juízo literário. Dom Quixote sustentou que certas derrotas poderiam ser deixadas de lado quando diminuíssem o senhor da história sem mudar o fundo dos fatos. Sansón contrapôs que o poeta escreve as coisas como deviam ser, enquanto o historiador as escreve como foram, sem aumento nem corte. Sancho aproveitou para lembrar que, se a verdade mandava tanto, suas próprias pancadas deveriam aparecer ao lado das do amo, pois nenhuma vara media as costas de Dom Quixote sem alcançar também o corpo do escudeiro. O bacharel chamou Sancho de segunda pessoa da história, e Sancho, satisfeito, perdoou quase tudo por ouvir que muita gente gostava de suas falas mais do que de muitas façanhas.

Nem tudo, porém, era louvor. Sansón contou que alguns censuravam o autor por haver colocado no livro a novela do Curioso Impertinente, julgando-a boa em si, porém afastada da vida de Dom Quixote. O cavaleiro tomou a crítica como prova de falha grave e comparou o autor a pintor que fazia qualquer figura e depois precisava escrever ao lado dela o que pretendia representar. O bacharel, sem perder o sorriso, disse que o livro era claro para crianças, moços, homens e velhos, tão lido que bastava aparecer um rocim magro para alguém lembrar Rocinante. Acrescentou, entretanto, que havia dúvidas sobre o roubo do jumento de Sancho e sobre os cem escudos achados em Serra Morena. Sancho, sentindo o estômago mais urgente que a posteridade, declarou que resolveria contas e contos depois de comer. Saiu para casa, prometendo voltar, enquanto Dom Quixote convidava Sansón a ficar à mesa e continuar a conversa.

# Capítulo 63 - As contas de Sancho

## Capítulo 63 - As contas de Sancho

Sancho voltou depois de comer, mais disposto a defender sua honra do que a satisfazer curiosidade de bacharel. Sentou-se diante de Dom Quixote e Sansón Carrasco como homem chamado a juízo, ainda que seu rosto trouxesse a confiança de quem acha que sofreu bastante para ter direito a qualquer resposta. O bacharel pediu notícias do jumento, pois os leitores da história estranhavam que o animal sumisse e reaparecesse sem explicação bastante. Sancho pigarreou, tomou o caso desde a noite em que fugiram da Santa Hermandad e contou que, na Serra Morena, dormira tão pesado sobre o rucio que o ladrão pôde erguer-lhe o corpo com estacas, tirar o animal debaixo dele e deixá-lo acordar em queda vergonhosa.

Dom Quixote achou o artifício possível, lembrando façanhas de ladrões famosos nas velhas histórias de cavalaria. Sancho prosseguiu, dizendo que chorara pelo rucio como quem perde parente útil, e que, se o autor não registrara aquela lamentação, deixara fora uma das coisas melhores de sua vida. Depois reconhecera o animal nas mãos de Ginés de Pasamonte, vestido como cigano, o mesmo homem que ambos tinham tirado da corrente dos galeotes. Sansón explicou que a dificuldade dos leitores estava em outro ponto: antes de o rucio aparecer de novo, o livro já punha Sancho montado nele. O escudeiro levantou os ombros. Ou o historiador se enganara, disse, ou o impressor dormira sobre o trabalho.

Vieram então os cem escudos achados em Serra Morena. Sancho declarou que os gastara em proveito de sua pessoa, de sua mulher e de seus filhos, e que esse dinheiro ajudara Teresa a tolerar as ausências, os caminhos e as promessas que ainda não tinham virado ilha. Se

voltasse para casa sem rucio, sem escudos e sem esperança, talvez encontrasse no próprio lar pior acolhida que nas vendas. Acrescentou que, se cada pancada recebida naquelas aventuras fosse paga a preço baixo, outros cem escudos não bastariam para indenizar metade de seus ossos. Cada um, concluiu, devia pôr a mão no peito antes de julgar as contas alheias, pois os homens são como Deus os fez e, muitas vezes, um pouco piores.

Sansón prometeu lembrar tudo isso ao autor, se a história tivesse nova impressão. Dom Quixote perguntou se o livro prometia continuação. O bacharel respondeu que sim, embora houvesse dúvida sobre o paradeiro dos papéis seguintes e sobre a conveniência de uma segunda parte. Alguns diziam que segundas partes raramente conservam o vigor da primeira; outros queriam mais feitos de Dom Quixote e mais palavras de Sancho. O escudeiro tomou a notícia como chamado direto. Se o autor procurava matéria, ali estavam eles, vivos, cheios de caminhos por fazer, capazes de fornecer aventuras suficientes para cem partes. Bastava que seu amo aceitasse conselho e tornasse aos campos sem demora.

Nesse instante, Rocinante relinchou no pátio. Dom Quixote recebeu o som como sinal feliz, e a decisão que já crescia dentro dele ganhou forma. Dentro de poucos dias sairia outra vez, e perguntou a Sansón por onde convinha iniciar a jornada. O bacharel sugeriu o reino de Aragão e a cidade de Zaragoza, onde festas e justas de São Jorge dariam ao cavaleiro ocasião de fama diante dos melhores. Louvou a resolução, mas aconselhou prudência nos perigos, pois a vida de Dom Quixote pertencia a todos os necessitados que ainda poderiam receber amparo de sua mão.

Sancho apoiou a prudência com entusiasmo interessado. Disse que seu amo atacava cem homens armados com a mesma pressa com que um menino guloso procura fruta madura, e que havia tempo de avançar e

tempo de guardar a pele. Aceitava acompanhá-lo, desde que ficasse entendido que Dom Quixote cuidaria das batalhas, enquanto ele trataria da limpeza, do regalo, dos recados e da fidelidade de escudeiro. Fama de valente não lhe faltaria, porque nunca a buscara; bastava-lhe a fama de leal. Se a ilha aparecesse, receberia a mercê de bom grado. Se não aparecesse, Sancho nascera Sancho e morreria Sancho, embora não fosse homem tão sem juízo que recusasse reino caído do céu.

Sansón riu e afirmou que Sancho falava como catedrático. Dom Quixote pediu-lhe então versos para a despedida de Dulcineia, com as letras do nome dela escondidas no princípio de cada verso. O bacharel achou dificuldade no número das letras, prometeu resolver como poeta pudesse e guardou segredo sobre a partida. Ficou combinado que a nova saída se daria dali a oito dias, sem notícia ao cura, ao barbeiro, à ama ou à sobrinha, para que ninguém levantasse barreira contra resolução tão honrada. Sansón se despediu prometendo amizade e silêncio. Sancho saiu para preparar alforjes, rucio, contas domésticas e a coragem que sempre lhe chegava misturada com medo.

# Capítulo 64 - Teresa Pança e a ilha

## Capítulo 64 - Teresa Pança e a ilha

Quando o tradutor chegou a este ponto da história, confessou suspeitar deste capítulo, porque Sancho Pança fala nele com uma agudeza que parece maior que seu estudo. Ainda assim, por dever de ofício, conservou o que encontrou. Sancho entrou em casa tão contente que Teresa Pança percebeu a novidade antes que ele abrisse a boca. Perguntou-lhe que trazia no rosto, pois vinha alegre como homem que achou dinheiro em caminho limpo. Sancho respondeu que estaria mais satisfeito se não precisasse alegrar-se daquele modo, frase que deixou Teresa parada, tentando descobrir em que mundo uma pessoa se alegra por preferir não estar contente.

Ele explicou que Dom Quixote preparava terceira saída, e que ele próprio iria junto por necessidade, esperança e hábito. A necessidade vinha da pobreza; a esperança, de talvez encontrar novos escudos; o hábito, de já saber que sua vida quieta tinha sido mordida pela promessa de governo. Mandou Teresa cuidar do rucio por três dias, dobrar-lhe a ração, rever a albarda e deixar as correias prontas, porque não iriam a bodas, e sim a caminhos de gigantes, monstros, bramidos, mouros encantados e homens que costumavam bater antes de perguntar. Teresa suspirou. Sabia que escudeiro andante não come pão de graça, mas preferia marido vivo a governador imaginado.

Sancho declarou que cairia morto ali mesmo se não acreditasse que em pouco tempo se veria governador de uma ilha. Teresa pediu que vivesse, ainda que com suas teimosias, e que deixasse o diabo levar todos os governos do mundo. Lembrou-lhe que nascera sem governo, vivera sem governo e podia morrer contado entre as gentes sem que isso fosse desonra. Porém, se a sorte insistisse em elevá-lo, não deveria

esquecer dela nem dos filhos. Sanchico já tinha idade para aprender letras, caso o tio abade quisesse encaminhá-lo à Igreja; Mari Sancha também pedia cuidado, pois moça crescida logo começa a olhar para casamento, e melhor seria casá-la com igual conhecido do que vê-la perdida por promessa alta demais.

Sancho respondeu que, se chegasse a governar, faria Mari Sancha tão senhora que todos teriam de chamá-la por título. Teresa recusou a grandeza com energia. Não queria tirar a filha dos zuecos para metê-la em sapatos de corte, nem trocar a vida conhecida por palácio onde cada gesto denunciaria nascimento pobre. Seu nome era Teresa, sem donas, dourados e penduricalhos; o pai se chamara Cascajo, e ela aceitava Pança por ser mulher de Sancho. Não desejava sentar-se na igreja entre almofadas para dar assunto às hidalgas da aldeia. Queria a filha perto, casada com Lope Tocho, moço forte, vizinho, conhecido e capaz de manter paz entre pais, filhos, genros e netos.

Sancho chamou Teresa de cabeça dura e tentou mostrar que a fortuna precisa ser agarrada quando oferece mão. Se ele pudesse pôr a filha em senhorio, tirá-la dos rastrojos, cobri-la de tratamento alto e fazê-la sentar-se em estrado, por que a mãe havia de recusar? Teresa respondeu com a sabedoria do terreiro: quem sobe depressa chama olhos, e os olhos param mais no rico recente do que no pobre antigo. Se uma mulher conhecida por fiar estopa aparecesse de repente vestida como governadora, todos lembrariam sua saia velha antes de respeitar a nova roupa. Preferia igualdade limpa a grandeza que obrigasse a família a representar papel que não sabia sustentar.

Então Sancho, armado de sermão ouvido na quaresma, falou como se a memória dos homens fosse mercado de aparências. Disse que a pessoa bem vestida, rodeada de criados e sinais de prosperidade, obriga os outros a respeito; a pobreza passada vai ficando atrás, enquanto o presente bem composto toma o lugar principal diante dos olhos. Se o

elevado pela fortuna se mostrar cortês, liberal e bem criado, poucos se lembrarão de sua origem, salvo os invejosos, que nunca perdoam sorte alheia. Teresa confessou não entender tanta retórica, mas cedeu no ponto prático: se Sancho insistisse no governo, que levasse depois o filho para aprender o ofício do pai. Sancho prometeu mandar dinheiro e buscar Sanchico quando houvesse posto seguro.

A conversa terminou sem verdadeira paz. Sancho insistiu que Mari Sancha seria condessa. Teresa disse que, no dia em que a visse condessa, sentiria como se a enterrasse, porque certas alturas cobram caro de quem nasceu em chão baixo. Ainda assim, reconheceu que as mulheres carregam o peso de obedecer aos maridos, mesmo quando eles parecem feitos de madeira verde. Começou a chorar como se já visse a filha longe, cercada de palavras que a feririam mais que enxada. Sancho a consolou do modo que sabia: se tivesse de fazer a moça condessa, faria o mais tarde possível. Depois saiu para ver Dom Quixote, levando consigo a alegria da ilha e o ruído das lágrimas de Teresa.

# Capítulo 65 - A sobrinha, a ama e a terceira saída

## Capítulo 65 - A sobrinha, a ama e a terceira saída

Enquanto Sancho e Teresa disputavam governos e casamentos, a ama e a sobrinha de Dom Quixote também não descansavam. Pelos movimentos do fidalgo, pelas perguntas sobre Rocinante, pelos olhos que fugiam para armas guardadas e pelo modo como se calava quando alguém mencionava estradas, ambas entenderam que a terceira saída se formava dentro da casa. Tentaram todos os caminhos para desviá-lo. A ama ameaçou queixar-se a Deus e ao rei, pedindo remédio para homem que insistia em andar por montes e vales buscando aventuras, palavra que para ela significava desgraça com outro nome.

Dom Quixote respondeu que ignorava o que Deus e o rei diriam de tais queixas, mas tinha pena dos monarcas obrigados a escutar pedidos sem fim. A ama, aproveitando a abertura, perguntou se na corte não havia cavaleiros. Havia muitos, respondeu ele, e eram necessários para ornamento dos príncipes. Ela então sugeriu que servisse ao rei quieto, na corte, sem expor ossos cansados a sol, frio e pancadas. Dom Quixote sorriu com paciência de mestre. Explicou que há cavaleiros cortesãos e cavaleiros andantes. Os primeiros viajam pelo mundo com os olhos postos em mapas, sem gastar sola nem sofrer fome; os segundos medem a terra com os próprios pés, enfrentam inimigos de carne e recebem do céu o ofício de socorrer aflitos.

A ama ouviu pouco e entendeu menos, mas a sobrinha tomou a palavra com coragem. Disse que aquelas histórias de cavaleiros andantes eram fábulas capazes de estragar bons costumes, e que, se não fossem queimadas, mereciam ao menos sinal público de vergonha. A frase feriu Dom Quixote mais do que espada. Chamou aquilo de blasfêmia

contra a ordem que sustentava sua vida e repreendeu a moça por ousar julgar Amadís, Galaor e tantos nomes diante dos quais ela deveria baixar a voz. Se ela não fosse filha de sua própria irmã, afirmou, mereceria castigo exemplar. Mesmo assim, perdoava-a, lembrando que verdadeiros cavaleiros protegem donzelas, ainda quando elas falam sem saber.

A sobrinha não recuou. Disse que o tio sabia tanto, falava tão bem e podia até subir a um púlpito se lhe pedissem, mas caía no erro de pensar-se valente sendo velho, forte estando doente, reparador de injustiças quando mal cuidava de si, e cavaleiro sem possuir riqueza própria para tanto. Dom Quixote, em vez de se ofender de novo, tomou a censura como entrada para discurso maior. Falou dos linajes do mundo: uns começam humildes e sobem por virtude e fortuna; outros nascem grandes e conservam grandeza; outros descem até sumir; outros nunca alcançam nome digno de memória. O valor de uma casa, dizia ele, depende do modo como seus donos usam virtude, riqueza e liberalidade.

O cavaleiro pobre, prosseguiu, ainda pode mostrar nobreza por atos: sendo cortês, generoso, afável, comedido, caridoso e limpo de arrogância. Dois caminhos levam os homens à honra: letras e armas. Ele tinha mais inclinação às armas, e por elas seguiria, porque vontade, razão, fortuna e céu pareciam empurrá-lo por essa vereda. Conhecia os trabalhos da cavalaria andante, seus frios, fomes, feridas e noites sem cama, porém conhecia também os bens que dela nascem quando a força serve a justiça. A estrada da virtude é estreita, disse, e o caminho do vício largo; cada um termina onde seus passos o levam.

A sobrinha, já cansada e assustada, lamentou que o tio também soubesse fazer versos, discursos, doutrinas e qualquer ofício que lhe passasse pela cabeça. Apostaria, disse ela, que se quisesse ser pedreiro, levantaria casa em forma de jaula. Dom Quixote respondeu que, se os

pensamentos cavaleirescos não lhe ocupassem os sentidos, não haveria curiosidade que sua mão não tentasse, nem mesmo jaulas ou palitos de dentes. A ama cruzou-se, certa de que cada palavra mostrava a doença mais viva. Nesse momento bateram à porta. Era Sancho Pança. A ama correu a esconder-se, pois o aborrecia como se ele trouxesse a estrada debaixo da camisa.

A sobrinha abriu. Dom Quixote recebeu Sancho com braços abertos e alegria que nenhum repouso doméstico lhe dava. Os dois se recolheram ao aposento, deixando as mulheres do lado de fora com a certeza de terem perdido outra batalha. Dentro, amo e escudeiro falaram baixo, juntando o que um chamava destino e o outro chamava oportunidade. A casa, que por alguns dias parecera devolver Alonso Quijano à aldeia, começou a servir de antecâmara para nova partida. Lá fora, panelas, roupas e rezas tentavam segurar o homem. Lá dentro, uma sela, um rucio, um cavalo magro e a promessa de Zaragoza já ocupavam o ar.

# Capítulo 66 - O salário de Sancho

## Capítulo 66 - O salário de Sancho

A ama, vendo que Sancho entrara para conversar a sós com Dom Quixote, saiu da casa com mais pressa do que prudência e foi procurar Sansón Carrasco. Levava nos olhos o medo de quem já via a sela posta, o cavalo magro no pátio e o fidalgo perdido por caminhos que nenhuma reza doméstica alcançava. Encontrou o bacharel e pediu-lhe, quase sem fôlego, que acudisse contra aquela nova loucura. Se ele era homem de letras, dizia ela, que usasse as letras para prender Dom Quixote à cama, à aldeia e ao caldo quente. Sansón ouviu tudo com rosto grave, prometeu ajudar e despediu a mulher com palavras tão bem arrumadas que ela voltou para casa acreditando ter encontrado defesa.

O bacharel, porém, tinha outro desígnio. Sabia que impedir Dom Quixote pela força só daria mais brilho à vontade do cavaleiro. Melhor seria empurrá-lo a sair sob forma que permitisse seguir-lhe os passos e preparar remédio mais eficaz. Guardou esse pensamento e, enquanto a ama voltava à sua vigília, Dom Quixote e Sancho discutiam dentro do quarto. Sancho, depois de ouvir promessas de ilha, fama, governo e honras futuras, pediu licença para falar de coisa menos gloriosa. Disse que sua mulher ficava com filhos, casa, necessidades e espera. Por isso, antes de nova saída, convinha acertar salário certo por mês, além das mercês que pudessem vir da fortuna.

Dom Quixote recebeu a proposta como quem ouve ranger uma porta em templo. Explicou que jamais lera em livro algum que escudeiro de cavaleiro andante servisse por soldada fixa. Os escudeiros entram na aventura por lealdade, esperança e participação nas glórias do amo; depois, quando a vitória chega, recebem ilhas, condados, honras e

recompensa muito acima de qualquer salário miúdo. Se Sancho queria transformar cavalaria em contrato de lavoura, buscasse outro amo, porque ele, Dom Quixote, podia sair sem escudeiro. A ameaça acertou Sancho no ponto exato. A ilha, ainda invisível, valia mais para ele que qualquer conta mensal, e nenhum vizinho lhe pagaria por sonhar tão alto.

Sancho tentou salvar as duas coisas. Disse que não pedia por desconfiança, e sim por ordem de casa; Teresa Pança não se alimentava de esperança, nem Sanchico crescia com promessas, nem Mari Sancha podia casar levando no enxoval governo futuro. Dom Quixote respondeu que a honra requer paciência e que muitos grandes bens entram no mundo por porta estreita. O escudeiro coçou a cabeça, pensou nos alforjes, no rucio e na quantidade de pancadas que uma promessa costuma esconder, e acabou cedendo. Iria sem soldada, confiado à palavra do amo e ao que Deus pusesse no caminho. Pedia apenas que, chegando a ilha, não se lembrassem tarde demais de quem carregara fome, recados e feridas.

Nesse ponto entrou Sansón Carrasco. Fingiu surpresa ao encontrar os dois em ajuste tão sério, louvou a coragem de Dom Quixote, elogiou a prudência de Sancho e pôs sua autoridade de bacharel a serviço da partida. Disse que o mundo precisava de braços como os do cavaleiro e de bom senso como o do escudeiro. Dom Quixote inflamou-se com o apoio. Sancho, ouvindo um letrado falar bem de sua pessoa, sentiu crescer a própria importância. Ficou combinado que a saída se faria dentro de poucos dias, antes que o cura e o barbeiro pudessem atravancar o intento com sermões, lágrimas ou chaves escondidas. Sansón ofereceu segredo e conselho, embora sua cabeça já calculasse outra jogada.

A ama e a sobrinha desconfiavam de tudo. Pela casa, cada silêncio parecia conspiração e cada objeto fora de lugar anunciava fuga. Dom

Quixote, para despistá-las, falava de repouso, elogiava a sopa, perguntava por vizinhos e deixava as armas quietas. Sancho ia e vinha com ar de quem procura coisa perdida, recolhendo correias, remendando alforjes, examinando o rucio e escondendo de Teresa a metade do que prometera contar. Na superfície, a aldeia continuava igual. Por baixo, três vontades trabalhavam: a do cavaleiro, desejosa de estrada; a do escudeiro, presa ao governo possível; e a de Sansón, que abria caminho para curar a loucura por meio dela mesma.

# Capítulo 67 - A estrada de El Toboso

## Capítulo 67 - A estrada de El Toboso

Quando chegou a hora combinada, Dom Quixote e Sancho saíram da aldeia sem trombetas, sem despedidas e sem o alvoroço que costuma denunciar grandes empresas. Era noite. A casa dormia com sono vigiado, e a ama talvez sonhasse com chaves, livros queimados e santos protetores de fidalgos teimosos. Rocinante avançou magro, solene, quase satisfeito por sentir outra vez o peso conhecido. O rucio seguiu com paciência de animal que aceita a filosofia dos homens desde que lhe deem cevada. Sancho levava alforjes, medo, esperança e a lembrança insistente de Teresa, que ficara em casa medindo a ilha prometida pelo tamanho real da despensa.

A madrugada abriu espaço entre os campos, e Dom Quixote respirou como homem devolvido ao próprio elemento. Disse a Sancho que aquela era a mais necessária de suas saídas, pois já não buscavam apenas reparar agravos ocultos; agora tinham leitores, fama impressa e olhos distantes julgando cada passo. O escudeiro respondeu que olhos distantes não saravam costelas próximas, e que desejava, antes de qualquer combate, visitar Dulcineia para que ela abençoasse a jornada. Dom Quixote acolheu a ideia com fervor. Ir ao Toboso parecia obrigação primeira: nenhum cavaleiro parte limpo para o mundo sem receber licença da senhora que governa seu coração.

Enquanto caminhavam, falaram de glória. Dom Quixote explicou que a fama é uma forma de vida que resiste ao corpo, e que homens valentes buscam feitos capazes de sobreviver aos ossos. Sancho ouviu com atenção desigual. Entendia a parte da fama quando ela vinha com comida, governo ou dinheiro; a outra parte, feita de nome sem proveito, parecia-lhe moeda fina demais para estômago pobre. O

cavaleiro citou exemplos de santos que ganharam eternidade por obras de virtude, e Sancho perguntou se não seria melhor tornar-se santo do que cavaleiro, já que santos iam ao céu sem receber tantas pancadas de estalajadeiros, galeotes, clérigos e lavradores.

Dom Quixote respondeu que cada caminho tem sua vocação. Os santos combatem com oração, jejum e martírio; os cavaleiros andantes combatem com lança, espada, vigílias, abstinência e risco. Ambos servem ao alto, se cada qual conservar pureza no ofício. Sancho achou a explicação respeitável, embora preferisse ofício em que o corpo sofresse menos. Lembrou que os santos, ao menos nos altares, recebiam velas, flores e devoção; os cavaleiros, pelo que vira, recebiam mais poeira que incenso. Dom Quixote tomou a observação como rusticidade graciosa e falou longamente das virtudes necessárias a quem pretende merecer memória limpa.

A estrada para El Toboso crescia diante deles. Dom Quixote imaginava torres, salas, donzelas, pátios de honra e a presença alta de Dulcineia, capaz de fazer humilde qualquer rei. Sancho, que conhecia Aldonza Lorenzo e os arredores da aldeia, caminhava com incômodo crescente. A mentira da embaixada antiga voltava agora como dívida. Ele nunca entregara carta, nunca vira palácio, nunca recebera palavra de Dulcineia; inventara tudo para sair de apuro. Quanto mais o amo falava da dama, mais Sancho sentia que o caminho o levava para perto de uma conta difícil de pagar. A noite, que antes ajudara a fuga, começou a parecer-lhe pouca cobertura.

Dom Quixote pediu detalhes do encontro que Sancho tivera com Dulcineia na outra jornada. O escudeiro repetiu o que já inventara, ajustando lembranças falsas com o cuidado de quem remenda saco furado. Disse que ela estava ocupada em trabalhos de trigo, que recebera notícia do cavaleiro com modéstia e que sua grandeza podia esconder-se sob aparências simples, como ouro guardado em pano

pobre. Dom Quixote transformou cada resposta em confirmação de amor discreto. Se Dulcineia não vivia em aparato visível, maior era sua excelência; se usava mãos em ofícios comuns, mais brilhava a humildade. Sancho agradeceu em silêncio a capacidade do amo de salvar mentiras alheias com imaginação própria.

Ao cair da noite seguinte, avistaram as primeiras sombras de El Toboso. Dom Quixote quis entrar quando a aldeia estivesse quieta, para buscar o palácio de Dulcineia sem tumulto e sem olhos curiosos. Sancho sentiu frio no estômago. Cada rua escura poderia pedir nome, cada porta poderia negar a invenção. Mesmo assim, seguiu ao lado do amo. Rocinante pisava devagar; o rucio procurava cheiros mais honestos que o da glória. Entre casas baixas, muros e silêncio, os dois entraram no lugar onde Dom Quixote esperava encontrar a senhora de seus pensamentos e Sancho esperava não encontrar ninguém capaz de fazer perguntas claras demais.

# Capítulo 68 - A noite em El Toboso

## Capítulo 68 - A noite em El Toboso

El Toboso recebeu Dom Quixote e Sancho com o silêncio das aldeias em hora funda. As ruas pareciam feitas de sombra, cal, pedra e sono. De longe vinha o ruído de algum animal preso, depois o latido de cães despertados pela presença dos viajantes, depois novo silêncio. Dom Quixote pediu a Sancho que o guiasse ao palácio de Dulcineia, pois ele, tendo sido mensageiro da carta e recebido resposta da senhora, devia conhecer muito bem a casa. Sancho engoliu seco. Na claridade do dia, uma mentira pode procurar buracos por onde fugir; na noite, cada parede se torna testemunha, e nenhuma parecia disposta a ajudá-lo.

O escudeiro tentou ganhar tempo. Disse que vira Dulcineia fora da aldeia, perto de campo aberto, e que talvez não conhecesse a residência tão bem quanto o amo supunha. Dom Quixote estranhou. Se Sancho levara carta, recebera resposta e contemplara a dama, como podia ignorar a casa dela? Sancho respondeu que as visitas de gente humilde nem sempre entram por portas principais, e que damas de tanto merecimento podiam usar recados, criadas, pátios e caminhos menos vistos. O cavaleiro aceitou parte da desculpa, porque tudo que aumentava o mistério de Dulcineia servia também para engrandecê-la. Ainda assim, exigiu que buscassem até achar.

Foram andando por ruas estreitas, dobrando esquinas sem certeza, parando diante de casas fechadas e ouvindo os cães aumentarem a desconfiança. Dom Quixote via em cada parede branca possível sinal de palácio escondido. Sancho via apenas casas de gente que dormiria mal se dois homens começassem a perguntar por dama encantada em hora imprópria. Chegaram a uma igreja, cuja torre aparecia mais escura que o céu. Dom Quixote, ao notar o vulto alto, pensou por um

instante ter encontrado torre de alcáçar. Sancho aproveitou a confusão e disse que talvez fosse melhor esperar a manhã, quando portas, rostos e caminhos deixam menos margem para erro.

O cavaleiro recusou a demora. A honra amorosa não deve aguardar comodidade, e ele queria apresentar-se à senhora antes que o sol vulgarizasse a cena. Nesse momento passaram dois lavradores com animais carregados, seguindo para o trabalho antes da aurora. Dom Quixote chamou-os com cortesia e perguntou pelo palácio da princesa Dulcineia del Toboso. Os homens pararam, mais assustados que informados. Disseram que não conheciam princesa alguma com esse nome, embora houvesse na aldeia muitas mulheres honradas e algumas Lorenzas, Aldonzas e moças de família conhecida. Um deles sugeriu que perguntassem ao cura ou ao sacristão quando amanhecesse. Depois seguiram depressa, comentando que viajantes noturnos costumam trazer mais trabalho que proveito.

A menção a Aldonza atingiu Sancho como pedrada anunciada. Dom Quixote, porém, recusou ligar nome rústico à sua dama, salvo como artifício de encantadores. Disse que a inveja talvez houvesse apagado dos moradores a lembrança verdadeira de Dulcineia, ou coberto sua grandeza com nomes baixos para impedir que ele a achasse. Sancho agarrou essa porta com as duas mãos. Sim, talvez houvesse encantamento naquilo; talvez o próprio palácio estivesse diante deles e parecesse igreja, curral ou casa pobre por malícia de sábios inimigos. Dom Quixote ficou inquieto. A possibilidade feria e consolava ao mesmo tempo, pois tornava o fracasso menos humano e mais digno de sua história.

Depois de muito vagar, Sancho convenceu o amo a sair da aldeia e esperar entre árvores próximas. Ao amanhecer, prometeu, voltaria sozinho para buscar Dulcineia com mais discrição. Uma dama de tal altura poderia assustar-se se visse chegar cavaleiro armado, escudeiro

cansado, cavalo magro e jumento em plena noite. Melhor seria que Sancho, conhecido por mensageiro anterior, se apresentasse primeiro, preparasse a visita e trouxesse resposta. Dom Quixote aceitou a proposta com pesar e esperança, como homem que entrega a outro a parte mais delicada de sua vida. Saíram de El Toboso sem haver encontrado palácio, janela, criada ou sinal seguro.

Foram esperar num arvoredo fora da povoação. Dom Quixote desmontou em silêncio, olhando para o lado da aldeia como se as casas guardassem um segredo que lhe pertencia. Sancho fingiu arrumar o rucio e os alforjes, mas sua cabeça trabalhava em ritmo duro. Precisava encontrar Dulcineia sem conhecer Dulcineia, trazer resposta sem pergunta, salvar a fé do amo sem cair dentro da própria invenção. O sol ainda não nascera, e já o escudeiro via pela frente trabalho mais perigoso que muita batalha. Dom Quixote, alheio ao aperto de Sancho, passou a noite aguardando a notícia que decidiria o tom de toda a jornada.

# Capítulo 69 - O encantamento de Dulcineia

## Capítulo 69 - O encantamento de Dulcineia

Dom Quixote ficou no arvoredo, entregue a pensamentos que iam de Dulcineia ao destino e voltavam ao mesmo nome como ave presa dentro de quarto fechado. Ordenara a Sancho que retornasse ao Toboso, falasse com a senhora de seus pensamentos e trouxesse licença para que ele se apresentasse diante dela. O escudeiro aceitou a missão com rosto firme e coração em aperto. Mal perdeu de vista o amo, desceu do rucio, sentou-se ao pé de uma árvore e começou a discutir consigo mesmo. Perguntava a Sancho Pança para onde ia Sancho Pança, que princesa buscava, que palácio conhecia e que resposta esperava trazer de mulher que jamais recebera carta alguma.

Depois de muito se interrogar, achou saída conforme sua necessidade. Se Dom Quixote tomava moinhos por gigantes, rebanhos por exércitos e vendas por castelos, também poderia tomar uma lavradora por Dulcineia, desde que Sancho defendesse a invenção com voz bastante teimosa. Ficou ali até a tarde, para que o tempo parecesse gasto em ida e volta, e quando se preparava para regressar viu três moças do campo vindo do lado do Toboso, montadas em três animais humildes. A ocasião caiu em suas mãos como moeda achada. Esporeou o rucio e correu ao encontro de Dom Quixote, que o recebeu cheio de ansiedade, querendo saber se o dia merecia pedra branca ou pedra escura.

Sancho respondeu que merecia marca vermelha em parede grande, pois as novas vinham melhores do que ele próprio esperava. Disse que Dulcineia saíra ao campo acompanhada de duas donzelas, vestida com riqueza capaz de ferir os olhos, montada em fina hacaneia, com os cabelos soltos como fios de sol. Dom Quixote tremeu entre alegria e

receio. Perguntou se o escudeiro zombava de sua tristeza. Sancho jurou que a verdade vinha tão perto que bastava avançar alguns passos para vê-la. Prometeu à imaginação do amo brocados, pérolas, rubis, ouro e toda a grandeza que uma língua assustada consegue pôr sobre três mulheres de aldeia.

Saíram do arvoredo. Dom Quixote olhou para o caminho e viu somente três lavradoras sobre três burricas. A primeira vinha com rosto redondo, maneiras apressadas e pouca disposição para cerimônias. Sancho, antes que o amo desmentisse tudo, lançou-se ao chão, tomou o cabresto de um dos animais e saudou a mulher como rainha, princesa e duquesa da formosura, pedindo que recebesse em graça o cavaleiro cativo que ali estava sem pulso diante de sua presença. Dom Quixote ajoelhou-se ao lado dele, mudo e ferido, porque seus olhos lhe davam uma aldeã onde seu desejo esperava uma senhora. As mulheres, detidas no caminho, olharam aqueles dois homens como se tivessem saído de febre ruim.

A lavradora mandou que se apartassem e deixassem passagem. Outra, menos paciente, soltou palavras rudes contra aqueles senhores que vinham caçoar de mulheres trabalhadoras. Sancho insistiu no teatro com devoção escandalosa, chamando a moça de estrela do Toboso e sustento da cavalaria. Dom Quixote, enfim, encontrou explicação capaz de conservar a fé e aceitar a vista. Algum encantador inimigo cobrira Dulcineia com forma baixa, fechara para ele os caminhos da alegria e deixara somente Sancho livre para ver a beleza verdadeira. Falou à dama mudada com tristeza cerimoniosa, pedindo que recebesse seu serviço ainda sob aquela aparência imposta por malícia.

A mulher, livre do cabresto, feriu a burrica com a vara e tentou seguir depressa. O animal, incomodado, deu saltos e derrubou-a no chão. Dom Quixote correu para levantá-la, Sancho ajustou a albarda, e a moça, sem esperar braços de cavaleiro, tomou impulso e subiu de novo

com agilidade que deixou o escudeiro em festa. Ele proclamou que sua senhora montava melhor que qualquer homem adestrado e que as donzelas corriam como vento. As três se afastaram sem olhar para trás. Dom Quixote acompanhou a poeira com os olhos até perdê-la de vista, sentindo que a aventura começava marcada por uma privação mais dura que pancada.

Quando ficaram sozinhos, o cavaleiro lamentou a inveja dos encantadores. Haviam tirado de Dulcineia o rosto, a compostura e até o perfume que caberia a tão alta senhora, pois, ao aproximar-se dela, sentira cheiro de alho cru que lhe envenenara a alma. Sancho fingiu indignação contra os malfeitores invisíveis e acrescentou detalhes à mentira, inventando lunar, cabelos dourados sobre o lábio e riqueza de arreios que Dom Quixote, por desgraça própria, não pudera contemplar. O amo acolheu cada absurdo como resto de perfeição escondida. Depois de muito falar, montaram outra vez e tomaram a estrada de Zaragoza, levando consigo uma Dulcineia ausente, agora mais poderosa por estar encantada.

# Capítulo 70 - A carreta da Morte

## Capítulo 70 - A carreta da Morte

Dom Quixote seguiu pensativo depois do encontro com as três lavradoras. A imagem de Dulcineia mudada em moça de campo pesava-lhe tanto que soltou as rédeas sem perceber, e Rocinante aproveitou a liberdade para parar onde havia erva. Sancho, vendo o amo entregue à melancolia, pediu que despertasse. Disse que tristezas são próprias dos homens, mas, quando crescem demais, acabam reduzindo o homem a besta. Rogou-lhe que segurasse o cavalo, erguesse a cabeça e lembrasse que a saúde de um cavaleiro andante valia mais, para o mundo, que todos os encantamentos feitos contra damas do Toboso.

Dom Quixote repreendeu-o por falar sem reverência de Dulcineia. A desgraça da senhora vinha, dizia ele, da inveja que os maus tinham de sua glória. Sancho concordou depressa, pois a mentira que armara precisava agora de paredes fortes. Ainda assim, levantou problema prático: quando o amo vencesse gigantes ou cavaleiros e os mandasse apresentar-se diante de Dulcineia, como poderiam reconhecê-la se continuasse sob forma tão baixa? Dom Quixote admitiu que a experiência resolveria a dúvida. Talvez o encantamento atingisse somente seus olhos; talvez os vencidos a vissem em sua grandeza e voltassem contando o que ele fora impedido de ver.

A resposta mal terminara quando surgiu no caminho uma carreta descoberta, carregada de figuras estranhas. Quem guiava as mulas vinha vestido de demônio. Sobre a plataforma apareciam a Morte, um anjo com asas pintadas, um imperador coroado, Cupido com arco e setas, uma rainha, um soldado e outras presenças feitas para espantar quem as visse de repente. Sancho ficou inquieto. Dom Quixote, ao

contrário, sentiu acender-se a disposição para aventura e pôs-se diante da carreta com voz alta, exigindo que o condutor dissesse quem eram, para onde iam e por que levavam tamanha companhia em veículo que parecia barca de almas perdidas.

O demônio respondeu com mansidão. Eram atores da companhia de Angulo o Mau, tinham representado naquela manhã o auto das Cortes da Morte em uma aldeia próxima e iam repetir a peça em outro lugar, sem trocar de roupa porque a distância era pequena. A Morte vinha de Morte; o anjo vinha de Anjo; a rainha era mulher do diretor; o imperador, o soldado e Cupido seguiam cada qual em seu papel. Dom Quixote, ao ouvir a explicação, declarou que tocara a aparência com a mão e encontrara o desengano. Deixou-os seguir, dizendo que sempre apreciara máscaras e comédias, desde a juventude, e que nada tinha contra gente de teatro.

O acordo teria acabado em paz se um dos farsantes, vestido de figura buliçosa, não se aproximasse com cascavéis e bexigas infladas presas a um pau. O homem saltou diante de Rocinante, bateu as bexigas no chão e fez tal barulho que o cavalo tomou o freio nos dentes e disparou pelo campo. Dom Quixote caiu logo adiante, mais ofendido que ferido. Sancho correu para acudir ao amo; nesse intervalo, o farsante montou no rucio e saiu dando-lhe golpes com as bexigas. O escudeiro viu o amo no chão e o jumento fugindo, dividido entre duas dores. Escolheu primeiro Dom Quixote, porque, embora amasse o rucio, ainda sabia a quem devia serviço.

Quando ajudava o cavaleiro a levantar-se, Sancho disse que o diabo levara seu jumento. Dom Quixote prometeu recuperá-lo, mesmo que o ladrão entrasse nos calabouços mais fundos do inferno. Quis alcançar a carreta e tomar das mulas satisfação pelo agravo. Sancho notou que o rucio já voltava, pois o farsante também caíra e preferira seguir a pé. Ainda assim, Dom Quixote avançou para castigar a insolência. Os

atores, vendo a intenção, saltaram da carreta com pedras nas mãos: a Morte, o imperador, o anjo, Cupido, a rainha e o demônio formaram esquadrão pronto para receber o cavaleiro com pontaria severa.

Sancho deteve o amo antes do ataque. Lembrou-lhe que contra sopa de pedra não havia armadura bastante, salvo talvez uma campana de bronze fechada por todos os lados. Acrescentou argumento decisivo: entre aquelas figuras, embora parecessem reis, anjos, mortes e imperadores, nenhum era cavaleiro andante. Dom Quixote aceitou a razão. Não devia tirar espada contra quem não pertencia à ordem das armas. Ofereceu a Sancho a vingança, com promessa de ajuda por conselhos e gritos, mas o escudeiro recusou. Preferia convencer o rucio a entregar a ofensa à sua vontade pacífica. Assim a carreta seguiu, Sancho tomou seu animal, e Dom Quixote voltou ao caminho, deixando para trás uma aventura que terminara graças ao bom cálculo do escudeiro.

# Capítulo 71 - O Cavaleiro dos Espelhos

## Capítulo 71 - O Cavaleiro dos Espelhos

A noite depois da carreta da Morte encontrou Dom Quixote e Sancho sob árvores altas, com o corpo pedindo descanso e a cabeça ainda ocupada por máscaras, pedras, encantadores e Dulcineia. Por insistência de Sancho, o cavaleiro comeu alguma coisa do que vinha nos alforjes. O escudeiro, entre uma dentada e outra, alegrou-se por ter escolhido as crias das éguas em vez dos despojos da primeira aventura, pois as coroas e asas dos farsantes seriam folha barata, pano pintado e lata sem proveito. Dom Quixote aproveitou o assunto para defender a comédia: os atores mostram aos homens as figuras do mundo, e quando a peça termina todos deixam roupas, títulos e diferenças, assim como a morte despe os vivos antes da sepultura.

Sancho achou boa a comparação e acrescentou outra, a do jogo de xadrez, em que cada peça manda, serve, avança ou protege enquanto dura a partida, mas todas acabam misturadas no mesmo saco. Dom Quixote elogiou-lhe a discrição crescente. O escudeiro respondeu que alguma coisa da conversa do amo havia de fertilizar seu entendimento seco, como esterco bom melhora terra ruim. O cavaleiro riu da retórica campestre de Sancho, percebendo que o companheiro, desde a primeira saída, aprendera a falar com mais ambição, embora sempre corresse o risco de escorregar do alto de uma frase para o barro de um provérbio mal colocado.

Depois soltaram o rucio e deram a Rocinante a liberdade permitida pelas leis da cavalaria, pois Dom Quixote consentia tirar-lhe o freio, mas não a sela enquanto dormissem ao ar livre. O narrador, nesse ponto, lembrou a amizade dos dois animais, tão constante que,

segundo fama antiga, mereceria capítulos próprios se a dignidade da história permitisse. Rocinante e o rucio comiam juntos, coçavam-se quando podiam e pareciam entender melhor a paz do que muitos homens. Sancho adormeceu ao pé de uma árvore. Dom Quixote cochilou junto de outra, sem entregar-se por inteiro ao sono, porque cavaleiro em campo aberto deve repousar como quem guarda metade do ouvido armado.

Pouco tempo depois, um ruído o despertou. Viu dois homens a cavalo que chegavam ao mesmo lugar. Um deles apeou-se com peso de armas, pediu ao companheiro que tirasse os freios dos animais e deitou-se no chão dizendo que aquele silêncio convinha a seus pensamentos amorosos. O som das peças metálicas bastou para Dom Quixote concluir que se achava diante de cavaleiro andante. Acordou Sancho com dificuldade e falou baixo: havia aventura. Sancho perguntou onde estava essa senhora aventura, ainda preso ao sono. O amo apontou o homem armado, estendido na terra com sinais de tristeza, e mandou que escutasse, pois o recém-chegado preparava instrumento e peito para cantar.

A voz do desconhecido começou soneto de amor, dirigido a uma senhora chamada Casildea de Vandalia. Cantou obediência, sofrimento e desejo de que a dama marcasse o modo de sua pena. Ao fim, soltou suspiro arrancado de lugar fundo e lamentou que Casildea consentisse suas peregrinações. Disse haver forçado cavaleiros de Navarra, Leão, Tartesso, Castela e Mancha a confessar que ela era a mulher mais formosa do mundo. A palavra Mancha tocou Dom Quixote. Ele sussurrou a Sancho que aquilo não podia ficar de pé, pois nenhum cavaleiro da Mancha confessara beleza superior à de Dulcineia. Mesmo assim, decidiu ouvir mais antes de interromper.

O cavaleiro desconhecido percebeu que havia gente próxima. Ergueu-se e perguntou se os que estavam ali pertenciam ao número

dos contentes ou dos aflitos. Dom Quixote respondeu que dos aflitos. O outro convidou-os a aproximar-se, dizendo que chegariam à própria tristeza. Sentaram-se juntos no chão, com cortesia de homens que em poucas horas poderiam desejar quebrar a cabeça um do outro. O Cavaleiro do Bosque, como então se apresentava, reconheceu em Dom Quixote outro professor da cavalaria andante e perguntou se também era enamorado. Dom Quixote respondeu que por desventura sim, embora pensamentos bem postos devam ser contados entre graças altas.

Sancho, ouvindo falar de Dulcineia, afirmou que sua senhora era mansa como cordeira e branda como manteiga. O Cavaleiro do Bosque estranhou que um escudeiro falasse no meio da conversa de seu amo e apontou o próprio servidor, calado e enorme, como exemplo de reserva. Sancho não gostou da censura. O escudeiro do Bosque tomou-o pelo braço e propôs que se afastassem para falar escudeirilmente, deixando os cavaleiros entregues às histórias de amor. Sancho aceitou de boa vontade. Assim, os amos ficaram sentados na noite, medindo tristezas e damas, enquanto os dois escudeiros se retiraram para uma conversa que prometia menos solenidade e talvez mais verdade.

# Capítulo 72 - A conversa dos escudeiros

## Capítulo 72 - A conversa dos escudeiros

Enquanto Dom Quixote e o Cavaleiro do Bosque ficavam entregues a damas, tristezas e façanhas, Sancho Pança afastou-se com o escudeiro desconhecido para falar de matéria mais próxima do estômago. O outro começou lamentando a vida daqueles que servem cavaleiros andantes: frio, calor, vigílias, sustos, fome e a obrigação de correr atrás de glória alheia como quem segue uma mula sem cabresto. Sancho concordou logo. Disse que os escudeiros comem o pão no suor do rosto e também no gelo do corpo, quando há pão; muitas vezes passam dia e noite alimentados apenas por vento, medo e promessa de recompensa futura.

O escudeiro do Bosque respondeu que toda miséria se aguenta melhor quando vem acompanhada de prêmio. Se o cavaleiro servido não for inteiramente infeliz, cedo ou tarde dará ao criado uma ilha, um condado ou algum governo de boa aparência. Sancho ganhou brilho nos olhos. Contou que seu amo lhe prometera ilha muitas vezes, e que ele se contentaria com governo honrado, desde que viesse antes de sua velhice terminar. O outro disse que ficaria satisfeito com um canonicato, pois seu senhor talvez tivesse meios de dar recompensa eclesiástica. Sancho achou estranho. Seu amo era leigo por todos os lados, e, embora certas pessoas já tivessem sugerido que virasse arcebispo, preferira mirar império, coisa mais ajustada ao gosto de Sancho.

O companheiro aconselhou retirada. Governos, dizia, carregam preocupação, conta, inveja e responsabilidade; alguns são pobres, outros tortos, outros cheios de tristeza. Melhor seria voltar às aldeias,

criar filhos, caçar, pescar e envelhecer sem cavaleiro nenhum mandando buscar perigo em todo canto. Sancho reconheceu que tinha jumento melhor que muito cavalo, galgos poderia arranjar de vizinhos, e pesca nunca faltava a quem possuísse vara e paciência. Mesmo assim, a ilha ficava diante dele como saco de moedas pendurado no pensamento. Já vira cem escudos em Serra Morena e desde então o diabo lhe punha diante dos olhos talegos maiores, rendas, juros, casa farta e respeito de gente que hoje mal o cumprimentava.

Falaram dos filhos. O escudeiro do Bosque disse ter três pequenos, preciosos para seus olhos. Sancho contou que tinha dois, e que a filha, Mari Sancha, crescia forte, fresca e alta, destinada talvez a condessa se Deus e Dom Quixote ajudassem. O outro, usando expressão grosseira que no uso popular podia valer elogio, louvou o vigor da moça. Sancho fechou o rosto, porque, quando se tratava de Teresa e dos filhos, sua paciência perdia a sela. O companheiro explicou que certas palavras nascem feias e servem para louvar quando a coisa louvada excede a medida comum. Sancho aceitou a lição com cuidado e disse que, sendo assim, toda a sua casa merecia abundância desses louvores, pois mulher, filho e filha faziam coisas dignas de espanto.

A conversa voltou aos amos. O escudeiro do Bosque disse que o seu senhor andava metido em cuidados alheios para curar loucura de outro cavaleiro, e que isso talvez lhe saísse caro. Perguntou se Dom Quixote era também enamorado. Sancho respondeu que sim, de Dulcineia do Toboso, senhora que a ele próprio se mostrara de modo complicado demais para explicar em poucas palavras. Defendeu o amo com sinceridade: tinha mais loucura que malícia, alma grande, vontade limpa e tal facilidade para crer que uma criança podia fazê-lo aceitar noite em pleno meio-dia. Por isso o estimava como coisa de dentro do peito, e não conseguia abandoná-lo, embora cada aventura parecesse inventada contra seus ossos.

O outro escudeiro trouxe então o melhor argumento contra a miséria: uma bota de vinho e uma empanada enorme, guardadas como tesouro de quem conhece a estrada. Sancho comeu sem pedir segunda autorização. Chamou o companheiro de escudeiro legítimo, magnífico e corrente, pois quem serve armas deve carregar provisão melhor que queijo duro, alfarrobas, avelãs e nozes. O vinho passou de mão em mão. Sancho ergueu a bota, olhou as estrelas enquanto bebia e depois declarou que aquela bebida tinha fé, corpo e família. Descobriu que vinha de Ciudad Real, e o outro admirou o acerto. Sancho explicou que descendia de grandes provadores: dois parentes seus haviam sentido, num vinho limpo ao parecer de todos, gosto de ferro e de couro; meses depois, ao esvaziarem a cuba, encontraram dentro dela uma chave presa a correia de cordobão.

O escudeiro do Bosque riu e propôs outra vez a retirada para as aldeias, onde haveria pão conhecido, vinho seguro e menos necessidade de provar valentia de terceiros. Sancho disse que serviria Dom Quixote até Zaragoza; depois, cada um veria que ajuste cabia à própria vida. Beberam mais do que planejavam. Comeram mais do que convinha à prudência. A noite fechou em torno dos dois, e o sono, que costuma ter mais autoridade que conselhos, calou-lhes as línguas. Ficaram adormecidos com a bota quase vazia entre as mãos e pedaços de comida ainda por acabar, enquanto seus amos, a pouca distância, preparavam com palavras corteses uma disputa que logo pediria lanças.

# Capítulo 73 - O duelo dos espelhos

## Capítulo 73 - O duelo dos espelhos

O Cavaleiro do Bosque contou a Dom Quixote que servia Casildea de Vandalia, dama sem par em formosura e crueldade. Por ordem dela, enfrentara trabalhos desmedidos: desafiara a Giralda de Sevilha, pesara os Toros de Guisando, descera à sima de Cabra e correra províncias obrigando cavaleiros a confessar a supremacia de sua senhora. Entre esses vencidos, afirmou, estava o famoso Dom Quixote de la Mancha, homem seco, alto, de rosto alongado, amigo de Rocinante, senhor de Sancho Pança e devoto de Dulcineia. Com essa vitória, dizia ele, toda a fama do manchego passara para sua conta, como riqueza tomada em combate justo.

Dom Quixote ouviu com a mão perto da espada e a paciência tensa. Quis chamar mentiroso ao outro cavaleiro, mas preferiu responder com ordem. Disse que esse Dom Quixote era seu maior amigo, tão unido a ele que quase poderia falar por sua própria pessoa. As descrições batiam ponto por ponto, e justamente por isso denunciavam obra de encantadores. Talvez algum inimigo, desejoso de roubar a glória do verdadeiro cavaleiro, tomara sua aparência e aceitara derrota falsa. Havia prova recente do poder desses malfeitores: dois dias antes, Dulcineia fora mudada em lavradora diante de seus olhos. Se podiam rebaixar tal senhora, também podiam fabricar um Dom Quixote vencido.

O Cavaleiro do Bosque sustentou o contrário. Jurou que vira, combatêra e vencera o próprio Dom Quixote. O manchego, então, declarou que ali estava o verdadeiro e que defenderia essa verdade a pé, a cavalo ou como o adversário quisesse. O outro aceitou o desafio, mas propôs aguardar a manhã. Cavaleiros não deviam fazer armas em

plena sombra, como ladrões. Combateriam ao nascer do sol, com pacto claro: o vencido ficaria à vontade do vencedor, desde que a ordem imposta permanecesse dentro das leis da cavalaria. Dom Quixote aceitou. Foram acordar os escudeiros, que dormiam abraçados à bota, e mandaram que tivessem prontos os animais para combate singular.

Sancho ficou gelado ao saber do duelo. Tinha ouvido do escudeiro do Bosque tantas bravatas sobre o senhor dele que já imaginava Dom Quixote partido em pedaços. Piorou quando o companheiro anunciou uma regra andaluza: enquanto os amos lutassem, os escudeiros também deveriam medir forças. Sancho recusou a lei com argumentos de paz e economia. Se houvesse multa por escudeiro pacífico, pagaria em cera, pois sairia mais barato que curar cabeça rachada. O outro ofereceu sacos de pano iguais para lutarem a golpes. Sancho quase aceitou, até descobrir que os sacos levariam pedras lisas dentro. Preferiu deixar a cólera adormecida. Se o outro tentasse despertá-la com bofetadas, ele usaria um pau para fazer a cólera alheia dormir em lugar definitivo.

A manhã trouxe luz, canto de aves e a visão que mais assustou Sancho: o escudeiro do Bosque tinha nariz enorme, curvo, verrugoso e escuro, pendendo sobre a boca como se quisesse governar o rosto inteiro. Sancho decidiu que receberia duzentas bofetadas antes de lutar contra semelhante figura. Dom Quixote olhou também o adversário: o cavaleiro já trazia a viseira baixa, uma casaca semeada de pequenos espelhos, plumas verdes, amarelas e brancas no elmo, lança grossa e porte de homem forte. Pediu que levantasse a viseira. O Cavaleiro dos Espelhos, como agora parecia justo chamá-lo, recusou, dizendo que haveria tempo para rostos depois da vitória de Casildea.

Montaram. Antes do encontro, o Cavaleiro dos Espelhos repetiu a condição do pacto. Dom Quixote confirmou. Sancho, vendo o nariz do outro escudeiro e temendo ficar sozinho com ele, pediu ajuda para

subir num sobreiro e assistir dali ao combate. Dom Quixote percebeu a fuga, mas aceitou ajudá-lo. Enquanto Sancho subia, o adversário já tomara distância. Seu cavalo, tão pesado e mal disposto quanto Rocinante, avançou em trote pobre e parou no meio do campo, agradecido por qualquer desculpa. Dom Quixote, vendo movimento onde havia quase imobilidade, apertou Rocinante com energia rara. O cavalo respondeu como pôde, e por uma vez correu o bastante para parecer cavalo de batalha.

O encontro saiu torto e favorável. O Cavaleiro dos Espelhos ainda se embaraçava com o cavalo e a lança quando Dom Quixote chegou e o derrubou por cima da anca da montaria. O vencido caiu sem mover braço nem perna. Sancho desceu do sobreiro às pressas. Dom Quixote apeou-se, abriu o elmo do adversário para dar-lhe ar e viu o rosto do bacharel Sansón Carrasco. Chamou Sancho para testemunhar o poder dos encantadores. O escudeiro fez cruzes sobre si e, sem saber em que acreditar, sugeriu que o amo ferisse a boca do caído com a espada para matar o inimigo mágico escondido sob a figura do bacharel.

Antes que Dom Quixote cumprisse o conselho, o escudeiro narigudo chegou sem nariz e gritou que se detivesse. Aquele homem no chão era Sansón Carrasco, amigo de ambos, e ele próprio era Tomé Cecial, vizinho e compadre de Sancho. Mostrou as narizes falsas de pasta e verniz guardadas na algibeira. Sancho reconheceu o compadre, embora a explicação do amo sobre encantadores lhe tivesse fechado parte do entendimento. Sansón voltou a si. Dom Quixote pôs-lhe a ponta da espada diante do rosto e exigiu confissão: Dulcineia superava Casildea, e o vencido deveria ir ao Toboso apresentar-se à senhora encantada, depois voltar para contar o que se passasse. Sansón, moído e sem escolha, confessou tudo. Dom Quixote ainda acrescentou que o cavaleiro vencido antes jamais fora ele, e sim um duplo fabricado por magia. O derrotado aceitou cada palavra para poder levantar-se.

# Capítulo 74 - A derrota de Sansón Carrasco

## Capítulo 74 - A derrota de Sansón Carrasco

Dom Quixote seguiu adiante contente, ufano e seguro de haver vencido cavaleiro de grande poder. A vitória devolvera vigor ao seu ânimo, tão castigado pelo encantamento de Dulcineia. Esperava que o vencido fosse ao Toboso e descobrisse ali se a senhora permanecia sob forma rústica ou se os encantadores já haviam cessado a ofensa. Sancho ia ao lado, menos seguro. Reconhecera Tomé Cecial por sinais de voz, corpo e vizinhança, vira também a cara de Sansón Carrasco, mas a explicação mágica do amo continuava trabalhando nele. Entre o compadre verdadeiro e o encantamento possível, preferiu seguir calado, pois certas dúvidas, quando faladas, chamam pancada ou sermão.

A história, porém, precisa abrir agora o que ficara escondido. Quando Sansón Carrasco aconselhara Dom Quixote a retomar a cavalaria, fizera isso depois de combinar com o cura e o barbeiro um remédio indireto. Prender o fidalgo em casa parecia impossível. Convencia-se pela porta e saía pela janela do pensamento. Então decidiram deixá-lo partir e mandar Sansón ao caminho, armado como cavaleiro andante. O bacharel deveria provocar combate, vencer Dom Quixote com facilidade presumida e impor, como condição honrada, que o vencido voltasse à aldeia e permanecesse quieto durante dois anos, tempo bastante para que a febre dos livros perdesse força ou recebesse tratamento melhor.

Sansón aceitou a empresa com confiança de estudante espirituoso. Tomé Cecial, vizinho e compadre de Sancho, entrou nela como escudeiro por amizade, curiosidade e certo gosto de aventura emprestada. Para que Sancho não o reconhecesse, acomodou sobre o

rosto aquelas narizes enormes de máscara, feitas de pasta e verniz, bastante feias para assustar qualquer homem de boa digestão. Os dois seguiram o rastro de Dom Quixote e chegaram perto da aventura da carreta da Morte. Depois alcançaram o bosque, onde a invenção andou conforme o plano até o momento em que a realidade, sempre pouco obediente a bacharéis, resolveu escolher outro lado.

Sansón esperava encontrar ninho pronto e achou passarinho de bico duro. Dom Quixote tomou por encantamento justamente aquilo que deveria curá-lo, e a batalha terminou ao contrário do combinado. A lança de Rocinante, o tropeço do cavalo adversário e a fortuna deram ao louco a vitória que os prudentes tinham desenhado para si. Tomé Cecial, vendo o bacharel no chão, sem ar e quase sem cor, entendeu que a brincadeira passara da medida. Pediu a Dom Quixote que não o ferisse, tirou a máscara, revelou o nome e salvou Sansón da espada que já buscava inimigo dentro do amigo. O cavaleiro manchego aceitou a verdade apenas como nova aparência posta pelos encantadores.

Quando conseguiram afastar-se, Tomé Cecial falou com dureza ao bacharel. Disse que ambos tinham merecido o castigo: Dom Quixote saía são e rindo, enquanto eles, os supostos homens de juízo, ficavam moídos, envergonhados e obrigados a procurar quem pusesse ordem nas costelas de Sansón. Perguntou qual loucura era maior: a de quem não consegue deixar de ser louco ou a de quem escolhe sê-lo para meter-se em perigo alheio. Sansón respondeu com dor e orgulho. O louco por força continuaria preso a si mesmo; o louco por vontade poderia largar a loucura quando quisesse. Tomé aceitou a distinção e declarou que sua própria loucura voluntária acabava ali. Voltaria para casa, para mulher, filhos e ofícios conhecidos.

Sansón não tinha o mesmo desejo. A primeira intenção de caridade ficara debaixo da queda, e dali se levantava outra coisa: vingança. Jurou que não tornaria à aldeia sem antes encontrar meio de derrubar

Dom Quixote, não por zelo de cura, nem por piedade de amigo, mas porque o corpo dolorido pedia reparação. Tomé Cecial tentou lembrá-lo de que haviam entrado naquela história para salvar um homem e terminaram precisando salvar a si mesmos. O bacharel ouviu pouco. As costelas falavam mais alto que qualquer razão. Seguiram até um povoado, onde acharam quem tratasse ossos deslocados e pancadas fundas. Tomé despediu-se ali, deixando Sansón entregue ao curador e ao pensamento fixo de revanche.

Assim ficou plantada a semente de uma derrota futura, embora Dom Quixote nada soubesse disso. Para ele, o Cavaleiro dos Espelhos entrara na lista dos vencidos, Dulcineia ganhara novo defensor e a estrada de Zaragoza se abria com sinal favorável. Para Sancho, a aventura deixara gosto duplo: vitória do amo e suspeita doméstica demais para ser inteiramente magia. Ainda assim, seguiu. O rucio caminhava, Rocinante também, e as perguntas ficavam para trás porque a estrada sempre tem esse poder de empurrar dúvidas adiante. A história deixa Sansón cuidando das costelas e volta aos dois viajantes, que avançavam sem saber que a cura recusada hoje tornaria a procurá-los em outra forma.

# Capítulo 75 - O Cavaleiro do Verde Gabão

## Capítulo 75 - O Cavaleiro do Verde Gabão

Dom Quixote seguia orgulhoso da vitória contra o Cavaleiro dos Espelhos, certo de que os encantadores tinham tentado vencê-lo por astúcia e acabaram servindo à sua fama. Sancho, ao lado dele, conservava no pensamento as narizes falsas de Tomé Cecial, o rosto de Sansón Carrasco e a facilidade com que seu amo convertia vizinhos em figuras de magia. Quando arriscou dizer que tudo parecera coisa de gente conhecida, Dom Quixote respondeu com raciocínio fechado: se Sansón fosse realmente Sansón, que motivo teria para buscar combate? Logo, a aparência de amigo servira apenas para poupar o vencido da espada. Sancho aceitou a explicação por fora e guardou a dúvida por dentro.

Nesse diálogo estavam quando os alcançou um homem montado em formosa égua tordilha. Vestia gabão verde de pano fino, guarnecido com cores discretas, e trazia no porte aquela mistura de gravidade e alegria que faz um desconhecido parecer digno antes mesmo de falar. O arreio da égua também vinha composto com gosto, e cada peça parecia escolhida por quem ama o campo sem abandonar certa vaidade limpa. Dom Quixote notou o traje, a idade madura, o rosto aquilino, os poucos cabelos brancos e a compostura serena. O homem, por sua vez, olhava o cavaleiro manchego com espanto honesto: armadura fora de tempo, corpo magro, rosto amarelo, lança, escudo e cavalo longo demais para qualquer uso comum.

Dom Quixote, percebendo a curiosidade do viajante, adiantou-se com cortesia. Disse-lhe que a figura diante dele talvez causasse admiração, porque já quase ninguém via no mundo cavaleiros andantes.

Apresentou-se como Dom Quixote de la Mancha, também chamado Cavaleiro da Triste Figura, homem que deixara casa, renda, comodidade e repouso para ressuscitar a ordem morta da cavalaria. Falou de viúvas socorridas, donzelas amparadas, órfãos defendidos, opressores desafiados e de sua história já impressa em muitas terras. O homem do gabão verde escutou sem interromper, espantado de encontrar, em plena estrada, alguém que falava como livro antigo e respirava como pessoa real.

O viajante respondeu que se chamava Dom Diego de Miranda, hidalgo de um povoado próximo. Era medianamente rico, vivia com mulher, filho e amigos, gostava de caça e pesca sem ostentação, possuía alguns livros de história, devoção e honesto entretenimento, e mantinha fora de casa os livros de cavalaria. Descreveu sua vida com ordem: ouvia missa, ajudava pobres, reconciliava vizinhos, evitava murmuração, recebia amigos com mesa limpa e suficiente, vigiava a própria vaidade e confiava na misericórdia de Deus. Sancho ouviu aquela relação como quem assiste à vida perfeita montada em sela. Desceu do rucio e beijou o estribo de Dom Diego, chamando-o de primeiro santo a cavalo que encontrara em todos os seus dias.

Dom Diego riu com modéstia e disse que santo algum era, apenas pecador comum. Depois contou que tinha um filho chamado Dom Lorenzo, moço de engenho vivo, mais inclinado à poesia do que às ciências que o pai desejava para ele. Gostaria que estudasse leis ou teologia, ofícios de crédito e proveito, porém o rapaz gastava horas em versos, glosas e justas literárias. Dom Quixote, ao ouvir isso, falou com atenção inesperada. Aconselhou que não se violentasse a inclinação dos filhos, pois forçar um moço a seguir caminho contrário à natureza produz tristeza e mau fruto. As letras são nobres, disse ele, quando servem à virtude; a poesia, se honesta e bem guiada, eleva a língua e acompanha as grandes ações.

Dom Diego ouviu o discurso e sentiu crescer sua perplexidade. Aquele homem parecia louco quando tratava de cavaleiros, encantadores e glórias impossíveis, mas falava com peso quando discorria sobre filhos, virtude e estudos. Convidou-o para comer em sua casa, que ficava pelo caminho. Dom Quixote aceitou com gratidão, e Sancho aceitou com alegria mais visível, já imaginando mesa melhor que alforje. Seguiram juntos. Enquanto andavam, o fidalgo verde observava cada palavra do cavaleiro, tentando decidir se via diante de si um sábio ferido de fantasia ou um desatinado que às vezes encontrava frases sensatas por acaso.

A conversa ainda corria quando surgiu adiante um carro com pequenas bandeiras. Dom Diego supôs que levasse dinheiro ou carga do rei, mas Dom Quixote viu sinal de aventura. Pediu a Sancho a celada, porque homem prevenido já venceu metade do perigo. O escudeiro empalideceu. Pouco antes comprara requeijões de pastores e, por falta de vasilha, pusera-os dentro do elmo do amo, esperando ocasião de tirá-los sem escândalo. A ocasião não veio. Dom Quixote exigia a peça com pressa, o carro se aproximava e Sancho, preso entre mentira pequena e ordem grande, entregou a celada como estava. O cavaleiro tomou-a sem olhar por dentro e preparou-se para vestir sobre a cabeça o primeiro aviso ridículo da aventura dos leões.

# Capítulo 76 - A aventura dos leões

## Capítulo 76 - A aventura dos leões

Dom Quixote enfiou a celada na cabeça com a gravidade de quem se arma para perigo alto. No mesmo instante, os requeijões se apertaram dentro do metal e começaram a escorrer-lhe pelo rosto, pelas barbas e pelo pescoço. O cavaleiro levou a mão à face, surpreso com aquela frieza branca, e disse a Sancho que talvez os encantadores lhe estivessem derretendo os miolos ou amolecendo os ossos da cabeça. Sancho, tentando segurar o riso e o medo, deu-lhe um pano para limpar-se e agradeceu a Deus por seu amo ainda não haver descoberto o autor daquele milagre lácteo. Quando Dom Quixote tirou o elmo e cheirou o conteúdo, acusou o escudeiro de traição de cozinha. Sancho negou como pôde, dizendo que se demônios punham coisas em livros, também poderiam pôr requeijão em celadas.

A discussão acabou porque o carro já estava perto. Dom Diego viu bandeiras reais e continuou achando que se tratava de carga comum. Dom Quixote, porém, interrogou o carreteiro e soube que levavam dois leões, macho e fêmea, presenteados a Sua Majestade. O carreteiro e o tratador pediram passagem. O cavaleiro recebeu a notícia como confirmação de sua grandeza. Perguntou se leõezinhos vinham contra ele naquela hora e ordenou que abrissem as jaulas, para que aquelas feras aprendessem, em campo aberto, quem era Dom Quixote de la Mancha. Dom Diego tentou detê-lo com razão clara: leões fechados, conduzidos por ordem régia, não constituíam agravo a reparar. Aquilo era temeridade sem necessidade.

Dom Quixote mandou que Dom Diego cuidasse de sua caça mansa e deixasse a cada homem o próprio ofício. O ofício dele era enfrentar perigos, viessem de homens, gigantes ou feras. O carreteiro pediu

licença para desatrelar as mulas e salvar o pouco patrimônio que possuía. O tratador declarou diante de todos que abria as jaulas contra vontade e que qualquer dano, salário ou perda ficaria por conta do cavaleiro. Sancho, chorando quase abertamente, suplicou ao amo que abandonasse a empresa. Jurava ter visto pela grade uma unha de leão verdadeiro, e por aquela unha media animal maior que montanha. Dom Quixote respondeu que o medo aumentava as coisas, mandou que se afastasse e pediu que, se morresse, Sancho fosse contar tudo a Dulcineia.

Todos fugiram para distância segura: Dom Diego na égua, Sancho no rucio, o carreteiro com as mulas. Dom Quixote ficou sozinho diante do carro. Pensou se deveria combater a cavalo ou a pé. Temendo que Rocinante se assustasse, apeou, largou a lança, tomou o escudo, desembainhou a espada e colocou-se diante da jaula, encomendando-se a Deus e a Dulcineia. O tratador abriu a porta do leão macho. A fera, grande e áspera, moveu-se devagar. Primeiro espreguiçou as patas, abriu a boca em longo bocejo, mostrou a língua, limpou os olhos com a garra e pôs a cabeça para fora. A vista bastaria para gelar qualquer homem que não estivesse aquecido por delírio e coragem.

Dom Quixote esperava o salto. O leão olhou para um lado, olhou para outro, avaliou o sol, o campo, a poeira e a figura armada à sua frente. Depois virou as costas, mostrou ao cavaleiro a parte menos heróica de sua anatomia e deitou-se outra vez dentro da jaula. Dom Quixote ordenou que o tratador o provocasse com paus, para obrigá-lo a sair. O homem recusou. Disse que a valentia do cavaleiro já estava provada: a porta fora aberta, o inimigo tivera liberdade de vir, e se preferira ficar deitado, a vergonha cabia ao leão. Dom Quixote aceitou o argumento. Mandou fechar a jaula e exigiu testemunho da façanha: ele esperara o leão, o leão não saíra, ele voltara a esperá-lo, e o animal tornara a deitar.

Com o pano ainda manchado de requeijão preso na ponta da lança, Dom Quixote fez sinais aos fugitivos. Sancho, vendo-o vivo e chamando, gritou que seu amo vencera as feras. Voltaram todos pouco a pouco. O tratador contou a cena em termos favoráveis, exagerando a ousadia do cavaleiro e atribuindo ao leão certo respeito diante de tamanho adversário. Dom Quixote mandou Sancho pagar dois escudos ao carreteiro e ao tratador pelo atraso. Depois anunciou que já não queria ser chamado Cavaleiro da Triste Figura. Dali em diante tomaria nome mais conforme ao feito: Cavaleiro dos Leões. Sancho achou o título sonoro, embora preferisse que o preço da glória fosse pago por outro bolso.

O carro seguiu seu caminho, e Dom Quixote, Sancho e Dom Diego retomaram o deles. O fidalgo verde ficou calado por longo trecho, observando o homem que acabara de pôr a vida diante de uma jaula aberta por motivo nenhum e, logo depois, falava com compostura sobre honra, testemunho e nome. Parecia-lhe ver um louco que puxava para o juízo e um homem discreto que corria para a loucura. Dom Quixote leu essa hesitação no rosto do companheiro. Disse-lhe que sabia muito bem o que suas obras podiam parecer, porém um cavaleiro não mede o valor dos feitos pela opinião dos prudentes. Há momentos em que a coragem deve ficar de pé sozinha, para que o mundo se lembre de que ainda existem homens capazes de esperar um leão.

# Capítulo 77 - A casa de Dom Diego

## Capítulo 77 - A casa de Dom Diego

A casa de Dom Diego de Miranda era ampla, limpa e própria de aldeia rica. Trazia armas de pedra sobre a porta, pátio com bodega, cova fresca para mantimentos e muitas tinajas ao redor. Ao vê-las, Dom Quixote lembrou-se de El Toboso e de Dulcineia, pois aquelas grandes vasilhas de barro lhe devolveram o nome da senhora encantada com força súbita. Suspendeu a voz em versos lembrados de Garcilaso e saudou as tinajas como prendas que lhe traziam doçura e amargura. Doña Cristina, mulher de Dom Diego, e Dom Lorenzo, filho do casal, saíram para receber o hóspede. Ambos ficaram presos entre cortesia e espanto, porque jamais lhes chegara à casa figura semelhante: cavaleiro magro, armas sujas, fala elevada e fama impossível.

Dom Diego apresentou-o como o mais valente e discreto cavaleiro do mundo. A senhora recebeu Dom Quixote com urbanidade, e ele respondeu com razões tão medidas que por um momento a estranheza diminuiu. Sancho ajudou o amo a desarmar-se. O cavaleiro ficou em trajes simples, manchados pelo uso das armas, e lavou rosto e cabeça com água bastante para que ainda se visse nela o rastro dos requeijões de Sancho. Vestiu capa parda, ajeitou a espada e apareceu em outra sala, onde Dom Lorenzo o esperava para conversar enquanto se preparava a mesa. Nesse intervalo, Dom Diego advertiu o filho: o hóspede fazia coisas de louco completo, mas dizia razões tão boas que confundia qualquer juízo apressado.

Dom Lorenzo resolveu tomar-lhe o pulso. Dom Quixote começou elogiando a inclinação poética do moço, e Dom Lorenzo respondeu com humildade, dizendo que gostava de versos sem pretender grandeza. O cavaleiro aprovou a modéstia, embora observasse que

poucos poetas deixam de acreditar, no fundo, que ocupam lugar mais alto do que os demais. Perguntou que versos trazia em mãos e ofereceu conselho para justas literárias: o primeiro prêmio costuma sofrer influência de favor, nome ou posição; o segundo muitas vezes se aproxima mais da justiça; e o terceiro pode valer mais que ambos, quando a sentença nasce torta. Dom Lorenzo sorriu, percebendo que ali havia loucura armada e também experiência fina sobre vaidade humana.

O moço perguntou que ciências Dom Quixote estudara. O cavaleiro respondeu que estudara a cavalaria andante, ciência que abraça muitas outras. Quem a professa deve saber leis para dar a cada um o que lhe cabe, teologia para defender a fé, medicina de ervas para curar feridas nos despovoados, astronomia para conhecer horas e caminhos pelas estrelas, matemática para ocasiões de medida e cálculo, além de nadar, ferrar cavalo, reparar sela, guardar fidelidade a Deus e à dama, ser casto no pensamento, honesto na palavra, liberal na obra, valente no perigo, paciente no trabalho e defensor da verdade ainda que a vida se perca nesse serviço. Dom Lorenzo ouviu tudo e concluiu em silêncio que a loucura do hóspede tinha intervalos muito luminosos.

Chamaram-nos para comer. A mesa confirmou o que Dom Diego dissera sobre seus costumes: abundância sem grosseria, limpeza sem ostentação e silêncio quase monástico. Sancho apreciou aquela casa como homem que encontra porto depois de muitos dias de vento ruim. Depois da refeição, Dom Quixote pediu a Dom Lorenzo que recitasse a glosa preparada para a justa. O jovem aceitou e disse versos sobre o desejo impossível de devolver o passado ao presente, sobre fortuna perdida e temor do que virá. Dom Quixote ergueu-se ao fim, tomou-lhe a mão e o louvou com entusiasmo. Declarou que merecia coroa de poeta em academias antigas e modernas, e pediu ainda versos maiores para medir por inteiro seu engenho.

Dom Lorenzo, embora julgasse o cavaleiro fora de prumo, sentiu a força agradável do elogio. Recitou então um soneto sobre Píramo e Tisbe, o muro, a fenda, o amor e a morte dos amantes. Dom Quixote ouviu com atenção verdadeira e voltou a bendizer o talento do rapaz. Pai e filho se admiravam da mistura que tinham diante dos olhos: o mesmo homem capaz de falar dos leões como adversários enviados por encantadores sabia reconhecer boa poesia, aconselhar estudo e distinguir favor de mérito. Durante quatro dias ficou Dom Quixote naquela casa, bem tratado, limpo, alimentado e recebido com respeito. Sancho aproveitou cada refeição como se quisesse guardar no corpo reserva contra todos os alforjes pobres do futuro.

Ao cabo desses dias, Dom Quixote pediu licença para partir. Disse que cavaleiro andante não deve entregar-se por muito tempo ao regalo, pois seu ofício pede estrada, risco e serviço. Pretendia buscar novas aventuras até chegarem as justas de Zaragoza, e antes desejava visitar a cova de Montesinos, de que se contavam maravilhas por toda a região, além de conhecer a origem das lagoas de Ruidera. Dom Diego e Dom Lorenzo ofereceram casa, bens e amizade. Na despedida, Dom Quixote aconselhou o jovem poeta: se quisesse chegar depressa ao templo da Fama, podia deixar a poesia e tomar a estreitíssima vereda da cavalaria; se continuasse poeta, ouvisse parecer alheio, porque pais e autores raramente enxergam feiúra nos filhos do próprio entendimento. Com licença de Doña Cristina, partiram ele e Sancho, o cavaleiro feliz por voltar ao caminho e o escudeiro triste por deixar mesa tão segura.

# Capítulo 78 - O caminho das bodas

## Capítulo 78 - O caminho das bodas

Pouco depois de deixar a casa de Dom Diego, Dom Quixote encontrou quatro viajantes sobre jumentos: dois pareciam estudantes ou clérigos, e os outros dois eram lavradores com compras de vila grande. Como todos que o viam pela primeira vez, ficaram presos à figura do cavaleiro, à magreza de Rocinante, às armas fora de estação e ao ar grave com que aquele homem antigo se movia em caminho comum. Dom Quixote saudou-os, soube que seguiam pela mesma direção e pediu companhia, porque as bestas deles andavam melhor que seu cavalo. Para justificar a demora, apresentou-se como Dom Quixote de la Mancha, Cavaleiro dos Leões, profissão de cavaleiro andante, buscador de aventuras e reparador de agravos.

Os lavradores entenderam pouco, mas os estudantes perceberam a espécie de desarranjo que sustentava tal fala. Mesmo assim, trataram-no com respeito e convidaram-no a acompanhar o grupo até uma das bodas mais ricas que a Mancha vira em muitos anos. O noivo chamava-se Camacho, rico de nome e de verdade; a noiva, Quitéria, recebia de todos o título de formosa. O casamento seria celebrado num prado junto à aldeia dela, com enramadas, danças, música, comida larga, tendas, luzes e aparato bastante para que o sol, segundo exagero do estudante, encontrasse dificuldade em visitar a relva. Sancho, ao ouvir notícia de comida abundante, sentiu que a Providência falava por bocas letradas.

O estudante contou ainda que a riqueza de Camacho não encerrava a história. Havia no mesmo povoado um jovem chamado Basílio, vizinho antigo de Quitéria, criado quase parede com parede com ela. Desde pequenos os dois se quiseram, e o povo acompanhou aquele afeto

como quem segue cantiga conhecida. Basílio possuía bens de natureza em quantidade rara: corria, saltava, lutava, jogava pelota, lançava barra, cantava, tocava guitarra e manejava espada com tal destreza que os rapazes o admiravam e as moças o escutavam. Faltava-lhe, porém, dinheiro. O pai de Quitéria fechou a porta ao antigo convívio e escolheu Camacho, porque a fortuna pesa muito quando chega a hora dos contratos.

Dom Quixote ouviu a história com atenção. Disse que, se Basílio manejava espada como se afirmava, merecia não só Quitéria, mas rainha de romance, se tal rainha estivesse livre no mundo. Sancho, lembrando Teresa Pança, defendeu que cada pessoa casasse com seu igual, embora logo se inclinasse pelo pobre Basílio, pois seu coração se movia com facilidade quando via amor antigo posto de lado por dinheiro novo. Dom Quixote respondeu com discurso sobre matrimônio. Escolher companhia para a vida inteira pedia mais cuidado que escolher parceiro de viagem, porque mulher e marido dividem mesa, cama, honra, tristeza, filhos e morte. Amor cego pode errar tanto quanto ambição calculada.

O estudante concluiu a notícia de Basílio. Desde que soubera do casamento, o rapaz perdera riso, sono e juízo. Comia pouco, dormia no campo, olhava ora para o céu, ora para a terra, falava sozinho e parecia estátua vestida, movida apenas pelo vento. Todos temiam que o sim de Quitéria fosse sentença de morte para ele. Sancho respondeu com seus refrões de esperança: de um dia para outro muda o tempo, cai uma casa, chove e faz sol no mesmo ponto, e ninguém consegue pregar a roda da fortuna para que ela pare onde convém. Dom Quixote censurou-lhe as palavras emboladas, corrigiu-lhe o vocabulário e recebeu de volta a queixa habitual do escudeiro, que não estudara em Salamanca nem nascera para falar como cortesão.

A conversa abriu disputa entre os dois estudantes. Um, licenciado em cânones, defendia a clareza da linguagem e a arte da esgrima como ciência de passos, medidas, círculos e ângulos. O outro, chamado Corchuelo, zombava dessa destreza estudada, confiando mais em força, pulso e golpe direto. As espadas de exercício vieram à mão, e Dom Quixote, animado, ofereceu-se como juiz. Corchuelo atacou com fúria, golpes abundantes e confiança de quem já se via vencedor; o licenciado, com movimentos frios e medidos, aparou, tocou, esquivou e marcou o adversário até cansá-lo. A força acabou vencida pela arte, e Corchuelo, ruborizado, abraçou o companheiro, reconhecendo que a experiência lhe dera lição melhor que argumento.

Já perto da aldeia, a noite mostrou o prado iluminado. Árvores cobertas de luzes, músicas de flautas, tamborins, pandeiros e sonajas, grupos que cantavam, dançavam e levantavam palcos davam ao campo aparência de festa grande. Parecia que a alegria corria solta por todas as partes, embora a memória de Basílio pusesse sombra no brilho de Camacho. Os estudantes e lavradores convidaram Dom Quixote a entrar no povoado, mas ele preferiu dormir ao ar livre, alegando costume de cavaleiros andantes. Sancho sofreu a decisão como perda pessoal: ainda trazia na lembrança a mesa de Dom Diego e via diante de si uma noite de campo, enquanto as panelas de Camacho começavam a prometer um paraíso muito próximo.

# Capítulo 79 - As bodas de Camacho

## Capítulo 79 - As bodas de Camacho

A aurora encontrou Sancho desperto antes do costume, puxado pelo cheiro das cozinhas mais do que por qualquer claridade. O prado de Camacho parecia povoado próprio, feito de tendas, mesas, fogos, espetos, caldeirões e gente ocupada em alimentar multidão. Havia bois inteiros no assador, carneiros, cabritos, aves, caça, pão amontoado, frutas, queijos, vinhos e panelas tão grandes que Sancho as olhou com respeito quase religioso. Aproximou-se de um cozinheiro e elogiou a liberalidade do noivo. O homem, satisfeito, mergulhou um caldeiro numa das meias tinajas e tirou dele galinhas e gansos, entregando tudo a Sancho com colher e licença, porque a riqueza de Camacho supria vasilha, fome e cerimônia.

Enquanto Sancho tomava posse daquele favor, Dom Quixote observava a entrada dos cavaleiros de festa. Lavradores montados em belas éguas corriam pelo prado, com arreios vistosos e cascavéis, gritando vivas a Camacho e Quitéria. Diziam que ele era tão rico quanto ela formosa, e que ela era a mais bela do mundo. Dom Quixote, ouvindo a última parte, murmurou que falavam assim porque jamais tinham visto Dulcineia do Toboso. Logo vieram danças. Primeiro a de espadas, com vinte e quatro moços vestidos de branco, girando lâminas e passos em ordem tão firme que até Dom Quixote, conhecedor de espetáculos cavaleirescos, admirou a precisão sem poder diminuir o louvor.

Depois entrou dança de donzelas muito novas, vestidas de verde, com cabelos dourados, guirlandas de flores e movimentos leves ao som de gaita zamorana. A honestidade dos rostos e a ligeireza dos pés deram ao prado outra qualidade de festa, menos ruidosa e mais limpa. Em

seguida apareceu dança falada, feita de figuras alegóricas. De um lado vinha Cupido com asas, arco e setas; de outro, o Interesse, vestido com riqueza. Seguiam-nos ninfas com nomes escritos: Poesia, Discrição, Bom Linhagem, Valentia; do lado do Interesse vinham Liberalidade, Dádiva, Tesouro e Posse Pacífica. Diante delas erguia-se um castelo de madeira chamado Bom Recato, puxado por figuras agrestes cobertas de verde.

A dança representava disputa clara. Cupido disparava setas contra o castelo; o Interesse respondia com ouro, bolsas e promessas. A Poesia falava em versos, a Liberalidade oferecia grandeza, as demais figuras entravam e saíam conforme o som dos tamborins. Por fim, o Interesse lançou uma bolsa pesada contra o castelo. As tábuas se abriram, a donzela protegida ficou exposta, e uma corrente de ouro lhe foi posta ao pescoço, como se riqueza pudesse render o recato onde amor não conseguira entrar. Dom Quixote percebeu a intenção e disse que o autor da dança parecia mais amigo de Camacho que de Basílio. Sancho, olhando para seu caldeiro cheio de aves, declarou que seu galo era o vencedor, e que naquele dia se atinha a Camacho.

Dom Quixote repreendeu-o por seguir sempre quem vencia. Sancho respondeu com boca ocupada e razão prática: das panelas de Camacho saíam gansos, galinhas, lebres e coelhos; das de Basílio, se viessem ao caso, sairia água fraca. Disse que no mundo há dois linajes, o ter e o não ter, e que sua avó sempre se inclinara ao primeiro. O amo desejou vê-lo mudo algum dia. Sancho respondeu que a morte o faria calar em momento certo, pois ela come cordeiro e carneiro, rei e pobre, torre alta e choça baixa, sem reparar em idade, roupa ou título. Dom Quixote, surpreendido, reconheceu que, com termos rústicos, o escudeiro acabara dizendo coisa digna de pregador.

A festa continuou. As luzes do dia mostravam melhor o tamanho do gasto: palcos levantados, assentos para assistir às danças, músicos

separados em grupos, criados correndo entre tendas, cozinheiros suados e convidados que se deixavam conduzir pela abundância. Camacho ainda não aparecera no centro da cerimônia, mas tudo ali falava por ele: cada panela, cada fita, cada dança, cada grito, cada corrente dourada da alegoria. Basílio, ausente, parecia mais presente por contraste, como se sua pobreza circulasse invisível entre as mesas. Dom Quixote conservava simpatia pelo rapaz e desconfiança da riqueza vitoriosa. Sancho, embora tivesse ouvido o caso, encontrava dificuldade em condenar homem capaz de alimentar tão largamente os desconhecidos.

Quando as danças cessaram por instantes, um movimento correu pelo prado. Os noivos vinham chegando, acompanhados pelo cura, pelos parentes e por gente principal dos lugares vizinhos. Quitéria apareceu vestida com riqueza que fazia Sancho esquecer qualquer imagem de simples lavradora: corais, veludo, fitas, anéis, cabelos longos e claros, compostura de palácio em corpo de aldeia. Dom Quixote achou-a bela, embora nenhuma beleza pudesse, para ele, tocar o lugar de Dulcineia. Camacho vinha satisfeito, cercado por honra, dinheiro e aplauso. O casamento parecia caminhar sem obstáculo, até que uma voz às costas da comitiva pediu que esperassem, e todos se voltaram para ver Basílio chegando vestido de luto e coroado de cipreste.

# Capítulo 80 - A indústria de Basílio

## Capítulo 80 - A indústria de Basílio

Basílio entrou no prado como aparição fúnebre. Vestia negro cortado por chamas vermelhas, trazia coroa de cipreste e apoiava-se num bastão grande, cuja extremidade de aço ficava presa ao chão. O rosto vinha sem cor, os olhos buscavam Quitéria e a voz saía rouca, porém firme bastante para deter a festa inteira. Disse que, enquanto ele vivesse, ela não poderia tomar outro esposo conforme a lei que ambos conheciam. Acusou-a de entregar a Camacho, por riqueza, aquilo que durante anos fora dado ao amor antigo. Depois ergueu a bênção cruel ao noivo rico, desejando longa vida a Camacho e Quitéria, e morte ao pobre Basílio, cuja pobreza lhe cortara toda ventura.

Antes que alguém pudesse alcançá-lo, puxou o bastão. Metade ficou cravada no chão, e a outra mostrou-se bainha de um estoque escondido. Basílio pôs a empunhadura contra a terra, lançou-se sobre a ponta e caiu banhado em sangue, com a lâmina aparecendo às costas. Um grito partiu dos presentes. Amigos correram para socorrê-lo. Dom Quixote deixou Rocinante e tomou o ferido nos braços, encontrando nele algum sopro de vida. O cura mandou que não retirassem o ferro antes da confissão, temendo que a alma saísse com o sangue. Basílio, quase sem voz, pediu apenas uma coisa: que Quitéria lhe desse a mão de esposa naquele último instante, para que sua morte tivesse ao menos esse consolo.

O cura advertiu-o a cuidar da alma antes de qualquer desejo terreno, mas Basílio respondeu que só se confessaria depois de receber a mão de Quitéria. Dom Quixote, com voz alta, julgou o pedido justo. Camacho nada perderia, dizia ele, porque receberia Quitéria viúva dentro de instantes, e a cerimônia do moribundo seria tão breve

quanto um suspiro. Os amigos de Basílio multiplicaram súplicas. Camacho, suspenso e confuso, aceitou, se Quitéria quisesse. Todos se voltaram para ela. A moça, pálida, calada e firme, chegou ao ferido. Ajoelhou-se, tomou-lhe a mão por sinal, e Basílio pediu que declarasse se aquela entrega vinha livre, sem fingimento nem força externa, porque não desejava ser enganado no limiar da morte.

Quitéria respondeu que nenhuma força dobrava sua vontade. Dava-lhe a mão como esposa legítima e recebia a dele, se também a entregasse com entendimento claro. Basílio afirmou que sim. O cura, comovido, abençoou os dois. Nesse mesmo ponto, o moribundo levantou-se com agilidade espantosa, tirou o estoque do corpo e ficou em pé diante de todos. Alguns gritaram milagre. Basílio corrigiu: não milagre, indústria. O cura apalpou a ferida e encontrou o segredo: a lâmina passara por tubo de ferro acomodado junto ao corpo, cheio de sangue preparado para simular morte. A burla ficava descoberta, e com ela o casamento verdadeiro de Basílio e Quitéria.

Camacho e os seus sentiram a vergonha como golpe público. Espadas saíram das bainhas. Os amigos de Basílio responderam do mesmo modo. Sancho, que nunca amou barulho de lâminas, retirou-se para perto das panelas, julgando aquele lugar mais sagrado que qualquer altar da festa. Dom Quixote montou depressa, tomou a dianteira com lança e escudo e mandou todos se detivessem. Disse que amor e guerra admitem estratagemas quando o fim não desonra a coisa amada. Quitéria pertencia a Basílio e Basílio a Quitéria por disposição favorável dos céus. Camacho era rico e poderia buscar contentamento em outra parte; Basílio possuía somente aquela ovelha, e nenhum poderoso a tomaria enquanto houvesse ponta em lança manchega.

O gesto e as palavras de Dom Quixote puseram medo nos que não o conheciam e hesitação nos demais. O cura, prudente, falou a Camacho, lembrando que mulher tão inclinada a Basílio talvez trouxesse ao

casamento mais dor que honra. Aos poucos, a cólera baixou. Camacho preferiu mostrar grandeza, aceitando que as festas continuassem como sinal de que a burla não o diminuía. Basílio e Quitéria, porém, não quiseram ficar. Foram com seus amigos para a aldeia do novo marido, levando consigo Dom Quixote como defensor valente. O cavaleiro sentia-se posto em causa justa, e a vitória do engenho pobre sobre a riqueza satisfez nele uma parte muito funda do ofício que dizia servir.

Sancho foi o único que sofreu sem consolo pleno. As bodas de Camacho continuariam até a noite, com panelas, assados, vinhos e danças, enquanto ele seguia o amo para a casa de Basílio, onde a alegria talvez fosse honesta, mas dificilmente teria tanta espuma de ganso e galinha. Levava no caldeiro restos da abundância perdida, e no coração, as panelas inteiras do Egito deixadas para trás. Ainda assim, acompanhou Rocinante, porque a sorte de escudeiro manda trocar fartura certa por justiça duvidosa quando o amo decide. Assim terminou a festa de Camacho para eles: com o rico mantendo a celebração, os pobres levando a noiva, Dom Quixote satisfeito por ter defendido amor e Sancho triste por haver abandonado a melhor cozinha da Mancha.

# Capítulo 81 - A cova de Montesinos

## Capítulo 81 - A cova de Montesinos

Dom Quixote ficou três dias com Basílio e Quitéria, recebendo gratidão dos noivos e certa admiração dos amigos que haviam visto sua lança impedir a vingança de Camacho. O cavaleiro tomava aquele caso como vitória limpa do amor antigo contra a riqueza recente, e falava dele com prazer. Sancho, embora satisfeito por ver Basílio vivo e Quitéria contente, lembrava as panelas do noivo rico com saudade quase física. Cada refeição mais pobre parecia-lhe censura do destino. Ainda assim, obedeceu quando o amo declarou que convinha seguir caminho para a cova de Montesinos, lugar famoso na Mancha por segredos antigos e narrativas que nenhum cavaleiro de nome poderia deixar sem visita.

Basílio lhes deu um guia: um primo seu, homem estudioso, amigo de antiguidades, genealogias, transformações, invenções e coisas que a maioria das pessoas deixa quietas por falta de tempo ou paciência. O primo mostrou-se feliz por acompanhar Dom Quixote, pois via naquela jornada ocasião de juntar matéria para livros que trazia na cabeça. Dizia preparar uma obra sobre trajes, librés e empresas, com cores e lemas de senhores antigos; outra, sobre invenções humanas esquecidas pelos autores; e outra ainda, sobre mudanças de nomes, fontes, rios e figuras lendárias. Sancho ouviu tudo com respeito desconfiado, porque o mundo já lhe parecia cheio demais de livros sem que fosse necessário fabricar outros.

A caminho da cova, o primo contou maravilhas do lugar e falou de Montesinos, Durandarte, Belerma, Guadiana e das lagoas de Ruidera como se todos fossem vizinhos ocultos debaixo da terra. Dom Quixote crescia a cada palavra. A promessa de descer a um centro antigo, tocado por amor, guerra e encantamento, parecia-lhe mais digna que

muitas aventuras de superfície. Compraram cordas em povoado próximo, juntando comprimento bastante para baixar um homem por grande profundidade. Sancho examinou a corda com má vontade e declarou que sua parte na empresa seria segurar por cima, pois cada ofício tem limites, e o escudeiro não nasceu para procurar palácios debaixo do chão.

Chegaram enfim à cova. A boca se abria entre pedras, mato espesso, espinheiros e silvas. Antes de qualquer heroísmo, tiveram de abrir passagem com a espada e com as mãos, afastando ramos que defendiam a entrada como porteiros ásperos. De dentro saíram corvos, gralhas e morcegos, tantos e tão repentinos que Sancho se encolheu e o primo recuou, enquanto Dom Quixote recebia aquele voo como saudação própria de lugar encantado. Amarraram-lhe a corda ao corpo. O cavaleiro ajoelhou-se, encomendou-se a Deus e a Dulcineia, pediu a Sancho que não largasse o cabo e, com gravidade serena, entrou pela abertura escura.

Logo no começo, os de cima sentiram peso estranho. Dom Quixote ficou preso em saliências e ramos interiores, e precisou gritar para que lhe soltassem mais corda. Sancho obedeceu, embora cada braça que descia lhe parecesse vida do amo entregue a boca sem dentes. O primo contava a medida com atenção de escriba. A corda foi entrando toda, e quando já não havia mais que dar, os dois ficaram esperando. O silêncio durou bastante para que Sancho mudasse de cor. Chamou o amo algumas vezes, sem resposta. Disse que aquela curiosidade sairia cara e que Dulcineia, se fosse tão senhora, deveria pagar missa por quem morria procurando notícias dela em buraco de pedra.

Passada mais de meia hora, resolveram puxar. A corda subia pesada, frouxa em alguns momentos, tensa em outros, e Sancho já imaginava trazer apenas corpo sem fala. Quando Dom Quixote apareceu, vinha de olhos fechados, cabeça baixa e sono tão profundo que parecia morto.

Tiraram-no para fora, deitaram-no sobre a relva e chamaram seu nome. Sancho sacudiu-lhe o peito. O primo procurou sinais de respiração. Aos poucos, o cavaleiro abriu os olhos, olhou em torno como quem volta de reino distante e pediu que ninguém o apressasse, porque acabava de ver coisas que fariam estremecer a imaginação dos maiores cronistas.

Sancho queria saber se vira comida, água ou caminho de saída; o primo queria saber nomes, datas e sinais úteis para seus livros; Dom Quixote queria silêncio, pois dizia ter estado em lugar onde passado e encanto falavam com voz própria. Pediu algo para comer, porque a alma retornara cheia de maravilha e o corpo, pobre companheiro, reclamava sustento. Sentaram-se ali mesmo. Enquanto mastigava, o cavaleiro prometeu contar tudo desde o princípio: como, depois da escuridão, descera a uma claridade impossível; como encontrara palácio de cristal; e como fora recebido por Montesinos em pessoa. Sancho, que já conhecia a elasticidade das visões do amo, preparou-se para ouvir e duvidar ao mesmo tempo.

# Capítulo 82 - O palácio de Montesinos

## Capítulo 82 - O palácio de Montesinos

Dom Quixote contou que, depois de cair um breve espaço dentro da cova, sentiu sono invencível. Quando abriu os olhos, achou-se no meio de prado verde, claro, fresco e tão belo que nenhum campo da superfície podia igualá-lo. Diante dele erguia-se palácio ou castelo feito de cristal transparente, cujos muros deixavam passar a luz como água parada. Da porta saiu homem venerável, com longa barba branca, vestido de modo antigo e majestoso. Aproximou-se com os braços abertos e disse que esperava havia muitos anos a presença de Dom Quixote de la Mancha, cavaleiro destinado a revelar ao mundo o que se escondia naquele encantamento.

O velho apresentou-se como Montesinos. Levou Dom Quixote para dentro do palácio e conduziu-o a uma sala onde jazia Durandarte, estendido sobre sepulcro de mármore, com a mão direita posta sobre o coração. Segundo Montesinos, ali permanecia encantado desde Roncesvales, guardando ainda a memória de Belerma, senhora por quem vivera e morrera. Contou que, no campo da morte, Durandarte lhe pedira que arrancasse seu coração e o levasse a Belerma, como última prova de amor. Montesinos cumprira a ordem, salvara o coração em sal e o entregara à dama, e desde então todos aqueles nomes de romance estavam presos por arte de Merlin no fundo da Mancha.

Dom Quixote disse ter ouvido o próprio Durandarte falar. O cavaleiro antigo, sem levantar-se, abriu os olhos, chamou Montesinos e pediu paciência, como quem espera fim de pena muito longa. Montesinos respondeu com palavras de consolação e lembrou que Merlin

anunciara libertação futura pelas mãos de Dom Quixote. Nesse ponto, o narrador da visão viu passar uma procissão triste de donzelas vestidas de luto, levando entre elas Belerma. A dama parecia pálida, magra e com olhos abatidos pelo peso dos séculos. Nas mãos levava o coração de Durandarte, seco, salgado e fiel. A cena moveu Dom Quixote, que julgou grande a força do amor capaz de conservar-se mesmo em prisão tão longa.

Sancho, ouvindo o relato, arregalava os olhos e franzia a testa. O primo, ao contrário, recolhia cada detalhe como ouro para seus livros. Dom Quixote prosseguiu. Disse que Montesinos lhe mostrara o nascimento secreto do Guadiana e o mistério das lagoas de Ruidera. Ali viviam, por transformação encantada, parentes e servidores de Durandarte, mudados em águas, rios e lagoas por vontade de Merlin. O primo quase não cabia em si de contentamento, pois aquilo lhe dava matéria para obra inteira. Sancho, menos inclinado a converter rios em pessoas, perguntou se, no meio de tanto encantado, aparecera também alguma panela ou ao menos um pedaço de queijo.

Dom Quixote ignorou a irreverência e chegou ao ponto que mais lhe feria a alma. Disse que, entre as figuras vistas no palácio, apareceu Dulcineia do Toboso, tal como Sancho a mostrara no caminho: encantada em forma de lavradora, acompanhada das mesmas duas companheiras. A senhora, segundo ele, passou correndo com ligeireza estranha, sem falar. Uma das donzelas voltou depois e pediu, em nome de Dulcineia, seis reais emprestados sobre a garantia de uma saia de algodão. Dom Quixote respondeu que estava sem dinheiro, ofereceu quatro reais que Sancho trazia consigo e prometeu resgatar a prenda quando a fortuna o permitisse. Sancho quase saltou ao ouvir que seu dinheiro também descera à cova sem licença.

O escudeiro tentou desfazer a visão. Disse que, se a tal donzela pedira dinheiro, aquilo provava haver gente muito viva naquele palácio.

Também estranhou que Dulcineia, senhora tão alta, mandasse pedir reais como vizinha apertada de contas. Dom Quixote tomou a dúvida como insolência e atribuiu a miséria do pedido ao encantamento que rebaixava a dama. Assim são os males causados por feiticeiros, declarou: tiram rosto, voz, perfume, traje e até renda. O primo interveio em favor do relato, explicando que grandes encantamentos admitem contradições. Sancho guardou resposta, porque já percebia que sua própria mentira criara raiz e agora crescia debaixo da terra com folhas novas.

Dom Quixote encerrou afirmando que passara três dias completos naquele mundo profundo, embora Sancho e o primo jurassem que ficara lá pouco mais de uma hora. O cavaleiro respondeu que a medida do tempo muda em lugares encantados. O que em cima parece instante, embaixo pode ser dia inteiro; e o que ali dura século, talvez no mundo dos homens se conte por tarde curta. Sancho levou a mão à cabeça e disse que então a cova era pior que taberna ruim, onde se perde tempo e dinheiro sem saber como. Dom Quixote se ofendeu, porém conteve a ira, ainda comovido por Dulcineia. Para ele, a aventura deixara missão clara: libertar a senhora e todos aqueles antigos nomes presos sob o peso de Merlin.

# Capítulo 83 - A dúvida de Cide Hamete

## Capítulo 83 - A dúvida de Cide Hamete

O tradutor desta história conta que, ao chegar à aventura da cova de Montesinos, encontrou à margem do manuscrito palavras do próprio Cide Hamete Benengeli. O historiador confessava dificuldade em aceitar que tudo se passara exatamente como Dom Quixote narrara. As aventuras anteriores, ainda que estranhas, cabiam dentro do possível: moinhos, vendas, rebanhos, jaulas e leões eram coisas do mundo, mal interpretadas pelo cavaleiro. A cova, porém, parecia fora das medidas comuns. Ao mesmo tempo, Cide Hamete recusava acusar Dom Quixote de mentira, pois o tinha por fidalgo verdadeiro demais para inventar falsidade deliberada, ainda que a invenção lhe conviesse.

Por isso deixou o juízo ao leitor prudente. Se a aventura parecia apócrifa, não era culpa do historiador; se parecia verdadeira, também não exigia defesa dele. Escrevia-a sem afirmar nem negar, e lembrava rumor segundo o qual, perto da morte, Dom Quixote teria se retratado desse caso, dizendo que o compusera porque assentava bem ao tipo de histórias que lia. Tal nota, em vez de resolver o assunto, aumentava a força da dúvida. A história seguia assim: com um cavaleiro incapaz de mentir segundo seu caráter, uma visão incapaz de convencer segundo a razão, e um narrador honesto o bastante para registrar o impasse sem fingir certeza.

O primo, por sua parte, mostrava-se satisfeito. Disse que a jornada lhe rendera quatro proveitos: conhecera Dom Quixote, ouvira a matéria da cova, ganhara notícia sobre Guadiana e Ruidera e ainda recolhera indício antigo para provar a existência dos jogos de cartas no tempo de Carlos Magno, pois Durandarte acordara usando expressão que lhe

parecia própria de baralho. Dom Quixote perguntou a quem dedicaria obras tão singulares, se algum dia conseguisse licença para imprimi-las. O primo respondeu que havia senhores e grandes na Espanha. Dom Quixote duvidou da quantidade, observando que muitos poderosos evitam receber livros para não se sentirem obrigados a agradecer trabalho de autor pobre.

O guia sugeriu que dormissem numa ermida próxima. O ermitão, antigo soldado e cristão discreto, tinha fama de caridoso e possuía casinha capaz de acolher hóspedes. Sancho perguntou logo se o tal ermitão tinha galinhas. Dom Quixote repreendeu a pressa do escudeiro, mas admitiu que os ermitões modernos não viviam como os antigos penitentes do deserto, vestidos de folhas e alimentados de raízes. Não dizia isso para diminuí-los, e sim para mostrar que as penitências mudam com os tempos. Em qualquer caso, concluiu, é melhor alguém fingir bondade do que exibir maldade sem pudor, pois a aparência de virtude ainda freia certos danos.

Enquanto tratavam disso, passou por eles um homem a pé, apressado, tangendo um macho carregado de lanças e alabardas. Dom Quixote chamou-o, curioso diante de tantas armas. O homem respondeu que não podia deter-se, porque as peças deveriam servir no dia seguinte. Se quisessem saber o motivo, encontrá-lo-iam na venda adiante, onde passaria a noite e contaria maravilhas. Dito isso, apressou o animal e seguiu. Dom Quixote, que sempre sentia fome de acontecimentos novos, decidiu mudar o plano. Iriam à venda, onde o homem das armas explicaria o caso. O primo ainda preferia a ermida, e Sancho apoiava qualquer caminho que prometesse comida ou bebida melhor que água.

Antes de seguir para a venda, resolveram passar pela ermida, ao menos para provar a hospitalidade anunciada. A sorte de Sancho, porém, mostrava-se amarga. O ermitão não estava em casa. Quem os

recebeu foi uma mulher ligada ao lugar, e ela informou que o senhor nada tinha de vinho caro. Água, se quisessem, daria de muito boa vontade. Sancho suspirou como homem ferido. Disse que, se sua sede fosse de água, poços havia pelo caminho. Lembrou as bodas de Camacho e a casa de Dom Diego com dor quase devota. A abundância perdida crescia em sua memória como mesa eterna, e cada promessa de água parecia ofensa aos dias recentes.

Sem proveito na ermida, seguiram rumo à venda. Dom Quixote ia curioso pelo homem das armas; o primo, cheio de matéria para seus livros; Sancho, pobre de esperança líquida e cada vez mais convencido de que o mundo castiga o escudeiro que deixa festas ricas para acompanhar cavaleiro de cavernas. A cova de Montesinos ficava para trás, mas não abandonava o grupo. Dom Quixote carregava a certeza da visão; Sancho carregava a suspeita de haver alimentado, com sua mentira sobre Dulcineia, um encantamento maior do que podia governar; e Cide Hamete, em algum ponto do manuscrito, deixava ao leitor a tarefa ingrata de decidir onde termina a verdade e onde começa o sonho.

# Capítulo 84 - O conto do zurro

## Capítulo 84 - O conto do zurro

Dom Quixote chegou à venda com impaciência de quem carregava uma pergunta desde o caminho. Mal viu o homem das armas, pediu-lhe que contasse as maravilhas prometidas, pois lanças e alabardas não viajam sozinhas por capricho. O homem pediu tempo para cuidar do macho, e Dom Quixote, desejoso de apressar a narração, ajudou-o com humildade a pôr cevada e limpar o cocho. A boa vontade do cavaleiro ganhou a do condutor. Sentaram-se num banco da venda, tendo por ouvintes o primo, o pajem que iam alcançar, Sancho Pança, o vendeiro e alguns mais, e então começou a história que explicava por que um povo inteiro se armava por causa de um zurro.

Num lugar a poucas léguas dali, contou o homem, um regedor perdera seu jumento por engano de criada. Procurou-o durante dias sem achar sinal. Outro regedor disse tê-lo visto no monte, solto, magro e arredio. Os dois combinaram voltar juntos para buscá-lo. Quando entraram no mato e o animal não apareceu, um deles teve ideia que julgou excelente: cada um tomaria lado diferente do monte e, de trecho em trecho, zurraia com toda a arte, certo de que o jumento responderia se estivesse vivo por ali. O outro aceitou com entusiasmo, gabando-se também de possuir talento raro naquela música pouco nobre.

Separaram-se. Pouco depois, cada qual ouviu o zurro do outro e correu pensando haver encontrado o animal perdido. Quando se viram, perceberam o engano e começaram a elogiar mutuamente a perfeição do som. Um dizia que jamais ouvira coisa tão própria; o outro respondia que o compadre dava vantagem ao melhor zurreiro do mundo. Continuaram a busca com novo acordo: para não se

confundirem, zurrariam duas vezes seguidas quando fossem eles, e uma só se por milagre o jumento respondesse. Assim andaram pelo monte inteiro, duplicando zurridos, chamando o animal morto sem saber que lobos já tinham feito dele triste refeição.

Ao encontrarem os restos, voltaram à aldeia cansados, roucos e desconsolados, porém cheios de elogios à habilidade um do outro. A história espalhou-se. Os lugares vizinhos começaram a receber os moradores daquele povoado com zurridos de escárnio. Primeiro foram rapazes, depois homens feitos, depois aldeias inteiras. A zombaria cresceu até virar afronta pública. Os ridicularizados passaram a sair armados contra os zombadores, e a cada novo encontro a coisa piorava. Por isso o homem da venda levava aquelas lanças e alabardas: seu povo, chamado agora povo do zurro, preparava-se para enfrentar outro lugar que mais os perseguia com a burla.

Sancho ouviu com atenção especial, porque habilidade de imitar jumento lhe parecia menos vergonhosa do que muitos vícios de gente bem vestida. Dom Quixote, por sua parte, viu no caso matéria para discurso sobre honra mal entendida, embora ainda não tivesse auditório suficiente para aplicar remédio. O condutor terminou dizendo que aquelas eram as maravilhas prometidas, e que, se não pareciam grandes, outras não trazia. Nesse momento entrou pela porta um homem vestido de camurça, com ar de dono de espetáculo, e perguntou se havia pousada para o macaco adivinho e para o retábulo da liberdade de Melisendra. O vendeiro ergueu a voz com alegria: Maese Pedro chegara, e a noite prometia divertimento.

Maese Pedro trazia um tapa-olho verde no rosto e falava com desembaraço de quem conhece vendas, moedas e curiosidade alheia. Logo depois apareceu o macaco, preso a seu ombro, pequeno e sério como se guardasse segredos. O vendeiro explicou que aquele animal respondia a perguntas sobre coisas passadas e presentes, embora nada

dissesse do futuro. Bastava pôr dinheiro sobre a mesa, o macaco saltava ao ombro do dono, murmurava-lhe ao ouvido e Maese Pedro traduzia a resposta. Dom Quixote, ouvindo isso, sentiu o caso tocar sua aventura recente. Quis saber se o que vira na cova de Montesinos fora verdade ou sonho e se Dulcineia continuava encantada.

Maese Pedro, depois de consultar o macaco com cerimônia, respondeu que parte do caso da cova tinha verdade e parte trazia sombra de ilusão, e que por então bastava, pois não convinha apertar demais certos assuntos. Sobre Dulcineia, disse que a senhora permanecia encantada. Dom Quixote recebeu a resposta como confirmação de seus maiores temores. Sancho ficou inquieto, pois cada confirmação pública fazia crescer a mentira que ele próprio plantara. Maese Pedro, por sua vez, olhava os dois com atenção escondida. Parecia saber mais do que dizia. A venda se encheu de gente para ver o retábulo, e logo todos se acomodaram diante da pequena cena onde Melisendra seria libertada.

# Capítulo 85 - O retábulo de Melisendra

## Capítulo 85 - O retábulo de Melisendra

O retábulo de Maese Pedro abriu-se diante dos hóspedes da venda como pequeno reino de madeira, pano e cordéis. Um menino fazia a narração com voz aguda, enquanto o mestre, escondido, movia as figuras. A história era a de Melisendra, presa em Sansueña por poder de mouros, e de Dom Gaiferos, seu esposo, que enfim saía em busca dela depois de longa demora. Dom Quixote sentou-se na primeira fileira, atento e grave, como juiz de feitos de cavalaria. Sancho ficou perto, mais interessado no macaco e na possibilidade de algum milagre com comida, mas disposto a ver como bonecos podiam render tanta importância.

O menino mostrava Dom Gaiferos sentado, Melisendra na torre, Marsílio no palácio e Carlos Magno irritado com a negligência do cavaleiro. Narrava com ornamento demais, e Maese Pedro o corrigia de tempos em tempos: que falasse com clareza, sem subir onde a história pedia chão. Dom Quixote aprovou o conselho. Gostava de propriedade nos relatos, mesmo quando a própria vida lhe escapava por todos os lados. Quando a narração chegou ao momento em que Melisendra descia da sacada para a garupa de Dom Gaiferos, a venda inteira acompanhou a pequena fuga com gosto de aventura verdadeira. As figuras se moveram, o cavalo partiu, e o menino anunciou perseguição de mouros saídos da cidade.

A certa altura, a narração disse que soavam campanas nas torres de Sansueña. Dom Quixote interrompeu de imediato. Entre mouros, explicou, não se usam campanas, e sim atabales, dulzainas e instrumentos próprios. Maese Pedro pediu que não se prendesse a

miudezas, pois as comédias andam cheias de impropriedades e, se agradam ao público, seguem carreira com aplauso. O menino continuou. Anunciou cavaleiros mouros correndo atrás dos amantes, trombetas, tambores, poeira, armas e o perigo de que Dom Gaiferos e Melisendra fossem alcançados e atados à cauda do próprio cavalo. Essas palavras feriram Dom Quixote no lugar onde ficção e dever se misturavam.

O cavaleiro levantou-se de súbito, desembainhou a espada e gritou que não consentiria, em seus dias e diante de seus olhos, violência contra tão famoso cavaleiro e tão atrevida enamorada. Saltou para junto do retábulo e começou a descarregar golpes sobre a tropa mourisca de madeira. Derrubou um, decapitou outro, partiu braços, pernas, coroas, escudos, cavalos e cidades pintadas. Maese Pedro gritava que eram figuras de pasta, mercadoria sua, sustento seu, fazenda sua. Nada deteve o braço de Dom Quixote. Em menos de poucos instantes, o reino inteiro do retábulo caiu em pedaços, com Marsílio ferido, Carlos Magno dividido e a fuga de Melisendra salva ao preço da ruína do titeriteiro.

A venda se alvoroçou. O macaco fugiu pelos telhados. O primo recuou, o pajem empalideceu, o vendeiro levou as mãos à cabeça, e Sancho jurou depois que raras vezes vira seu amo tomado por cólera tão veloz. Dom Quixote, ao fim do estrago, respirou como homem que acaba de impedir grande injustiça. Disse que ali se provava a utilidade dos cavaleiros andantes: sem sua presença, Dom Gaiferos e Melisendra teriam caído nas mãos daqueles inimigos. Maese Pedro, com voz quebrada, respondeu que viva fosse a cavalaria, se quisessem, mas ele ficava pobre, sem reis, sem cavalos, sem galas e talvez sem macaco, tudo por causa de quem dizia proteger órfãos e endireitar agravos.

Dom Quixote começou a despertar para o custo da façanha. Olhou os bonecos no chão e reconheceu que os encantadores, inimigos de sua

glória, haviam mudado cavaleiros verdadeiros em figuras de madeira no instante mesmo em que sua espada os alcançava. Ainda assim, a perda de Maese Pedro precisava reparo. Pediu que se avaliassem os danos. O vendeiro e Sancho ajudaram na conta. Maese Pedro apresentou cada peça destruída com tristeza calculada: rei Marsílio, imperador Carlos Magno, Melisendra, Dom Gaiferos, cavalos, mouros, cristãos, cidades e cordames. Dom Quixote concordou em pagar, embora lamentasse que os encantadores sempre escolhessem o bolso alheio como campo de suas burlas.

A indenização foi feita com dinheiro de Sancho, porque o amo raramente trazia recursos à altura de seus compromissos. O escudeiro pagou rangendo por dentro, lembrando que o retábulo de Melisendra entrava agora na mesma conta das hospedagens, pancadas, promessas e aventuras que consumiam sua paciência. Maese Pedro recuperou algum ânimo ao sentir moedas reais onde antes via apenas bonecos quebrados. O macaco acabou voltando, mais sábio talvez que todos, pois fugira no momento em que a fantasia empunhara espada. A venda retomou pouco a pouco o sossego, mas aquela noite ficou marcada como mais uma prova de que, diante de uma história bem contada, Dom Quixote ainda podia saltar da cadeira para corrigir o mundo com aço.

# Capítulo 86 - Maese Pedro e o exército do zurro

## Capítulo 86 - Maese Pedro e o exército do zurro

A história deve dizer agora quem era Maese Pedro, pois o tapa-olho, o macaco e o retábulo cobriam rosto conhecido. Tratava-se de Ginés de Pasamonte, o mesmo galeote libertado por Dom Quixote e ingrato bastante para levar o rucio de Sancho na Serra Morena. Depois de escapar da justiça, mudara nome e ofício. Comprara ou conseguira um macaco adestrado, ensinando-o a subir ao ombro e fingir segredo ao ouvido. As respostas vinham, quase sempre, de informações colhidas antes pelo próprio Ginés, que perguntava discretamente em vendas e povoados. Assim fazia parecer adivinhação aquilo que era cálculo, memória e esperteza de homem acostumado a viver de atalhos.

Quando reconheceu Dom Quixote e Sancho na venda, Maese Pedro compreendeu que tinha diante de si fregueses perigosos e lucrativos. Sabia nomes, aventuras e feridas passadas, e pôde usar o macaco como boca de maravilha. Mesmo assim, a noite lhe saiu cara, porque nenhum cálculo previa que o cavaleiro derrubaria todo o retábulo para salvar bonecos em fuga. Com as moedas da indenização, recolheu o que pôde, guardou as peças quebradas e tornou a fechar sua identidade dentro do tapa-olho. Dom Quixote, sem suspeitar do antigo galeote, dormiu convicto de haver reparado o dano. Sancho dormiu pior, sentindo que sempre há alguém no mundo pronto para tirar proveito da loucura de seu amo e da bolsa do escudeiro.

No dia seguinte, partiram da venda. Pouco depois, ouviram rumor de gente reunida e viram avançar esquadrão de homens armados com lanças, alabardas e paus, levando estandarte onde se pintava um jumento. Eram os moradores do povoado do zurro, que saíam em

campanha contra outro lugar por causa das zombarias já contadas pelo condutor das armas. Sancho encolheu-se. Não gostava de entrar em multidão armada por motivo frágil, porque gente que se junta por honra ferida costuma bater antes de ouvir. Dom Quixote, ao contrário, viu ocasião de exercer ofício pacificador. Tomou posição diante do estandarte e pediu licença para falar.

Os principais do grupo, admirados com aquela figura de armas e elmo, aceitaram ouvi-lo. Dom Quixote declarou que era cavaleiro andante e que sua profissão consistia em socorrer necessitados, desfazer injustiças e aconselhar prudência quando a cólera ameaça virar sangue. Explicou que um homem particular não consegue desonrar povo inteiro salvo em casos gravíssimos, e que zurridos de mofa, por mais desagradáveis, não justificavam guerra. Povoados conhecidos por apelidos, ofícios ou graças ridículas não devem sair a campo cada vez que a boca de rapazes ou vizinhos se solta. As armas só se tomam por causas altas: fé, vida, honra verdadeira, família, fazenda, serviço do rei ou defesa da pátria.

O discurso começou a fazer efeito. Os homens escutavam, e até Sancho se admirou de ver seu amo parecer teólogo, jurista e capitão ao mesmo tempo. Quando Dom Quixote pausou para respirar, o escudeiro resolveu ajudar. Disse que seu senhor sabia latim e romance, conhecia as leis do duelo e merecia crédito. Para provar que zurrar não ofende por si só, contou que em menino zurrava quando queria, com tal propriedade que todos os asnos da aldeia lhe respondiam, e nem por isso deixara de ser filho de pais honrados. Antes que alguém o detivesse, pôs a mão no nariz e soltou zurro tão forte e bem acabado que os vales vizinhos pareceram acordar.

A prova saiu pior que o argumento. Um dos homens do esquadrão julgou que Sancho caçoava deles. Levantou o varapau e acertou-lhe golpe tão pesado que o escudeiro caiu no chão sem fala bastante para

protestar. Dom Quixote, vendo Sancho derrubado, avançou para socorrê-lo, mas a multidão começou a mover-se com ameaças. Choveriam pedras, paus e ferros antes que sua lança explicasse qualquer coisa. O cavaleiro percebeu que prudência, às vezes, salva para outro dia a honra que a coragem perderia num instante. Puxou Rocinante, tomou distância e saiu do campo, enquanto os homens do zurro, satisfeitos de haver calado a demonstração, continuavam em ordem confusa.

Depois, quando pôde, Dom Quixote voltou por Sancho, que já respirava e amaldiçoava sua própria ciência. O escudeiro queixou-se do amo, do zurro, do varapau e da hora em que nascera com talento tão mal remunerado. Dom Quixote respondeu que a intenção fora boa, embora a execução tivesse produzido fruto amargo. Sancho pediu que, dali em diante, sua sabedoria ficasse limitada a comer, dormir, cuidar do rucio e esperar ilha, porque todo conhecimento exposto diante de povo armado vira risco. Assim deixaram para trás o exército do zurro. A aventura acabava sem batalha, sem paz verdadeira e sem glória, salvo a de Sancho, que podia dizer ter sido ferido por demonstrar uma habilidade perfeita demais para a sensibilidade dos homens.

# Capítulo 87 - Sancho pede contas

## Capítulo 87 - Sancho pede contas

Quando Sancho voltou plenamente a si depois do golpe recebido entre os homens do zurro, achou-se caído aos pés de Rocinante, todo dolorido e sem vontade de heroísmo. Dom Quixote apeou para examinar-lhe as feridas e, ao vê-lo inteiro, censurou a imprudência do zurro. Disse que, em casa de enforcado, ninguém menciona corda, e que, diante de gente armada por causa de uma zombaria sonora, provar talento semelhante era chamar o varapau pelo nome. Sancho respondeu com voz que parecia sair das costas. Estava farto de ver cavaleiros retirarem-se em prudência enquanto escudeiros ficavam para receber a conta.

Dom Quixote explicou que retirada não equivale a fuga. Valentia sem prudência vira temeridade, e os homens prudentes guardam-se para melhor ocasião. Sancho aceitou a doutrina com pouco entusiasmo. O que lhe doía não estava em tratados, e sim da nuca ao fim do espinhaço. O amo observou que isso se devia ao alcance do pau, que cobrira quase todas as costas. Sancho agradeceu a explicação com ironia amarga: se lhe doessem os tornozelos, talvez fosse difícil descobrir a causa; doendo justamente onde o tinham moído, nenhuma ciência alta precisava entrar na conversa. A cada aventura, dizia ele, conhecia melhor o pouco que podia esperar da companhia de Dom Quixote.

O escudeiro falou longamente. Melhor faria, confessou, se voltasse para Teresa, para os filhos, para a lavoura e para a cama, sustentando a casa com o que Deus lhe desse. Desde que servia Dom Quixote, dormira ao relento, comera queijo duro e pão seco, bebera água de fontes e riachos e pusera o corpo à disposição de mantas, pedras, paus,

sustos, fome e promessas. A exceção ficava nos dias de Dom Diego, nas panelas de Camacho e na casa de Basílio; todo o resto era chão, frio e risco. Por isso queria saber quanto valia seu serviço. Se escudeiro andante sofre mais que criado de lavrador, convinha receber salário mais alto.

Dom Quixote, ouvindo o que Sancho dizia sem interrupção, ofereceu que ele mesmo calculasse a dívida. Sancho lembrou que, quando servia Tomé Carrasco, pai do bacharel, ganhava dois ducados por mês, além da comida. Com Dom Quixote, pedia dois reais a mais, por causa dos perigos, e mais seis pela promessa da ilha, que devia entrar na conta desde o primeiro dia. O cavaleiro tomou a conta ao pé da letra, perguntou havia quanto tempo prometera a ilha, e Sancho, com memória elástica de interesse, respondeu que mais de vinte anos, com três dias de diferença para cima ou para baixo. Dom Quixote bateu na testa e riu com força.

O riso virou cólera. Em suas saídas, disse ele, mal tinham passado dois meses. Se Sancho queria consumir todo o dinheiro alheio em salários inventados, podia tomá-lo e ir embora. Nenhuma história de cavalaria trazia escudeiro ajustando soldada mensal com o senhor. Mandou-o voltar para casa, chamou-o de ingrato, ameaçou deixá-lo sem ilha e lançou contra ele uma enxurrada de palavras duras. Sancho olhou fixo para o amo até que os olhos se encheram de lágrimas. Respondeu que, para ser burro completo, faltava-lhe apenas a cauda; se Dom Quixote quisesse pô-la, ele a aceitaria por bem posta e continuaria servindo como jumento todos os dias que lhe restassem.

A humildade desarmou o cavaleiro. Dom Quixote perdoou-o, pedindo emenda e coração mais largo diante da promessa. A ilha podia tardar, mas tardança não significa impossibilidade. Sancho prometeu tirar forças da própria fraqueza e seguir. Entraram numa alameda para passar a noite. Sancho se acomodou de modo penoso, porque o sereno

fazia crescer a dor do varapau. Dom Quixote ficou entregue a pensamentos de Dulcineia, da cova, das promessas e da glória. Ao amanhecer, seguiram caminho para as margens do Ebro. A água do grande rio, ainda distante, já entrava no destino dos dois como nova ocasião de disparate e perigo.

# Capítulo 88 - O barco encantado

## Capítulo 88 - O barco encantado

Dois dias depois, Dom Quixote e Sancho chegaram ao Ebro. A vista do rio alegrou o cavaleiro. As margens verdes, a água clara, o curso sereno e a largura da corrente renovaram nele pensamentos de amor e aventura. Lembrou a cova de Montesinos, o macaco de Maese Pedro, Dulcineia pedindo dinheiro sob encantamento e todas as dúvidas que Sancho carregava como pedras no alforje. Seguiam assim quando viram, preso a uma árvore da margem, um pequeno barco sem remos nem apetrechos. Dom Quixote olhou em torno, não viu dono algum e desceu imediatamente de Rocinante. Mandou Sancho fazer o mesmo e atar bem juntos o rucio e o cavalo.

Sancho perguntou o motivo. Dom Quixote respondeu que aquele barco o chamava para socorrer pessoa nobre em grande aperto. Era costume dos encantadores, nas histórias de cavalaria, pôr navio, nuvem ou outro meio súbito diante de cavaleiro necessário, para levá-lo em instantes a terras remotas. Sancho advertiu que o barco parecia de pescadores do rio, gente que talvez o usasse para apanhar sabogas, peixe famoso por aquelas águas. O cavaleiro não aceitou prosa tão baixa. Cortou a amarra, entrou na embarcação e fez o escudeiro entrar também. O barco afastou-se devagar, levado pela corrente, enquanto o rucio zurrava na margem e Rocinante tentava livrar-se.

Sancho começou a chorar. Via os animais perto, a margem perto, o perigo perto e, mesmo assim, sentia-se levado por loucura sem governo. Dom Quixote repreendeu-o por medir grande viagem com olhos curtos. Segundo ele, já poderiam ter passado linhas, paralelos, signos e medidas do mundo, embora a margem parecesse a poucos passos. Falou de cosmografia, de Ptolomeu e de sinais que marinheiros

usam ao passar a linha equinocial. Sancho respondeu que, se a experiência valesse por olhos, ainda estavam quase no mesmo lugar. O cavaleiro mandou que se examinasse para ver se conservava os mesmos bichos no corpo, sinal, segundo sua ciência incerta, de não terem cruzado linha misteriosa.

Sancho obedeceu com desgosto e concluiu que a experiência ou era falsa ou eles não haviam passado por lugar algum. Nesse momento, a corrente começou a levar o barco com mais força. Adiante surgiram grandes azenhas no meio do rio. Dom Quixote viu nelas castelo, cidade ou fortaleza onde devia estar preso algum cavaleiro, rainha ou princesa. Sancho reconheceu rodas de moinho e avisou que ali se moía trigo. O amo mandou que se calasse. Encantamentos mudam as aparências das coisas, dizia ele, e bastava lembrar Dulcineia para entender que moinho podia ocultar prisão nobre. Pôs-se de pé, puxou a espada e começou a ameaçar as figuras brancas que saíam às margens do moinho.

Os moleiros, cobertos de farinha, gritaram que aqueles homens iam morrer nas rodas. Pegaram varas longas para deter o barco antes que a corrente o lançasse contra o engenho. Dom Quixote tomou as vozes como insolência de carcereiros. Ordenou que soltassem imediatamente a pessoa oprimida naquela fortaleza. Sancho, de joelhos, rezava para que Deus o livrasse das vontades atrevidas de seu senhor. Os moleiros conseguiram conter a embarcação, mas o esforço virou o barco e lançou ambos na água. Dom Quixote sabia nadar, porém as armas o puxaram para baixo duas vezes. Os próprios moleiros, que ele chamava de malandrins, entraram no rio e tiraram cavaleiro e escudeiro mais encharcados que mortos.

Logo chegaram os pescadores, donos do barco, vendo a embarcação quebrada pelas rodas. Quiseram cobrar o prejuízo e ameaçaram despir Sancho para garantir pagamento. Dom Quixote, com serenidade

absurda para homem recém-saído da água, disse que pagaria de boa vontade, se antes libertassem a pessoa mantida naquela fortaleza. Os moleiros responderam que ali só havia farinha e trabalhadores. Diante da insistência, Sancho pagou o barco com dor de bolsa e alma. Dom Quixote olhou para as azenhas, suspirou e concluiu que a aventura devia pertencer a outro cavaleiro, ou que os encantadores haviam fechado a passagem antes de sua chegada. A derrota molhada pesava menos nele que em Sancho, pois a imaginação seca depressa; as roupas do escudeiro, nem tanto.

# Capítulo 89 - A bela caçadora

## Capítulo 89 - A bela caçadora

Depois da aventura do barco, Dom Quixote e Sancho deixaram a margem do Ebro com a roupa ainda pesada e o ânimo dividido. O cavaleiro lamentava o impedimento dos encantadores; o escudeiro lamentava o dinheiro do barco, os animais abandonados por instantes e a água que ainda lhe escorria onde nenhuma filosofia alcançava consolo. Caminharam até secar o que puderam. A tarde, porém, trouxe mudança de cenário. Num campo aberto, perto de bosque próprio para caça, viram bela senhora montada em cavalo vistoso, vestida de verde, com açor no punho esquerdo e aparência de grandeza tão clara que até Sancho percebeu que ali havia pessoa principal.

Dom Quixote parou como se a estrada lhe tivesse oferecido figura de romance. Ordenou a Sancho que fosse até ela, beijasse-lhe as mãos e dissesse que o Cavaleiro dos Leões se punha a seu serviço, pronto para cumprir qualquer mandado. O escudeiro, feliz por receber embaixada que talvez trouxesse melhor pousada que chão duro, ajeitou o rucio e aproximou-se da caçadora. Desceu com gesto cerimonioso, ajoelhou-se diante dela e começou a falar de seu amo com a gravidade que conseguia reunir. Antes que terminasse, a senhora perguntou se aquele cavaleiro era, por acaso, Dom Quixote de la Mancha, cuja história andava impressa.

Sancho abriu sorriso largo. Sim, era ele mesmo, e ele próprio era Sancho Pança, escudeiro famoso, antigo governador prometido e homem que também saía no livro, embora nem sempre com a dignidade que merecia. A senhora, que era duquesa, mostrou prazer verdadeiro diante da descoberta. Conhecia a história de ambos, divertira-se com suas aventuras e logo decidiu recebê-los com honras

devidas à fantasia que os acompanhava. Pediu a Sancho que chamasse o amo. O duque, seu marido, caçava por perto. Ela mandou recado para que viesse, pois tinham diante dos olhos o cavaleiro e o escudeiro de quem tantos leitores falavam.

Dom Quixote se aproximou com solenidade extrema. Ao tentar descer de Rocinante para prestar reverência, prendeu o pé no estribo e quase caiu, causando a Sancho pressa e aflição. O escudeiro acudiu, o cavaleiro recompôs a dignidade e, já no chão, quis ajoelhar-se diante da duquesa. Ela não permitiu, tratando-o como cavaleiro de grande nome. Dom Quixote respondeu com palavras medidas, oferecendo-lhe armas, braço e serviço. A duquesa acompanhava a cena com contenção difícil, pois via diante de si exatamente aquilo que o livro prometia: um louco cerimonioso, um escudeiro falador e uma verdade cômica que se movia inteira, sem saber que servia de espetáculo.

O duque chegou logo depois. Sua mulher falou-lhe em particular, e ele compreendeu depressa o jogo possível. Ambos resolveram tratar Dom Quixote de acordo com as leis de sua própria imaginação, dando-lhe ambiente de castelo, títulos, cerimônias e reverências. Assim poderiam divertir-se com ele e com Sancho, sem precisar contrariar diretamente o engano. O duque recebeu o cavaleiro como se recebesse herói esperado. Chamou-o Cavaleiro dos Leões, ofereceu pousada em sua casa e perguntou por Dulcineia com respeito. Dom Quixote sentiu-se reconhecido em terra nobre. Sancho, que lia a hospitalidade pelo cheiro futuro da cozinha, sentiu que a sorte voltava a melhorar.

A comitiva preparou-se para seguir ao palácio dos duques. Sancho não cabia em si, porque a duquesa lhe perguntava coisas do livro e parecia achar graça em cada resposta. Contou-lhe da ilha prometida, das pancadas sofridas, da manta, do rucio, dos encantamentos e de Dulcineia mudada em lavradora. A duquesa escutava como quem recebe personagem saído de página e disposto a continuar a história

diante dela. Dom Quixote seguia ao lado do duque, cheio de contentamento grave, certo de que sua fama finalmente encontrava grandes senhores capazes de compreendê-la. Nenhum dos dois viajantes percebia que entravam numa casa onde a leitura do livro se tornaria máquina de novas burlas.

# Capítulo 90 - Honras no palácio dos duques

## Capítulo 90 - Honras no palácio dos duques

Sancho entrou no domínio dos duques com alegria quase doméstica. A amizade repentina da duquesa fazia-o esperar mesa, cama, cozinha e regalo semelhantes aos que encontrara na casa de Dom Diego e nos dias de Basílio, sem esquecer as panelas inesgotáveis de Camacho. O duque, que se adiantara para instruir criados e criadas, ordenou que Dom Quixote fosse recebido exatamente como cavaleiro andante de livro antigo. Quando o cavaleiro chegou ao pátio, lacaios vestidos com riqueza cerimoniosa o ajudaram a apear, donzelas lançaram-lhe sobre os ombros um mantão de escarlata, e vozes de servidores saudaram a flor dos cavaleiros andantes com pompas que encheram a casa de perfume, risos contidos e reverências.

Aquela foi, para Dom Quixote, uma hora decisiva. Muitos o tinham escarnecido, muitos o tinham ferido, muitos o tinham trazido de volta à aldeia como doente ou encantado; ali, pela primeira vez, tudo ao redor parecia confirmar a verdade de seus livros. Criados nos corredores, águas olorosas, senhoras principais, vestes ricas, aparato de recepção e o cuidado de cada gesto formavam diante dele uma prova visível de que a cavalaria ainda tinha lugar no mundo. Não percebeu que a honra era armadilha cortês. Recebeu tudo com humildade grave, como se o palácio dos duques apenas restituísse ao cavaleiro o tratamento devido desde sempre.

Sancho, mais preso ao rucio que à etiqueta, logo se apartou da solenidade para procurar quem cuidasse do animal. Aproximou-se de uma dueña chamada doña Rodríguez de Grijalba e pediu que mandasse pôr o jumento na cavalariça, pois o pobre não se acostumava

a ficar só. A dueña recebeu o pedido como ofensa, dizendo que mulheres de sua posição não tinham ofício de tratadoras de asnos. Sancho defendeu-se com lembrança de velhas histórias de cavalaria, onde damas serviam cavaleiros e dueñas cuidavam de montarias. O argumento piorou tudo. A criada tomou-o por zombador, Sancho respondeu com ponta de graça sobre idade e fruta madura, e a discussão subiu de tom até chegar aos ouvidos da duquesa.

A duquesa interveio, contendo o riso. Disse a Sancho que doña Rodríguez era moça e trazia toucas por autoridade, não por velhice. Sancho jurou que falara apenas por confiança na caridade dela e pelo muito amor que tinha ao rucio. Dom Quixote, ouvindo a cena, repreendeu o escudeiro. Aquele não era lugar para conversas de asno. Sancho respondeu que cada um fala de sua necessidade onde ela aparece, e que, se tivesse lembrado o rucio na cavalariça, lá teria falado dele. O duque, divertindo-se com o embaraço, tomou o partido de Sancho e garantiu que o jumento receberia cuidado como se fosse pessoa de importância.

Dentro do palácio, seis donzelas desarmaram Dom Quixote em sala rica de ouro e brocado. Todas estavam prevenidas para tratá-lo com solenidade e esconder o riso diante de sua magreza, de suas roupas apertadas e da figura comprida que ficava sob as armas. Quiseram trocar-lhe a camisa, mas ele recusou, dizendo que a honestidade ficava tão bem em cavaleiro quanto a valentia. Sozinho com Sancho por um momento, censurou-o com severidade. Pediu que medisse a língua, que não revelasse grossura de origem e que lembrasse como a honra do senhor cresce ou cai pelo comportamento do criado. Sancho prometeu morder a língua antes de falar coisa fora de propósito.

Vestido de novo, Dom Quixote foi conduzido à mesa dos duques com cerimônia ainda maior. Sentaram-no à cabeceira, apesar de suas recusas, e diante dele ficou um eclesiástico grave, desses que governam

casas de senhores e confundem economia de alma com estreiteza de trato. Sancho, admirado com tanta honra, pediu licença para contar um caso de assentos ocorrido em sua aldeia. Dom Quixote sentiu o perigo de imediato, mas a duquesa, desejosa de ouvir o escudeiro, defendeu-o. Sancho começou por genealogias, nomes de lugares, parentes, mortos em naufrágio e feridos antigos, até que o eclesiástico perdeu a paciência e pediu que chegasse ao ponto antes de enterrar metade da comarca no relato.

O caso enfim saiu. Um hidalgo convidara um lavrador para comer e ambos disputavam quem tomaria o melhor lugar à mesa. O lavrador recusava por cortesia, o hidalgo insistia por autoridade de dono da casa, até que, cansado, pôs as mãos nos ombros do convidado, sentou-o à força e disse que, onde quer que ele próprio se sentasse, ali estaria a cabeceira do lavrador. Os duques disfarçaram a graça. Dom Quixote mudou de cor, entendendo que a história tocava justamente a cerimônia que acabava de receber. A duquesa desviou o assunto para Dulcineia. Sancho, imprudente e vivo, confirmou tê-la visto encantada. O eclesiástico, ouvindo gigantes, encantos, malandrins e Dulcineia, reconheceu o protagonista do livro que tanto censurava e explodiu contra o duque e contra o cavaleiro, chamando aquela recepção de estímulo a loucuras que deviam ser curadas em casa.

# Capítulo 91 - A resposta ao repreensor

## Capítulo 91 - A resposta ao repreensor

Dom Quixote levantou-se tremendo, não de medo, mas de ira contida. O lugar, a presença dos duques e o respeito devido ao estado do eclesiástico atavam-lhe as mãos, porém não a língua. Respondeu que repreensões santas pedem brandura, conhecimento da culpa e intenção de remédio, não afronta pública nem palavras como tonto e mentecato lançadas sem exame. Perguntou com que direito alguém criado em vida estreita, sem haver pisado os caminhos do mundo, entrava nas casas alheias para dar leis à cavalaria. Vagar pela terra, buscando asperezas, perigos e trabalhos por onde os bons sobem à memória, era ofício alto, longe de passatempo vazio.

Declarou que era cavaleiro e morreria cavaleiro se Deus permitisse. Cada um segue o caminho que recebeu: uns pela estreita senda da religião, outros pela das letras, outros pela das armas. Os cavaleiros andantes tomam sobre si trabalho, fome, vigília, ferida e risco para socorrer órfãos, viúvas e pessoas oprimidas. Se homens nobres, generosos e valentes o julgassem, aceitaria a sentença com honra; ser chamado de louco por quem desconhece o ofício não lhe tirava um ardite. Sua casa, mulher e filhos, que o eclesiástico mandara governar, nem vinham ao caso. Não os tinha, e, se os tivesse, o dever de seu braço continuaria preso à ordem da cavalaria.

O eclesiástico ficou encolerizado com a resposta e deixou a mesa, acusando os duques de favorecerem desatino. O duque, para reparar o choque e alimentar a farsa, assegurou a Dom Quixote que a honra da casa estava a seu serviço. Falou também a Sancho sobre o governo prometido. O escudeiro, que acompanhava tudo com olhos atentos,

sentiu a ilha aproximar-se como fruta madura. A duquesa, com arte ainda mais fina, pediu a Dom Quixote que lhe descrevesse Dulcineia. O cavaleiro suspirou. Descrever sua senhora seria tarefa para pintores antigos, escultores famosos e oradores de língua soberana; contudo, a dor recente lhe apagava a imagem, porque a vira mudada em lavradora pelos encantadores.

Os duques, que conheciam a história impressa, perguntaram com aparente inocência se Dulcineia existia de fato ou se era criação da mente do cavaleiro. Dom Quixote respondeu que Deus sabia a verdade inteira e que certas averiguações não devem ser levadas até o fundo. Ele não havia inventado sua senhora no sentido baixo da palavra; contemplava-a como deve ser contemplada a dama capaz de sustentar um cavaleiro: bela, grave, honesta, cortês, agradecida, alta pelo merecimento e pela virtude. Quando se falou da origem dela e do trigo que Sancho dissera tê-la visto joeirar, Dom Quixote atribuiu tudo à malícia de encantadores. Se a transformaram diante dele em mulher rústica, bem poderiam ter mudado perlas em trigo diante do escudeiro.

A conversa seguia entre solenidade e burla quando entrou uma cerimônia inesperada. Quatro donzelas trouxeram bacia de prata, jarro, toalhas finas e sabão perfumado. Em vez de lavar as mãos de Dom Quixote, puseram-lhe a bacia debaixo da barba e começaram a ensaboá-lo com cuidado teatral. O cavaleiro, supondo ser costume do palácio, estendeu a barba o quanto pôde e deixou-se lavar, embora o sabão lhe cobrisse rosto e olhos. As moças fingiram falta de água e deixaram-no um momento naquela figura branca e imóvel, enquanto todos na sala lutavam contra o riso. O duque, percebendo o risco de a burla ficar descoberta, mandou que o lavassem também da mesma forma.

Assim se salvou a aparência de costume nobre. Dom Quixote foi limpo e enxuto com reverências. Sancho observou tudo e comentou que talvez, naquele palácio, também se lavassem barbas de escudeiros. A duquesa, ouvindo, mandou que o maestresala cumprisse a vontade de Sancho ao pé da letra. Pouco depois, enquanto Dom Quixote conversava com os duques, entrou Sancho assustado, com pano grosseiro ao peito, cercado por rapazes de cozinha que traziam água suja de lavar louça e tentavam pôr-lhe uma gamela debaixo da barba. Ele protestava com razão: se ao amo deram água de anjos e toalhas finas, não cabia a ele receber lixívia de cozinha e mãos encardidas.

Sancho ameaçou quem lhe tocasse um fio de barba. Dom Quixote pediu licença aos duques e ordenou que deixassem seu escudeiro em paz. A duquesa, rindo por dentro e fingindo indignação por fora, repreendeu os criados como se tivessem ofendido personagem de alto estado. Chamou-os ministros negligentes da limpeza e censurou o uso de gamelas e panos miseráveis onde caberiam metais nobres e toalhas alemãs. Os criados acreditaram na repreensão, retiraram o pano do peito de Sancho e fugiram confusos. O escudeiro ajoelhou-se diante da duquesa, agradecido como quem escapara de suplício. Ela prometeu compensá-lo fazendo o duque apressar o governo da ilha, e convidou-o a passar a tarde em sua companhia, onde ele teria de trocar a sesta por conversa.

# Capítulo 92 - Sancho na sala da duquesa

## Capítulo 92 - Sancho na sala da duquesa

Sancho não dormiu a sesta. Cumprindo a palavra dada, foi depois de comer à sala fresca onde a duquesa o esperava com donzelas e dueñas ao redor. A senhora mandou que se sentasse numa cadeira baixa junto dela, como governador futuro e escudeiro presente. Sancho hesitou por educação insegura, mas obedeceu. As mulheres fizeram silêncio, desejosas de ouvir aquele homem que misturava ingenuidade, malícia, fidelidade e medo com uma naturalidade impossível de fabricar em corte. A duquesa abriu a conversa dizendo que queria resolver dúvidas nascidas da história impressa de Dom Quixote, principalmente certas passagens em que Sancho parecia ter servido mal a verdade.

A primeira dúvida tocou a carta de Dulcineia. Se Sancho nunca vira a senhora, se jamais lhe entregara a mensagem escrita na Serra Morena, como se atrevera a fingir resposta e a contar que a encontrara joeirando trigo? Sancho levantou-se, pôs dedo nos lábios e percorreu a sala olhando tapeçarias, portas e cantos, para certificar-se de que ninguém os escutava às escondidas. Depois voltou ao assento e falou com liberdade. Tinha por certo que seu amo era louco rematado, embora às vezes dissesse coisas tão bem ordenadas que nem o diabo as melhoraria. Justamente por conhecer essa loucura, atrevia-se a fazê-lo crer em disparates sem pé nem cabeça.

Confessou então a burla da carta e também a mais recente invenção do encantamento de Dulcineia, que ainda não estava escrita em livro. Contou como, apertado pela obrigação de achar senhora que não conhecia, tomara três lavradoras como saída, apresentara uma delas ao amo como Dulcineia e deixara que a imaginação de Dom Quixote

transformasse o resto em obra de encantadores. As ouvintes receberam a confissão com grande prazer. A duquesa, mais aguda que piedosa, percebeu logo o uso que poderia fazer daquela notícia. Se Dom Quixote cria no encantamento, e Sancho sabia que a mentira nascera dele mesmo, havia ali material bastante para novas burlas e para prender ambos em rede mais fina.

Mas a duquesa quis testar o escudeiro. Disse que uma voz interior lhe levantava escrúpulo: se Dom Quixote era louco, se Sancho o sabia e mesmo assim o seguia por promessas de ilha, talvez o escudeiro fosse ainda mais tolo que o amo. Como poderia governar outros quem não sabia governar a si mesmo? Sancho recebeu o golpe sem se irritar. Admitiu que, se fosse inteiramente discreto, já teria deixado o cavaleiro havia muito. Contudo, destino, costume, aldeia comum, pão comido, gratidão pelos presentes recebidos e afeição verdadeira prendiam-no ao amo. Só a pá e a enxada da sepultura poderiam separá-los de modo definitivo.

Se a duquesa não quisesse dar-lhe governo por considerá-lo tonto, ele saberia suportar. Talvez fosse melhor para sua consciência continuar Sancho escudeiro que virar Sancho governador. Lembrou, porém, que ninguém nasce ensinado e que de homens se fazem bispos, não de pedras. Refrões vieram em fileira: quem coze e amassa não deve ter a hogaza furtada; gato de noite perde cor; todos entram na terra por espaço estreito; atrás da cruz pode estar o diabo; nem tudo que reluz tem valor. Doña Rodríguez, que escutava, meteu-se na conversa para confirmar histórias antigas sobre reis comidos por bichos depois da morte. A duquesa riu da dueña e de Sancho, mas não desprezou a esperteza viva que havia sob aquela fala rústica.

Então prometeu que o duque cumpriria a palavra e lhe daria ilha ou governo quando chegasse a hora. Pediu apenas que tratasse bem os vassalos, que, segundo ela, seriam leais e bem nascidos. Sancho

respondeu que isso não precisava ser encomendado. Era caritativo de sua natureza, tinha compaixão de pobres, não deixaria enganá-lo com dado falso e sabia onde o sapato apertava. Os bons teriam com ele mão aberta; os maus não achariam entrada. Bastaria começar, e talvez em quinze dias soubesse mais do ofício de governar que da lavoura em que fora criado. A duquesa reforçou a confiança, dizendo que ninguém chega ao mundo com ciência pronta.

A conversa terminou com Sancho mais seguro e a duquesa mais decidida a prolongar a brincadeira. Para Sancho, a sala cheirava a governo próximo. Para a duquesa, aquele escudeiro era personagem vivo, capaz de dar prazer à casa inteira. Nenhum dos dois dizia a mesma coisa quando falava em ilha. Ele pensava em justiça, comida, respeito, Teresa, filhos e mudança de fortuna. Ela pensava em espetáculo, engenho cortesão e experiência divertida com um homem simples posto diante de aparato falso. Assim, enquanto Dom Quixote descansava das honras recebidas e o duque preparava novas ordens para tratá-lo segundo os livros, Sancho saía da conversa mais preso do que nunca à promessa que o acompanhava desde a primeira estrada.

# Capítulo 93 - A caçada dos duques

## Capítulo 93 - A caçada dos duques

O duque e a duquesa continuavam recebendo grande prazer das conversas de Dom Quixote e Sancho. A história da cova de Montesinos, o encantamento de Dulcineia e a confissão involuntária do escudeiro davam-lhes matéria suficiente para uma burla de aparato. Ordenaram aos criados que preparassem tudo com cuidado: figurantes, luzes, carros, música, demônios, encantadores e palavras graves. Antes, porém, levaram os hóspedes à caça de monte, com acompanhamento de monteros e caçadores digno de rei. Deram a Dom Quixote roupa de caça, que ele recusou por não poder carregar guarda-roupa em vida de armas. Sancho aceitou o traje verde, pensando vendê-lo na primeira ocasião útil.

No dia combinado, a comitiva entrou num bosque entre montanhas altas. A duquesa ia ricamente vestida, e Dom Quixote, por cortesia, tomou-lhe a rédea, embora o duque quisesse impedir tal serviço. Distribuíram postos, esconderijos e caminhos. Logo a mata se encheu de vozes, cães, buzinas e movimento. A duquesa tomou venábulo e ficou no lugar onde costumavam sair javalis. O duque e Dom Quixote puseram-se a seu lado. Sancho preferiu ficar atrás de todos, montado no rucio, pois não queria afastar-se do animal nem oferecer o corpo a fera nenhuma por honra de caça. Em sua cabeça, quem governa deve estar inteiro, e javali não respeita futuro de governador.

Mal se assentaram, um javali enorme veio rompendo pelo mato, seguido de cães e caçadores, espumando e rangendo dentes. Dom Quixote embraçou o escudo e levou a mão à espada. O duque preparou o venábulo. A duquesa teria avançado primeiro se o marido não a contivesse. Sancho, ao ver a fera, abandonou qualquer ideia de

valentia, saltou do rucio e correu para uma encina. Tentou subir depressa, mas a sorte não ajudou: a rama que tomara se quebrou, e ele ficou pendurado, preso por gancho da árvore, sem chegar ao chão e sem alcançar o alto, gritando como se a boca inteira estivesse nos dentes do javali.

O animal caiu morto pelas lâminas dos caçadores, e Dom Quixote, reconhecendo os gritos do escudeiro, achou-o suspenso da árvore, cabeça baixa e roupa verde rasgada. O rucio permanecia perto, fiel à desgraça do dono. Dom Quixote soltou Sancho, que, em vez de agradecer primeiro pela vida, examinou o rasgão do traje como quem vê perder-se um patrimônio. Levaram o javali sobre uma mula, coberto de ramos, até grandes tendas armadas no meio do bosque, onde a refeição esperava com magnificência. Sancho mostrou à duquesa o estrago do vestido e condenou a caça de monte: nenhum prazer compensava esperar animal capaz de matar quem nada lhe fizera.

O duque defendeu a caça como imagem da guerra. Nela há estratégia, calor, frio, resistência, vigilância, exercício do corpo e aprendizagem de comando. Quando Sancho fosse governador, faria bem em praticá-la. Sancho recusou a lição. Bom governador deve ficar em casa para atender negociantes e pobres, não no mato buscando porco bravo. Se tivesse lazer, preferiria cartas em dias de festa e bolos aos domingos; aquelas caças e caços combinavam pouco com sua consciência. Dom Quixote pediu a Deus que as promessas do escudeiro virassem obra, pois entre dizer e fazer há grande espaço. Sancho respondeu com refrões em fila, até o amo se irritar e pedir que os duques o deixassem moer almas à vontade.

A tarde passou em conversas e inspeções pelo bosque. Ao escurecer, a encenação dos duques começou. Luzes apareceram entre árvores como se a mata pegasse fogo por todos os lados. Cornetas, tambores, clarins,

instrumentos de guerra e gritos à maneira mourisca encheram o ar. O barulho era tão grande que até os servidores instruídos se assustaram. Um correio vestido de demônio passou diante deles, soprando enorme chifre. O duque perguntou quem era e que tropa vinha pela mata. O demônio respondeu que procurava Dom Quixote de la Mancha. Seis tropas de encantadores traziam a sem-par Dulcineia do Toboso em carro triunfal, com ordem para declarar o modo de seu desencanto.

Sancho tremeu. Sabia que a primeira semente daquela história tinha saído de sua própria mentira, mas agora ela voltava com luzes, demônios, trombetas e autoridade de palácio. Dom Quixote recebeu o aviso com assombro grave. O duque perguntou se ele esperaria. O Cavaleiro dos Leões respondeu que ficaria ali firme ainda que todo o inferno viesse contra ele. Sancho declarou que, se outro demônio soprasse outro chifre igual, sua coragem iria esperar em Flandres. A noite fechou mais. Vieram carros negros, velhos barbudos que se nomearam Lirgandeo, Alquife e Arcalaús, todos em cortejo de encantadores. Depois, cessado o ruído áspero, uma música suave anunciou que a parte decisiva da burla estava para entrar.

# Capítulo 94 - Os três mil e trezentos açoites

## Capítulo 94 - Os três mil e trezentos açoites

Ao som da música, surgiu um carro triunfal puxado por seis mulas cobertas de branco. Sobre cada uma vinha disciplinante vestido da mesma cor, segurando grande vela acesa. O carro era maior que todos os anteriores e trazia muitos outros homens em branco, também com luzes. No alto, sentada em trono, vinha uma ninfa coberta de véus de prata, com rosto delicado entrevisto pela transparência. Ao lado dela estava figura negra, longa e solene. Quando o carro parou diante dos duques e de Dom Quixote, a música cessou. A figura negra ergueu-se, afastou o manto, mostrou rosto de morte descarnada e declarou-se Merlim.

Merlim falou em versos graves, atribuindo a si ciência mágica e compaixão pela desventura de Dulcineia. Disse que soubera, nos abismos de seu estudo, da transformação da senhora em aldeã rude. Depois de consultar livros e estrelas, encontrara remédio certo: para que Dulcineia recuperasse beleza e estado, Sancho Pança deveria receber três mil e trezentos açoites nas próprias carnes. A notícia caiu sobre o escudeiro como pancada antes da pancada. Dom Quixote voltou-se para ele com alegria desesperada, vendo enfim caminho para libertar a dama. Sancho, porém, fechou o rosto. A pele era sua, a culpa não lhe parecia sua, e nenhum encantador havia pedido licença à sua retaguarda.

Dom Quixote, impaciente, ameaçou amarrá-lo a uma árvore e dobrar a conta se fosse preciso. Merlim corrigiu a proposta. Os açoites precisavam vir por vontade de Sancho, no tempo que ele escolhesse. Poderia, se quisesse, permitir que outra mão lhe desse metade, ainda

que pesada, mas força pura não valeria para o desencanto. Sancho recusou tudo: mão própria, mão alheia, mão leve e mão pesada. Perguntou se por acaso parira Dulcineia para pagar com o corpo os pecados dos olhos dela. Se alguém devia açoitar-se, dizia ele, seria Dom Quixote, que chamava a dama de vida, alma, sustento e arrimo. Quanto a ele, escudeiro e quase governador, abrenunciava a semelhante contrato.

Nesse ponto a ninfa de prata se levantou, tirou o véu e mostrou rosto tão belo que todos se admiraram. Era um pajem vestido de Dulcineia, mas a composição bastava para enganar o desejo do cavaleiro. Com voz firme e pouco feminina, chamou Sancho de alma de cântaro, coração de cortiça, animal duro e criatura sem piedade. Disse que três mil e trezentos açoites eram nada diante da libertação de uma senhora presa sob casca rústica. Se pedissem a ele crimes, torres e serpentes, haveria motivo para recusar; diante de disciplina tão pequena, sua dureza espantava o céu. As lágrimas da beleza, afirmou, derretem pedras e amansam feras.

Sancho ouviu a torrente de insultos e respondeu com irritação prática. Aquilo era modo estranho de pedir favor. Quem deseja que outro abra as próprias carnes deve trazer presentes, promessas, camisa fina, escarpins, alguma dádiva; não chegar chamando o benfeitor de besta e alma de cântaro. Além disso, lamentava ainda o rasgão do traje verde e não estava em humor de aceitar feridas novas. Dom Quixote, comovido, dizia sentir a alma presa na garganta, pronta para sair ou descer conforme a resposta do escudeiro. A duquesa, o duque e toda a comitiva sustentavam a cena com seriedade calculada, vendo Sancho cercado por sua própria invenção.

Sancho tentou uma última defesa. Perguntou por Montesinos, já que o demônio correio anunciara sua chegada. Merlim respondeu que o diabo se enganara: o recado vinha dele próprio, e Montesinos

continuava na cova, esperando também seu quinhão de desencanto. Depois adoçou a medicina: a disciplina faria bem à alma, por caridade, e ao corpo, porque Sancho era de compleição sanguínea e perder um pouco de sangue não lhe prejudicaria. O escudeiro concluiu que até os encantadores tinham virado médicos. Vendo todos contra si e desejando não perder a ilha prometida, aceitou a penitência sob condições rigorosas: daria os açoites quando quisesse, sem prazo fixo, sem obrigação de tirar sangue, podendo contar golpes leves como válidos, desde que Merlim acompanhasse a conta.

Merlim aceitou. Disse que, chegando ao número exato, Dulcineia apareceria livre e agradecida, sem risco de sobra ou falta. Sancho, vencido, entregou-se à própria má sorte. Imediatamente a música recomeçou, arcabuzes soaram, Dom Quixote abraçou o escudeiro e beijou-lhe rosto e testa com gratidão excessiva. O carro de Dulcineia moveu-se, a falsa senhora inclinou-se aos duques e fez grande reverência a Sancho. A madrugada já vinha clara. As flores se erguiam, os riachos corriam limpos e o ar parecia disposto a apagar a noite de fingimento. Os duques voltaram ao castelo satisfeitos: tinham fabricado aventura perfeita, e dela nasceriam outras, porque para eles nenhuma verdade divertia tanto quanto aquela mentira mantida com luxo.

# Capítulo 95 - A carta de Sancho e Trifaldim

## Capítulo 95 - A carta de Sancho e Trifaldim

No dia seguinte, a duquesa perguntou a Sancho se já começara a penitência de Dulcineia. O escudeiro respondeu que sim: dera a si mesmo cinco açoites durante a noite. Perguntada a ferramenta, confessou que usara a mão. A duquesa avaliou a conta com severidade fingida. Aquilo parecia mais palmada que disciplina. Merlim talvez não se contentasse com tamanha brandura; a liberdade de uma senhora daquele porte exigia instrumento que deixasse sentir a obra. Sancho pediu então uma disciplina conveniente, desde que não doesse demais. Suas carnes, embora rústicas, tinham mais algodão que esparto, e não convinha criar-se de novo por proveito alheio.

Depois tirou do seio uma carta para Teresa Pança. Queria que a duquesa a lesse, pois julgava haver nela tom adequado a futuro governador. Explicou que a ditara, porque não sabia ler nem escrever, embora soubesse firmar. A carta contava a Teresa que bons açoites custavam bom governo; que ela deveria andar de coche, pois mulher de governador não podia rastejar pela vida; que lhe enviava o traje verde de caça para servir de saia e corpo à filha; que Dom Quixote era louco discreto e mentecato gracioso; que Merlim pusera sobre ele três mil e trezentos açoites, menos cinco já pagos, para libertar Dulcineia, conhecida na aldeia como Aldonza Lorenzo.

Sancho escrevia também que logo partiria para o governo com vontade de fazer dinheiro, porque ouvira dizer que governadores novos costumam entrar nesse ofício com o mesmo desejo. Avisaria depois se Teresa devia ir ter com ele. O rucio estava bem e mandava lembranças; não o deixaria nem que o levassem para ser Grão-Turco. A duquesa,

segundo a carta, beijava as mãos de Teresa mil vezes, e Teresa devia devolver duas mil, já que bons cumprimentos custam pouco. Sancho lamentava não ter encontrado outra maleta com cem escudos, mas prometia que tudo sairia na colada do governo. De uma maneira ou de outra, Teresa havia de ficar rica ou bem-aventurada.

A duquesa leu com prazer e apontou dois perigos. Primeiro, Sancho dava a entender que o governo vinha por causa dos açoites, embora a promessa do duque fosse anterior ao acordo com Merlim. Segundo, a carta mostrava cobiça demais. Governador codicioso entorta a justiça. Sancho recebeu a advertência e prometeu emendar o texto se fosse necessário. A duquesa guardou a carta para mostrá-la ao duque, que se divertiu muito com ela. Comeram no jardim naquele dia. Depois da mesa, enquanto a conversa de Sancho mantinha todos atentos, ouviu-se de repente som tristíssimo de pífaro e tambor rouco, tão grave que Dom Quixote se endireitou no assento e Sancho procurou o lado da duquesa, seu refúgio habitual contra prodígios.

Entraram pelo jardim dois homens vestidos de luto, com panos tão compridos que arrastavam no chão, tocando tambores cobertos de negro. Ao lado vinha pífaro igualmente escuro. Atrás deles avançava figura gigantesca, envolta em roupa negra de cauda imensa, rosto coberto por véu e barba branca visível sob o pano fino. Um largo talabarte segurava enorme alfanje. O personagem movia-se devagar, conforme o ritmo fúnebre dos tambores, com gravidade capaz de suspender quem ignorasse a farsa. Chegou diante do duque, ajoelhou-se e esperou licença para falar. Quando se levantou, tirou o véu e mostrou barba branca, comprida e abundante como raras vistas no mundo.

Com voz funda, apresentou-se como Trifaldim da Barba Branca, escudeiro da condessa Trifaldi, também chamada Dueña Dolorida. Trazia pedido para que sua senhora entrasse e contasse a aflição, uma

das mais estranhas que pensamento triste já concebera. Antes, desejava saber se estava ali o invicto Dom Quixote de la Mancha, em cuja busca viera a pé e em jejum desde o reino de Candaya, por milagre ou encantamento. O duque respondeu com solenidade proporcional à invenção. Disse que conheciam a desventura da condessa, que ela poderia entrar, e que ali se achava o cavaleiro de quem poderia esperar amparo seguro.

Trifaldim inclinou-se, fez sinal aos músicos e saiu pelo mesmo caminho, deixando o jardim cheio de expectativa. O duque voltou-se para Dom Quixote e observou que a malícia não consegue encobrir por muito tempo a luz da virtude. Fazia poucos dias que o cavaleiro estava naquele castelo, e já mulheres afligidas de terras distantes o procuravam a pé e sem comer. Dom Quixote respondeu que gostaria de ver ali o eclesiástico da mesa, para que tocasse com os próprios olhos a necessidade dos cavaleiros andantes. Em desgraças enormes, dizia ele, os aflitos não buscam socorro nas casas de letrados, sacristães, fidalgos imóveis ou cortesãos preguiçosos. Procuram braços capazes de agir. E por estar entre esses braços, dava graças ao céu.

# Capítulo 96 - A entrada da Dolorida

## Capítulo 96 - A entrada da Dolorida

O duque e a duquesa viram com satisfação que Dom Quixote recebia a aventura preparada com inteira gravidade. A cada resposta do cavaleiro, a farsa ganhava mais firmeza, e Sancho, que já sentia o governo prometido como coisa quase posta em sua mão, começou a temer que a nova dueña viesse pôr tropeço em seu caminho. Disse ter ouvido de um boticário toledano, homem de fala doce e língua solta, que onde entravam dueñas raramente saía coisa boa. Se as comuns já davam trabalho, imaginava ele, que seria de uma dueña dolorida, e ainda por cima chamada Trifaldi, nome que em sua aldeia soava a três saias, três caudas e três cuidados.

Dom Quixote mandou-o calar com brandura severa. A senhora vinha de terras longínquas em busca de socorro, e isso bastava para tirá-la do número das dueñas aborrecidas pelo boticário. Além disso, era condessa; se servia como dueña, devia servir a rainhas e imperatrizes, em casas onde uma pessoa principal podia ter outra pessoa principal a seu serviço. Doña Rodríguez, que estava presente, tomou a defesa de sua classe. Disse que a duquesa possuía criadas capazes de ser condessas se a fortuna as tivesse ajudado, e pediu que ninguém falasse mal das dueñas antigas e donzelas, pois ainda havia virtude em muita toca branca e muito monjil negro.

Sancho respondeu que, segundo seu barbeiro, havia tanto a tosquiar naquele assunto que melhor seria deixar o arroz quieto, mesmo grudado no fundo. Doña Rodríguez inflamou-se. Os escudeiros, declarou, sempre foram inimigos de dueñas, pois vivem nas antecâmaras, veem tudo, rezam pouco e gastam o resto do tempo murmurando. Jurou que, se tivesse ocasião, provaria ali e ao mundo

inteiro que muita honra se guarda debaixo de um pano austero. A duquesa interveio com riso medido, reconhecendo razão em sua criada e prometendo-lhe tempo oportuno para responder ao boticário e à opinião de Sancho.

Sancho, já com fumaças de governador, afirmou que perdera os enjoos de escudeiro e que pouco lhe importavam todas as dueñas juntas. A conversa prosseguiria nesse fio se o pífaro e os tambores não tornassem a soar com o mesmo peso fúnebre da entrada anterior. Entenderam todos que a Dolorida chegava. A duquesa perguntou ao duque se convinha ir recebê-la, pois era condessa e pessoa de consideração. Sancho, antes de qualquer resposta do dono da casa, opinou que pela parte de condessa merecia recepção, porém pela parte de dueña ninguém precisava mover um passo.

Dom Quixote perguntou quem o metia naquela decisão. Sancho respondeu que se metia por haver aprendido os termos da cortesia na escola do amo, o mais cortês e bem-criado cavaleiro de toda a cavalaria. Nessas matérias, segundo aprendera, tanto se perde por carta demais quanto por carta de menos, e ao bom entendedor bastam poucas palavras. O duque achou graça e aceitou a prudência torta do escudeiro: veriam primeiro o porte da condessa e por ele mediriam a cerimônia. Nesse instante os músicos entraram pelo jardim, e com eles começou a nova parte da aventura, tão notável que o próprio narrador preferiu encerrar breve capítulo e abrir outro para acompanhá-la.

# Capítulo 97 - A conta da má fortuna

## Capítulo 97 - A conta da má fortuna

Atrás dos músicos tristes vieram doze dueñas repartidas em duas fileiras, todas vestidas de largos monjis negros e com tocas brancas tão compridas que quase tocavam a orla das vestes. Depois delas avançava a condessa Trifaldi, conduzida pela mão de Trifaldim da Barba Branca. Trajava baeta negra e finíssima, e sua cauda se dividia em três pontas sustentadas por três pajens de luto, formando figura tão estudada que todos entenderam ali a razão do nome. Cide Hamete acrescenta que a condessa se chamara Lobuna por haver muitos lobos em suas terras, e que só adotara Trifaldi por novidade de sua roupa.

As doze dueñas e a senhora vinham a passo de procissão, com os rostos escondidos por véus negros tão fechados que nenhuma feição se deixava perceber. Quando o esquadrão fúnebre terminou de aparecer, levantaram-se o duque, a duquesa, Dom Quixote e quase todos os presentes. As doze abriram passagem, e a Dolorida adiantou-se sem soltar a mão de Trifaldim. Ao ver que os anfitriões e o cavaleiro caminhavam para recebê-la, ajoelhou-se e pediu que não lhe fizessem tanta cortesia, pois sua desgraça lhe levara o entendimento para lugar distante, e quanto mais o buscava menos conseguia encontrá-lo.

O duque respondeu com cerimônia à altura da cena e ajudou-a a sentar-se junto da duquesa. Dom Quixote permanecia calado, atento à dor anunciada. Sancho ardia de curiosidade para ver o rosto da condessa e de alguma de suas acompanhantes, mas os véus resistiam a todos os seus olhos. Quando o silêncio se assentou, a Trifaldi começou fala cheia de superlativos. Confiava, dizia ela, que sua cuitíssima aflição acharia acolhimento em peitos valerosíssimos, antes de perguntar se naquele grêmio se encontravam o acendradíssimo Dom

Quixote da Manchíssima e seu escudeiríssimo Pança.

Sancho respondeu antes de qualquer outro, entrando no jogo com gosto. O Pança estava ali, e também o Dom Quixotíssimo; podia a dolorosíssima dueñíssima dizer o que quisesse, porque todos se achavam prontíssimos a servi-la. Dom Quixote levantou-se e ofereceu suas forças, embora fracas, a qualquer remédio que dependesse de cavaleiro andante. Pediu que ela deixasse preâmbulos e contasse o mal de modo claro, pois seus ouvidos saberiam, se não remediar, ao menos compadecer-se. A Dolorida lançou-se aos pés dele, chamando-os bases da cavalaria, e logo tomou as mãos de Sancho, pedindo que intercedesse junto ao amo.

Sancho disse que pouco lhe importava comparar sua bondade à barba de Trifaldim; queria apenas sair desta vida com a alma barbada e em bom estado. Sem rodeios nem súplicas ornadas, prometia falar ao amo, sobretudo porque o amo ainda precisava dele para certo negócio de açoites. Pediu que a condessa desembuchasse a cuita e deixasse o resto por conta dos presentes. Os duques quase rebentavam de riso por dentro, satisfeitos com a dissimulação de seus criados. Então a Trifaldi sentou-se de novo e começou a história do reino de Candaya, situado entre a grande Trapobana e o mar do Sul, duas léguas além do cabo Comorim.

Naquele reino fora senhora a rainha dona Maguncia, viúva do rei Archipiela e mãe da infanta Antonomasia, herdeira do trono. A menina crescera sob tutela e doutrina da própria Trifaldi, por ser ela a dueña mais antiga e principal da casa. Aos catorze anos, Antonomasia atingira beleza tão alta que muitos príncipes naturais e estrangeiros a desejaram. Entre eles ousou levantar os olhos um cavaleiro particular chamado Dom Clavijo, moço vistoso, hábil na guitarra, poeta, bailarino e até capaz de fazer gaiolas de pássaros, ofício bastante para sustentar alguém em aperto. Tantas graças poderiam derrubar montanha,

quanto mais uma donzela guardada por uma dueña vaidosa.

Clavijo entendeu que primeiro precisava ganhar a guarda. Deu à Trifaldi pequenos presentes, cantou versos à janela, lançou promessas impossíveis e fez a velha acreditar em doçuras que depois ela própria condenou. A condessa deteve-se contra os poetas lascivos, as seguidilhas e as frases de amor que dizem morrer vivendo e arder no gelo, até lembrar que seu pecado principal vinha de sua simplicidade. Tornou-se medianeira, e assim Clavijo entrou mais de uma vez no aposento de Antonomasia sob título de verdadeiro esposo. Quando certo inchaço revelou perigo de segredo, os três decidiram que o cavaleiro reclamaria a infanta diante do vigário, munido de uma cédula matrimonial composta pela dueña. O vigário viu o papel, tomou confissão da senhora e mandou depositá-la em casa de alguacil honrado, ponto em que Sancho se espantou ao saber que Candaya também tinha alguacis, poetas e seguidilhas.

# Capítulo 98 - As barbas de Malambruno

## Capítulo 98 - As barbas de Malambruno

A cada palavra de Sancho, a duquesa sentia novo prazer e Dom Quixote nova impaciência. Mandado o escudeiro ao silêncio, a Dolorida continuou. Depois de muitas perguntas e respostas, como a infanta permanecesse firme em sua declaração, o vigário sentenciou em favor de Dom Clavijo e entregou-lhe Antonomasia por esposa legítima. A notícia feriu dona Maguncia com tal desgosto que, em três dias, a rainha foi enterrada. Sancho observou que então devia ter morrido, e Trifaldim respondeu que em Candaya se enterravam mortos, não vivos. O escudeiro replicou que já se vira gente desmaiada ir à sepultura por engano, e que a rainha teria feito melhor em desmaiar, pois com vida se remedeiam muitas coisas.

Sancho ainda defendeu o casamento. Se a infanta se tivesse entregado a paje ou criado baixo, o dano pareceria maior; casada com cavaleiro tão gentil e entendido, a necedade diminuía. Pelas regras de Dom Quixote, assim como letrados podem virar bispos, cavaleiros, sobretudo andantes, podem subir a reis e imperadores. Dom Quixote concedeu a razão, dizendo que um cavaleiro andante com dois dedos de ventura está muito próximo dos maiores senhorios do mundo. Depois pediu que a Dolorida prosseguisse, pois já pressentia parte amarga naquela história que até então vinha adoçada por galanteria, música e casamento.

A condessa confirmou que o amargo mal começava. Mal haviam coberto a rainha com terra e dado o último adeus, apareceu sobre a sepultura um gigante em cavalo de madeira. Era Malambruno, primo irmão de Maguncia, cruel e encantador. Vinha vingar a morte da

rainha, castigar a ousadia de Clavijo e punir a demasia de Antonomasia. Com suas artes, deixou os amantes presos no próprio túmulo: ela transformada em macaca de bronze, ele em horrendo crocodilo de metal desconhecido. Entre ambos levantou padrão também metálico, escrito em língua siríaca e traduzido para o candaiês e depois para o castelhano.

A inscrição declarava que os dois amantes atrevidos só recobrariam a primeira forma quando o valoroso manchego viesse às mãos com Malambruno em batalha singular. Feito isso, o gigante sacou largo alfanje, tomou a Trifaldi pelos cabelos e fingiu cortar-lhe a garganta. A condessa, sem voz no começo, reuniu forças e disse tantas razões que a execução ficou suspensa. Malambruno mandou trazer todas as dueñas de palácio, aquelas mesmas que ali estavam, e depois de exagerar a culpa delas, as más artes e os vícios atribuídos ao ofício, declarou que não lhes daria morte rápida. Preferia pena alongada, uma morte civil e contínua.

No mesmo instante, segundo contou a Dolorida, todas sentiram os poros do rosto abrirem-se e picarem como se agulhas miúdas nascessem da pele. Levaram as mãos às faces e encontraram o castigo. Nesse ponto, a condessa e suas companheiras levantaram os véus. Apareceram rostos cobertos de barbas, umas loiras, outras negras, outras brancas, outras misturadas. O duque e a duquesa fizeram demonstração de espanto, Dom Quixote e Sancho ficaram pasmados, e os demais presentes sustentaram a surpresa como podiam, embora muitos conhecessem a maquinaria daquela invenção palaciana.

A Trifaldi prosseguiu dizendo que Malambruno cobrira a delicadeza de seus rostos com aspereza de cerdas. Antes aceitariam perder a cabeça pelo alfanje do gigante que trazer aquela penugem desonrosa diante do mundo. Perguntou aonde poderia ir uma dueña com barba, que pai ou mãe se compadeceria dela, quem lhe daria ajuda. Mesmo com rosto

liso, castigado por unguentos e preparos, uma dueña mal acha quem a queira bem; com a face tomada por matagal de pelo, restava-lhe esconder-se da luz e da conversação humana. Ao dizer isso, a condessa ergueu lamentação contra a hora em que nascera e deu sinais de desmaio.

# Capítulo 99 - Clavileño, o Alígero

## Capítulo 99 - Clavileño, o Alígero

O narrador interrompe a aventura para louvar Cide Hamete, atento até às miudezas da história, pois nada deixa escondido quando se trata de pensamentos, dúvidas e imaginações. Assim que Sancho viu a Dolorida com sinais de desmaio, jurou pela vida dos Panzas que nunca vira caso semelhante. Maldizia Malambruno por escolher castigo tão impertinente. Se queria punir aquelas pecadoras, dizia ele, podia tirar metade dos narizes, ainda que falassem fanhosas; pôr barba em dueñas era condená-las a despesa impossível, porque nenhuma delas parecia ter dinheiro para pagar barbeiro bastante.

Uma das doze respondeu que a verdade estava com ele. Não possuíam bens para manter rostos limpos, e algumas já recorriam a emplastros pegajosos: colavam-nos na face, puxavam de golpe e ficavam lisas como fundo de almofariz. Havia em Candaya mulheres que passavam de casa em casa arrancando pelos, compondo sobrancelhas e vendendo outras receitas, porém as dueñas da condessa não as admitiam, por cheirarem a medianeiras de amores. Se Dom Quixote não as socorresse, iriam à sepultura barbudas. O cavaleiro prometeu que antes raparia a própria barba em terra de mouros que deixar aquelas senhoras sem remédio.

A promessa trouxe a Trifaldi de volta aos sentidos. Ela disse que o som daquelas palavras penetrara seu desmaio e a fizera recobrar a alma. Pediu então que a generosa intenção se convertesse em obra. Dom Quixote respondeu que por ele nada faltaria, e a Dolorida explicou o caminho. Daquele castelo ao reino de Candaya havia cinco mil léguas por terra, talvez duas a mais ou a menos; pelo ar, em linha reta, eram três mil duzentas e vinte e sete. Malambruno prometera enviar,

quando surgisse o libertador, montaria mais apta que cavalos de aluguel: o mesmo cavalo de madeira com que Pierres levara a linda Magalona.

A máquina se governava por uma clavija na testa, servindo de freio. Voava com tanta ligeireza que parecia levada por demônios, embora caminhasse tão lisa e repousada que o passageiro poderia segurar uma taça cheia sem derramar gota. Fora obra de Merlim, emprestada a Pierres para grandes jornadas, e depois ficara em poder de Malambruno, que a usava para estar hoje ali, amanhã na França e depois em Potosí. Não comia, não dormia, não gastava ferraduras e não precisava de asas. Sancho concedeu que, para andar calmo, seu rucio competia com qualquer montaria, ainda que se contentasse com a terra.

A Dolorida afirmou que, se Malambruno desejasse dar fim à desgraça, antes de meia hora de noite o cavalo estaria ali. Sancho perguntou quantos cabiam nele. Dois, respondeu ela: um na sela e outro na garupa, geralmente cavaleiro e escudeiro quando faltava donzela raptada. Perguntou depois o nome. A condessa explicou que não se chamava Pégaso, Bucéfalo, Brilladoro, Baiarte, Frontino nem Orelia. Sancho apostou que também não teria nome tão próprio quanto Rocinante. Trifaldi concordou com a grandeza do nome do cavalo de Dom Quixote, mas disse que o seu convinha muito bem: Clavileño, o Alígero, por ser de madeira, mover-se por clavija e correr leve no ar.

Sancho quis saber por que freio se conduzia semelhante aparelho. A condessa repetiu que bastava virar a clavija para um lado ou outro, fazendo-o subir, descer, rasar a terra ou seguir pelo meio, que é sempre caminho aconselhável nas ações ordenadas. O escudeiro declarou que gostaria de vê-lo, porém subir nele, na sela ou na garupa, seria pedir peras ao olmo. Mal se sustentava no rucio, com albarda mais branda que seda; em tábua nua, sem almofada, não se moeria

para tirar barba de ninguém. Além disso, parecia-lhe injusto que cavaleiros ficassem com a fama e escudeiros com o trabalho. Dom Quixote poderia ir sozinho; ele ficaria com a duquesa e talvez, nos tempos vagos, adiantasse alguns açoites de Dulcineia.

A Trifaldi respondeu que sem Sancho nada se faria. A duquesa censurou a má vontade dele contra dueñas, e doña Rodríguez, sentindo-se chamada, lembrou que boas ou más, barbudas ou lisas, todas nasceram de mães como as demais mulheres. Dom Quixote declarou confiar que Sancho obedeceria e que, diante de Malambruno, sua espada raparia do pescoço a cabeça do gigante com mais facilidade que navalha no rosto de dueña. A Dolorida ergueu então lamentação tão comovida sobre o gênero dueñesco, abominado por boticários, escudeiros e pajens, que arrancou lágrimas dos circunstantes e umidade dos olhos de Sancho. No coração, ele aceitou acompanhar o amo até o fim do mundo se disso dependesse livrar aqueles rostos veneráveis de sua lã.

# Capítulo 100 - O voo sem sair do jardim

## Capítulo 100 - O voo sem sair do jardim

Chegou a noite, e com ela a hora marcada para a vinda de Clavileño. A demora já inquietava Dom Quixote, que temia não ser o cavaleiro guardado para tamanha aventura ou que Malambruno desistisse de confiar-lhe o combate. De repente entraram no jardim quatro selvagens cobertos de hera, trazendo aos ombros um grande cavalo de madeira. Puseram-no de pé, e um deles declarou que subisse naquela máquina o cavaleiro capaz de remediar a Dolorida e suas companheiras. O escudeiro deveria ir na garupa, ambos de olhos cobertos, e o cavalo relincharia quando o voo terminasse.

Sancho respondeu que não subiria, nem de boa vontade nem de má. Se o rapamento das dueñas dependia dele, procurassem outro escudeiro ou outro modo de remédio. Pensava na ilha prometida: de Candaya até ali, se o cavalo se cansasse ou o gigante se zangasse, poderiam gastar meia dúzia de anos, e nesse tempo ninguém mais se lembraria de seu governo. O duque garantiu que a ilha tinha raízes fundas e não se moveria do lugar. A Dolorida, com as barbas e as lágrimas de todas, suplicou que ele não faltasse. Vencido mais pelo constrangimento que pelo ânimo, Sancho admitiu subir, desde que o amo fosse primeiro e desde que Deus cuidasse da viagem.

Antes da partida, Dom Quixote levou Sancho à parte entre as árvores. Como a jornada seria longa e de volta incerta, queria que o escudeiro se retirasse um instante e aplicasse a si mesmo quinhentos açoites por conta dos três mil e trezentos de Dulcineia. Sancho julgou a proposta desatinada. Ia sentar-se em tábua dura, sem saber se voltaria vivo, e o amo ainda lhe pedia que castigasse as carnes antes de montar.

Prometeu cumprir a penitência no tempo devido, mas naquela hora não daria golpe nenhum. Dom Quixote aceitou a palavra, consolado por considerar Sancho tolo em muitas coisas, porém capaz de cumprir o que afirmava.

Dom Quixote subiu em Clavileño, achou a clavija fácil de mover e ficou com as pernas pendentes, como figura de triunfo romano em pano de Flandres. Sancho subiu devagar, acomodou-se na garupa e logo pediu ao duque algum coxim, ainda que fosse do estrado da duquesa ou do leito de um pajem, pois aquelas ancas pareciam mármore. Trifaldi disse que Clavileño não admitia adorno algum, e sugeriu que ele se sentasse de lado para sofrer menos. Sancho obedeceu, despediu-se de todos, deixou-se vendar, tornou a descobrir os olhos por medo, pediu paternostros e ave-marias, e recebeu repreensão de Dom Quixote por se portar como homem na forca.

Quando os olhos ficaram cobertos, Dom Quixote tocou a clavija. Imediatamente as dueñas e os presentes levantaram vozes, gritando que o cavaleiro e o escudeiro já rompiam os ares com velocidade de seta e causavam espanto a quem os olhava da terra. Sancho apertou o amo e perguntou como aquelas vozes chegavam tão perto se já iam tão alto. Dom Quixote explicou que tais voos saíam dos cursos ordinários, permitindo ouvir a mil léguas. Grandes foles sopravam vento sobre os dois, e o cavaleiro julgou estar chegando à segunda região do ar, onde se formavam granizo e neve. Depois, estopas acesas em varas aqueceram-lhes os rostos, e Sancho acreditou haver chegado à região do fogo, pois parte da barba lhe parecia chamuscada.

O duque, a duquesa e o mordomo, satisfeitos com a máquina inteira da burla, deram-lhe fim. Puseram fogo na cauda de Clavileño, cheio de foguetes troadores. O cavalo explodiu com estrondo, lançou Dom Quixote e Sancho ao chão meio chamuscados, e nesse instante todo o esquadrão barbado desapareceu. Os demais fingiram desmaio pelo

jardim. Levantando-se maltreitos, cavaleiro e escudeiro viram uma lança cravada no solo, com pergaminho preso por cordões verdes. Nele se lia que Dom Quixote acabara a aventura da condessa Trifaldi somente por tentá-la; Malambruno se dava por satisfeito, as dueñas estavam lisas, Clavijo e Antonomasia retornavam a seu primeiro estado, e Dulcineia seria livre quando se cumprisse o castigo escuderil.

Dom Quixote entendeu a alusão a Dulcineia e agradeceu ao céu por tamanho feito com tão pouco perigo. O duque, recobrando-se como quem desperta de sono pesado, abraçou o cavaleiro e chamou-o o melhor de todos os séculos. Sancho, porém, procurava a Dolorida para ver se sem barba era tão formosa quanto prometia o porte. Disseram-lhe que ela e as companheiras haviam sumido já rapadas. Perguntado pela duquesa sobre o longo voo, contou que espiara por baixo do lenço e vira a terra pequena como grão de mostarda, com homens do tamanho de avelãs. A duquesa objetou que um homem cobriria toda a terra se as proporções fossem essas, mas Sancho respondeu que encantamento permite ver todo por uma fresta.

Animado pela própria mentira, acrescentou que chegara tão perto do céu que lhe faltava palmo e meio para tocá-lo. Viu as sete cabrinhas, lembrou seus tempos de cabreiro, desceu de Clavileño sem dizer nada a ninguém e brincou quase três quartos de hora com elas, que tinham cores de flores: duas verdes, duas encarnadas, duas azuis e uma misturada. O duque perguntou se havia também bode entre elas, e Sancho respondeu que ouvira dizer que nenhum passava dos cornos da lua. Não quiseram interrogá-lo mais, para que não passeasse por todos os céus sem ter saído do jardim. Dom Quixote então lhe disse ao ouvido que, se Sancho queria crédito para o que vira no alto, deveria conceder crédito ao que o amo vira na cova de Montesinos.

# Capítulo 101 - Conselhos para a ilha

## Capítulo 101 - Conselhos para a ilha

O feliz sucesso da aventura da Dolorida deixou os duques tão contentes que decidiram levar adiante as burlas. Tinham diante de si matéria adequada para que tudo parecesse verdadeiro, e por isso deram ordens a criados e vassalos sobre o modo como deveriam receber Sancho no governo da ilha prometida. No dia seguinte ao voo de Clavileño, o duque mandou que o escudeiro se arrumasse, pois seus insulanos o esperavam como água de maio. Sancho inclinou-se e respondeu que, depois de haver descido do céu e visto a terra reduzida a grão de mostarda, perdera parte do apetite de mandar. Que grandeza havia em governar meia dúzia de homens do tamanho de avelãs? Se o duque pudesse dar-lhe meio pedaço de céu, ainda que fosse pequeno, ele o receberia com mais gosto que a maior ilha do mundo.

O duque respondeu que céu só Deus concede. O que podia dar era uma ilha feita e direita, redonda, fértil e abundante, onde Sancho poderia ganhar riquezas da terra e talvez, sabendo conduzir-se, as do céu. O escudeiro aceitou a condição: queria provar o sabor de ser governador, sem cobiça de sair de suas casinhas nem erguer-se a maiores. O duque garantiu que mandar e ser obedecido eram coisas dulcíssimas. Disse ainda que Sancho iria vestido em parte como letrado e em parte como capitão, pois no governo eram necessárias letras e armas. Sancho respondeu que letras tinha poucas, pois nem sabia o abecê, mas trazia o Christus na memória e manejaria as armas que lhe dessem até cair, Deus adiante.

Dom Quixote chegou nesse ponto e, sabendo da pressa com que Sancho partiria, pediu licença ao duque e levou o escudeiro para o aposento. Fechou a porta, fê-lo sentar-se quase à força e, com voz

repousada, deu graças ao céu por ver a boa ventura encontrar Sancho antes de encontrar a ele próprio. Outros subornam, madrugam, pedem e porfiam sem alcançar cargo algum; Sancho, que para o amo continuava simples como cepo, via-se governador sem diligência, apenas tocado pelo sopro da cavalaria andante. Por isso não deveria atribuir a mercê aos próprios méritos, e sim agradecer primeiro ao céu e depois à grandeza da profissão que o levara até ali. Cargos altos, advertiu Dom Quixote, parecem honra, mas são golfo fundo de confusões.

O primeiro conselho foi temer a Deus, porque no temor divino está a sabedoria. O segundo foi conhecer a si mesmo, o conhecimento mais difícil de todos. Desse saber nasceria a contenção contra o inchaço da rã que quis igualar-se ao boi; bastaria lembrar, quando a soberba subisse, que guardara porcos em sua terra. Dom Quixote mandou também que Sancho fizesse gala da humildade de sua linhagem. Não devia envergonhar-se de dizer que vinha de lavradores; quem se mostra sem vergonha justa tira dos outros a vontade de envergonhá-lo. Mais valia ser humilde virtuoso que soberbo pecador. A virtude se conquista, enquanto o sangue apenas se herda, e por isso vale sozinha mais que brasões herdados sem obra.

Se algum parente o visitasse na ilha, Sancho deveria recebê-lo, honrá-lo e ampará-lo, pois ninguém deve desprezar o que a natureza fez. Se Teresa fosse com ele, convinha instruí-la e polir sua rudeza, porque uma mulher imprudente pode dissipar o que um governador prudente ganha. Se enviuvasse e melhorasse de consorte por causa do cargo, que não tomasse mulher usada como anzol para presentes, pois aquilo que a mulher do juiz recebe pesa também na conta do marido. Não deveria seguir lei de capricho, comum entre ignorantes que se creem agudos. As lágrimas do pobre mereciam compaixão, porém não mais justiça que as alegações do rico; a verdade devia ser buscada tanto por entre dádivas e promessas quanto por entre soluços e

importunações.

Dom Quixote aconselhou que, quando coubesse equidade, Sancho não despejasse todo o rigor da lei sobre o culpado, pois a fama do juiz compassivo vale tanto quanto a do rigoroso. Se um dia dobrasse a vara da justiça, que fosse pelo peso da misericórdia, nunca pelo peso da dádiva. Em pleito de inimigo, afastasse a lembrança da injúria e pusesse os olhos no caso. Em causa alheia, não se deixasse cegar por paixão própria, porque erro de juiz raramente tem remédio sem custo de crédito e fazenda. Se mulher formosa viesse pedir decisão, tirasse os olhos das lágrimas e os ouvidos dos suspiros, examinando devagar a substância do pedido. Ao castigado por obras, não somasse palavras más; ao culpado, considerasse homem miserável, sujeito à natureza comum. Seguindo tais preceitos, teria vida longa, fama firme, filhos bem encaminhados e morte suave na velhice. Aqueles eram conselhos para a alma; depois viriam os do corpo.

# Capítulo 102 - Os segundos conselhos

## Capítulo 102 - Os segundos conselhos

Quem ouvisse os conselhos que Dom Quixote dera a Sancho dificilmente deixaria de tomá-lo por homem ajuizado e bem-intencionado. A loucura saltava-lhe quando se tocava na cavalaria; fora disso, seu entendimento corria claro e solto, de modo que as obras desacreditavam o juízo e o juízo desacreditava as obras. Sancho escutava com grande atenção, procurando guardar na memória cada aviso, pois esperava parir bem a gravidez de seu governo. Dom Quixote, vendo-o aplicado, continuou a instrução, descendo agora das regras da alma para as do corpo, da casa e do trato cotidiano.

Primeiro mandou que fosse limpo e cortasse as unhas, sem deixá-las crescer como garras de ave, abuso que alguns confundem com sinal de nobreza. Depois aconselhou que andasse bem cingido e composto, porque roupa frouxa dá notícia de ânimo descuidado. Se o ofício permitisse dar libré aos criados, fosse honesta e útil, repartindo o gasto entre servidores e pobres, para ter criados no céu e no chão. Proibiu alho e cebola, para que o cheiro não denunciasse rusticidade; pediu passo vagaroso, fala repousada, pouca comida, ceia menor ainda, temperança no vinho, boca sem mastigar de dois lados e respeito diante dos outros quando viesse vontade de soltar ar do estômago.

Sancho não entendeu o termo mais elegante que o amo usou para esse último costume. Dom Quixote explicou que a palavra fina enriquecia a língua e poupava ouvidos delicados. Sancho prometeu adotá-la, embora confessasse cair muitas vezes no vício antigo. Em seguida veio a grande batalha dos refrãos. Dom Quixote advertiu que eles são sentenças breves quando aparecem no ponto certo, porém, trazidos

pelos cabelos, rebaixam a conversa. Sancho respondeu que sabia mais refrãos que um livro e que eles brigavam à porta da boca, querendo sair todos juntos. No mesmo fôlego, soltou vários, provando o mal que prometia corrigir.

Dom Quixote repreendeu-o com impaciência. Dizia para evitar refrãos, e Sancho os enfiava como contas de rosário. Ainda assim prosseguiu: ao montar, não deveria pender sobre a traseira da sela nem esticar as pernas como quem vai no rucio; o sono seria moderado, pois a diligência é mãe da boa ventura; jamais deveria disputar linhagens, porque quem compara famílias desagrada ao rebaixado e nada ganha com o exaltado; por fim, o traje de governador deveria ser grave, com calça inteira, ropão comprido e capa honesta, sem calções largos de aparato, impróprios para cavaleiros e governadores.

Sancho reconheceu que tudo era bom, santo e proveitoso, mas perguntou de que serviria se nada lhe ficava na cabeça. O corte das unhas e a possibilidade de casar de novo, caso a vida desse ocasião, talvez se conservassem no miolo; o resto passaria como nuvem velha. Pediu que os conselhos fossem dados por escrito, para entregá-los ao confessor, que os leria quando necessário. Dom Quixote lamentou que um governador não soubesse ler nem escrever e pediu ao menos que aprendesse a assinar. Sancho respondeu que já fazia certas letras grandes, aprendidas quando fora prioste, e que, se precisasse, fingiria mão direita aleijada para outro firmar por ele. Com mando e vara, acreditava, quase tudo se remedeia.

A segurança trouxe nova enxurrada de ditos. Sancho declarou que ninguém o enganaria, que rico passa por sábio, que quem se faz de mel é comido por moscas e que tanto vale o homem quanto tem. Dom Quixote, vencido pela torrente, amaldiçoou refrãos e refraneiro, dizendo que um dia aquilo lhe tiraria o governo ou o levaria à forca. Sancho defendeu sua única fazenda: se não possuía letras, possuía

refrãos. Disse ainda que tinha quatro perfeitamente ajustados ao caso, embora prometesse calar por prudência; mal terminou a promessa, revelou todos, comparando governador a moinho, cântaro, pedra e casa alheia. Dom Quixote corrigiu o desarranjo com tristeza e concluiu que, se Sancho governasse mal, a culpa seria do escudeiro e a vergonha, do amo.

Sancho então ofereceu soltar o cargo ali mesmo se Dom Quixote o julgasse incapaz. Preferia um mínimo de salvação da alma a todo o corpo com título; viveria Sancho simples, com pão e cebola, melhor que governador com perdizes e capões, se o ofício o levasse ao inferno. Ao ouvir isso, Dom Quixote mudou de tom. Por aquelas últimas razões, julgava que Sancho merecia governar mil ilhas. Havia nele bom natural, sem o qual ciência nenhuma presta. Bastava encomendar-se a Deus e manter intenção firme de acertar em todos os negócios, porque o céu favorece os bons desejos. Encerrados os avisos, foram comer, pois os duques já deviam estar esperando.

# Capítulo 103 - A partida de Sancho e a janela

## Capítulo 103 - A partida de Sancho e a janela

Cide Hamete, ao chegar a esta altura, queixou-se da estreiteza de escrever sempre sobre Dom Quixote e Sancho, sem poder abrir novelas soltas como fizera na primeira parte. Reconhecia que histórias à parte davam descanso ao autor e variedade ao leitor, mas nesta segunda saída preferia episódios nascidos dos próprios sucessos, limitados ao necessário, para que ninguém desprezasse seu trabalho nem deixasse de louvar também o que ele soubera deixar fora. Assim prosseguiu a narração: depois de comer, Dom Quixote entregou a Sancho os conselhos por escrito. O papel caiu nas mãos do duque, que o leu com a duquesa, e ambos se admiraram outra vez da mistura de juízo e desvario. Na mesma tarde, enviaram Sancho com grande acompanhamento ao lugar que lhe serviria de ilha.

O encarregado de conduzi-lo era o mordomo do duque, homem discreto e gracioso, o mesmo que representara a condessa Trifaldi. Assim que Sancho o viu, reconheceu naquele rosto a Dolorida. Disse a Dom Quixote que ou o diabo o levasse naquele instante, justo e crente, ou o amo confessasse que a cara do mordomo era a mesma da condessa. Dom Quixote olhou e respondeu que o rosto podia ser igual sem que o mordomo fosse a Dolorida; afirmar o contrário criaria contradição grande, matéria imprópria para a hora. Melhor seria pedir a Deus que os livrasse de maus encantadores. Sancho calou, mas prometeu andar atento a qualquer sinal que confirmasse ou desfizesse a suspeita.

Partiu vestido a modo de letrado, com largo gabão de chamelote leonado e montera da mesma fazenda, montado em macho bem

aparelhado. Atrás dele seguia o rucio, por ordem do duque, ornado com arreios jumentis de seda, e Sancho voltava a cabeça a todo momento para mirá-lo, tão satisfeito com aquela companhia que não trocaria lugar com imperador. Despediu-se dos duques, beijou-lhes as mãos e recebeu a bênção de Dom Quixote, que a deu chorando; Sancho a tomou com beiço trêmulo. Mal o escudeiro se afastou, Dom Quixote sentiu a ausência. A duquesa percebeu a melancolia e ofereceu criados, dueñas e donzelas para servi-lo. Ele aceitou apenas a boa vontade, pedindo que dentro do aposento pudesse servir-se sozinho.

A duquesa insistiu com quatro donzelas formosas. Dom Quixote recusou, dizendo que para ele seriam espinhos, não flores. Queria erguer muro entre os desejos e a honestidade guardada para Dulcineia, e antes dormiria vestido que permitiria que alguém o despisse. A duquesa respondeu que nem uma mosca entraria na sua câmara, quanto menos uma donzela, pois não desejava diminuir a decência do cavaleiro. Louvou Dulcineia por merecer amor tão casto e pediu aos céus que Sancho terminasse logo os açoites, para que o mundo voltasse a gozar a beleza daquela senhora. Dom Quixote agradeceu a defesa de sua dama, aceitou jantar e afirmou que Clavileño fora montaria tão repousada que ainda não entendia por que Malambruno a queimara.

A duquesa explicou que talvez o encantador, arrependido do mal feito, resolvera destruir o principal instrumento de suas artes, deixando o valor de Dom Quixote eternizado nas cinzas do cavalo e no letreiro do jardim. O cavaleiro agradeceu de novo e, depois da ceia, recolheu-se só. À luz de duas velas, começou a despir-se e, ao tirar a meia, sofreu desgraça indigna de sua pessoa: soltaram-se quase duas dúzias de pontos, abrindo carreira larga no verde. A pobreza do hidalgo inteiro pareceu concentrar-se naquele rasgão. Cide Hamete lamentou a miséria dos bem-nascidos, obrigados a disfarçar sapatos gastos, botões desencontrados, golas pobres e fome escondida sob palito de dentes levado à rua como prova de almoço inexistente.

Dom Quixote ficou aflito com a meia, embora se consolasse ao ver umas botas de caminho deixadas por Sancho, capazes de encobrir no dia seguinte o dano. Deitou-se pensativo, sentindo falta do escudeiro e o golpe irreparável da roupa. O calor não o deixava dormir. Apagou as velas, levantou-se e abriu um pouco a janela gradeada que dava para belo jardim. Lá embaixo ouviu vozes. Uma moça, chamada Altisidora, recusava-se a cantar, dizendo que desde a chegada do estrangeiro ao castelo só sabia chorar; a amiga Emerência insistia, pois o senhor de seu coração acabara de abrir a janela e devia estar acordado. Altisidora temia que seu canto revelasse amor e a fizesse parecer leviana, mas decidiu arriscar a vergonha.

Uma harpa soou suavemente. Dom Quixote, ao ouvi-la, lembrou aventuras de livros de cavalaria em janelas, jardins, músicas e amores secretos. Imaginou que alguma donzela da duquesa se apaixonara por ele e que a honestidade a obrigava a cantar escondida. Temendo render-se, encomendou-se a Dulcineia e deu um falso espirro para mostrar que escutava. Altisidora começou um romance de queixa amorosa: chamava-o cavaleiro valente, honesto e bendito; acusava-o de ferir e negar remédio; invejava Dulcineia; prometia cofias, escarpins, calças finas, pérolas e humildes serviços; declarava ter catorze anos e três meses, não ser manca nem coxa, possuir cabelos longos, dentes estimáveis e nome conhecido naquela casa.

Terminado o canto, Dom Quixote suspirou como quem sofre agravo. Em pensamento, lamentou que toda donzela que o mirasse se enamorasse dele e que a pobre Dulcineia não pudesse gozar em paz a firmeza de seu coração. Pediu que rainhas, imperatrizes e moças de catorze para quinze anos deixassem a dama triunfar sozinha. Para Dulcineia, dizia ele, era feito de brandura; para as demais, de pedra. Só ela lhe parecia formosa, discreta, honesta e bem-nascida, pois a natureza o lançara ao mundo para pertencer a uma única senhora. Com essa resolução, fechou a janela de golpe, deitou-se despeitado e

pesaroso, enquanto a história o deixa ali por um momento para atender ao grande Sancho Pança, prestes a iniciar seu famoso governo.

# Capítulo 104 - O governo de Baratária

## Capítulo 104 - O governo de Baratária

Invocado o sol para iluminar a narração do governo de Sancho Pança, a história conta que ele chegou, com todo o acompanhamento, a um lugar de cerca de mil vizinhos, um dos melhores domínios do duque. Fizeram-lhe crer que se chamava ilha Baratária, talvez por nome antigo do lugar, talvez pelo barato com que recebera o governo. À porta da vila cercada saiu o regimento local para recebê-lo; tocaram sinos, os vizinhos mostraram alegria, levaram-no com pompa à igreja maior para dar graças a Deus e, depois de cerimônias ridículas, entregaram-lhe as chaves. A roupa, a barba, a gordura e a pequena estatura do novo governador admiravam quem ignorava a burla e até muitos que a conheciam.

Tirado da igreja, Sancho foi levado à cadeira do juízo. O mordomo explicou que havia costume antigo: todo governador, ao tomar posse daquela ilha, devia responder a uma pergunta intricada, para que o povo medisse seu engenho e se alegrasse ou entristecesse com a chegada. Enquanto ouvia, Sancho olhava umas letras grandes na parede. Como não sabia ler, perguntou que pinturas eram aquelas. Responderam que ali se anotava o dia em que o senhor dom Sancho Pança tomara posse. Sancho quis saber a quem chamavam dom Sancho. Quando lhe disseram que a ele, advertiu que não tinha dom, nem o tivera seu pai, nem seu avô, todos Panzas secos, sem dons nem donas. Talvez, disse, naquela ilha houvesse mais dons que pedras, mas ele escardaria tal mato se o governo durasse quatro dias.

Entraram então dois homens: um lavrador e um alfaiate com tesouras na mão. O alfaiate contou que o lavrador lhe levara um pedaço de pano e perguntara se dava para uma carapuça. Ele medira e respondera que

sim. O lavrador, desconfiando da má fama dos alfaiates, perguntou se daria para duas. O alfaiate percebeu a suspeita e continuou dizendo que sim. O outro foi aumentando: três, quatro, cinco. Agora vinha buscar as cinco carapuças e se recusava a pagar a feitura, querendo de volta o pano. Sancho mandou mostrar a obra. O alfaiate ergueu a mão e, em cada dedo, trazia uma carapucinha mínima. O governador pensou um pouco e sentenciou sem demora: o alfaiate perderia o trabalho, o lavrador perderia o pano, e as cinco carapuças seriam levadas aos presos da cadeia.

Riram todos do pleito e da sentença, mas cumpriu-se o mandado. Logo vieram dois velhos. Um reclamava dez escudos de ouro emprestados ao outro, sem testemunhas. O devedor confessou o empréstimo e pediu licença para jurar que pagara. Antes de pôr a mão na vara do governador, entregou ao credor uma cana que usava como báculo, como se o objeto o atrapalhasse. Jurou então que recebera os dez escudos e os devolvera de sua mão à mão do outro. O credor, tomando-o por homem de bem, aceitou o juramento e se deu por esquecido. O devedor pegou de volta o báculo e ia saindo quando Sancho, depois de breve pensamento, mandou chamá-lo. Pediu a cana, entregou-a ao credor e disse que ele já estava pago.

Todos estranharam, e Sancho ordenou que a cana fosse quebrada ali mesmo. Dentro dela apareceram os dez escudos em ouro. Os presentes tiveram o governador por novo Salomão. Perguntado de onde tirara a suspeita, explicou que vira o velho entregar o báculo no momento exato do juramento e dizer que devolvera o dinheiro de sua mão à mão do credor; quando tomou a cana outra vez, ficou claro onde escondia a paga. Concluíram que Deus às vezes guia quem governa, mesmo sendo simples, e Sancho acrescentou que ouvira caso parecido ao cura de sua aldeia. O escrivão, encarregado de registrar palavras e movimentos do governador, já não sabia se devia tê-lo por tolo ou por discreto.

Acabado esse caso, entrou uma mulher segurando com força um homem vestido como ganadeiro rico. Gritava por justiça, dizendo que, se não a achasse na terra, iria buscá-la no céu. Acusava o homem de tê-la encontrado no campo, aproveitado seu corpo contra a vontade e levado aquilo que ela guardara por mais de vinte e três anos, defendendo-se de todos. Sancho observou que ainda se apuraria se o acusado tinha mãos limpas. O homem, turbado, disse ser pobre criador de porcos, voltando da venda de quatro animais, dos quais impostos e cobranças quase tinham comido o preço. Encontrara aquela mulher no caminho; ambos consentiram no trato, ele pagara o suficiente, e ela, insatisfeita, agarrou-o e levou-o até o juízo, inventando força onde houvera acordo.

Sancho perguntou se ele trazia dinheiro. O ganadeiro confessou ter vinte ducados em bolsa de couro. O governador mandou entregá-la inteira à querelante. A mulher recebeu a bolsa, fez reverências, abençoou Sancho como amparo de órfãs, pobres e donzelas, conferiu a prata e saiu. Assim que ela passou a porta, Sancho ordenou ao homem que fosse atrás dela, tirasse a bolsa à força e voltasse. Ele partiu como raio. Pouco depois retornaram agarrados, ela com a saia erguida em regaço, prendendo a bolsa como tesouro, ele sem conseguir arrancá-la. A mulher berrava que até em plena rua o desalmado tentara roubar aquilo que o governador lhe dera. Sancho perguntou se ele conseguira. Ela respondeu que antes perderia a vida que a bolsa; nem tenazes, martelos ou garras de leões a fariam soltá-la.

O homem admitiu que suas forças não bastavam. Sancho pediu a bolsa, devolveu-a ao ganadeiro e disse à mulher que, se tivesse mostrado para defender o corpo o mesmo alento usado para defender o dinheiro, nem Hércules a venceria. Mandou que saísse da ilha e de seis léguas ao redor, sob pena de duzentos açoites, chamando-a embusteira e desavergonhada. Ao homem, recomendou que voltasse para sua aldeia com o dinheiro e que, se não quisesse perdê-lo, evitasse

dali em diante semelhantes encontros. Os presentes ficaram de novo admirados com as sentenças do novo governador. Tudo foi anotado por seu cronista e enviado ao duque, que esperava notícias com grande desejo. A história deixa Sancho por ora, porque Dom Quixote, agitado pela música de Altisidora, chama novamente a atenção.

# Capítulo 105 - A cencerrada dos gatos

## Capítulo 105 - A cencerrada dos gatos

A noite de Dom Quixote passou entre suspiros, cuidados e a lembrança da música de Altisidora. Ao amanhecer, vestiu as botas de caminho para esconder a desgraça da meia, pôs o gabão de escarlata e tomou a montera de veludo verde com guarnição de prata. Pendurou a faixa com a boa espada, lançou o manto sobre os ombros e enfiou um grande rosário de contas. Caminhou pelo corredor com ar tão composto que parecia homem indo a conselho de guerra. Na antessala achou o duque e a duquesa já informados da serenata, pois Altisidora lhes contara tudo como parte da burla combinada.

Assim que a moça viu Dom Quixote, fingiu desmaio. A amiga Emerência amparou-a no colo e começou a desfazer-lhe o peito do vestido, como quem busca ar para coração ferido. Dom Quixote pediu que à noite pusessem um alaúde em seu quarto, pois pretendia consolar a donzela do melhor modo que conhecia: pela música e por uma desilusão honesta. A duquesa, satisfeita por ver o cavaleiro cair inteiro na rede, prometeu o instrumento. Passaram o dia em conversas, e nesse meio tempo a duquesa despachou um pajem à aldeia de Sancho, levando à mulher dele a carta do governador e o traje verde de caça que Sancho mandara de presente.

Chegada a noite, Dom Quixote recolheu-se. Achou no aposento uma vihuela, afinou-a o quanto pôde, chegou à grade da janela e percebeu movimento no jardim. Entendeu que a família da casa estava ali para ouvi-lo. Depois de limpar a garganta, começou a cantar romance composto por ele mesmo naquele dia. A canção aconselhava donzelas a ocupar mãos e pensamento em trabalhos honestos, costura, renda e agulha, para fugir de ociosidade e amores perigosos. Dizia que amor

recém-chegado costuma partir com igual ligeireza, que a alma livre não deve vender-se ao primeiro olhar e que só Dulcineia tinha senhorio legítimo sobre o cavaleiro que cantava.

Altisidora recebeu cada verso como nova ocasião de fingimento. A duquesa escutava, o duque preparava o desfecho e os criados já tinham ordens. Quando Dom Quixote chegou aos últimos acentos, começou de repente uma gritaria de sinos, chocalhos, campainhas e vozes tão forte que o castelo inteiro pareceu tomado por desordem. Ao mesmo tempo despejaram pela janela um saco cheio de gatos, cada um com guizo amarrado ao rabo. Os animais, assustados, correram pelo quarto, saltaram sobre móveis, derrubaram objetos e sopraram como demônios pequenos. Dom Quixote, tomando-os por feiticeiros, desembainhou a espada e começou a golpear sombras, móveis e a própria confusão.

Um dos gatos, mais feroz ou mais apavorado, lançou-se ao rosto do cavaleiro, agarrou-lhe o nariz com unhas e dentes e ficou preso ali como máscara viva. Dom Quixote gritava que o deixassem com o encantador malino para combatê-lo corpo a corpo. O duque, correndo ao quarto, abriu a porta com chave-mestra, e os criados entraram com luzes. Só então arrancaram o gato, que deixou arranhões e mordidas no rosto do pobre cavaleiro. Altisidora veio com panos e água, oferecendo curativos entre lamentos fingidos. Aproveitou para chamá-lo duro e ingrato, dizendo que todos aqueles males provinham de sua crueldade.

Dom Quixote respondeu, mesmo dolorido, que se o encantador-gato desejava alguma prenda, deveria aceitar os guizos, pois não arrancaria dele fidelidade alguma. Altisidora prometeu guardar um dos sinais daquela batalha como memória de amor mal pago. O duque e a duquesa sustentaram espanto e cuidado, embora mal pudessem conter o riso. O cavaleiro ficou cinco dias recolhido, tratando os arranhões e

meditando sobre a perseguição dos encantadores. Nesse tempo, Altisidora continuou a queixar-se pelos corredores, o castelo se divertiu com a façanha dos gatos, e Sancho, longe dali, ia descobrindo que governo pode ser mais trabalhoso que aventura.

# Capítulo 106 - O doutor Pedro Recio

## Capítulo 106 - O doutor Pedro Recio

A história volta a Sancho, que foi levado do tribunal a um palácio onde deveria jantar. As mesas estavam postas com fartura, e ele, depois de tantas sentenças, olhava os pratos como quem reconhece verdadeira razão de Estado. Mal se sentou, porém, aproximou-se um personagem de varinha na mão. A cada prato que punham diante do governador, o homem tocava nele e mandava retirá-lo. Frutas foram condenadas por úmidas; carnes quentes, por perigosas; perdizes, por agravarem certos humores; coelhos, por comida peluda; vitela, por pesada; a grande panela, orgulho da cozinha, também foi afastada, embora Sancho a olhasse como cidade perdida.

O censor dos pratos apresentou-se como doutor Pedro Recio de Agüero, natural de Tirteafuera, formado em medicina. Sua obrigação era conservar a saúde do governador, e para isso não deixaria que comesse coisa capaz de ofendê-lo. Explicou que os governadores vivem cercados de negócios, ardis, venenos e mudanças de humor; assim, convinha dar-lhes alimento leve, pouco e seguro. Sancho perguntou se afinal havia naquele jantar algo que não fosse suspeito. O doutor ofereceu algumas obreias e um pouco de marmelada, por serem sutis e confortativas. O governador sentiu que a fome lhe subia mais que a paciência.

Sancho pediu então um pedaço de pão e quatro libras de uvas, pois preferia coisa simples e conhecida a tanta ciência que matava pela prudência. Acrescentou que, se o doutor voltasse a tocar em sua comida com aquela vareta, ele próprio quebraria a vara e talvez o doutor junto dela. Mandou que o deixassem comer, porque a melhor medicina para governador faminto era dar-lhe de jantar. Pedro Recio

insistiu na obrigação de impedir excessos. Sancho respondeu que nenhum inimigo da ilha lhe parecia mais perigoso que médico capaz de matar de fome por zelo de saúde. Se persistisse, seria lançado em cadeia ou mandado para longe, onde poderia curar pedras e troncos.

Nesse ponto entrou um correio trazendo carta do duque. O papel avisava que inimigos ameaçavam a ilha naquela noite e que quatro pessoas disfarçadas buscavam tirar a vida de Sancho. Recomendava cautela com o que comesse e atenção aos rostos suspeitos. A notícia deu ao governador nova razão para olhar de lado o médico, que por pouco não foi tratado como envenenador oficial. Pediu ao secretário que guardasse a carta e mandou redobrar as rondas. Apesar de toda a ameaça, sua maior preocupação continuava sendo o vazio do estômago. Pediu novamente pão, queijo, fruta ou qualquer alimento que não precisasse de parecer de Salamanca.

O secretário tentou acalmá-lo dizendo que logo viriam negócios importantes. Sancho respondeu que de governo entendia pouco, mas de fome entendia muito, e que nenhuma ilha pode ser bem governada por barriga oca. Ainda assim, foi obrigado a receber um lavrador que entrava pedindo audiência. O homem, depois de rodeios intermináveis sobre sua aldeia, seus filhos, seu casamento e as graças de uma moça chamada Clara Perlerina, chegou enfim ao assunto. Queria que Sancho escrevesse ao sogro da pretendida, homem rico e orgulhoso, para que aceitasse seu filho como genro, embora o rapaz tivesse alguns defeitos de corpo e a moça, segundo o próprio lavrador, também viesse carregada de imperfeições.

Sancho escutava enquanto a fome lhe mordia por dentro. O lavrador multiplicava nomes, parentes, doenças e comparações, até que pediu também certa quantia, primeiro trezentos ducados, depois seiscentos, para ajudar no casamento. O governador entendeu que aquele homem não buscava justiça, conselho nem proteção da ilha, mas carta de

recomendação e dinheiro. Perguntou se todos os súditos vinham governar o governador antes que ele governasse a ilha. O lavrador ainda tentou explicar que era pobre, honrado e pai zeloso, e que a autoridade de Sancho resolveria a recusa da família Perlerina.

Então o novo governador, que se contivera diante do alfaiate, do credor e da mulher astuta, perdeu a compostura. Mandou o lavrador sair antes que levasse sobre si a vara e o resto da paciência. Disse que mal pusera o pé na ilha e já queriam arrancar-lhe cartas, dinheiro e comida. Se o homem desejava casamento, que tratasse com padres, parentes e moedas próprias; se desejava esmola, que a pedisse sem embrulhá-la em genealogia interminável. Os presentes riram, e o lavrador se retirou entre queixas e reverências, sem saber ao certo se fora atendido, repreendido ou apenas expulso pela fome oficial.

Sancho voltou-se ao doutor Pedro Recio e ao secretário. Declarou que, se sua primeira noite de governo começava com ameaça de morte, jantar roubado, médico tirânico e lavrador pedinte, a ilha Baratária prometia menos descanso que as estradas com Dom Quixote. Ainda assim, jurou cumprir o ofício o melhor que pudesse, desde que lhe dessem algo de comer antes de outra sentença. A narrativa deixa-o nesse ponto, entre cartas, alertas e prato vazio, porque no castelo o cavaleiro ferido pelos gatos receberia visita mais inesperada que o próprio encantador felino.

# Capítulo 107 - Doña Rodríguez à meia-noite

## Capítulo 107 - Doña Rodríguez à meia-noite

Dom Quixote passou seis dias sem sair a público, tratando os arranhões do gato e imaginando Altisidora ferida por amor. Uma noite, já deitado, sentiu que alguém abria a porta de seu quarto. Pôs-se sentado na cama, coberto da cabeça aos pés com colcha amarela e com ataduras no rosto, figura capaz de assustar quem viesse por devoção e não por medo. Supôs que a donzela entrava para tentar sua firmeza. Ergueu a voz e declarou que nenhuma beleza do mundo venceria a imagem de Dulcineia, senhora única de seu pensamento. A pessoa que entrava tropeçou no susto, deixou quase cair a vela e, depois de recobrar alento, revelou ser doña Rodríguez, dueña da duquesa.

A velha disse que vinha tratar de assunto grave e pediu que Dom Quixote não a recebesse com suspeitas. Ele, temendo novas armadilhas de encantadores, respondeu que também precisava estar seguro contra ataques à sua castidade, pois a hora, o silêncio e o quarto fechado aconselhavam recato. Doña Rodríguez garantiu não vir como intermediária de amor nem como tentação, mas como mulher aflita. Dom Quixote beijou-lhe a mão em sinal de segurança e conduziu-a até uma cadeira afastada da cama. Ele se cobriu todo, deixando apenas o rosto, e ela conservou vela e óculos, pronta a desabafar.

Contou que era natural das Astúrias de Oviedo e de bom sangue provincial, embora a pouca fortuna dos pais a tivesse levado jovem a Madrid, onde servira como criada de lavor em casa principal. Ali se enamorou dela um escudeiro de idade madura, barbudo, composto e montanhês, portanto fidalgo como o rei em sua própria opinião. A senhora da casa, para evitar murmurações, casou os dois em paz

diante da Igreja. Do matrimônio nasceu uma filha, e não muito depois morreu o marido, por causa de certo espanto que doña Rodríguez julgava necessário contar para se conhecer a pontualidade e a cortesia do defunto.

O caso fora em Madrid. O bom escudeiro levava a senhora à garupa de uma mula negra quando encontrou um alcalde de corte. Por excesso de cortesia, quis voltar para acompanhá-lo, esquecendo que trazia a própria senhora às ancas. Ela sussurrava que reparasse no lugar em que estava, mas ele insistia, gorra na mão, oferecendo reverência. Encolerizada, a senhora tirou do estojo um alfinete grande e cravou-lho nas costas. O escudeiro deu grito, torceu o corpo e derrubou a dama no chão. A rua inteira se alvoroçou; a história se espalhou; os meninos passaram a persegui-lo com risos. Por isso e por certa curta vista, a senhora o dispensou, e doña Rodríguez atribuía a esse desgosto a doença que o levou à morte.

Viúva, desamparada e com filha pequena, ela entrou depois ao serviço da duquesa, recém-casada, vindo para Aragão com a menina. A filha cresceu formosa e habilidosa: cantava, dançava, lia, escrevia, contava e tinha limpeza de água corrente. Contava agora dezesseis anos, alguns meses e poucos dias. Um filho de lavrador riquíssimo, morador em aldeia do duque, enamorou-se dela, prometeu casamento e a enganou sob essa palavra. Doña Rodríguez queixara-se muitas vezes ao duque, pedindo que obrigasse o rapaz a cumprir a promessa, mas o senhor fazia ouvido de mercador, pois o pai do moço lhe emprestava dinheiro e servia de fiador em dívidas frequentes.

Era por isso que a dueña procurava Dom Quixote. Queria que ele desfizesse o agravo por rogos ou por armas, como cavaleiro nascido para amparar miseráveis e endireitar injustiças. Para reforçar o pedido, elogiou a filha até colocá-la acima de todas as donzelas da casa. Altisidora, segundo ela, tinha mais presunção que beleza, mais soltura

que recato e até certo hálito cansado que tornava difícil ficar perto dela. Embalada pela confiança, ia falar também da duquesa. Dom Quixote pediu, por sua vida, que não escondesse a verdade. Doña Rodríguez então revelou que a formosura da senhora se devia primeiro a Deus e depois a duas fontes abertas nas pernas, por onde os médicos escoavam maus humores.

Dom Quixote se espantou com a notícia e disse que tais fontes, estando em pessoa tão alta, deveriam verter âmbar líquido, não matéria vil. Mal terminou a frase, as portas se abriram com pancada. A vela caiu, e o quarto ficou escuro como boca fechada. Duas figuras agarraram doña Rodríguez pela garganta para impedir-lhe o grito; outra lhe levantou as saias e começou a castigá-la com chinela, em silêncio. Dom Quixote, compadecido e confuso, não se moveu da cama, temendo que a mesma tunda viesse sobre ele. O medo acertou. Depois de moerem a dueña, os visitantes calados arrancaram-lhe a colcha e deram-lhe tantos beliscões que o cavaleiro tentou defender-se a socos no ar.

A batalha muda durou quase meia hora. Por fim, as figuras saíram como tinham entrado. Doña Rodríguez recolheu a roupa, gemeu sua desventura e deixou o quarto sem dizer palavra. Dom Quixote ficou sozinho, dolorido, picado e perplexo, querendo saber que encantador perverso ousara castigá-lo daquela maneira dentro de castelo tão nobre. A história promete esclarecer isso a seu tempo, mas por ora volta novamente a Sancho, pois o governo de Baratária já começava a produzir episódios dignos de memória.

# Capítulo 108 - A ronda de Baratária

## Capítulo 108 - A ronda de Baratária

Deixamos Sancho aborrecido com o lavrador pintor e malicioso, instruído pelo mordomo e pelo duque para continuar a burla. O governador, porém, mantinha-se firme. Disse aos presentes e ao doutor Pedro Recio, que voltara à sala depois de acabado o segredo da carta, que agora entendia por que juízes e governadores precisavam ser de bronze. A todo tempo aparecem requerentes querendo despacho imediato, sem lembrar que juiz também possui carne, ossos, sono e estômago. Se não são atendidos na hora da fome ou do descanso, murmuram, roem-lhes a fama e remexem até na linhagem. Sancho acrescentou que ele, pior que os outros, nem comida dava à própria natureza, por culpa do médico Tirteafuera, que chamava fome de saúde.

Todos se admiravam de ouvi-lo falar com tanta ordem. Alguns atribuíam aquilo ao peso do cargo, que às vezes arruma entendimentos antes broncos. O doutor, talvez temendo a ira pública do governador, prometeu deixá-lo cear naquela noite, ainda que Hipócrates se incomodasse. A hora veio, e Sancho recebeu salpicão de vaca com cebola e mãos de vitela cozidas. Entregou-se aos pratos com mais gosto que se lhe dessem faisões de Roma ou perdizes raríssimas. Voltou-se ao médico e pediu, dali em diante, comida que seu estômago reconhecesse: cabra, vaca, toucinho, carne seca, nabos, cebolas e panelas grossas, onde entrasse tudo quanto fosse de comer.

Depois de satisfeito, falou de governo com nova energia. Não perdoaria direito nem aceitaria suborno, e todos deveriam andar alerta, porque se lhe dessem ocasião veriam maravilhas. O mordomo louvou-lhe as palavras e prometeu obediência dos insulanos. Sancho respondeu que

assim convinha, e pediu que cuidassem de seu sustento e do rucio, pois esses eram os pontos mais importantes daquela administração. Em seguida quis sair à ronda, disposto a limpar a ilha de vagabundos, gente baldia e maus costumes. Comparou os ociosos a zangões de colmeia, que comem o mel das abelhas trabalhadoras, e prometeu favorecer lavradores, respeitar hidalgos, premiar virtudes e honrar a religião.

Ao anoitecer, saiu acompanhado de mordomo, secretário, mestre-sala, cronista, alguacis e escreventes, quase um esquadrão inteiro. Sancho ia no meio, vara na mão, quando ouviram rumor de espadas. Encontraram dois homens brigando. Um acusava o outro de sair de uma casa de jogo com mais de mil reais ganhos, sabe Deus como, depois de receber sua ajuda em sortes duvidosas. Como recompensa esperava ao menos alguns escudos de agrado, mas o ganhador lhe dera apenas quatro reais. O vencedor respondeu que quatro bastavam a quem vive de assistir mesas, apoiar sem-razões e evitar pendências conforme o interesse; se não dera mais, era sinal de que ganhara com limpeza, pois os trapaceiros pagam tributo aos mirones que os conhecem.

Sancho sentenciou sem demora. O ganhador pagaria cem reais ao que reclamava e mais trinta aos pobres da cadeia. O outro, por viver sem ofício nem benefício e sobrar na ilha como peça solta, receberia os cem reais e sairia de Baratária no dia seguinte, desterrado por dez anos, sob pena de picota se voltasse antes. Cumpriu-se a ordem, e Sancho declarou que, se pudesse, acabaria com casas de jogo. Um escrivão explicou que aquela pertencia a pessoa grande, contra a qual talvez não conviesse mexer; os garitos menores é que faziam maior dano, descascando vivos os infelizes depois da meia-noite. Sancho percebeu que havia muito a discutir nesse ponto, mas a ronda seguiu.

Logo trouxeram um moço preso por correr ao ver a justiça. Sancho perguntou por que fugia. O rapaz respondeu que era para evitar perguntas. Perguntado pelo ofício, disse ser tecelão; perguntado pelo que fazia, disse que fabricava ferros de lança. Sancho entendeu a troça e perguntou aonde ia. O moço respondeu que ia tomar ar; perguntado onde se tomava ar na ilha, respondeu que onde ele soprava. O governador mandou levá-lo à cadeia para dormir ali sem ar. O moço replicou que Sancho podia prendê-lo, carregá-lo de ferros e ameaçar o carcereiro, porém não poderia fazê-lo dormir se ele resolvesse ficar acordado. O secretário reconheceu o ponto. Sancho soltou-o, aconselhando-o a não brincar com a justiça, pois outra autoridade talvez lhe quebrasse a graça na cabeça.

Mais adiante vieram dois alguacis trazendo uma pessoa vestida de homem, que na verdade era mulher. À luz das lanternas apareceu rosto de moça de dezesseis anos ou pouco mais, cabelos presos em rede de ouro e seda verde, roupas masculinas ricas, punhal fino, anéis nos dedos e beleza capaz de suspender os presentes. Ninguém a reconheceu, nem mesmo os que conheciam os planos de burla contra Sancho. O governador perguntou quem era, aonde ia e por que viera assim. Ela, envergonhada, pediu segredo, dizendo apenas que não era criminosa, e sim donzela infeliz levada por ciúmes a romper decoro. A gente foi afastada, ficando só mordomo, mestre-sala, secretário e governador.

A moça, perturbada, começou mentindo o nome do pai, mas logo corrigiu-se: era filha de Diego de la Llana, fidalgo rico que guardava a filha tão fechada desde a viuvez que nem o sol parecia ter licença para vê-la. Chorando, explicou que nada grave acontecera. Pedira ao irmão que lhe desse roupa de homem e a levasse, uma única noite, para ver as ruas da própria vila enquanto o pai dormia. O irmão vestira roupa dela, pois ainda sem barba parecia donzela formosíssima, e ambos saíram com um criado. Ao avistarem a ronda, o irmão correu; ela caiu

de susto e foi presa. Os alguacis trouxeram depois o irmão, vestido de mulher, e ele confirmou tudo. Sancho chamou aquilo de grande criancice, repreendeu-os por tanto suspiro para tão pouca aventura e levou os dois à casa do pai, onde entraram por uma grade aberta por criada avisada. O mestre-sala ficou enamorado da moça; Sancho imaginou o irmão como possível marido para Sanchica. Com esses projetos, acabou a ronda daquela noite, e dentro de dois dias acabaria também o governo, frustrando tais imaginações.

# Capítulo 109 - Teresa Pança recebe notícias

## Capítulo 109 - Teresa Pança recebe notícias

Cide Hamete, examinador miúdo desta história, conta agora quem foram os verdugos silenciosos que castigaram doña Rodríguez e beliscaram Dom Quixote. Quando a dueña saiu de seu aposento para procurar o cavaleiro, outra que dormia perto percebeu o movimento e a seguiu com cautela. Assim que a viu entrar no quarto de Dom Quixote, correu a contar tudo à duquesa, por hábito antigo de mexericos. A duquesa avisou o duque e pediu licença para, com Altisidora, ouvir o que se passava. As duas chegaram à porta em grande silêncio e escutaram a conversa. Quando doña Rodríguez revelou o segredo das fontes nas pernas da senhora, a duquesa e Altisidora perderam a paciência. Entraram às escuras, castigaram a criada e encheram o cavaleiro de beliscões, como já ficou narrado.

Depois disso, a duquesa continuou a divertir-se com as figuras de Dom Quixote e Sancho. Enviou ao povoado dos Panzas o pajem que representara Dulcineia no espetáculo de Merlim, levando a carta do governador para Teresa, outra carta sua e um rico colar de corais com remates de ouro. O pajem partiu de bom grado e, antes de entrar na aldeia, encontrou mulheres lavando junto a um arroio. Perguntou se conheciam Teresa Pança, mulher de Sancho Pança, escudeiro de Dom Quixote. Uma mocinha levantou-se, dizendo que Teresa era sua mãe, Sancho seu pai e Dom Quixote seu amo. Deixou a roupa com outra lavadeira e guiou o visitante correndo, despenteada e com pressa, até a casa.

Na porta, a menina gritou que a mãe saísse, pois vinha um senhor com cartas e coisas de seu pai. Teresa apareceu fiando, vestida de modo

simples, forte, seca e curtida, mais perto dos quarenta que da velhice. O pajem desceu do cavalo, ajoelhou-se diante dela e pediu as mãos da legítima senhora do governador da ilha Baratária. Teresa, espantada, mandou que se levantasse, pois se via sem trato palaciano, pobre lavradora, filha de quem quebrava terra, mulher de escudeiro andante. O pajem respondeu que ela era digníssima esposa de governador archidigníssimo e, para prova, tirou a carta e o colar. Teresa e Sanchica ficaram pasmadas. A filha logo atribuiu tudo a Dom Quixote, que enfim devia ter dado ao pai o governo tantas vezes prometido.

Como nenhuma das duas sabia ler, Sanchica quis buscar o cura ou o bacharel Sansón Carrasco. O pajem disse que não sabia fiar, mas sabia ler, e leu a carta de Sancho. Depois leu a da duquesa, que chamava Teresa de amiga, elogiava a bondade e o engenho do marido, dizia ter pedido ao duque que lhe desse governo e afirmava que ele governava como ave de alta caça. Mandava os corais, prometia conhecer Teresa de perto algum dia e dizia que casaria Sanchica em posição alta quando menos se pensasse. Pedia ainda duas dúzias de bolotas gordas daquele lugar e uma resposta longa sobre saúde e necessidades. Se precisasse de algo, bastava abrir a boca.

Teresa, ao ouvir a carta, encantou-se com a humildade da duquesa. Preferia senhoras assim às fidalgas da aldeia, que pareciam temer que o vento as tocasse e olhavam lavradoras de cima. Prometeu enviar não duas dúzias, mas um bom alqueire de bolotas, tão grandes que poderiam ser vistas com espanto. Mandou Sanchica cuidar do cavalo do pajem, buscar ovos, cortar toucinho e recebê-lo como príncipe, enquanto ela iria anunciar a boa nova às vizinhas, ao cura e a mestre Nicolás. A filha pediu metade do colar, desconfiando que a duquesa não o mandara inteiro só para a mãe. Teresa respondeu que tudo seria dela, mas queria usar alguns dias aquelas contas que alegravam o coração. O pajem acrescentou que trazia também a roupa fina de caça que Sancho usara um único dia, destinada a Sanchica.

Com cartas na mão e corais no pescoço, Teresa saiu pela rua tocando os papéis como pandeiro. Encontrou o cura e Sansón Carrasco e começou a dançar, dizendo que agora não havia parente pobre, pois tinham governo. Os dois estranharam. Ela entregou as cartas; leram-nas e ficaram olhando um para o outro, entre riso e perplexidade. O cura examinou os corais, viu que eram finos e não sabia que pensar: por um lado, carta de duquesa pedindo bolotas; por outro, presente verdadeiro. Foram então conhecer o mensageiro. Em casa, acharam o pajem tratando da cavalgadura e Sanchica preparando ovos com toucinho para servi-lo. Ele confirmou que Sancho era governador de fato, sem entrar na questão de ser ou não ilha o lugar governado. Bastava, dizia, ter mais de mil vizinhos e autoridade concedida pelos duques.

Sanchica perguntou se o pai já usava calças atacadas de governador, porque desde pequena sonhava vê-lo naquele aparato. O pajem respondeu que provavelmente sim e que, se o cargo durasse dois meses, talvez o vissem ainda mais composto. Teresa começou a planejar vestido armado, viagem à corte e coche como as senhoras. Sanchica aceitou de bom grado qualquer murmuração, desde que pudesse ir sentada com os pés fora da lama. O cura, ouvindo mãe e filha derramarem refrãos, disse que os Panzas deviam nascer com sacos de ditos no corpo. O pajem confirmou que Sancho os espalhava a cada passo, nem sempre no ponto certo, mas com graça bastante para divertir duque e duquesa.

Sansón ainda duvidava de tudo e quase quis tocar o pajem para ver se era homem ou embaixador encantado. O rapaz respondeu que era de carne e osso, filho de pais vivos, e que quem quisesse comprovar o governo poderia acompanhá-lo. Sanchica logo se ofereceu para ir à garupa; o pajem advertiu que filhas de governadores viajam com carroças, literas e criados. Teresa mandou a filha calar e aceitou a nova dignidade: quando Sancho era Sancho, ela era Sancha; quando se

tornava governador, ela virava senhora. O pajem acabou jantando com o cura, que desejava interrogá-lo com calma sobre Dom Quixote. Sansón ofereceu-se para escrever as respostas, mas Teresa preferiu um monaguinho menos zombeteiro, pagando-lhe com bolo e ovos para redigir duas cartas, uma ao marido e outra à duquesa.

# Capítulo 110 - As constituições de Sancho

## Capítulo 110 - As constituições de Sancho

Amanheceu depois da ronda, e o mestre-sala passou a noite sem dormir, preso à lembrança da jovem disfarçada. O mordomo, por sua vez, escreveu ao duque e à duquesa relatando palavras e ações de Sancho, admirado de ver tanta mistura de tino e simplicidade. O governador levantou-se e, por ordem do doutor Pedro Recio, recebeu como desjejum um pouco de conserva e quatro tragos de água fria. Teria trocado tudo por pão e uvas, mas aceitou a dieta à força, enquanto o médico lhe explicava que comidas poucas e delicadas avivam o engenho, qualidade essencial a quem manda. Com essa sofística, Sancho foi para a audiência com fome nova e paciência velha.

O primeiro caso veio de um forasteiro. Contou que um rio separava dois termos de um mesmo senhorio, e sobre ele havia uma ponte com forca ao final e casa de audiência. Quatro juízes aplicavam uma lei estranha: quem passasse pela ponte deveria jurar aonde ia e para quê. Se dissesse verdade, passaria livre; se mentisse, morreria na forca. Um homem jurou que ia morrer naquela mesma forca. Os juízes ficaram suspensos. Se o deixassem passar, ele teria mentido e deveria morrer; se o enforcassem, teria dito verdade e deveria passar livre. O mensageiro pedia a sentença do governador, pois os juízes tinham ouvido fama de seu entendimento.

Sancho mandou repetir o caso até entendê-lo e primeiro propôs dividir o homem: a parte que dissera verdade passaria, a parte que mentira seria enforcada. O forasteiro respondeu que dividir o homem o mataria inteiro, frustrando a lei. Sancho então achou melhor caminho. Se havia igual razão para condenar e absolver, que o deixassem passar, pois é

mais louvável fazer bem que mal quando a justiça está em dúvida. Lembrou-se de um conselho de Dom Quixote: em caso duvidoso, inclinar-se à misericórdia. O mordomo louvou a sentença como se Licurgo não pudesse dar melhor. Sancho pediu comida de verdade, prometendo despachar outras dúvidas no ar se lhe dessem sustento.

Naquele dia, contra as regras do doutor Tirteafuera, Sancho comeu. Ao levantar da mesa, chegou carta de Dom Quixote. O secretário leu primeiro em silêncio e depois em voz alta, julgando-a digna de letras de ouro. O cavaleiro dizia esperar notícias de descuidos e ouvir notícias de discrição, dando graças ao céu que levanta pobres do esterco e faz discretos de tolos. Recomendava ao governador vestir-se de acordo com o cargo, limpo e composto, pois até um pau enfeitado parece outra coisa. Para conquistar o povo, deveria ser bem-criado com todos e cuidar da abundância de mantimentos, já que nada aflige tanto os pobres quanto fome e carestia.

Dom Quixote aconselhava poucas leis, boas e cumpridas, pois mandamentos que assustam e não se executam acabam desprezados como rei inútil das rãs. Sancho deveria ser pai das virtudes e padrasto dos vícios, sem rigor constante nem brandura excessiva. Visitasse cárceres, açougues e praças: a presença do governador consola presos, intimida carniceiros no peso e vigia vendedoras no preço. Não se mostrasse cobiçoso, mulherengo nem glutão, porque o povo ataca cada governante pelo ponto conhecido de sua inclinação. Repassasse os conselhos recebidos antes da partida, escrevesse aos duques com gratidão e avisasse se o mordomo tinha relação com a Trifaldi. Contava ainda que a duquesa enviara presentes a Teresa e que ele, Dom Quixote, sofrera pequeno mal de gatos, mas nada sério. Por fim, mencionava negócio capaz de desagradá-lo aos duques, embora a verdade devesse prevalecer sobre a conveniência.

Sancho ouviu com atenção e retirou-se com o secretário para responder. Disse que andava tão ocupado que não tinha tempo de coçar a cabeça nem cortar as unhas, as quais cresciam sem governo. Tinha mais fome ali que nas selvas com Dom Quixote. O duque avisara sobre espiões que queriam matá-lo, mas até então só encontrara um: o doutor Pedro Recio, pago para matar governadores por dieta. Esse médico prevenia doenças deixando a pessoa nos ossos, como se fraqueza fosse menor mal que febre. Sancho pensara vir ao governo para comer quente, beber frio e dormir em lençóis finos; achava-se em penitência de ermitão, e como não a fazia por vontade própria, temia que acabasse mal.

A carta continuou com notícias do governo. Até então não tocara direito nem aceitara suborno, embora lhe dissessem que governadores costumam receber ou tomar dinheiro logo ao chegar. Na ronda encontrara uma moça vestida de homem e o irmão vestido de mulher; o mestre-sala se enamorara dela, e Sancho escolhera o rapaz, em pensamento, para genro. Visitara praças e achara uma vendedora misturando avelãs novas com velhas e ruins; destinara tudo aos meninos da doutrina e proibira a mulher de vender por quinze dias. Agradecia os presentes enviados a Teresa, pedia que Dom Quixote pagasse o porte se chegasse carta da mulher e confessava não saber o que mandar ao amo, talvez alguns canudos curiosos feitos na ilha. Encerrava pedindo que Deus livrasse Dom Quixote de encantadores e a ele próprio daquele governo, do qual duvidava sair inteiro se Pedro Recio continuasse perto.

O secretário fechou a carta e despachou o correio. Os burladores, reunidos, começaram a preparar a última peça que tiraria Sancho do governo. Naquela tarde, porém, ele ainda fez ordenanças tão boas que ficaram lembradas no lugar como constituições do grande governador Sancho Pança. Proibiu acaparadores de mantimentos, permitiu entrada de vinhos de qualquer parte desde que declarassem a origem e

fossem vendidos conforme qualidade e fama, condenando severamente quem os aguasse ou mudasse o nome. Moderou preços de calçados, pôs taxa nos salários dos criados, puniu cantos lascivos e descompostos, exigiu prova autêntica para cegos que cantassem milagres em coplas e criou alguacil dos pobres, não para persegui-los, mas para separar necessidade verdadeira de fingimento. Assim, entre fome, senso prático e alguma luz inesperada, Baratária ganhou leis melhores que muitos governos de verdade.

# Capítulo 111 - A segunda Dolorida

## Capítulo 111 - A segunda Dolorida

Quando Dom Quixote sarou dos arranhões recebidos na aventura dos gatos, começou a sentir que a vida no castelo contrariava a ordem da cavalaria andante. Tanto repouso, tanta mesa posta e tanto agrado de senhores prendiam-lhe o espírito. Resolveu pedir licença aos duques para seguir a Zaragoza, onde se aproximavam festas de armas e onde esperava ganhar honra diante de muita gente. Estava um dia à mesa, já disposto a expor o pedido, quando entraram pela sala duas mulheres cobertas de luto da cabeça aos pés. Uma delas chegou-se ao cavaleiro e lançou-se comprida no chão, colando a boca aos pés dele com gemidos tão fundos que todos ficaram suspensos.

Os duques pensaram primeiro que fosse nova invenção de criados, mas a dor insistente daquela mulher os deixou em dúvida. Dom Quixote, compadecido, levantou-a e pediu que descobrisse o rosto. Então apareceu doña Rodríguez, a dueña da casa, e ao lado dela estava a filha enganada pelo filho do lavrador rico. A surpresa foi geral, sobretudo dos duques, que a julgavam simples, mas não a ponto de se lançar a semelhante escândalo diante de toda a mesa. Doña Rodríguez pediu licença para tratar com o cavaleiro, pois o negócio dizia respeito ao agravo de um mau villão. O duque autorizou, curioso para ver até onde a ousadia chegaria.

A dueña lembrou a Dom Quixote que já lhe contara a desonra da filha e recebera dele promessa de amparo. Agora soubera que o cavaleiro pretendia deixar o castelo em busca de novas aventuras, e por isso pedia que, antes de partir, desafiasse o rústico indomável e o obrigasse a casar com a moça, cumprindo a palavra dada antes de possuí-la. Quanto à justiça do duque, dizia ela, melhor era não esperar, pela

razão secreta que já confiara ao cavaleiro. Dom Quixote respondeu com gravidade. Mandou que poupasse lágrimas, pois tomava o remédio da filha a seu cargo. Repreendeu de passagem a facilidade com que moças creem promessas de enamorados, leves ao prometer e pesadas ao cumprir, e declarou-se pronto a buscar o faltoso, desafiá-lo e matá-lo se recusasse a palavra empenhada.

O duque interveio dizendo que não havia necessidade de procurar o moço. Ele próprio o daria por desafiado e o faria vir ao castelo, onde haveria campo seguro e igualdade de justiça. Dom Quixote aceitou e, por aquela vez, renunciou à superioridade de fidalgo para igualar-se ao ofensor, pois não queria que diferença de nascimento impedisse o combate. Desafiou-o mesmo ausente, dizendo que deveria cumprir o casamento ou morrer na demanda. Tirou então uma luva e atirou-a no meio da sala. O duque a ergueu, aceitando o desafio em nome do vassalo, marcou prazo de seis dias, campo na praça do castelo e armas de cavaleiros, sem engano, amuleto ou superstição. Pediu apenas que doña Rodríguez e a filha pusessem sua causa nas mãos de Dom Quixote. Ambas concordaram, uma com decisão, outra com vergonha e lágrimas.

O duque já imaginava o que faria. As duas enlutadas saíram, e a duquesa mandou que dali por diante não fossem tratadas como criadas, mas como senhoras aventureiras vindas pedir justiça. Deram-lhes quarto separado e serviço de forasteiras, para espanto das outras criadas, que não sabiam onde acabaria a mistura de simplicidade, atrevimento e desgraça da dueña. Para aumentar a festa, entrou então o pajem que levara as cartas e presentes a Teresa Pança. Os duques alegraram-se com sua volta e quiseram saber tudo, mas ele pediu que a narrativa ficasse para momento reservado. Por enquanto, trazia duas cartas: uma para a duquesa, escrita por Teresa, e outra para Sancho Pança, governador da ilha Baratária.

A duquesa abriu sua carta com pressa. Teresa agradecia o colar de corais e o vestido de caça do marido, contava que a aldeia inteira se alegrara com o governo de Sancho, embora cura, barbeiro e bacharel custassem a acreditar. Ela própria talvez não acreditasse sem presentes tão palpáveis. Dizia estar decidida a aproveitar o bom dia e ir à corte em coche, para quebrar os olhos dos invejosos e fazer o marido conhecido por ela. Pedia que Sancho mandasse algum dinheiro de consideração, porque na corte tudo custava caro. Lamentava a pouca colheita de bolotas, mas enviava meio alqueire escolhido uma por uma no monte, desejando que fossem grandes como ovos de avestruz. Encerrava pedindo novas cartas e assinava como criada desejosa de ver a duquesa.

Todos riram e se deliciaram com a carta. A duquesa pediu que também se abrisse a de Sancho, e Dom Quixote, para agradá-la, leu-a. Teresa escrevia ao marido que quase enlouquecera de alegria ao saber do governo. Tinha diante de si o vestido, ao pescoço os corais, nas mãos as cartas e, ainda assim, pensava estar sonhando, pois quem imaginaria um pastor de cabras feito governador de ilhas. Contava que cura, barbeiro, sacristão e Sansón chamavam tudo de embuste ou encantamento; ela apenas ria, olhava o colar e pensava no vestido que faria para Sanchica. Pedia pérolas, se fossem usadas naquela terra, dava notícias da aldeia, casamentos, promessas quebradas, soldados que levaram moças, a fonte seca e um raio caído na picota. Queria resposta sobre a ida à corte e terminava pedindo que Deus guardasse Sancho tantos anos quanto ela, ou mais, pois não desejava deixá-lo sozinho no mundo.

As cartas foram celebradas, lidas e admiradas. Para completar o gosto, chegou também a carta que Sancho enviara a Dom Quixote, e sua leitura pública fez alguns duvidarem de que o governador fosse tão tolo quanto parecia. A duquesa retirou-se depois para ouvir do pajem tudo que acontecera na aldeia. Ele contou as cenas de Teresa e Sanchica,

entregou as bolotas e acrescentou um queijo muito bom que Teresa mandara. A senhora recebeu tudo com grande prazer. A história, então, deixa por um instante a duquesa satisfeita com cartas, bolotas e queijo, pois é tempo de contar o fim do governo do grande Sancho Pança, flor e espelho dos governadores insulanos.

# Capítulo 112 - O fim de Baratária

## Capítulo 112 - O fim de Baratária

Cide Hamete começa este ponto lembrando que nada nesta vida permanece num só estado. As estações correm em roda, mas a vida humana avança ligeira para seu fim, e por isso o governo de Sancho, que parecia cheio de causas, leis e esperanças, desfez-se depressa como sombra em fumaça. Na sétima noite de seu mando, o governador estava na cama, não farto de pão nem de vinho, mas cansado de julgar, aconselhar e fazer ordenanças. O sono começava a fechar-lhe os olhos apesar da fome, quando ouviu grande rumor de sinos, vozes, trombetas e tambores, como se a ilha inteira viesse abaixo.

Sentou-se assustado, tentou entender a causa e nada entendeu. Calçou chinelas por causa da umidade e saiu à porta do aposento sem roupa de levantar. Viu avançar pelos corredores mais de vinte pessoas com tochas acesas e espadas nuas, gritando que inimigos infinitos haviam entrado em Baratária e que todos estavam perdidos se o valor do governador não os socorresse. Sancho respondeu que de armas e pressas nada sabia; aquilo cabia melhor a Dom Quixote, capaz de resolver batalhas em dois golpes. Os outros insistiram. Sendo governador, devia ser guia e capitão. Trouxeram então dois enormes escudos de corpo inteiro, um para a frente e outro para as costas, e amarraram-no entre as tábuas sobre a camisa, deixando apenas braços de fora e uma lança nas mãos.

Emparedado daquele modo, Sancho ficou duro como fuso, sem dobrar joelhos nem mover passo. Mandaram que caminhasse, pois seria norte, lanterna e estrela da defesa. Ele respondeu que não podia mover as rótulas e que, se queriam utilidade, o levassem nos braços e o pusessem em alguma porta, onde guardaria entrada com a lança ou

com o próprio corpo. Chamaram aquilo de medo, não de impedimento. Sancho tentou andar e caiu com estrondo, fechado entre os escudos como animal em concha. Em vez de compaixão, apagaram as tochas, aumentaram os gritos e começaram a passar por cima dele, dando cutiladas nas tábuas. O pobre encolheu a cabeça e se entregou a Deus, enquanto outros tropeçavam nele, caíam, subiam-lhe ao corpo e dali comandavam a batalha fingida.

Um deles, posto sobre Sancho como em atalaia, bradava ordens de guerra: fechar portas, guardar postigos, quebrar escadas, trazer resina, óleo, colchões e defesas. O governador, esmagado e suado dentro da armadura improvisada, pedia em silêncio que Deus acabasse logo com a ilha, ainda que fosse perdendo-a inteira. O céu, ou a vontade dos burladores, ouviu o pedido. De repente soaram vozes de vitória. Os inimigos fugiam vencidos, e Sancho deveria levantar-se para repartir despojos conquistados por seu braço invencível. Ele pediu que o levantassem e disse, com voz dolorida, que o inimigo por ele vencido poderia ser pregado em sua testa. Não queria repartir despojos; queria um gole de vinho e alguém que lhe enxugasse o suor, pois estava feito água.

Limparam-no, trouxeram vinho, desataram os escudos e sentaram-no na cama. Sancho desmaiou de medo, trabalho e sobressalto. Os que tramaram a burla começaram a arrepender-se de havê-la levado tão longe, mas o alívio veio quando ele recobrou os sentidos. Perguntou a hora; responderam que amanhecia. Sem dizer palavra, vestiu-se devagar, porque o corpo inteiro doía, e foi à estrebaria. Todos o seguiram, esperando o desfecho. Chegando ao rucio, abraçou-o e beijou-lhe a testa com lágrimas nos olhos. Chamou-o companheiro, amigo e parceiro de trabalhos. Enquanto vivia com ele, ocupado apenas em remendar arreios e sustentar seu corpo pequeno, seus dias eram felizes; desde que subira às torres da ambição, entraram-lhe pela alma mil misérias e quatro mil desassossegos.

Enquanto falava, albardava o asno. Depois subiu com dificuldade e voltou-se ao mordomo, ao secretário, ao mestre-sala, ao doutor Pedro Recio e aos demais. Pediu caminho para voltar à antiga liberdade. Não nascera para defender ilhas ou cidades de inimigos; entendia melhor de arar, cavar, podar e cuidar de vinhas que de dar leis e sustentar províncias. Cada um fica bem no ofício para que nasceu. Melhor lhe caía foice na mão que cetro de governador; preferia fartar-se de gazpachos a morrer de fome nas mãos de médico impertinente; preferia sombra de azinheira no verão e zamarro no inverno, com liberdade, a lençóis finos e roupas ricas sob sujeição. Entrara sem dinheiro e saía sem dinheiro, ao contrário de muitos governadores, e isso bastava como conta de seu mando.

Pedro Recio prometeu então bebida contra quedas e molimentos, além de comida abundante dali em diante. Sancho respondeu que a promessa chegava tarde. Não ficaria em Baratária nem aceitaria outro governo, ainda que lho servissem entre dois pratos. Era Pança, e os Panzas, quando diziam não, sustentavam o não contra o mundo. Mandou que ficassem ali as asas da formiga que o tinham levantado para depois entregá-lo aos pássaros. Queria voltar a andar pelo chão; se faltassem sapatos finos, bastariam alpargatas grosseiras. Cada ovelha com sua parelha, e ninguém deve estender a perna além do comprimento do lençol.

O mordomo alegou que todo governador, antes de sair, devia prestar residência. Sancho respondeu que a daria ao duque, pois a ele pertencia pedi-la, e que sua saída sem um branco já provava governo limpo. O doutor concordou que convinha deixá-lo ir, certo de que o duque gostaria muito de vê-lo. Ofereceram-lhe companhia e conforto para a viagem, mas Sancho quis apenas um pouco de cevada para o rucio, meio queijo e meio pão para si, pois o caminho era curto. Todos o abraçaram, e ele, chorando, abraçou a todos. Deixou-os admirados pela firmeza e pela discrição de sua renúncia, talvez mais governador

ao abandonar o posto que enquanto o ocupava.

# Capítulo 113 - Ricote no caminho

## Capítulo 113 - Ricote no caminho

O duque e a duquesa decidiram que o desafio de Dom Quixote em favor da filha de doña Rodríguez seguiria adiante. Como o moço verdadeiro estava em Flandres, fugido para não receber a dueña por sogra, escolheram em seu lugar um lacaio gascão chamado Tosilos, instruindo-o muito bem sobre o papel que deveria representar. Dois dias depois, o duque avisou Dom Quixote de que o contrário viria em quatro dias, armado como cavaleiro, para sustentar que a donzela mentia se afirmasse haver recebido palavra de casamento. O cavaleiro recebeu a notícia com grande prazer. Via ali ocasião para mostrar aos duques até onde chegava o valor de seu braço, e os quatro dias lhe pareceram quatrocentos séculos de espera.

Enquanto o castelo preparava essa nova cena, Sancho vinha pelo caminho sobre o rucio, entre alegre e triste. Deixara Baratária, mas voltava para a companhia do amo, que lhe agradava mais que o governo de todas as ilhas do mundo. Ainda não se afastara muito do lugar governado, que nunca verificou se era ilha, vila ou aldeia, quando viu seis peregrinos estrangeiros com bordões, desses que pedem esmola cantando. Puseram-se em fila diante dele e entoaram palavras que Sancho não compreendia, salvo uma que soava claramente a pedido. Por ser caritativo, tirou das alforjas meio pão e meio queijo, dizendo por sinais que não tinha outra coisa.

Os peregrinos aceitaram, mas pediram dinheiro. Sancho mostrou, por gestos, que não possuía moeda, e tentou passar. Um deles, que o examinava com atenção, lançou-se a abraçá-lo pela cintura e falou em castelhano claro. Perguntou se era possível ter nos braços o caro amigo e bom vizinho Sancho Pança. Sancho espantou-se de ouvir seu nome

na boca de estrangeiro e não o reconheceu de imediato. O peregrino então revelou-se: era Ricote, o morisco tendeiro de sua aldeia. Só então Sancho distinguiu por baixo do disfarce aquele rosto conhecido e abraçou-o sem descer do jumento. Perguntou quem o vestira de farsante estrangeiro e como ousava voltar à Espanha, onde, se fosse conhecido, teria má fortuna.

Ricote respondeu que, se Sancho não o denunciasse, ninguém o conheceria naquela roupa. Propôs que se afastassem até uma alameda, onde seus companheiros comeriam e repousariam, e ali contaria o que lhe sucedera desde que obedeceu ao decreto que expulsara os de sua gente. Todos saíram do caminho real, tiraram as capas de peregrino e se puseram à vontade. Eram quase todos moços, exceto Ricote, já entrado em anos. As alforjas traziam alimentos que chamavam sede de longe: pão, sal, nozes, queijo, ossos de presunto para chupar, um manjar negro feito de ovas de peixe, azeitonas secas e, sobretudo, seis botas de vinho. Comeram devagar, com gosto; depois ergueram as botas ao céu e beberam longamente. Sancho, lembrando que em cada terra se faz como se vê, pediu a Ricote uma bota e tomou sua parte com o mesmo zelo dos demais.

Quando as botas ficaram secas e os companheiros adormeceram sobre a erva, Ricote chamou Sancho à parte. Contou que o decreto real causara terror entre os moriscos. Ele, julgando-se prudente, saíra antes da família para buscar lugar onde pudesse levá-la com menos aperto. Sabia que a ordem não ficaria em ameaça. Confessou também que muitos de sua gente tinham intenções ruins, de modo que entendia a resolução do rei, embora nem todos fossem culpados. A pena do desterro, suave para quem a via de fora, era para eles a mais dura possível. Em qualquer lugar choravam por Espanha, pátria onde haviam nascido; na África, onde esperavam acolhida, encontravam ofensas e maus-tratos. Só ao perder o bem se conhece seu valor, e o amor da pátria fazia muitos voltarem escondidos, deixando mulher e

filhos.

Ricote passara por França, Itália e Alemanha. Num povoado perto de Augusta lhe parecera possível viver com mais liberdade, pois ali cada um seguia sua consciência com menos perguntas. Juntara-se depois àqueles peregrinos, que vinham à Espanha todos os anos visitar santuários e recolher esmolas, saindo do reino com bom lucro escondido em bordões, roupas e remendos. Agora pretendia buscar o tesouro que deixara enterrado fora da aldeia e escrever à mulher e à filha, ou passar até Valencia para encontrá-las, pois soubera que estavam em Argel. Queria levá-las para algum porto de França e depois para a Alemanha, esperando o que Deus determinasse. Afirmou que sua mulher Francisca e sua filha Ricota eram cristãs católicas; quanto a ele, tinha mais de cristão que de mouro e pedia a Deus que lhe abrisse o entendimento para servi-lo bem. O que o espantava era saber que as duas tinham ido para Berbéria em vez de França.

Sancho explicou que Juan Tiopieyo, irmão de Francisca, as levara, e como talvez fosse mouro mais fino, escolhera o destino que lhe pareceu melhor. Disse também que havia notícia de que tiraram da mulher e do cunhado muitas pérolas e ouro no registro. Ricote não se alarmou; seu verdadeiro esconderijo não fora revelado a ninguém. Pediu então que Sancho o ajudasse a retirar e ocultar o tesouro, prometendo duzentos escudos para remediar suas necessidades. Sancho recusou. Se fosse cobiçoso, não teria largado naquela manhã um cargo onde poderia enriquecer depressa. Além disso, ajudar inimigos do rei lhe parecia traição, ainda que o amigo lhe oferecesse o dobro em dinheiro contado.

Ricote perguntou que cargo era esse. Sancho respondeu que deixara de ser governador da ilha Baratária, situada a duas léguas dali. Ricote riu da ideia de ilha em terra firme e julgou tudo disparate. Sancho insistiu que governara a seu prazer e saíra por ser ofício perigoso. O ganho

principal fora descobrir que não servia para governar senão um rebanho, e que as riquezas de governos custam descanso, sono e até sustento, principalmente quando há médicos zelando pela saúde. Ricote preferiu voltar ao assunto da família e perguntou se Sancho vira a partida de sua mulher, filha e cunhado. Sancho contou que Ricota saíra tão formosa que toda a aldeia fora vê-la, todos choraram com ela, e muitos desejaram escondê-la ou tomá-la de volta no caminho, mas o medo do mandado real os conteve. Disse ainda que dom Pedro Gregorio, rico herdeiro que a amava, desaparecera depois da partida, talvez seguindo-a para resgatá-la.

Ricote confessou que desconfiava do amor de Pedro Gregorio, mas confiava na filha, a quem julgava mais cristã que enamorada. Sancho desejou que Deus encaminhasse os dois, pois qualquer erro lhes sairia caro. Pediu licença para seguir, querendo alcançar naquela noite Dom Quixote. Ricote não insistiu. Os companheiros já se mexiam, e também era hora de retomar o caminho. Os dois amigos abraçaram-se. Sancho subiu no rucio, Ricote apoiou-se no bordão, e cada um seguiu por sua estrada, levando consigo uma espécie diferente de perda: o antigo governador, a liberdade reencontrada; o desterrado, a pátria que ainda chamava por dentro.

# Capítulo 114 - Sancho na sima

## Capítulo 114 - Sancho na sima

A conversa com Ricote atrasou Sancho, e a noite o alcançou quando ele já estava perto do castelo dos duques. Como o verão lhe dava algum favor, afastou-se da estrada para esperar a manhã entre umas ruínas antigas, escolhendo lugar onde pudesse descansar sem importunar pessoa alguma. A sorte, que naquele dia parecia divertir-se à sua custa, abriu-lhe debaixo dos pés uma sima funda e escura. Ele e o rucio caíram juntos, e Sancho, enquanto descia, encomendou-se a Deus com a convicção de que só pararia no mais baixo dos abismos. A queda, contudo, terminou antes do que temia: o jumento bateu primeiro, ele ficou por cima, e ambos escaparam sem morte, embora o pobre animal se queixasse com razão.

Sancho apalpou braços, pernas e costelas, examinando-se como quem procura buracos por onde a vida pudesse escapar. Ao perceber que estava inteiro, agradeceu ao céu, depois apalpou as paredes e descobriu que eram lisas demais para oferecer saída. Ali começou sua lamentação, comparando a própria sorte com a de seu amo na cova de Montesinos. Dom Quixote, segundo Sancho, encontrara mesas servidas, visões de damas e encantamentos solenes; ele, antigo governador de Baratária, via-se enterrado com seu jumento, ameaçado de fome, sapos e cobras. Falou ao rucio como a um companheiro de armas, pediu perdão pelos maus pagamentos que lhe dava, prometeu-lhe melhor ração e até uma coroa de louro, caso a fortuna os tirasse vivos daquele buraco.

A manhã mostrou a Sancho a extensão do aperto. Gritou por socorro e ninguém respondeu, pois aquelas ruínas ficavam sem moradores por perto. Achando nas alforjas um pedaço de pão, repartiu-o com o rucio

e repetiu que todos os duelos ficam menos duros quando há pão para roer. Então viu, numa das paredes, um buraco por onde uma pessoa poderia passar se se encolhesse. Entrou nele, percebeu que a gruta se alargava por dentro e voltou para abrir a passagem com uma pedra, tirando terra suficiente para que o jumento também coubesse. Tomou-o pelo cabresto e seguiu por aquela galeria ora escura, ora clareada por algum raio de sol, sempre com medo de que outra fenda se abrisse sob seus pés.

Enquanto Sancho avançava por baixo da terra, Dom Quixote se exercitava perto dali para o combate que teria em defesa da filha de doña Rodríguez. Deu uma carreira em Rocinante e por pouco não caiu numa abertura da mesma gruta. Ao aproximar-se, ouviu uma voz que pedia auxílio a qualquer cristão caridoso capaz de socorrer um governador desgovernado, enterrado ainda em vida. O cavaleiro reconheceu o timbre de Sancho e, por um instante, acreditou falar com a alma do escudeiro. Conjurou a voz a dizer se vinha do purgatório e prometeu interceder com todos os bens que lhe restassem. Sancho, impaciente com tanta solenidade, respondeu que estava vivo, que deixara o governo e que ali jazia com o rucio, o qual logo confirmou a declaração com um zurro que encheu a caverna.

Dom Quixote correu ao castelo e contou o caso aos duques, que se admiraram menos da queda do que da volta inesperada do governador. Mandaram buscar cordas e homens, e com muito trabalho trouxeram Sancho e o rucio da sombra para a luz. Um estudante que assistia à cena disse que assim deveriam sair de seus cargos todos os maus governadores: famintos, descorados e sem dinheiro. Sancho respondeu que em Baratária passara oito ou dez dias sem fartura, perseguido por médicos, moído por inimigos e sem ocasião de receber suborno, de modo que, se o julgassem, preferia ser tido por tolo a ser tido por ladrão. Dom Quixote aconselhou-o a deixar as línguas correrem, pois tentar calar maledicentes era tão inútil quanto pôr

portas no campo.

Chegaram ao castelo cercados de rapazes e curiosos. Sancho, antes de subir aos corredores onde os duques esperavam, exigiu que o rucio fosse acomodado na estrebaria, por entender que o companheiro havia passado a pior noite da viagem. Depois apresentou-se de joelhos e fez a prestação de contas de seu governo. Disse que entrara nu em Baratária e nu saíra dela, sem perder nem ganhar; que julgara pleitos, resolvera dúvidas, aguentara a fome imposta pelo doutor Pedro Recio, vira inimigos atacarem a ilha e concluíra que governar pesava mais do que suas costelas podiam carregar. Por isso saltava fora do cargo e voltava ao serviço de Dom Quixote, onde ao menos comeria, ainda que fosse com sobressaltos. O duque prometeu outro ofício de menor peso e maior proveito, a duquesa mandou tratá-lo com cuidado, e Sancho recebeu o descanso como quem acabara de escapar de dois governos: o dos homens e o das cavernas.

# Capítulo 115 - A batalha que virou casamento

## Capítulo 115 - A batalha que virou casamento

Os duques ouviram do mordomo tudo o que Sancho fizera em Baratária, desde as sentenças até o assalto fingido, e se divertiram bastante com a mistura de prudência, medo e fome que marcara aquele governo. Pouco depois chegou o dia do desafio prometido, no qual Dom Quixote deveria defender a honra da filha de doña Rodríguez contra o suposto ofensor. O duque chamou Tosilos, seu lacaio gascão, e repetiu com cuidado as instruções da burla: ele deveria vestir armas, entrar no campo com aparência feroz e procurar vencer sem ferir nem matar o cavaleiro. Para aumentar a segurança, mandou tirar os ferros das lanças, declarando que sua consciência cristã não permitia tanta exposição de vidas humanas, mesmo concedendo campo franco dentro de suas terras.

A praça diante do castelo foi preparada como se ali se decidisse a sorte de um reino. Levantaram assentos para os juízes do campo, reservaram lugar para as dueñas, chamaram gente das aldeias vizinhas, e o duque e a duquesa ficaram numa galeria de onde tudo se via. Doña Rodríguez e sua filha apareceram cobertas com mantos, fingindo tristeza muito grave. Dom Quixote entrou firme, entregue a Deus e à senhora Dulcineia, certo de que aquele combate seria mais uma prova pública de seu braço. Tosilos chegou depois, montado num cavalo largo, fechado em armas luzentes e tão bem composto que quase ninguém reconheceria nele o criado da casa. Ao passar diante da moça por quem fingia ser acusado, deteve os olhos um pouco mais do que a encenação pedia.

Aquele olhar mudou toda a máquina do duque. Tosilos, que viera instruído para representar covardia calculada, achou a filha de doña Rodríguez bela demais para ser tratada como parte de uma farsa. O Amor, que costuma entrar sem pedir licença nos lugares mais vigiados, entrou também por entre as frestas da armadura e tomou o lacaio de surpresa. Quando soaram os instrumentos e Dom Quixote se dispôs à carreira, o adversário ficou parado. O mestre de campo aproximou-se para cobrar o lance, e Tosilos declarou em voz bastante clara que desejava casar-se com a moça, alcançando por paz o que poderia disputar com risco de vida. Dom Quixote, detido no meio da investida, aceitou logo a conclusão: se o contrário queria cumprir a palavra de casamento, ele estava livre de sua promessa e a causa ficava vencida.

O duque desceu irritado à praça, pois via a burla escapar-lhe das mãos. Perguntou a Tosilos se era verdade que se dava por vencido e se queria casar por impulso de consciência. O lacaio confirmou. Sancho aprovou a solução com um refrão, entendendo que todo acordo que tira uma preocupação do caminho merece ser aceito. Em seguida Tosilos pediu ajuda para tirar o elmo, porque a falta de ar o castigava dentro daquela prisão de metal. Quando lhe descobriram o rosto, doña Rodríguez e a filha gritaram que havia engano, pois ali estava o lacaio do duque, posto no lugar do homem que devia reparar a ofensa. Dom Quixote, fiel ao governo dos encantadores, explicou que a mudança do rosto vinha dos inimigos invisíveis que o perseguiam e invejavam sua vitória.

O duque, segurando o riso e a cólera ao mesmo tempo, resolveu acompanhar a explicação do cavaleiro. Disse que talvez seu lacaio já não fosse lacaio, pois com Dom Quixote aconteciam coisas extraordinárias, e ordenou que o casamento fosse adiado por quinze dias, mantendo Tosilos recolhido até se descobrir se voltaria à figura verdadeira. Sancho reforçou a tese dos encantamentos lembrando o Cavaleiro dos Espelhos, mudado em Sansão Carrasco, e Dulcineia,

posta em aparência de lavradora. A filha de doña Rodríguez, porém, foi mais prática que todos: agradeceu a proposta de Tosilos e afirmou que preferia ser mulher legítima de um lacaio a seguir burlada por um cavalheiro sem palavra. O povo saiu triste, pois esperava ver sangue e recebeu casamento. Tosilos foi guardado, as duas mulheres ficaram satisfeitas com qualquer caminho que levasse ao altar, e Dom Quixote recolheu mais uma vitória para a conta de sua cavalaria.

# Capítulo 116 - A saída do castelo

## Capítulo 116 - A saída do castelo

Depois de tantas festas, burlas e regalos, Dom Quixote começou a sentir que a permanência no castelo se parecia demais com o repouso que um cavaleiro andante deve evitar. Julgava que sua pessoa fazia falta nos caminhos do mundo e que teria de prestar contas ao céu por tantos dias de mesa farta, cama segura e aventuras arranjadas por mão alheia. Pediu licença aos duques para partir. Eles a deram com mostras de pesar, porque a presença do cavaleiro e de Sancho ainda lhes rendia entretenimento, e a duquesa entregou ao escudeiro as cartas que Teresa Pança lhe enviara. Sancho chorou ao lê-las, lembrando que as esperanças de governo inflamaram sua casa por pouco tempo e que agora voltava às jornadas incertas de seu amo.

Mesmo assim, Sancho achou consolo no comportamento de Teresa. Ela mandara bolotas à duquesa, sinal de gratidão que ele julgava honrado, pois o presente chegara depois de recebido o governo e, por isso, não podia ser tomado como suborno. Repetiu consigo que entrara desnudo no cargo e dele saía desnudo, sem perda nem ganho. Na manhã da partida, Dom Quixote apresentou-se armado na praça do castelo, enquanto moradores e criados observavam dos corredores. Sancho montava o rucio com alforjas, maleta e provisões, muito mais contente do que deixava parecer. O mordomo que representara a Trifaldi lhe dera às escondidas uma bolsa com duzentos escudos de ouro para as necessidades do caminho, notícia que Sancho guardava longe dos ouvidos de seu amo.

Quando todos olhavam a saída, Altisidora ergueu a voz entre as damas da duquesa e cantou uma queixa fingida, cheia de graça atrevida e veneno teatral. Chamou Dom Quixote de mau cavaleiro, acusou-o de

fugir de uma donzela ferida de amor e comparou sua partida às fugas de heróis ingratos das histórias antigas. Disse que ele levava consigo suspiros, entranhas apaixonadas, três toucas de dormir e ainda umas ligas que pertenceriam às suas pernas. Misturou lamento amoroso com pragas miúdas: desejou que as aventuras do cavaleiro se tornassem desventuras, que seus jogos fossem infelizes, que seus calos sangrassem e que suas firmezas acabassem em esquecimento. Também lançou sobre Sancho a dureza de não desencantar Dulcineia, para que a pena de uma culpa recaísse em quem a sofria.

Dom Quixote ouviu tudo sem responder de imediato. Voltou-se para Sancho e, invocando a salvação dos antepassados do escudeiro, pediu que dissesse a verdade sobre as toucas e as ligas. Sancho admitiu levar as três toucas, porém negou qualquer conhecimento das ligas. A duquesa ficou admirada com a ousadia de Altisidora, pois, embora a soubesse graciosa e solta, não esperava tal encenação. O duque, desejando prolongar a brincadeira, repreendeu Dom Quixote como hóspede ingrato e ameaçou desafiá-lo se as peças da donzela não fossem restituídas. O cavaleiro respondeu com cortesia que jamais levantaria a espada contra quem tantas mercês lhe fizera, que devolveria as toucas se Sancho as tinha, e que as ligas deveriam estar em algum esconderijo da própria Altisidora, pois ladrão ele nunca fora e nunca pretendia ser.

A duquesa concedeu nova licença e recomendou que o cavaleiro seguisse com Deus, acrescentando que sua demora só aumentaria o fogo nos peitos das donzelas do castelo. Altisidora pediu então uma última palavra e confessou o descuido: as ligas estavam com ela mesma, postas em seu corpo, como acontece a quem procura o animal em que já está montado. Sancho aproveitou a ocasião para declarar que sabia pouco de encobrir furtos; se quisesse enriquecer por esse caminho, teria encontrado ocasião excelente durante o governo. Dom Quixote inclinou a cabeça diante dos duques e dos presentes, voltou as

rédeas de Rocinante, e saiu do castelo seguido por Sancho no rucio. Deixavam para trás a casa das burlas, dos governos fingidos e dos amores ensaiados, tomando enfim a estrada de Zaragoza.

# Capítulo 117 - Imagens, pastores e touros

## Capítulo 117 - Imagens, pastores e touros

Quando se viu em campo aberto, longe das graças de Altisidora e das cortesias interessadas do castelo, Dom Quixote sentiu que voltava ao elemento natural de sua vida. Falou a Sancho da liberdade como o maior dom concedido aos homens, superior aos tesouros da terra e do mar, pois os banquetes recebidos com obrigação de agradecimento lhe pareciam uma espécie de prisão coberta de toalhas limpas e bebidas frescas. Sancho, menos inclinado a filosofia quando havia dinheiro em jogo, respondeu que a gratidão também devia incluir os duzentos escudos de ouro dados pelo mordomo do duque, bolsa que levava junto ao peito como remédio cordial, pois nem toda pousada futura seria castelo, e muitas podiam acabar em pancadas.

Pouco adiante encontraram uma dúzia de lavradores que comiam num prado, junto de volumes cobertos por panos brancos. Dom Quixote perguntou o que levavam com tanto cuidado, e os homens descobriram imagens destinadas ao retábulo de sua aldeia. Primeiro apareceu São Jorge a cavalo, com a lança cravada na serpente; depois São Martinho, repartindo a capa com o pobre; em seguida Santiago, armado e vitorioso contra os mouros; por fim São Paulo caindo do cavalo no instante de sua conversão. O cavaleiro comentou cada figura como se reconhecesse irmãos de ofício, santos que haviam combatido pela milícia divina enquanto ele, pecador, pelejava no mundo humano. Sancho achou aquela aventura excelente, pois dela saíam sem fome, sem espadas puxadas e sem corpos batidos no chão.

O encontro levou Dom Quixote a discorrer sobre agouros, prudência cristã e histórias antigas, corrigindo superstições com a solenidade de

quem convertia qualquer acaso em lição. Sancho, ainda lembrado de Altisidora, perguntou o que a moça vira nele para perder a vergonha daquele modo. Dom Quixote explicou que há formosura do corpo e formosura da alma, e que entendimento, honestidade, cortesia e bom proceder podiam mover amor mesmo quando a figura exterior não ajudava muito. Sancho aceitou a doutrina com a reserva de quem examinara o amo da cabeça aos pés e encontrara nele mais motivos de espanto que de paixão. Conversavam assim quando entraram por uma mata fora da estrada e Dom Quixote se viu preso em redes de fio verde estendidas entre árvores.

Já se preparava para romper as redes, tomando-as por artifício de encantadores vingativos, quando surgiram duas jovens vestidas como pastoras, ricas demais para qualquer rebanho verdadeiro. Elas explicaram que famílias principais de uma aldeia próxima haviam montado ali uma Arcádia de brincadeira, com rapazes e moças vestidos de pastores, tendas junto a um arroio, églogas de Garcilaso e Camões ensaiadas e redes preparadas para apanhar passarinhos. Ao reconhecerem Dom Quixote e Sancho pela história impressa, receberam-nos com admiração e pediram que se juntassem à festa. Um irmão de uma delas os levou às tendas, onde mais de trinta pastores fingidos os cercaram com curiosidade, oferecendo mesa limpa e abundante, lugar de honra e palavras corteses.

Depois de comer, Dom Quixote levantou a voz e declarou que o maior pecado dos homens, mais que a soberba em sua conta, era a ingratidão. Como não podia pagar na mesma medida a mercê recebida, oferecia o que possuía: defenderia por dois dias, no caminho real de Zaragoza, que aquelas pastoras disfarçadas eram as mais belas e corteses do mundo, ficando excluída apenas Dulcineia do Toboso, senhora absoluta de seus pensamentos. Sancho, comovido, perguntou aos presentes se alguém ainda ousaria chamar louco a um homem que falava daquele modo. Dom Quixote irritou-se com o comentário,

mandou-o calar e preparar Rocinante, pois o agradecimento, uma vez prometido, precisava tomar forma diante de quem passasse pela estrada.

Pôs-se então no meio do caminho, armado de escudo e lança, chamando cavaleiros, escudeiros e viandantes a confessarem a superior beleza das ninfas daquele prado. Repetiu o desafio duas vezes sem que aparecesse adversário humano, até que a sorte lhe mandou adversários de chifres. Uma multidão de vaqueiros vinha conduzindo touros bravos e mansos para uma corrida, gritando que o homem se afastasse se não quisesse ser despedaçado. Dom Quixote tomou o aviso por afronta, respondeu que nem os touros do Jarama o fariam recuar e exigiu confissão imediata da verdade que proclamara. A manada não discutiu cavalaria: passou por cima de Dom Quixote, Sancho, Rocinante e rucio, deixando todos no chão. O cavaleiro ainda correu atrás dos animais, chamando-os à batalha, porém o cansaço o venceu. Sem voltar à Arcádia para despedidas, seguiram viagem com mais vergonha que glória.

# Capítulo 118 - O outro Dom Quixote

## Capítulo 118 - O outro Dom Quixote

A poeira e o cansaço deixados pelos touros encontraram alívio numa fonte clara, cercada de árvores frescas. Sancho soltou o rucio, Dom Quixote deixou Rocinante sem freio, e ambos se sentaram à margem da água. O escudeiro tirou das alforjas o que chamava de conduto, lavou a boca e esperou que o amo comesse primeiro. Dom Quixote, abatido por haver sido pisado por animais quando esperava palmas e vitórias, declarou que nascera para viver morrendo, enquanto Sancho parecia destinado a morrer comendo. O escudeiro defendeu a vida com argumentos práticos: loucura maior que o desespero não havia, e um sono sobre a erva faria mais pela tristeza do cavaleiro do que qualquer jejum voluntário.

Dom Quixote aceitou comer alguma coisa e propôs, antes de dormir, que Sancho se afastasse e desse em si mesmo trezentos ou quatrocentos açoites, adiantando a conta necessária ao desencanto de Dulcineia. Sancho adiou a matéria com prudência, alegando que açoite frio era trabalho duro, especialmente em corpo mal sustentado, e prometeu cumprir quando a vontade ajudasse. Dormiram, acordaram tarde e seguiram para uma venda que se via a uma légua. Dom Quixote a chamou de venda, para alegria de Sancho, que temia vê-la transformada em castelo pela imaginação do amo. O hospedeiro prometeu abundância quase fabulosa, porém, a cada pedido de Sancho, confessava uma falta: sem frangos, sem galinhas, sem vitela, sem cabrito, restavam umas mãos de vaca cozidas com grão-de-bico, cebola e toucinho.

Sancho aceitou o prato com entusiasmo, entendendo que pouco importava serem mãos ou unhas se viessem quentes e substanciosas.

Na hora da ceia, Dom Quixote se recolheu ao aposento, separado por parede fina de outro quarto. Dali ouviu uma voz pedir a certo dom Jerónimo que, enquanto chegava a comida, lessem outro capítulo da segunda parte de Dom Quixote de la Mancha. Ao ouvir o próprio nome, o cavaleiro pôs-se de pé. Escutou que o livro tratava de disparates e, pior ainda, pintava Dom Quixote como desenamorado de Dulcineia. Não suportou o golpe. Ergueu a voz e declarou que quem dissesse tal coisa mentia, pois Dulcineia não podia ser esquecida e nele não cabia esquecimento.

Os homens do outro quarto entraram admirados. Eram dom Juan e dom Jerónimo, leitores da continuação apócrifa, e logo reconheceram diante de si o verdadeiro Dom Quixote, muito diverso daquele que um autor atrevido punha em circulação. Entregaram-lhe o livro. Ele o folheou por pouco tempo e achou nele faltas suficientes para condenar o todo: palavras do prólogo que lhe desagradavam, linguagem de sabor aragonês e erro grave no nome da mulher de Sancho, chamada ali Mari Gutiérrez em vez de Teresa Pança. Sancho indignou-se com essa troca e perguntou se também lhe haviam mudado o nome. Os cavalheiros responderam que o livro o tratava como comilão, simples e sem graça, figura bem inferior ao escudeiro conhecido pela primeira história.

Dom Quixote aceitou cear com os dois, enquanto Sancho ficou senhor da panela e do hospedeiro. Durante a conversa, dom Juan perguntou por Dulcineia, e o cavaleiro relatou o encantamento da dama em figura de lavradora, a descida à cova de Montesinos e a ordem de Merlín sobre os açoites de Sancho. Os ouvintes se espantavam alternadamente com a elegância do relato e com a substância delirante do que era contado, incapazes de decidir onde terminava a discrição e começava a loucura. Sancho entrou depois, já satisfeito de comida, e declarou que o autor falso deveria ter inventado outros dois viajantes, pois o verdadeiro amo era valente, discreto e enamorado, e o verdadeiro escudeiro podia ser simples e gracioso, sem se tornar

bêbado nem glutão.

Don Juan quis que Dom Quixote lesse mais do livro para comentar seus erros, porém o cavaleiro recusou. Dava-o por lido e por necio, sem conceder ao autor o gosto de saber que seus olhos haviam passeado por aquelas páginas. Quando perguntaram aonde ia, respondeu que seguia para Zaragoza, às justas do arnês. Don Juan informou que o livro falso já mandara seu Dom Quixote a essa cidade. A decisão veio imediatamente: o verdadeiro não poria os pés em Zaragoza, para que o mundo visse a mentira do historiador moderno. Iria a Barcelona, onde também havia ocasião de mostrar valor. Ao amanhecer, despediu-se dos novos amigos batendo na parede do aposento. Sancho pagou ao hospedeiro com largueza e deixou conselho seco: que gabasse menos a fartura da venda ou tratasse de tê-la mais provida.

# Capítulo 119 - Roque Guinart

## Capítulo 119 - Roque Guinart

Dom Quixote saiu da venda decidido a ir para Barcelona sem tocar em Zaragoza, movido pelo desejo de desmentir o autor que usara seu nome. Durante seis dias nada lhe aconteceu que merecesse escrita, até que uma noite o alcançou fora do caminho, entre encinas e alcornoques. Sancho, que havia merendado, dormiu sem custo ao pé de uma árvore. Dom Quixote, acordado por pensamentos de Dulcineia, da cova de Montesinos e da ordem de Merlín, concluiu que podia resolver à força o que o escudeiro adiava por vontade. Tomou as rédeas de Rocinante, aproximou-se de Sancho e começou a soltá-lo para aplicar-lhe parte dos açoites prometidos. Sancho despertou, agarrou o amo, derrubou-o de costas e pôs-lhe o joelho no peito, exigindo juramento de que ninguém tocaria em suas carnes sem consentimento.

Dom Quixote prometeu deixá-lo livre, e Sancho afastou-se para dormir em outra árvore. Ao apoiar-se, sentiu pés humanos acima da cabeça; mudou de lugar e achou outros. Chamou pelo amo, tremendo. Dom Quixote apalpou aqueles corpos e entendeu que eram bandoleiros enforcados pela justiça, sinal de que Barcelona já ficava perto. Com a manhã, viram os mortos pendurados como frutos sombrios, e logo os cercaram mais de quarenta homens vivos, armados e falando catalão. Os bandoleiros começaram a registrar o rucio e as alforjas de Sancho, que escapou por pouco de perder a bolsa escondida junto ao corpo. Então chegou o capitão, homem moreno, robusto, armado com pistolas e autoridade imediata. Mandou devolver o que tiravam, apresentou-se como Roque Guinart e disse a Dom Quixote que suas mãos eram mais compassivas que cruéis.

Dom Quixote respondeu que sua tristeza não vinha de cair em poder de Roque, cuja fama conhecia, e sim de haver sido surpreendido sem freio, escudo e lança prontos. Se o tivessem achado montado, afirmou, não seria fácil rendê-lo. Roque percebeu que havia ali mais loucura que valentia, embora a mistura lhe parecesse curiosa. Antes que a conversa avançasse, chegou a cavalo uma jovem vestida de verde, com armas ao lado e aflição no rosto. Chamava-se Claudia Jerónima, filha de amigo de Roque, e contou que Vicente Torrellas lhe prometera casamento em segredo. Ao saber que ele iria casar com outra, vestira-se de homem, alcançara-o na estrada e disparara contra ele, deixando-o ferido ou morto entre seus criados. Pedia passagem para França e proteção para o pai contra a vingança da família rival.

Dom Quixote ofereceu-se imediatamente para defender a moça e obrigar o ferido a cumprir a palavra, e Sancho confirmou a competência do amo como casamenteiro, lembrando o caso recente de Tosilos. Roque, porém, cuidou do fato real. Foi com Claudia até onde Vicente caíra, alcançou os criados que o levavam e encontrou o rapaz ainda vivo. Vicente negou a traição: nunca quisera casar com Leonora, e uma notícia falsa levara Claudia ao ciúme e ao disparo. Para provar sua palavra, tomou-lhe a mão como esposo antes de morrer. Claudia desmaiou sobre ele; ao voltar, achou o marido sem vida e entregou-se a um pranto que moveu até os olhos de Roque, pouco acostumados a lágrimas. Recusou companhia e decidiu recolher-se a um mosteiro onde uma tia era abadessa, deixando para trás o amor que sua própria pressa destruíra.

Roque voltou aos seus e encontrou Dom Quixote pregando aos bandoleiros que abandonassem vida tão perigosa para a alma e para o corpo. Sancho recebeu de volta quase tudo, reclamando apenas três toucas que estimava como cidades. Roque ordenou a restituição e, em seguida, mandou reunir roupas, joias e dinheiro roubados desde a última partilha. Fez as contas com exatidão e distribuiu entre os

homens de maneira tão justa que Sancho comentou ser a justiça necessária até entre ladrões. Um bandoleiro quase lhe quebrou a cabeça por isso, e o escudeiro decidiu que o silêncio era melhor companhia naquela gente. Depois trouxeram novos viajantes: dois capitães, dois peregrinos e um coche com doña Guiomar de Quiñones, sua filha e criadas. Roque cobrou dos ricos apenas parte do dinheiro, poupou os peregrinos e ainda mandou dar algum socorro a eles e a Sancho.

A liberalidade do capitão provocou murmúrio entre os seus. Um homem disse em língua misturada que Roque servia mais para frade que para bandoleiro e que deveria ser generoso com a própria fazenda, não com a alheia. Roque ouviu, sacou a espada e abriu-lhe a cabeça, ensinando com sangue o preço da língua solta. Depois escreveu uma carta a um amigo de Barcelona, avisando que levava consigo o famoso Dom Quixote de la Mancha, homem de loucuras e discrições capazes de divertir toda a cidade. Mandou dizer que, dentro de quatro dias, dia de São João, o cavaleiro seria posto na praia, armado sobre Rocinante, com Sancho montado no rucio. Um de seus homens trocou a roupa de bandoleiro por traje de lavrador e levou a notícia. Assim a fama de Dom Quixote chegou a Barcelona antes de seu corpo.

# Capítulo 120 - Entrada em Barcelona

## Capítulo 120 - Entrada em Barcelona

Três dias e três noites passou Dom Quixote com Roque Guinart, tempo suficiente para entender que a vida dos bandoleiros tinha menos liberdade do que alardeava. Amanheciam num lugar, comiam noutro, fugiam sem saber sempre de quem, esperavam sem saber sempre por quem, dormiam de sobressalto e mudavam de esconderijo como quem muda de respiração. Havia vigias, senhas, armas prontas e desconfiança até entre companheiros. Roque, perseguido pelos editais do vice-rei de Barcelona, passava as noites afastado dos seus, temendo que algum deles o entregasse à justiça ou lhe tirasse a vida por conveniência. Para Dom Quixote, que enxergava grandeza até em ofícios torcidos, aquilo era matéria de admiração; para Sancho, parecia apenas uma forma muito cansativa de viver sem casa.

Por atalhos e sendas pouco usadas, Roque conduziu Dom Quixote, Sancho e seis de seus homens até a praia de Barcelona, na véspera de São João. Ali abraçou cavaleiro e escudeiro, entregou a Sancho os dez escudos prometidos e partiu com oferecimentos de amizade. Dom Quixote ficou montado, esperando o dia nascer. Quando a claridade começou a abrir a linha do oriente, ele e Sancho viram pela primeira vez o mar, tão largo aos olhos deles que as lagoas conhecidas da Mancha pareciam pequenas lembranças de água. As galés estavam na praia com flâmulas, bandeiras e música; de dentro vinham clarins, trompetas e chirimias, e os tiros de artilharia respondiam aos fortes e muralhas da cidade. Sancho olhava aquelas massas móveis sobre a água e não compreendia como podiam ter tantos pés.

Da cidade saíram cavaleiros com librés vistosas, correndo pela areia em festa. Um deles, avisado por Roque, aproximou-se e saudou Dom

Quixote como espelho, farol e estrela da cavalaria andante, deixando claro que recebiam ali o verdadeiro cavaleiro da Mancha, descrito por Cide Hamete Benengeli, e não o falso que andava em histórias apócrifas. Dom Quixote não respondeu de pronto, tomado pelo aparato da recepção; depois comentou com Sancho que aqueles homens deviam ter lido tanto a história legítima quanto a aragonesa recém-impressa. O cavaleiro que falara convidou-o a entrar na cidade, dizendo que todos eram seus servidores e amigos de Roque Guinart. Dom Quixote aceitou com cortesia, pois via naquela acolhida nova prova de que sua fama havia chegado antes dele.

A entrada em Barcelona começou com música, aplausos e cavaleiros rodeando Dom Quixote em voltas de exibição. A cidade parecia preparada para celebrar sua chegada, embora celebrasse também o dia festivo. Só que a malícia dos rapazes, sempre pronta onde há multidão, achou meio de converter solenidade em queda. Dois meninos abriram caminho entre o povo e prenderam punhados de aliagas, plantas ásperas e espinhosas, nas caudas de Rocinante e do rucio. Os animais sentiram aquele tormento como novas esporas e saltaram em corcovos, apertando as caudas e lançando ao chão seus donos. Dom Quixote, envergonhado, correu a tirar o incômodo de Rocinante; Sancho fez o mesmo com o rucio, resmungando contra uma cidade que recebia hóspedes pela porta da música e pelo chão da zombaria.

Os que guiavam Dom Quixote quiseram castigar os rapazes, porém eles se perderam entre a multidão antes que alguém os alcançasse. Cavaleiro e escudeiro montaram de novo, já menos gloriosos, e seguiram com o mesmo aparato até a casa daquele que os conduzia. Chamava-se don Antonio Moreno, homem rico, discreto e amigo de prazeres honestos, cuja casa correspondia à sua condição. Ali seriam recebidos com mesa, conversação, visitas e novas burlas, mais urbanas que as do castelo dos duques, embora nascidas do mesmo gosto de pôr a loucura de Dom Quixote diante de espectadores. Por ora, a cidade o

tomava nos braços: mar, galés, clarins, pólvora, gente curiosa, meninos atrevidos e um anfitrião pronto para transformar o cavaleiro em espetáculo de salão.

# Capítulo 121 - A cabeça encantada

## Capítulo 121 - A cabeça encantada

Don Antonio Moreno recebeu Dom Quixote com trato de honra e logo começou a procurar modos de mostrar suas loucuras sem lhe causar dano. Mandou desarmá-lo e pô-lo à janela, com o velho traje apertado e amarelado, para que a gente da rua o visse como raridade. Depois serviu almoço a amigos que o trataram como cavaleiro andante, o que encheu Dom Quixote de satisfação. Sancho, por sua vez, prendeu a atenção da casa inteira com suas respostas. Quando don Antonio o provocou sobre manjar branco e almôndegas, insinuando que guardava sobras no peito, o escudeiro defendeu sua limpeza e sua moderação, dizendo que ele e o amo podiam passar dias com um punhado de bolotas, embora comesse de boa vontade o que a ocasião oferecesse.

Terminada a refeição, don Antonio levou Dom Quixote a um aposento reservado. No centro havia uma mesa que parecia de jaspe e, sobre ela, uma cabeça de bronze à maneira dos bustos antigos. O anfitrião contou, sob juramento de segredo, que aquela cabeça fora fabricada por grande encantador e respondia ao ouvido tudo quanto lhe perguntassem, exceto às sextas-feiras, dia em que ficava muda. Dom Quixote hesitou entre crer e duvidar, porém o curto prazo até a experiência o fez aceitar a maravilha. Na tarde do mesmo dia, don Antonio ainda o levou a passeio num mulo bem arreado e, sem que ele percebesse, mandou costurar em suas costas um letreiro: “Este é Dom Quixote de la Mancha”. A multidão lia o aviso e chamava seu nome, enquanto ele atribuía o reconhecimento à glória natural da cavalaria.

Um castelhano mais severo leu o letreiro e falou alto, aconselhando Dom Quixote a voltar para casa, cuidar da fazenda, da mulher e dos

filhos, e abandonar fantasias que lhe consumiam o juízo. Don Antonio cortou o conselho, dizendo que ninguém pedira opinião e que a virtude devia ser honrada onde aparecesse. O passeio terminou em casa, onde houve baile com damas. Duas delas, honestas e brincalhonas, insistiram tanto em dançar com Dom Quixote que lhe moeram corpo e alma. Ele resistia aos galanteios em nome de Dulcineia, até sentar-se no chão, vencido pela dança. Sancho ajudou a levá-lo para a cama e comentou que nem todo valente nasce dançarino: seu amo podia matar gigante, se preciso, porém cabriolas pertenciam a outro ofício.

No dia seguinte, don Antonio reuniu Dom Quixote, Sancho, sua mulher, duas damas e dois amigos diante da cabeça. O anfitrião perguntou que pensamentos tinha, e a cabeça respondeu que não julgava pensamentos. Perguntou quantos estavam ali, e ela contou todos, incluindo o famoso cavaleiro e seu escudeiro. As mulheres quiseram saber como ser belas e se eram amadas; os homens perguntaram por seus nomes e por filhos interessados em herança. As respostas vinham claras, prudentes e às vezes secas. Dom Quixote perguntou se o acontecido na cova de Montesinos fora sonho ou verdade, se os açoites de Sancho teriam efeito e se Dulcineia seria desencantada. A cabeça respondeu que a cova tinha muito que examinar, que os açoites iriam devagar e que o desencanto chegaria à execução devida. Sancho perguntou por novo governo, estreiteza de escudeiro e volta à família; ouviu que governaria em casa, veria mulher e filhos se voltasse, e deixaria de ser escudeiro quando deixasse o serviço.

Cide Hamete, para não deixar o leitor preso ao assombro, explica que a cabeça não tinha encantamento algum. Don Antonio copiara em casa um artifício visto em Madrid: mesa, pedestal e busto eram ocos, ligados por um tubo escondido a aposento inferior, onde um sobrinho estudante respondia às perguntas. O engenho durou poucos dias; quando a fama se espalhou por Barcelona, autoridades religiosas

mandaram desfazê-lo para evitar escândalo entre gente crédula. Para Dom Quixote e Sancho, entretanto, a cabeça permaneceu encantada, embora satisfizesse mais o cavaleiro que o escudeiro. A promessa sobre Dulcineia bastava a Dom Quixote; Sancho achou que a resposta sobre governo dizia apenas o que qualquer Perogrullo saberia dizer.

Mais tarde, Dom Quixote quis passear a pé pela cidade e entrou numa casa onde se imprimiam livros. Viu prensas, provas, composição de letras e oficiais ocupados em partes diferentes da obra. Conversou com um tradutor de italiano, discutiu palavras simples como quem provava ciência, e declarou que traduzir de línguas fáceis se parecia a olhar tapete flamengo pelo avesso: as figuras aparecem, porém faltam clareza e face direita. Ainda assim, reconheceu mérito no ofício quando bem feito. Em outro lugar viu corrigirem a Segunda parte do engenhoso hidalgo Dom Quixote de la Mancha, composta por um autor de Tordesilhas. Já conhecia aquele volume e disse que imaginara vê-lo reduzido a pó por impertinente. Saiu da imprensa com desgosto, enquanto don Antonio preparava para aquela tarde uma visita às galés da praia, notícia que alegrou Sancho por nunca ter visto tais máquinas do mar.

# Capítulo 122 - Ana Félix nas galés

## Capítulo 122 - Ana Félix nas galés

Dom Quixote passou a pensar sem descanso nas respostas da cabeça encantada, tomando como certa a promessa do desencanto de Dulcineia. Sancho, apesar de jurar que abominava governos, ainda sentia a tentação de mandar e ser obedecido, sinal de que mesmo o poder de brincadeira deixa gosto difícil de apagar. Naquela tarde, don Antonio levou os dois, acompanhado de amigos, às galés. O comandante, avisado da visita, preparou recepção magnífica: música, tiros de saudação, esquife adornado com tapetes e almofadas, e a tripulação saudando Dom Quixote como pessoa principal. O cavaleiro, tratado com cerimônia quase militar, sentou-se na popa cheio de contentamento, enquanto Sancho examinava homens, remos e cordas com suspeita crescente.

O que parecia festa tornou-se tormento para o escudeiro. Um marinheiro, instruído para a brincadeira, agarrou Sancho e o passou de banco em banco por cima dos braços da chusma, que o recebeu e lançou adiante com tanta rapidez que ele perdeu a vista dos próprios movimentos. Quando voltou à popa, estava moído, suado e certo de haver sido carregado por demônios. Dom Quixote perguntou ao comandante se aquela cerimônia se aplicava a todos que entravam nas galés, pois ele não pretendia professar em tal ordem e tiraria a alma a quem tentasse fazê-lo voar daquele modo. Logo depois baixaram a antena com estrondo enorme, e Sancho, pensando que o céu caía sobre sua cabeça, encolheu-se todo. Ao ver os remadores recebendo golpes do comitre, concluiu que aquilo era inferno ou purgatório. Dom Quixote aproveitou a cena para sugerir que seus açoites, recebidos entre tantos, talvez contassem por muitos no desencanto de Dulcineia.

A conversa foi interrompida por sinal vindo de Montjuïc: havia um barco de remos na costa, do lado do poente. O comandante suspeitou de corsários de Argel e ordenou movimento imediato. Duas galés saíram pelo largo, a capitânia seguiu mais perto da terra, e o pequeno bergantim tentou fugir. A embarcação não tinha força para escapar. Quando já podia ouvir as ordens de rendição, dois turcos dispararam contra a capitânia e mataram dois soldados. O comandante jurou enforcar todos os capturados. O barco foi tomado, trazido à praia e cercado por curiosos, entre eles o vice-rei. Ao perguntarem pelo arráez, apontaram um moço belíssimo, de menos de vinte anos, já com as mãos atadas e a corda pronta. O vice-rei, comovido pela aparência humilde e formosa, perguntou-lhe se era turco, mouro ou renegado. A resposta veio em castelhano claro: era mulher cristã.

Deram-lhe licença para contar sua história antes da execução. Ela disse ter nascido de pais moriscos, embora criada na fé cristã verdadeira, e que fora levada a Berberia por parentes durante o desterro de seu povo. Chamava-se Ana Félix. Seu pai, prudente, saíra antes em busca de lugar seguro e deixara escondidos na Espanha dinheiro, perlas e joias, confiando a ela o segredo. Também ficara em sua vida um jovem cristão, don Gaspar Gregorio, apaixonado por ela, que se misturou aos moriscos para acompanhá-la no exílio. Em Argel, o rei soube da beleza de Ana e das riquezas escondidas; soube também da formosura de Gaspar, o que o pôs em perigo maior. Para salvá-lo, Ana o vestiu de mulher e apresentou-o assim, conseguindo que fosse guardado entre mulheres enquanto ela voltava à Espanha num bergantim, acompanhada de um renegado espanhol e de dois turcos, com a missão de buscar o tesouro.

Os turcos, gananciosos, desviaram-se do plano e resolveram fazer alguma presa na costa antes de deixá-la em terra. Foram descobertos pelas galés e tudo terminou como se via. Ana pediu apenas que a deixassem morrer como cristã, pois não participara das culpas

atribuídas aos de sua nação. Enquanto falava, um peregrino idoso, que entrara com o vice-rei, fixava os olhos nela. Mal ouviu o nome, lançou-se a seus pés: era Ricote, o mesmo morisco encontrado por Sancho depois de Baratária, pai de Ana Félix. Sancho o reconheceu e confirmou ao comandante que aquele homem dizia verdade ao menos quanto à filha. Ricote explicou que voltara para procurar Ana e o tesouro escondido; achara as riquezas, e agora, por volta estranha da fortuna, achava o tesouro maior, sua própria filha.

As lágrimas de pai e filha dobraram o rigor do comandante. Ana Félix foi poupada, e o vice-rei ainda pediu que a vingança contra os turcos fosse suspensa, pois a execução fria já não tinha a mesma aparência de justiça. Passaram então a tratar do resgate de don Gaspar Gregorio, ainda em Argel vestido como mulher e cercado de perigo. Ricote ofereceu mais de dois mil ducados em joias para a empresa. O renegado espanhol propôs voltar em barco pequeno, com remadores cristãos, afirmando conhecer lugar, tempo e casa onde Gaspar estava. Houve dúvida sobre confiar nele, e Ana se pôs por fiadora de sua intenção, enquanto Ricote se obrigou a pagar o resgate se algo desse errado. O vice-rei desembarcou, e don Antonio levou consigo Ana Félix e Ricote, encarregado de tratá-los com todo cuidado. A visita às galés, começada em brincadeira contra Sancho, terminava em caso de lágrimas, perdão e esperança.

# Capítulo 123 - O Cavaleiro da Branca Lua

## Capítulo 123 - O Cavaleiro da Branca Lua

A mulher de don Antonio recebeu Ana Félix com agrado, presa tanto à beleza quanto à discrição da morisca cristã, e logo a cidade começou a vir vê-la como se um toque de campana chamasse todos para novidade pública. Dom Quixote, sabendo do plano para tirar don Gregorio de Argel, julgou-o perigoso e pouco digno de sua profissão. Propôs que o levassem a Berberia com armas e cavalo, pois ele libertaria don Gregorio e quantos cristãos cativos encontrasse, como cavaleiro de romances capaz de abrir portas com a lança. Sancho trouxe a questão para o chão: Gaiferos resgatara Melisendra por terra firme, enquanto ali havia mar no meio. Dom Quixote respondeu que para tudo há remédio salvo para a morte, e don Antonio, sorrindo, prometeu recorrer ao braço do cavaleiro se o renegado falhasse.

O renegado partiu dois dias depois num barco leve, com remadores valentes, e as galés seguiram para Levante, deixando pedido ao vice-rei para que avisasse o resultado do resgate. Passados mais alguns dias, Dom Quixote saiu pela praia armado de todas as suas armas, pois dizia que elas eram seus adornos naturais e que seu descanso verdadeiro era pelejar. Viu então aproximar-se outro cavaleiro armado de alto a baixo, trazendo no escudo uma lua resplandecente. O desconhecido anunciou-se como Cavaleiro da Branca Lua e veio contender com ele para provar que sua dama, fosse quem fosse, superava em beleza Dulcineia do Toboso. Se Dom Quixote confessasse isso, pouparia a vida; se pelejasse e fosse vencido, deveria deixar as armas e recolher-se à sua aldeia por um ano, vivendo em paz, sem buscar aventuras.

Dom Quixote ouviu o desafio com espanto e severidade. Respondeu que o Cavaleiro da Branca Lua jamais vira Dulcineia, pois bastaria contemplá-la uma vez para abandonar tal pretensão. Sem chamá-lo mentiroso, disse que ele se enganava no essencial, aceitou as condições e recusou apenas a passagem da fama alheia para a sua, porque ignorava que feitos o outro possuía. Da cidade já haviam percebido o encontro e avisado o vice-rei, que chegou à praia com don Antonio e outros cavaleiros. Perguntou ao desafiante a causa daquela batalha repentina. O da Branca Lua resumiu a pendência como precedência de formosura e repetiu as condições aceitas. Don Antonio, consultado em voz baixa, jurou desconhecer o homem e ignorar se aquilo era burla ou coisa séria.

O vice-rei, incapaz de impedir dois homens tão presos ao próprio intento, afastou-se e entregou-os a Deus. Dom Quixote encomendou-se ao céu e a Dulcineia. Os dois tomaram distância e voltaram os cavalos ao mesmo tempo, sem trombeta nem sinal de guerra. O cavalo da Branca Lua era mais forte e rápido que Rocinante; alcançou Dom Quixote antes do meio da carreira e o atingiu com tão poderoso encontro, levantando a lança para não feri-lo, que cavalo e cavaleiro rolaram no chão. O vencedor aproximou-se, pôs a lança sobre a viseira de Dom Quixote e exigiu que confessasse as condições do desafio. Do chão, aturdido e sem levantar o rosto, Dom Quixote falou como se viesse de uma sepultura: Dulcineia era a mulher mais bela do mundo, e ele o mais desditoso cavaleiro da terra; sua fraqueza não podia lesar aquela verdade.

Pediu que o vencedor apertasse a lança e lhe tirasse a vida, já que lhe tirara a honra. O Cavaleiro da Branca Lua recusou. Declarou viva a fama de Dulcineia e exigiu apenas que Dom Quixote se retirasse para sua terra por um ano, ou pelo tempo mandado, conforme haviam combinado. O vencido respondeu que cumpriria tudo o que não ferisse Dulcineia, como cavaleiro pontual e verdadeiro. Então o vencedor fez

cortesia ao vice-rei, voltou as rédeas e entrou na cidade a meio galope. O vice-rei mandou don Antonio segui-lo e descobrir quem era. Na praia, levantaram Dom Quixote, acharam-no pálido e suado; Rocinante mal podia mover-se. Sancho ficou sem palavra, vendo o amo rendido, as armas suspensas por um ano e a glória de tantas promessas apagada de repente. Trouxeram uma cadeira de mãos e levaram Dom Quixote à cidade, com mais peso no ânimo que no corpo.

# Capítulo 124 - Sansão Carrasco e don Gregorio

## Capítulo 124 - Sansão Carrasco e don Gregorio

Don Antonio seguiu o Cavaleiro da Branca Lua até um mesão, acompanhado por rapazes curiosos que o perseguiam como novidade de rua. Entrou com impaciência, desejoso de conhecer o homem que derrubara Dom Quixote. O cavaleiro percebeu sua intenção e, enquanto um criado o desarmava, revelou a verdade: chamava-se Sansão Carrasco, bacharel do mesmo lugar de Dom Quixote, e movia-se por compaixão. A loucura do fidalgo afligia todos os conhecidos, e Sansão julgava que a cura dependia de repouso, casa e afastamento das aventuras. Meses antes tentara vencê-lo sob o nome de Cavaleiro dos Espelhos, impondo como pena o retorno à aldeia; Dom Quixote o derrotara, e ele voltara moído e envergonhado. Agora a sorte mudara, e a palavra dada obrigaria o vencido a cumprir o retiro.

Sansão pediu segredo, para que Dom Quixote não soubesse quem o vencera e o plano pudesse dar fruto. Don Antonio prometeu calar, embora lamentasse o agravo feito ao mundo por quem desejava devolver juízo ao mais gracioso louco existente. A seu ver, a utilidade da cordura não compensaria o prazer que Dom Quixote e Sancho davam com seus desvarios. Ainda assim, respeitou a intenção caridosa do bacharel. Sansão mandou carregar as armas num mulo, montou o cavalo da vitória e saiu naquele mesmo dia para sua terra. Don Antonio contou tudo ao vice-rei, que recebeu a notícia com pouco gosto, pois também via no recolhimento de Dom Quixote a perda de um divertimento raro para Barcelona.

Dom Quixote ficou seis dias de cama, triste, abatido e preso à memória da queda. Sancho procurava consolá-lo, lembrando que ao menos não

quebrara costelas e que onde dão também se recebe. Pedia que voltassem para casa e deixassem aventuras em terras desconhecidas. Ao mesmo tempo, confessava sua própria perda: abandonara o desejo de governar outra ilha, porém ainda conservava a esperança de ser conde, e essa esperança dependia de Dom Quixote continuar cavaleiro, ganhar reino e distribuir mercês. O amo mandou-o calar com brandura. O retiro duraria apenas um ano; depois voltaria aos honrados exercícios e não lhe faltaria reino nem condado. Sancho respondeu com esperança cautelosa, preferindo promessa boa a posse ruim.

Enquanto conversavam, entrou don Antonio com notícia alegre: don Gregorio e o renegado estavam na praia, ou melhor, já na casa do vice-rei, e viriam em seguida. Dom Quixote alegrou-se por um instante, depois se doeu de não ter sido ele o libertador. Vencido, derrubado e proibido de tomar armas, perguntava a si mesmo que feitos podia prometer e de que força podia gabar-se. Sancho mandou-o deixar essas tristezas e levantar-se para receber o moço. Don Gregorio chegou com o renegado. Em Argel usara roupa de mulher para escapar ao perigo; no barco trocara o disfarce por veste de cativo, e em qualquer traje mostrava beleza e distinção acima de seus poucos anos. Ricote e Ana Félix saíram a recebê-lo, ele com lágrimas, ela com honestidade contida. Os olhos dos amantes disseram mais do que palavras podiam dizer diante de tanta gente.

O renegado contou como resgatara don Gregorio, e o moço relatou em poucas frases os riscos passados entre as mulheres que o guardavam. Ricote pagou generosamente aos remadores e ao próprio renegado, que voltou à Igreja por penitência e arrependimento. Depois discutiram como Ana Félix e seu pai poderiam permanecer na Espanha. Don Antonio ofereceu ir à corte e negociar, admitindo que favores e dádivas resolviam muitas dificuldades. Ricote, conhecedor do rigor aplicado à expulsão dos moriscos, duvidou de qualquer êxito e

falou do conde de Salazar como homem diante de quem lágrimas, promessas e dinheiro pouco valiam. Mesmo assim, don Antonio faria as diligências possíveis. Don Gregorio seguiria com ele para consolar seus pais e preparar a volta por Ana; ela ficaria com a mulher de don Antonio, e Ricote, na casa do vice-rei.

Chegou o dia das despedidas. Don Gregorio e Ana Félix separaram-se com lágrimas e suspiros, pois a esperança de reencontro não apagava a dor imediata. Ricote ofereceu ao rapaz mil escudos; ele aceitou apenas cinco emprestados por don Antonio, prometendo pagá-los na corte. Partiram don Antonio e don Gregorio. Pouco depois chegou a vez de Dom Quixote e Sancho, pois a queda da praia já permitia ao cavaleiro pôr-se em caminho. Dom Quixote saiu desarmado, com roupa de viagem, e Sancho foi a pé, porque o rucio levava as armas. A imagem resumia o novo estado da história: o cavaleiro que chegara a Barcelona entre galés e música deixava a cidade vencido, sem lança na mão, obrigado a fazer do cumprimento da palavra sua única aventura possível.

# Capítulo 125 - A aposta e Tosilos

## Capítulo 125 - A aposta e Tosilos

Ao sair de Barcelona, Dom Quixote voltou os olhos para o ponto da praia onde havia caído e lamentou como quem contempla ruína de cidade vencida. Ali, dizia, sua desdita levara as glórias alcançadas; ali a fortuna dera suas voltas; ali suas façanhas haviam escurecido. Sancho respondeu com uma filosofia que surpreendeu o amo: coração valente deve sofrer nas desgraças como se alegra nas prosperidades. Ele próprio estivera contente enquanto governava e agora, escudeiro a pé, não se julgava destruído. Falou da Fortuna como mulher cega, bêbada e caprichosa, incapaz de saber a quem derruba ou levanta. Dom Quixote corrigiu a doutrina: nada acontece por acaso, tudo vem por providência, e cada homem trabalha a própria ventura. Ele ousara contra cavalo superior, perdera a honra do combate, porém conservaria a virtude de cumprir a palavra.

Esse cumprimento seria o noviciado de um ano em sua terra, recolhimento que talvez lhe desse novas forças para voltar ao exercício das armas. Sancho aceitou a ideia de retorno, mas reclamou da parte que lhe cabia: caminhar a pé não lhe parecia gosto capaz de mover grandes jornadas. Propôs pendurar as armas numa árvore, como troféu, para que o rucio ficasse livre e pudesse levá-lo. Dom Quixote gostou por um momento da imagem, imaginando versos gravados como os de Roldán, até Sancho sugerir que também Rocinante poderia ser pendurado, já que causara falta no combate. O cavaleiro recusou tal ingratidão. Sancho devolveu a culpa ao dono, dizendo que o erro não devia rebentar nas armas partidas, na mansidão de Rocinante ou na brandura de seus pés.

Assim seguiram o dia inteiro e outros quatro, sem aventura que lhes impedisse o caminho. No quinto, à entrada de um lugar, acharam muita gente reunida diante de um mesão por ser dia de festa. Um lavrador pediu que aqueles viajantes, desconhecedores das partes envolvidas, julgassem uma aposta. O caso era simples e absurdo: um homem gordíssimo, de onze arrobas, desafiara outro de cinco arrobas para correr cem passos. Para igualar as condições, queria que o magro carregasse seis arrobas de ferro, ficando ambos com o mesmo peso. Antes que Dom Quixote respondesse, Sancho reclamou para si a decisão, lembrando que havia poucos dias fora governador e juiz. O amo concedeu a palavra, pois trazia o juízo demasiado revolto para dar migalhas a um gato.

Sancho sentenciou com clareza. Se o desafiado tem direito de escolher armas, essas armas não podem ser tais que o impeçam de vencer. O gordo, por ser o desafiante, deveria aparar, cortar e diminuir seis arrobas de suas próprias carnes, até ficar com cinco e correr em igualdade com o adversário. Os presentes abriram a boca diante da sentença e um deles declarou que Sancho falara como bendito e julgara como cônego, embora o gordo jamais aceitasse perder uma onça, quanto mais seis arrobas. Outro propôs solução mais prática: que ninguém corresse, que metade da aposta virasse vinho e que levassem os viajantes à taberna do melhor. Dom Quixote agradeceu, mas recusou a demora, porque pensamentos tristes o obrigavam a seguir. Os camponeses ficaram admirados da figura do amo e da discrição do criado, concluindo que, se Sancho era assim, grande coisa devia ser seu senhor.

Na noite seguinte dormiram ao relento. No outro dia viram aproximar-se um homem a pé, com alforjas ao pescoço e chuzo na mão, jeito claro de correio. Ao reconhecer Dom Quixote, abraçou-lhe a perna com alegria e disse que o duque se alegraria ao saber que ele voltava ao castelo. Dom Quixote não o reconheceu. O homem

apresentou-se: era Tosilos, o lacaio que se negara a combater pelo casamento da filha de doña Rodríguez. O cavaleiro atribuiu a aparência a encantamento, convencido de que os inimigos haviam mudado o verdadeiro ofensor naquele lacaio. Tosilos pediu que se deixasse disso. Entrara lacaio na estacada e lacaio saíra; quisera casar-se sem combate porque a moça lhe agradara, mas o duque mandara dar-lhe cem paus por descumprir as ordens. A jovem fora para um convento, doña Rodríguez voltara a Castela, e ele seguia a Barcelona com cartas para o vice-rei.

Tosilos ofereceu vinho quente e puro, com fatias de queijo de Tronchón capazes de acordar qualquer sede. Sancho aceitou a cortesia de imediato, contra todos os encantadores do mundo. Dom Quixote repreendeu-o, chamando-o de glotão e ignorante por não perceber que aquele correio era figura encantada ou Tosilos falsificado. Seguiu adiante devagar, deixando o escudeiro entregue ao convite. Tosilos abriu a cabaça, tirou pão e queijo, e os dois se sentaram na erva em paz tão completa que quase lamberam o pacote das cartas por cheirar a queijo. O lacaio perguntou se o amo de Sancho era de fato louco. Sancho respondeu que Dom Quixote pagava tudo com a própria moeda, e a moeda era loucura; sabia disso e dizia ao amo, sem proveito algum, ainda mais agora que vinha rematado pela derrota da Branca Lua. Tosilos quis ouvir a história, mas Sancho lembrou que seria descortês deixar o senhor esperando. Sacudiu as migalhas da barba, despediu-se e alcançou Dom Quixote à sombra de uma árvore.

# Capítulo 126 - O pastor Quijótiz

## Capítulo 126 - O pastor Quijótiz

Muitos pensamentos fatigavam Dom Quixote antes da derrota, e muitos mais o cercaram depois dela. À sombra da árvore onde esperava Sancho, dividia a imaginação entre o desencanto de Dulcineia e a vida que teria de levar durante o ano de recolhimento. Quando o escudeiro voltou satisfeito com a comida de Tosilos, elogiando a liberalidade do lacaio, Dom Quixote admirou-se de que ele ainda tomasse por verdadeiro aquele mensageiro. Para o cavaleiro, o mesmo poder que pusera Dulcineia em figura de lavradora e o Cavaleiro dos Espelhos em aparência de bacharel podia muito bem fingir Tosilos outra vez. Perguntou se Sancho ao menos indagara por Altisidora, se chorava a ausência dele ou se entregara seus amores ao esquecimento.

Sancho respondeu que, diante de vinho e queijo, não tivera cabeça para bobeiras amorosas. Dom Quixote então distinguiu amor e agradecimento. Um cavaleiro podia ser desamado, dizia, mas jamais ingrato. Altisidora lhe dera toucas, chorara sua partida, maldizera seu nome em público, e todas essas violências eram sinais de paixão. Ele nada podia dar-lhe em troca, pois suas esperanças pertenciam a Dulcineia, e os tesouros de cavaleiros andantes costumavam desaparecer como dinheiro de duendes. Sancho trouxe a conversa para os açoites e duvidou que as próprias nádegas servissem ao desencanto de senhora alheia; parecia-lhe remédio tão estranho quanto ungir os joelhos para curar dor de cabeça. Ainda assim, prometeu cumprir quando tivesse vontade e ocasião.

Continuaram caminho e chegaram ao prado onde antes haviam encontrado os pastores fingidos e as pastoras ricas. Reconhecendo o lugar, Dom Quixote viu nele solução para o ano de suspensão das

armas. Se não podia ser cavaleiro andante por algum tempo, seria pastor. Compraria ovelhas, instrumentos e tudo o que conviesse ao exercício campestre; chamar-se-ia pastor Quijótiz, Sancho seria pastor Pancino, e ambos andariam pelos montes e prados cantando ausências, bebendo das fontes, sentando-se sob árvores e fazendo versos que os tornassem famosos nos séculos presentes e futuros. Sancho gostou da ideia de imediato, especialmente porque imaginou que o bacharel Sansão Carrasco, o barbeiro Nicolás e talvez até o cura quisessem entrar no mesmo aprisco.

Dom Quixote começou a distribuir nomes. Sansão poderia ser pastor Sansonino ou Carrascón; Nicolás viraria Niculoso; o cura, se aceitasse o jogo, talvez Curiambro. Dulcineia conservaria seu nome, pois servia tanto a pastora quanto a princesa. Sancho escolheu Teresona para Teresa, por combinar com o corpo da mulher e manter o próprio nome. Disse ainda que o cura faria melhor em dispensar pastora, por dar bom exemplo, e que o bacharel cuidasse da alma se quisesse uma. Dom Quixote passou então a falar dos sons do campo, das gaitas, rabeles, tamborins, sonajas e albogues. Como Sancho ignorasse estes últimos, explicou-lhe que eram peças metálicas de som rústico e aproveitou para ensinar que muitas palavras castelhanas iniciadas por al vinham do árabe, entregando ao escudeiro uma lição de língua no meio da estrada.

A nova vida, em sua fantasia, teria poesia abundante. Ele queixaria ausências; Sancho celebraria firmeza; Carrascón cantaria desdéns; o cura trataria do que melhor lhe servisse. Sancho, por sua vez, via colheradas, migas, natas, guirlandas e pequenas obras de madeira feitas por suas mãos, suficientes para lhe dar fama de engenhoso. Pensou em Sanchica levando comida ao rebanho, mas logo se alarmou, pois a filha era vistosa e nem todos os pastores seriam simples. Começou a despejar refrões sobre perigos do amor nos campos e nas cidades, até Dom Quixote mandá-lo parar. Sancho respondeu que o

amo o repreendia por refrões enquanto soltava os seus de dois em dois. A discussão terminou como muitas: Dom Quixote alegou propósito e medida, Sancho aceitou pouco e a noite caiu. Comeram tarde e mal; Sancho dormiu pensando que nem sempre havia castelos, bodas de Camacho ou casas de don Antonio, enquanto Dom Quixote velou entregue às próprias ideias.

# Capítulo 127 - A noite dos porcos

## Capítulo 127 - A noite dos porcos

A noite estava escura, embora a lua andasse no céu por lugar onde pouco ajudava. Dom Quixote dormiu apenas o primeiro sono; Sancho, como de costume, entregou-se ao descanso inteiro. As preocupações do cavaleiro logo o despertaram, e ele acordou o escudeiro para censurar a liberdade de sua condição. Enquanto Dom Quixote velava, chorava e jejuava, Sancho dormia, cantava e às vezes ficava pesado de tão satisfeito. Pediu-lhe então, com rogo em vez de força, que se afastasse um pouco e se desse trezentos ou quatrocentos açoites pela conta de Dulcineia. Depois, prometia, passariam o resto da noite cantando, já em ensaio da vida pastoril: ele a ausência, Sancho a firmeza.

Sancho recusou o programa com argumentos de sono. Não era religioso para levantar-se no meio da noite e disciplinar o próprio corpo, nem via caminho natural entre dor de açoite e música. Pediu que o deixassem dormir, sob pena de jurar que nunca tocaria sequer no pelo do gibão, quanto menos nas carnes. Dom Quixote chamou-o de alma endurecida e lembrou que por ele Sancho fora governador e ainda podia ser conde quando o ano passasse. Sancho respondeu que, enquanto dormia, não tinha medo, esperança, trabalho nem glória. Louvou o sono como capa de todos os pensamentos humanos, comida contra a fome, água contra a sede, fogo contra o frio e moeda comum que igualava pastor e rei. Dom Quixote admirou a elegância do discurso, e Sancho logo notou que o amo também deixava cair refrões quando lhe convinha.

A conversa foi cortada por ruído surdo e áspero que crescia pelos vales. Dom Quixote pôs mão à espada; Sancho escondeu-se junto ao rucio,

protegido pela albarda e pelo fardo das armas. Vinham mais de seiscentos porcos conduzidos para uma feira, grunhindo, bufando e correndo com tal pressa que nem cavaleiro nem escudeiro entenderam a tempo o que se aproximava. A piara passou por cima de tudo: derrubou Dom Quixote, Sancho, Rocinante e o rucio; espalhou armas, albarda e provisões; deixou no chão mais confusão que batalha. Sancho levantou-se pedindo a espada para matar meia dúzia daqueles senhores descomedidos. Dom Quixote o conteve, aceitando o vexame como pena de seu pecado e castigo devido a cavaleiro andante vencido.

Sancho observou que, se o céu castigava cavaleiros vencidos com porcos, também castigava escudeiros com fome, moscas e piojos sem que eles tivessem culpa de parentesco. Perguntou o que tinham os Panças com os Quixotes e propôs dormir o pouco que restava da noite. Dom Quixote, incapaz de repousar, disse que daria saída aos pensamentos num pequeno canto composto de memória. Sancho respondeu que pensamentos capazes de fazer versos não deviam ser muitos e dormiu de novo como quem não deve nada a fianças, tristezas ou pancadas. O cavaleiro, encostado a uma árvore, cantou versos sobre amor, morte e vida, acompanhados de suspiros e lágrimas, pois a derrota na praia e a ausência de Dulcineia ainda lhe feriam o ânimo.

Ao amanhecer, Sancho viu o estrago dos porcos nas provisões e lançou contra a piara maldições que preferiu não medir. Voltaram ao caminho e, perto do fim da tarde, avistaram dez homens a cavalo e alguns a pé, todos armados com lanças e adargas. Dom Quixote disse que, se pudesse usar as armas e se a promessa não lhe prendesse os braços, tomaria aquela gente por coisa fácil; preso à palavra, só lhe restava esperar. Os cavaleiros chegaram em silêncio, rodearam-no e puseram lanças diante de seu peito e costas. Um dos homens fez sinal para que calassem, tomou o freio de Rocinante e tirou-o do caminho; outros conduziram Sancho e o rucio, picando-os quando tentavam falar. A noite fechou, o passo acelerou e os prisioneiros ouviram insultos de

nomes estranhos, como trogloditas, antropófagos e Polifemos, que Sancho entendia tortamente e temia por inteiro.

Dom Quixote procurava achar sentido nos nomes e nos gestos, e de todos tirava pouca esperança. Depois de quase uma hora de noite, chegaram a um castelo que ele reconheceu: era o dos duques. A lembrança não o tranquilizou. Naquela casa tudo fora cortesia, sim, mas para vencidos o bem podia virar mal e o mal, coisa pior. Entraram no pátio principal e o acharam preparado com aparato tão estranho que a admiração dos dois cresceu junto do medo. Luzes, silêncio, gente ordenada e sinais de cerimônia anunciavam que a aventura dos porcos fora apenas entrada para burla maior. Dom Quixote e Sancho, sem armas de defesa e sem licença para perguntas, ficaram entregues à máquina que os esperava.

# Capítulo 128 - A falsa morte de Altisidora

## Capítulo 128 - A falsa morte de Altisidora

Os homens apearam e, tomando Dom Quixote e Sancho quase no ar, levaram-nos para o pátio. A noite desaparecia sob a quantidade de luzes: tochas ardiam em suportes, luminárias brilhavam nos corredores e, no centro, erguia-se um túmulo coberto de veludo negro, cercado por velas brancas em candeeiros de prata. Sobre ele jazia uma donzela tão formosa que a própria morte parecia enfeitada por sua presença. A cabeça repousava numa almofada rica, as mãos ficavam cruzadas sobre o peito e seguravam uma palma amarela. Dom Quixote reconheceu o corpo fingido de Altisidora. Ao lado havia um tablado com figuras coroadas e, logo depois, entraram o duque e a duquesa, sentando-se como senhores de toda aquela cena.

Dom Quixote e Sancho foram postos em cadeiras diante do espetáculo. Um servidor vestiu Sancho com roupa negra pintada de chamas, tirou-lhe a caperuza e colocou em sua cabeça uma coroza pintada de diabos, advertindo-o ao ouvido que ficasse calado se prezava a vida. Sancho examinou as chamas e, por perceber que não queimavam, deu-lhes pouca importância; olhou os diabos e concluiu que também não o levavam. Dom Quixote, apesar do temor, quase riu da figura do escudeiro. Então, debaixo do túmulo, saiu música baixa de flautas, e junto à almofada apareceu um jovem vestido à romana, tocando harpa e cantando estrofes sobre Altisidora, morta pela crueldade de Dom Quixote e aguardando retorno à luz por intervenção superior.

Um dos reis fingidos, apresentado como Minos, interrompeu o canto e chamou Radamanto, seu companheiro nos julgamentos infernais, para declarar o meio de trazer Altisidora de volta. Radamanto levantou-se e

ordenou que os ministros da casa selassem o rosto de Sancho com vinte e quatro palmadas de escárnio, dessem-lhe doze beliscões e seis picadas de alfinete nos braços e nas costas, pois nisso consistia a saúde da donzela. Sancho rompeu o silêncio. Perguntou que relação podia haver entre manosear seu rosto e ressuscitar Altisidora; já o obrigavam a açoitar-se por Dulcineia, agora queriam furá-lo por outra morta. Radamanto ameaçou-o, chamando-o de tigre e soberbo, e mandou que os ministros cumprissem a sentença.

Apareceram seis dueñas em procissão, algumas de óculos, todas com as mãos erguidas e dedos à mostra. Ao vê-las, Sancho declarou que aceitaria quase qualquer tormento, menos ser tocado por dueñas. Preferia punhais, tenazes e fogo a aquelas mãos. Dom Quixote pediu paciência, lembrando que o céu pusera nele virtude capaz de desencantar encantados e ressuscitar mortos. Mais brando, Sancho ofereceu rosto e barba à primeira dueña, que lhe deixou a palmada bem marcada e ainda fez reverência. Ele pediu menos cortesia e menos cosmético, pois as mãos dela cheiravam a vinagre. Vieram as outras, depois criados e gente da casa, todos beliscando e selando o escudeiro. Quando começaram as picadas de alfinete, Sancho perdeu a paciência, agarrou uma tocha acesa e correu atrás de seus verdugos, declarando que não era de bronze para suportar martírios tão extraordinários.

Nesse momento Altisidora, cansada de ficar tanto tempo imóvel, virou-se de lado. Todos gritaram que vivia. Radamanto mandou Sancho depor a ira, pois o intento estava alcançado. Dom Quixote, vendo a moça mover-se, ajoelhou-se diante do escudeiro e aproveitou a ocasião para pedir que desse também alguns açoites por Dulcineia, já que a virtude de seu corpo se mostrava tão eficaz. Sancho recusou o acréscimo. Depois de palmadas, beliscões e alfinetes, só faltava que lhe amarrassem pedra ao pescoço e o lançassem num poço para curar dores alheias. Altisidora sentou-se no túmulo, fingindo fraqueza, enquanto chirimias, flautas e vozes celebravam sua vida. Olhou de lado

para Dom Quixote e disse que Deus lhe perdoasse a crueldade, pois por ele estivera, em sua conta, mais de mil anos no outro mundo.

A Sancho, chamou-o de escudeiro mais compassivo do mundo e ofereceu seis camisas suas para que fizesse outras seis para si, se nem todas inteiras, ao menos limpas. Sancho beijou-lhe as mãos de joelhos, ainda com a coroza na mão. O duque mandou que lhe tirassem a roupa de chamas, devolvessem a caperuza e o vestissem como antes. Sancho pediu licença para levar a roupa e a mitra à sua terra como lembrança daquele sucesso nunca visto. A duquesa concedeu, lembrando que era grande amiga dele. Depois o duque ordenou que o pátio fosse desfeito, que cada um se recolhesse e que Dom Quixote e Sancho fossem levados aos aposentos já conhecidos. A casa das burlas os recebia outra vez, e Sancho saía da ressurreição de Altisidora com mais marcas que a suposta morta.

# Capítulo 129 - Altisidora e o livro falso

## Capítulo 129 - Altisidora e o livro falso

Sancho dormiu naquela noite no mesmo aposento de Dom Quixote, contra sua vontade, pois sabia que o amo não o deixaria em paz com perguntas. As dores das palmadas, dos beliscões e dos alfinetes ainda estavam vivas, e sua língua não se achava disposta a longas respostas. Mal Dom Quixote se deitou, perguntou-lhe o que pensava do sucesso daquela noite e falou da força do desdém, capaz de matar Altisidora sem espada, flecha ou veneno. Sancho respondeu que ela poderia morrer como quisesse, desde que o deixasse em casa, pois ele nunca a enamorara nem a desprezara. Pediu sono, e não novas especulações, porque o descanso era alívio de miseráveis acordados. Dom Quixote enfim consentiu, e ambos dormiram.

Cide Hamete aproveita esse intervalo para explicar a máquina preparada pelos duques. Sansão Carrasco, depois de vencer Dom Quixote como Cavaleiro da Branca Lua, passara pelo castelo e contara tudo ao duque: a derrota na praia, a promessa de um ano, a intenção de levar o fidalgo à cura pelo repouso. O duque, que gostava excessivamente das coisas de Dom Quixote e Sancho, mandou vigiar os caminhos e trazer os dois ao castelo quando fossem achados. Preparou então luzes, túmulo, Altisidora fingida de morta e todo o aparato visto no pátio. Cide Hamete observa que os burladores não ficavam longe da loucura dos burlados, pois tanto empenho em enganar dois tontos dizia bastante sobre quem armava a cena.

De manhã, Altisidora entrou no quarto de Dom Quixote coroada com a mesma guirlanda da noite anterior, vestida de branco e apoiada num bastão de ébano. O cavaleiro, convencido de que ela voltara da morte,

encolheu-se nas roupas da cama, sem saber como recebê-la. Ela se sentou perto da cabeceira, suspirou e declarou que mulheres recatadas só expõem seus segredos quando a paixão as aperta demais. Por causa do rigor de Dom Quixote, dizia, ficara morta ou julgada morta por dois dias, e só os martírios de Sancho lhe haviam devolvido a vida. Sancho, com pouca devoção pelo milagre, perguntou o que vira no outro mundo e se entrara no inferno, pois quem morre desesperado costuma ir a esse destino.

Altisidora respondeu que não morrera de todo, ou não teria saído de lá. Chegara apenas à porta do inferno, onde viu diabos jogando pelota com livros novos e velhos. Um volume, bem encadernado, levou golpe tão forte que espalhou as folhas; perguntado que livro era, um diabo respondeu tratar-se da Segunda parte da história de Dom Quixote, escrita por um aragonês que se dizia de Tordesilhas. Outro mandou que o atirassem aos abismos, pois era tão ruim que nem um diabo empenhado em fazê-lo pior conseguiria igualar. Dom Quixote ouviu sem se alterar. Disse que aquele outro não era ele; se a história fosse boa e verdadeira, viveria por séculos, e se fosse falsa, iria depressa do parto à sepultura.

Quando Altisidora voltou a queixar-se de amor, Dom Quixote deu-lhe o mesmo desengano: nascera para Dulcineia do Toboso, e nenhuma formosura ocuparia o lugar que ela tinha em sua alma. A donzela, vendo frustrado o jogo, perdeu a paciência e o insultou, chamando-o de vencido, duro e feio, e confessou que tudo o que vira na noite anterior fora fingido. Sancho aprovou a confissão, pois sempre desconfiara das mortes de amor. Entrou então o músico que cantara junto ao túmulo, e Dom Quixote lhe disse que tinha boa voz, embora as estrofes de Garcilaso combinassem pouco com a suposta morte daquela senhora. O poeta respondeu que os autores de sua idade escreviam como queriam, furtavam de quem queriam e chamavam qualquer despropósito de licença poética.

Os duques vieram ao aposento e conversaram longamente com o cavaleiro e o escudeiro, divertindo-se mais uma vez com a mistura de simplicidade e agudeza de Sancho. Dom Quixote pediu licença para partir naquele mesmo dia, alegando que cabaleiros vencidos deviam morar em pocilgas antes que em palácios. A duquesa perguntou se Altisidora ficava em sua graça. Ele respondeu que o mal dela vinha da ociosidade e que o remédio seria ocupação honesta e contínua, talvez fazendo rendas, já que aprendera até como elas eram usadas no inferno. Sancho concordou: donzelas ocupadas pensam mais na tarefa que em amores. Altisidora fingiu novas lágrimas, saiu do quarto, e Sancho a lamentou por haver escolhido amar uma alma de esparto. Dom Quixote vestiu-se, comeu com os duques e partiu naquela tarde.

# Capítulo 130 - Os açoites pagos

## Capítulo 130 - Os açoites pagos

Dom Quixote seguia vencido e pensativo, triste pela queda e alegre por acreditar na virtude de Sancho, demonstrada, a seu ver, na ressurreição de Altisidora. Sancho caminhava menos contente. Altisidora prometera camisas e não cumprira; ele, que curara com palmadas, beliscões, alfinetes e futuras disciplinas, saía sem pagamento. Comparou-se aos médicos que recebem mesmo quando o doente morre, enquanto ele, que padecia para salvar vidas alheias, não ganhava um ardite. Dom Quixote reconheceu a injustiça e admitiu que, se Sancho quisesse pagamento pelos açoites de Dulcineia, poderia descontá-lo dos dinheiros que levava. O escudeiro abriu olhos e ouvidos. O amor da mulher e dos filhos, disse, fazia-o homem interessado, e pediu preço por golpe.

Dom Quixote respondeu que nem o tesouro de Veneza nem as minas do Potosí pagariam a grandeza daquele remédio, mas deixou Sancho avaliar a conta. O escudeiro calculou os três mil e trezentos açoites restantes, abatendo os poucos já dados, e pôs preço de um quartilho por golpe, chegando a oitocentos e vinte e cinco reais. Dom Quixote, tomado de esperança, aceitou e ainda acrescentou cem reais se ele começasse logo. Sancho marcou a disciplina para aquela mesma noite, em campo aberto. Para o cavaleiro, o dia pareceu mais comprido que o costume, como se o sol atrasasse por crueldade. Ao escurecer, entraram entre árvores, comeram do reposto de Sancho, soltaram as montarias e o escudeiro fez do cabresto do rucio um açoite flexível.

Sancho afastou-se uns vinte passos, tirou a roupa da cintura para cima e começou o serviço. Dom Quixote contava as pancadas pelo rosário, advertindo-o a não se despedaçar antes de completar a conta. Seis ou

oito golpes bastaram para Sancho perceber que a brincadeira era pesada e o preço, baixo. Parou e declarou que cada açoite merecia meio real, não quartilho. Dom Quixote dobrou a parada. Então Sancho retomou a tarefa com grande voz e golpes sonoros, mas o socarrão passou a bater nas árvores, arrancando cascas e suspiros como se cada pancada lhe tirasse a alma. Dom Quixote, comovido, temeu que o amigo morresse antes de concluir o remédio e pediu que parasse. Contava mais de mil açoites, número bastante para aquela noite.

Sancho ainda fingiu disposição para outros mil, dizendo que não queria parecer homem que recebe antes e quebra os braços depois. Bateu outra vez nos troncos com tamanho estrondo que Dom Quixote correu a tomar-lhe o cabresto, pedindo que poupasse a vida necessária à mulher e aos filhos. Sancho aceitou a suspensão, pediu que o amo lhe pusesse a capa nas costas suadas e dormiu até o sol. Prosseguiram caminho e chegaram a um mesão que Dom Quixote reconheceu como mesão, sem torres, pontes ou castelos imaginários, sinal de que a derrota lhe deixara o juízo mais assente em certas coisas. A sala tinha pinturas pobres: numa, Helena fugia com Páris; noutra, Dido chorava por Eneias. Dom Quixote lamentou não ter nascido naquelas idades, pois teria matado Páris e evitado Troia, ou detido Eneias e salvo Cartago.

Sancho apostou que dentro de pouco tempo não haveria venda, barbearia ou casa de comida sem pintura das aventuras de seu amo, embora desejasse pincel melhor que aquele. Dom Quixote lembrou um pintor chamado Orbaneja, que pintava “o que saísse” e precisava escrever sob o galo que era galo para ninguém tomá-lo por raposa. Assim lhe parecia o autor do falso Dom Quixote: escrevera o que saiu. Depois perguntou se Sancho queria continuar a disciplina naquela noite e se preferia telhado ou campo. O escudeiro disse que, para o que pretendia dar em si, casa ou mato serviam, mas entre árvores tudo corria melhor, porque elas pareciam ajudá-lo. Dom Quixote decidiu

guardar o restante para a aldeia, aonde chegariam em poucos dias. Sancho despejou novos refrões sobre pressa, perigo e pagamento, até o amo implorar que falasse mais liso e menos intricado.

# Capítulo 131 - A declaração de Álvaro Tarfe

## Capítulo 131 - A declaração de Álvaro Tarfe

Dom Quixote e Sancho passaram o dia no mesão esperando a noite: um desejava ver concluída a disciplina que libertaria Dulcineia, o outro queria acabar a conta enquanto o negócio ainda rendia. Chegou então um cavaleiro com criados, e um deles chamou-o pelo nome de don Álvaro Tarfe, sugerindo que passasse ali a sesta. Dom Quixote lembrou-se de ter visto esse nome no livro apócrifo que folheara. Esperou que o recém-chegado se acomodasse e, quando ambos se encontraram no portal fresco da hospedaria, perguntou-lhe o destino. Don Álvaro ia para Granada, sua pátria; Dom Quixote seguia para a aldeia próxima onde nascera. Ao confirmar o nome, o cavaleiro revelou ser o mesmo Álvaro Tarfe impresso na segunda parte falsa, amigo daquele outro Dom Quixote que fora às justas de Zaragoza.

O verdadeiro Dom Quixote perguntou se se parecia em algo com o cavaleiro que Álvaro conhecera. A resposta foi clara: em nada. Perguntou ainda se o outro trazia Sancho Pança como escudeiro. Sim, trazia, disse Álvaro, embora o tal Sancho tivesse fama de gracioso sem jamais dizer graça digna do nome. O Sancho verdadeiro tomou a palavra e declarou que o outro só podia ser frio, ladrão e grandíssimo bellaco, pois ele era Sancho Pança legítimo, capaz de fazer rir sem perceber o que dizia. Apontou Dom Quixote como o famoso, valente, discreto, enamorado, defensor de viúvas, amparo de órfãos e servidor único de Dulcineia. Todo outro Dom Quixote ou outro Sancho, concluiu, era burla e coisa de sonho. Álvaro, ouvindo quatro frases, achou naquele escudeiro mais graça do que em todas as falas do outro.

Dom Quixote então declarou que não sabia se era o bom, mas sabia que não era o mau. Nunca estivera em Zaragoza; ao saber que o falso havia ido àquelas justas, evitara a cidade e seguira diretamente para Barcelona, lugar que louvou como arquivo da cortesia, abrigo dos estrangeiros, hospital dos pobres e pátria dos valentes. Pediu a Álvaro, por sua condição de cavaleiro, que fizesse declaração diante do alcalde do lugar, afirmando que jamais vira aquele Dom Quixote antes daquele dia e que nem ele nem seu Sancho eram os impressos na segunda parte de Avellaneda. Don Álvaro aceitou, embora se admirasse de encontrar dois homens tão conformes nos nomes e tão diferentes nas ações. Sancho sugeriu que o próprio Álvaro talvez estivesse encantado, como Dulcineia, e até ofereceu açoites sem interesse se isso o desencantasse.

Na hora de comer, entrou por acaso o alcalde do povoado com um escrivão. Dom Quixote fez a petição formal, e Álvaro Tarfe declarou, com os requisitos do caso, que não conhecia aquele Dom Quixote de la Mancha e que ele não era o personagem do livro composto por Avellaneda, natural de Tordesilhas. Cavaleiro e escudeiro ficaram satisfeitos como se a declaração lhes importasse mais que as próprias obras, embora estas bastassem para distinguir os verdadeiros dos falsos. Entre cortesias, Álvaro percebeu a discrição de Dom Quixote e passou a pensar que talvez ele mesmo tivesse sido enganado por encantamento ao lidar com o outro. Ao cair da tarde, partiram juntos por meia légua, até o ponto em que os caminhos se separavam: um para Granada, outro para a aldeia manchega.

Nesse trecho, Dom Quixote contou a Álvaro a desgraça da Branca Lua, o encantamento de Dulcineia e o remédio dos açoites, aumentando a admiração do cavaleiro granadino. Abraçaram-se e seguiram rotas diversas. Naquela noite, entre árvores, Sancho retomou a penitência do mesmo modo: castigou cascas mais que costas, poupando-se com tanto cuidado que nem uma mosca teria sido expulsa de sua pele. Dom Quixote, enganado, contou todos os golpes e somou, com os da noite

passada, três mil e vinte e nove. No dia e na noite seguintes caminharam sem caso digno de memória, salvo que Sancho acabou a tarefa, deixando Dom Quixote contente e cheio de esperança. A partir daí, o cavaleiro examinava toda mulher encontrada pelo caminho, esperando que alguma delas fosse Dulcineia já restituída pela promessa de Merlín.

Com esses desejos, subiram uma cuesta e avistaram a aldeia. Sancho ajoelhou-se e saudou a pátria desejada, dizendo que voltava seu filho, se não rico, ao menos bem açoitado, e que também voltava Dom Quixote, vencido por braços alheios, porém vencedor de si mesmo, vitória que o próprio amo julgava a maior. Acrescentou que levava dinheiro, porque se bons açoites lhe davam, bom cavaleiro o pagava. Dom Quixote mandou-o largar sandices e entrar com o pé direito no lugar, onde dariam vazão às imaginações e à forma de vida pastoril que planejavam exercer durante o ano. Desceram a ladeira e foram para o povoado, trazendo consigo a derrota, a promessa, a declaração contra o falso livro e a última esperança de que Dulcineia aparecesse desencantada em algum rosto conhecido.

# Capítulo 132 - Agouros na volta

## Capítulo 132 - Agouros na volta

Na entrada da aldeia, Dom Quixote viu dois meninos brigando nas eiras. Um dizia ao outro que não se cansasse, pois nunca mais a veria em todos os dias de sua vida. O cavaleiro tomou a frase como sinal dirigido ao próprio coração e disse a Sancho que aquelas palavras anunciavam que ele jamais veria Dulcineia. Sancho tentou desfazer o medo, perguntando o que importava a fala de um menino em disputa. Antes que pudesse avançar, uma lebre perseguida por galgos e caçadores veio esconder-se junto ao rucio. Dom Quixote tomou novo presságio: lebre fugindo, cães seguindo, Dulcineia sem aparecer. Sancho, mais firme que o amo, interpretou ao contrário. Se a lebre fosse Dulcineia e os galgos fossem encantadores, ele a pegara com as mãos e a entregava ao cavaleiro; melhor sinal não se podia pedir.

Os meninos aproximaram-se para ver a lebre, e Sancho perguntou o motivo da briga. O que dissera a frase agourenta explicou que tomara do outro uma gaiola de grilos e não pensava devolvê-la em toda a vida. Sancho tirou moedas da bolsa, comprou a gaiola e a pôs nas mãos de Dom Quixote, dando por rompidos todos os presságios. Lembrou ainda que o próprio cavaleiro já ensinara, no encontro das imagens de santos, que pessoas discretas não se guiam por agouros sem razão natural. Chegaram os caçadores, receberam a lebre de volta, e os dois seguiram. À entrada do lugar encontraram o cura e o bacharel Carrasco num pequeno prado. Sancho trazia sobre o rucio, cobrindo o fardo das armas, a túnica pintada de chamas usada na ressurreição de Altisidora, e ainda pusera a coroza na cabeça do animal.

O cura e o bacharel reconheceram os viajantes e vieram abraçá-los. Os meninos da aldeia, atentos a tudo, correram em redor do rucio

adornado, gritando que o asno de Sancho vinha mais galante que nunca e que a montaria de Dom Quixote estava ainda mais magra que no primeiro dia. Cercados de rapazes e acompanhados pelos amigos, foram até a casa do fidalgo. À porta esperavam a ama e a sobrinha, já avisadas da chegada. Teresa Pança também acudiu, descabelada e mal composta, trazendo Sanchica pela mão. Viu o marido a pé, cansado e pouco parecido com governador, e perguntou por que vinha com cara de desgobernado. Sancho mandou que se calasse por enquanto: em casa ouviria maravilhas. O que importava era o dinheiro que trazia, ganho por sua indústria e sem dano de ninguém.

Teresa aceitou a explicação essencial. Trazendo dinheiro, pouco lhe importava por onde viera, pois o mundo já vira muitas formas de ganhar. Sanchica abraçou o pai e perguntou se havia lembrança para ela, esperando-o como água de maio. A mulher tomou Sancho pela mão, a filha puxou o rucio, e todos foram para casa. Dom Quixote ficou na sua, entregue aos cuidados da ama e da sobrinha e à companhia do cura e do bacharel. Sem guardar termos nem horas, chamou os dois amigos à parte e contou em poucas palavras a derrota sofrida, a obrigação de permanecer um ano na aldeia e sua decisão de cumprir a promessa como cavaleiro pontual. Durante esse período, desejava fazer-se pastor, comprar rebanho e viver pelos campos, dando curso honesto aos pensamentos amorosos.

Explicou que o principal do plano já estava pronto, pois escolhera os nomes: ele seria o pastor Quijótiz; o bacharel, Carrascón; o cura, Curiambro; Sancho, Pancino. Os amigos pasmaram diante da nova loucura, mas aceitaram a ideia para evitar que ele voltasse às armas antes do tempo. Sansão, entrando no jogo, lembrou que era poeta célebre e poderia compor versos pastorais ou cortesãos conforme a ocasião. O cura sugeriu que escolhessem pastoras de nomes adequados; Dom Quixote dispensou qualquer invenção, pois tinha Dulcineia, glória de todas as ribeiras e prados. O bacharel ofereceu

nomes de tradição literária, e até propôs Teresaina para Teresa Pança. Riram, aprovaram a resolução como honesta e pediram ao fidalgo que cuidasse da saúde.

A sobrinha e a ama ouviram tudo. Assim que o cura e o bacharel saíram, entraram aflitas. A sobrinha perguntou se, justamente quando esperavam vê-lo quieto em casa, ele queria entrar em novo labirinto, tornando-se pastor de cantiga. A ama foi mais prática: campo tem sol de verão, sereno de inverno e uivo de lobos; se fosse para escolher mal por mal, melhor cavaleiro andante que pastor velho. Aconselhou-o a ficar em casa, cuidar da fazenda, confessar-se muitas vezes e favorecer os pobres. Dom Quixote mandou que se calassem com doçura, dizendo saber o que lhe convinha. Pediu que o levassem ao leito, pois não se achava bem, e prometeu que, cavaleiro ou pastor, nunca deixaria de acudir ao que elas necessitassem. As duas boas mulheres o deitaram, deram-lhe comida e fizeram o possível para regalá-lo.

# Capítulo 133 - Alonso Quijano, o Bom

## Capítulo 133 - Alonso Quijano, o Bom

As coisas humanas caminham para seu fim, e a vida de Dom Quixote não tinha privilégio que a livrasse desse curso. Fosse pela melancolia da derrota, fosse pela disposição do céu, firmou-se nele uma febre que o reteve seis dias na cama. O cura, o bacharel e o barbeiro visitavam-no com frequência, e Sancho não saía de sua cabeceira. Todos pensavam que a tristeza por haver sido vencido e por não ver Dulcineia desencantada o pusera naquele estado; por isso tentavam alegrá-lo com a vida pastoril. Sansão dizia ter composta uma écloga superior às de Sannazaro e comprado dois cães excelentes para guardar o rebanho. Nada disso levantava o doente. Chamaram o médico, que lhe tomou o pulso e recomendou cuidado com a alma, pois a saúde do corpo corria perigo.

A ama, a sobrinha e Sancho choraram como se já o vissem morto. Dom Quixote pediu que o deixassem dormir, e dormiu mais de seis horas seguidas, tanto que as mulheres temeram que ficasse preso ao sono. Despertou enfim com voz forte, bendizendo a misericórdia de Deus. A sobrinha notou que as palavras vinham mais concertadas que de costume e perguntou que novidade havia. Ele respondeu que o juízo estava livre e claro, sem as sombras que a contínua leitura dos livros de cavalaria pusera sobre ele. Conhecia agora seus disparates e embustes, e só lhe pesava que o desengano chegasse tão tarde, sem tempo para reparar o mal com leituras melhores. Sentia-se perto da morte e queria fazê-la de modo que sua vida não deixasse apenas nome de louco.

Mandou chamar o cura, o bacharel e maese Nicolás para confessar-se e fazer testamento. Eles entraram quase no mesmo instante, e Dom Quixote lhes pediu alvíssaras: deixava o nome de Dom Quixote de la

Mancha e retomava o de Alonso Quijano, a quem os costumes deram o nome de Bom. Rejeitava Amadís de Gaula e toda a linhagem dos livros de cavalaria; abominava aquelas histórias e reconhecia a loucura em que caíra. Os amigos imaginaram primeiro que outra demência o tomava. Sansão tentou puxá-lo de volta ao jogo, dizendo que Dulcineia estava a ponto de aparecer desencantada e que todos seriam pastores. Alonso Quijano cortou a burla. Sentia que morria depressa e pediu confessor e escrivão, pois em tal passo ninguém deve brincar com a alma. O cura ficou a sós com ele, e o bacharel foi buscar quem registrasse sua vontade.

Terminada a confissão, o cura saiu afirmando que Alonso Quijano morria e estava verdadeiramente em juízo. Entraram o escrivão, os amigos, a ama, a sobrinha e Sancho, todos tomados de lágrimas. O testamento começou pelas fórmulas cristãs necessárias. Depois, chegando às mandas, Alonso declarou que Sancho Pança, a quem em sua loucura fizera escudeiro, não devia prestar contas dos dinheiros que tinha entre mãos; se algo sobrasse depois de pagos os acertos, ficasse para ele e lhe fizesse bom proveito. Acrescentou que, se quando louco pôde dar-lhe governo de ilha, estando são lhe daria de bom grado o de um reino, porque a simplicidade de sua condição e a fidelidade de seu trato o mereciam. Voltando-se para Sancho, pediu perdão por tê-lo levado a parecer louco também, fazendo-o crer em cavaleiros andantes.

Sancho chorou e pediu que não morresse. A maior loucura, dizia, era deixar-se morrer sem que ninguém matasse, só pelas mãos da melancolia. Mandou que se levantasse, vestissem roupas de pastores e fossem ao campo, pois talvez atrás de alguma moita achassem Dulcineia desencantada. Se a causa da morte fosse a vergonha da derrota, a culpa podia cair nele, Sancho, por haver cinchado mal Rocinante; além disso, nos livros de cavalaria, quem hoje cai amanhã vence. Sansão apoiou a fala, tentando dar fôlego ao amigo. Alonso

respondeu devagar que os ninhos de antes já não tinham pássaros naquele ano. Antes perdera-se em loucura; agora estava são. Antes usara o nome de Dom Quixote; agora era Alonso Quijano, o Bom. Pediu que sua verdade e arrependimento lhe devolvessem a estima antiga, e mandou prosseguir o testamento.

Deixou toda a fazenda à sobrinha Antonia Quijana, descontadas as mandas e o pagamento do salário devido à ama, com mais vinte ducados para um vestido. Nomeou por testamenteiros o cura e Sansão Carrasco. Determinou que a sobrinha, se quisesse casar, escolhesse homem de quem se provasse ignorar por completo os livros de cavalaria; se casasse com alguém que os conhecesse, perderia a herança, a ser distribuída em obras piedosas. Por fim, pediu aos testamenteiros que, caso viessem a conhecer o autor da falsa Segunda parte de suas façanhas, lhe rogassem perdão em seu nome, pois partia desta vida com escrúpulo de haver dado ocasião a tantos disparates. Fechou o testamento, sofreu um desmaio e estendeu-se na cama. Ainda viveu três dias, com a casa alvoroçada entre cuidados, herança, lágrimas e pequenas fraquezas dos vivos.

Recebeu todos os sacramentos e tornou a repudiar, com razões firmes, os livros de cavalaria. O escrivão, presente, disse nunca ter lido que cavaleiro andante algum morresse em seu leito tão sossegado e cristão como aquele. Entre compaixões e lágrimas dos que o amavam, Alonso Quijano entregou o espírito, isto é, morreu. O cura pediu ao escrivão testemunho de que Alonso Quijano, chamado comumente Dom Quixote de la Mancha, passara desta vida por morte natural, para impedir que outro autor o ressuscitasse falsamente e prolongasse sem fim suas façanhas. Assim terminou o engenhoso hidalgo da Mancha, cujo lugar Cide Hamete não quis nomear com precisão, deixando que todas as vilas manchegas disputassem a honra de tê-lo por seu, como cidades gregas disputaram Homero.

Não se registram aqui todos os prantos de Sancho, da ama e da sobrinha, nem os epitáfios compostos para a sepultura, embora Sansão lhe tenha dado versos em que o hidalgo forte morria cuerdo depois de viver louco. Cide Hamete falou então à sua própria pena e mandou que ficasse pendurada, guardada contra historiadores presunçosos. Para ele só nascera Dom Quixote, e ele nascera para Dom Quixote: um soube agir, o outro escrever. Pediu que ninguém tirasse da sepultura os ossos cansados do cavaleiro nem inventasse terceira saída, pois bastavam as duas já feitas para gosto das gentes. Seu desejo fora pôr em aborrecimento as histórias fingidas e disparatadas dos livros de cavalaria; com a verdadeira história de Dom Quixote, elas tropeçavam e haveriam de cair. Vale.